

IAN

MCEWAN

**MÁQUINAS
COMO EU**



COMPANHIA DAS LETRAS



DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A presente obra é disponibilizada pela equipe Le Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste [LINK](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



IAN MCEWAN

Máquinas como eu

E gente como vocês

Tradução
Jorio Dauster



Sumário

1. [Capa](#)
2. [Folha de rosto](#)
3. [Dedicatória](#)
4. [Epígrafe](#)
5. [Um](#)
6. [Dois](#)
7. [Três](#)
8. [Quatro](#)
9. [Cinco](#)
10. [Seis](#)
11. [Sete](#)
12. [Oito](#)
13. [Nove](#)
14. [Dez](#)

15. [Agradecimentos](#)
16. [Sobre o autor](#)
17. [Créditos](#)

Landmarks

1. [Cover](#)
2. [Title Page](#)
3. [Body Matter](#)
4. [Epigraph](#)
5. [Table of Contents](#)
6. [Acknowledgments](#)
7. [Copyright Page](#)

Para Graeme Mitchison
1944-2018

*Mas lembre, por favor, que, segundo a lei pela qual vivemos,
Não fomos feitos para compreender uma mentira...*

Rudyard Kipling, "O segredo das máquinas"

Um

Era uma aspiração religiosa abençoada pela esperança, era o Santo Graal da ciência. Nossas ambições eram tão sublimes quanto mesquinhas — a realização de um mito da criação, um monstruoso ato de amor-próprio. Tão logo se tornou factível, não nos restou alternativa senão perseguir aquele objetivo sem pensar nas consequências. Em termos mais elevados, tínhamos como meta escapar de nossa mortalidade, confrontar ou mesmo substituir a divindade por um eu perfeito. Do ponto de vista prático, tencionávamos criar uma versão melhorada e mais moderna de nós mesmos, exultando com a alegria da invenção e a excitação da maestria. No outono do século xx, isso por fim aconteceu, os primeiros passos rumo à realização de um velho sonho, o início de uma longa lição em que nos ensinaríamos que, por mais complicados que fôssemos, por mais defeituosos e difíceis de descrever em nossas ações e comportamentos menos complexos, podíamos ser imitados e aperfeiçoados. E lá estava eu, ainda jovem, um dos primeiros e ávidos entusiastas naquela frígida alvorada.

Mas como os seres humanos artificiais representavam um lugar-comum muito antes de se tornarem realidade, quando isso aconteceu eles foram para alguns um desapontamento. A imaginação, mais rápida que a história e o progresso tecnológico, já havia ensaiado o futuro em livros e, mais tarde, em filmes e séries de televisão, como se atores humanos — caminhando com um olhar meio vidrado,

movimentos fajutos da cabeça e certa rigidez na coluna vertebral — pudessem nos preparar para conviver mais adiante com nossos primos.

Eu estava entre os otimistas, favorecido pelos recursos inesperados que se seguiram à morte da minha mãe e à venda da casa da família, por sorte localizada numa área valorizada. O primeiro ser humano artificial verdadeiramente viável — com inteligência e aparência plausíveis, movimentos corretos e mudanças de expressão — foi posto à venda uma semana antes que a Força-Tarefa das Malvinas se lançasse ao mar para sua fracassada missão. Adão custou oitenta e seis mil libras. Levei-o numa caminhonete alugada para meu pouco acolhedor apartamento no norte de Clapham. Eu tinha tomado uma decisão imprudente, porém me sentia encorajado pela notícia de que Sir Alan Turing, herói de guerra e o maior gênio da era digital, havia adquirido o mesmo modelo. Ele provavelmente queria desmontá-lo em seu laboratório a fim de examinar em profundidade como funcionava.

Doze exemplares dessa primeira edição se chamavam Adão, treze se chamavam Eva. Piegas, todos concordavam, mas comercialmente eficaz. Como as noções de raça biológica tinham sido cientificamente desacreditadas, os vinte e cinco foram projetados de modo a abarcar um largo espectro étnico. Houve rumores, e depois reclamações, de que não se podia distinguir o árabe do judeu. A programação randômica e a experiência existencial permitiam uma grande latitude em matéria de preferência sexual. No final da primeira semana, todas as Evas tinham sido vendidas. À primeira vista, eu poderia considerar meu Adão um turco ou um grego. Como pesava setenta e sete quilos, tive de pedir à vizinha do andar de cima, Miranda, que me ajudasse a carregá-lo na maca descartável fornecida juntamente com o produto.

Enquanto suas baterias eram carregadas, fiz café para nós dois e, no computador, passei os olhos pelas quatrocentos e

setenta páginas do manual de instruções. A linguagem era em geral clara e precisa. Mas tendo Adão sido criado por várias empresas, vez por outra as instruções refletiam o encanto de uma poesia do absurdo. “Descubra a parte superior do colete do B347k a fim de obter fácil acesso à placa-mãe e assim atenuar a penumbra das mudanças de estado de espírito.”

Por fim, apesar dos restos de papelão e isopor em volta dos tornozelos e ainda nu, ele foi posto sentado diante de minha pequena mesa de jantar, com os olhos cerrados e um fio preto ligando o ponto de entrada em seu umbigo a uma tomada de 13A na parede. Seriam necessárias dezesseis horas para carregar as baterias. Depois, várias sessões para baixar as atualizações e preferências pessoais. Eu o queria imediatamente, e Miranda também. Como jovens pais ansiosos, mal podíamos esperar para ouvir suas primeiras palavras. Não havia nenhum alto-falante de má qualidade instalado em seu peito. Sabíamos, por conta da veemente publicidade, que ele formava os sons com ar expirado, língua, dentes e palato. Sua pele, bastante natural, já estava aquecida ao toque e era tão macia quanto a de uma criança. Miranda declarou ter visto suas pestanas se moverem, mas, embora eu tivesse certeza de que ela estava vendo as vibrações causadas pelos trens do metrô correndo trinta metros abaixo de nossos pés, não disse nada.

Adão não era um brinquedo sexual. No entanto, podia ter relações sexuais e possuía membranas mucosas funcionais, para cuja manutenção consumia meio litro de água por dia. Enquanto permaneceu sentado à mesa, observei que não era circuncidado e era muito bem-dotado de abundantes pelos pubianos negros. Aquele modelo bastante avançado de ser humano artificial provavelmente refletia os apetites dos jovens criadores de código. Imaginava-se que os Adões e Evas deviam ser bem animados.

Ele tinha sido anunciado como um companheiro capaz de oferecer desafios intelectuais, além de servir como factótum, lavando pratos, fazendo a cama e “pensando”. Cada momento de sua existência, tudo que ouvia e via, era registrado e passível de ser recuperado. Ainda não sabia dirigir nem podia nadar ou pegar chuva sem estar devidamente protegido, não podendo também usar uma motosserra na ausência de supervisão. Em matéria de raio de ação, graças aos avanços na área de armazenagem de eletricidade, ele tinha condições de correr dezessete quilômetros em duas horas sem recarregar as baterias, ou o equivalente energético de conversar sem nenhuma pausa durante doze dias. Sua expectativa de vida funcional era de vinte anos. Tinha um corpo compacto, ombros quadrados, pele escura, vasta cabeleira preta penteada para trás; o rosto estreito e o nariz ligeiramente adunco sugeriam uma inteligência viva, combinada com o ar pensativo que provinha das pálpebras um pouco caídas. Enquanto olhávamos para ele, o sepulcral tom amarelado de seus lábios finos cedia lugar a uma rica coloração humana, talvez até mesmo perdendo a rigidez nos cantos da boca. Miranda disse que ele se parecia com um “estivador do Bósforo”.

À nossa frente estava o mais sofisticado brinquedo, sonho de todos os tempos, o triunfo do humanismo — ou seu anjo exterminador. Extraordinariamente excitante, mas também frustrante. Dezesseis horas era tempo demais para esperar e observar. Pensei que, diante da quantia que eu gastara depois do almoço, Adão deveria ter sido entregue já carregado e pronto para funcionar. A tarde de inverno chegava ao fim. Preparei torradas e tomamos mais café. Miranda, que fazia doutorado em história social, disse que gostaria de ter ao nosso lado Mary Shelley quando adolescente, vendo de perto não um monstro como o de Frankenstein, e sim aquele bonito jovem moreno ganhando vida. Eu disse que ambas as criaturas compartilhavam a mesma fome pela força vivificadora da eletricidade.

“Nós também compartilhamos”, ela falou, como se referindo apenas a nós dois e não a toda a humanidade, com sua carga eletroquímica.

Miranda tinha vinte e dois anos, dez a menos que eu, e era bem madura para sua idade. De certo modo, não havia nada de especial entre nós. Éramos gloriosamente jovens. Mas eu me considerava num estágio de vida diferente. Havia muito terminara os estudos, tinha sofrido uma série de fracassos profissionais e pessoais. Eu me achava endurecido demais, cínico demais, para uma garota tão doce quanto Miranda. Ela era bonita — cabelo castanho-claro, rosto magro e comprido, olhos que frequentemente pareciam quase se fechar a fim de suprimir uma manifestação de hilaridade, o que, em certos estados de espírito, me fazia olhá-la com encantamento. Apesar disso, desde o início eu havia decidido limitá-la ao papel de uma vizinha amiga e bondosa. Dividíamos o hall de entrada, e seu pequeno apartamento ficava diretamente acima do meu. Vez por outra nos encontrávamos para tomar café e conversar sobre relacionamentos, política e tudo o mais. Com uma neutralidade ímpar, ela dava a impressão de estar à vontade com todas as possibilidades. Aparentemente, para ela, uma tarde de prazeres íntimos comigo teria o mesmo peso que uma conversa casta e amigável. Ficava à vontade em minha companhia, e eu preferia pensar que o sexo arruinaria tudo. Continuávamos como bons amiguinhos. Mas, com relação a ela, havia algo atraentemente secreto ou contido. Talvez, sem saber, eu tivesse me apaixonado por ela havia meses. Sem saber? Que afirmação mais boba!

Relutantemente, concordamos em dar as costas a Adão e nos separarmos por algum tempo. Miranda iria participar de um seminário ao norte do Tâmis, eu precisava redigir alguns e-mails. No início da década de 1970, as comunicações digitais haviam deixado de ser uma mera conveniência e se transformado numa rotina diária. Assim

como os trens que corriam a trezentos quilômetros por hora — lotados e sujos. Programas de reconhecimento de voz, um milagre da década de 1950, tinham se tornado uma tarefa enfadonha, com populações inteiras sacrificando várias horas por dia aos solilóquios solitários. A interface entre cérebros e máquinas, fruto exótico do otimismo da década de 1960, não atraía mais o interesse nem mesmo de uma criança. Aquilo que fazia as pessoas formarem filas durante todo um fim de semana, seis meses depois era tão interessante quanto as meias que elas calçavam. O que aconteceu com os capacetes que aumentavam a cognição e com as geladeiras falantes com olfato? Desapareceram como os mouse pads, as agendas Filofax, as facas de trinchar elétricas, o aparelho de fondue. O futuro estava sempre chegando. Nossos novos e maravilhosos brinquedinhos começavam a enferrujar antes que pudéssemos levá-los para casa — e a vida ia seguindo mais ou menos do mesmo jeito.

Será que Adão se tornaria um chato? Não é fácil ditar uma mensagem tentando espantar uma crise de sentimento de culpa de consumidor. Certamente, outras pessoas, outros cérebros, devem continuar a nos fascinar. À medida que os seres artificiais se tornassem mais parecidos com a gente, depois iguais a nós, e por fim nos superassem, jamais poderíamos nos cansar deles. Estavam fadados a nos surpreender. Poderiam nos decepcionar de maneiras que estavam além de nossa imaginação. A tragédia era uma possibilidade, o tédio não.

Maçante era a perspectiva de usar o manual de instruções. Eu cismava que qualquer máquina incapaz de mostrar como deveria ser usada graças a seu próprio funcionamento não valia o custo de mantê-la. Num impulso antiquado, eu estava imprimindo o manual e procurando uma pasta. Enquanto isso, continuava a ditar e-mails.

Eu não conseguia me ver como “usuário” de Adão. Tinha imaginado que não haveria nada a aprender sobre ele que

não pudesse ser ensinado pelo próprio. Mas o manual em minhas mãos tinha sido aberto por acaso no Capítulo 14. Lá, a linguagem era clara: preferências; parâmetros de personalidade. Depois uma série de itens — Capacidade de ser agradável. Extroversão. Abertura a novas experiências. Conscienciosidade. Estabilidade emocional. Eu conhecia aquela lista: o modelo de Cinco Fatores. Com a minha formação em ciências humanas, eu suspeitava dessas categorias redutoras, embora soubesse, por um amigo psicólogo, que cada item tinha muitos subgrupos. Passando os olhos na página seguinte, vi que deveria selecionar várias configurações numa escala de um a dez.

Eu tinha esperado um amigo. Estava pronto a tratar Adão como um convidado em minha casa, como um estranho que viria a conhecer bem. Mas imaginei que ele iria ser entregue perfeitamente ajustado. Configurações de fábrica: um sinônimo contemporâneo do destino. Amigos, parentes e conhecidos tinham aparecido sem exceção em minha vida com configurações dadas, com histórias inalteráveis de genes e meio ambiente. Queria o mesmo de meu novo e dispendioso amigo. Por que me encarregar disso? Mas, obviamente, eu conhecia a resposta: poucos de nós somos perfeitamente ajustados. Jesus gentil? Darwin humilde? Um a cada mil e oitocentos anos. Mesmo se conhecesse os melhores e menos prejudiciais parâmetros de personalidade, coisa impossível, uma corporação mundialmente famosa não poderia correr o risco de cometer um erro. *Caveat emptor*.

Lá atrás, Deus forneceu uma companheira completa para o Adão original. Eu precisava criar um para mim. Em matéria de extroversão, havia um conjunto graduado de afirmações infantis. *Ele gosta de ser a pessoa mais animada na festa e Ele sabe como divertir as pessoas e guiá-las*. Bem para o fim da lista, *Ele se sente desconfortável em meio a outras pessoas e Ele prefere sua própria companhia*. No meio se lia: *Ele gosta de uma boa festa, mas sempre se*

sente feliz ao voltar para casa. Isso era eu. No entanto, devia replicar-me? Se fosse escolher algo no centro de cada escala, eu seria capaz de gerar o suprassumo da falta de graça. A extroversão parecia conter seu antônimo. Havia uma longa lista de adjetivos com caixinhas para serem assinaladas: expansivo, tímido, excitável, tagarela, reservado, jactancioso, modesto, audacioso, enérgico, sorumbático. Não queria nada disso, não para ele, não para mim.

Exceto por alguns momentos de decisões tresloucadas, eu passava a maior parte do tempo, em especial quando sozinho, num estado de espírito neutro, com minha personalidade, fosse ela o que fosse, em suspensão. Nem audacioso nem reservado. Simplesmente aqui, nem contente nem tristonho, mas executando tarefas, pensando sobre o jantar ou sexo, olhando para a telinha, tomando um banho de chuveiro. Remorsos intermitentes acerca de coisas passadas, ocasionais presságios sobre o futuro, pouco consciente do presente exceto no óbvio domínio dos sentidos. A psicologia, antigamente tão interessada no trilhão de maneiras pelas quais a mente entra em parafuso, agora era atraída pelo que considerava serem as emoções comuns, da tristeza à alegria. Mas, com isso, desprezava uma vasta área da existência cotidiana: fora a doença, a fome de milhões de pessoas, a guerra e outras tensões, uma parcela importante da vida transcorre numa zona neutra, num jardim bem conhecido mas cinzento, sem nada de notável, imediatamente esquecido, difícil de ser descrito.

Naquela época, eu não tinha como saber que as opções graduadas exerceriam pouco efeito sobre Adão. O determinante efetivo era o que se chamava de “aprendizado da máquina”. O manual do usuário apenas dava uma impressão de influência e controle, o tipo de ilusão que os pais têm com respeito à personalidade de seus filhos. Era uma maneira de me ligar à compra que eu fizera, de proporcionar proteção legal ao fabricante. “Não se

apresse”, aconselhava o manual. “Escolha com cuidado. Permita-se várias semanas caso necessário.”

Deixei passar meia hora antes de verificá-lo de novo. Nenhuma mudança. Ainda à mesa, os braços estendidos à sua frente, olhos fechados. Mas achei que seu cabelo, muito preto, tinha ganhado um pouco de volume e adquirido certo brilho, como se ele houvesse acabado de tomar uma chuva. Chegando mais perto, deliciei-me ao ver que, embora não estivesse respirando, havia no lado esquerdo de seu peito uma palpitação regular, calma e constante, aproximadamente uma por segundo de acordo com minha avaliação de leigo. Muito tranquilizador. Ele não tinha sangue para ser circulado, mas tal simulação se mostrou eficaz. Minhas dúvidas diminuíram um pouco. Fui invadido por um sentimento de proteção, apesar de saber que isso era absurdo. Estendi o braço e pousei a palma da mão sobre seu coração, experimentando a pulsação calma e iâmbica. Senti que estava violando sua privacidade. Era fácil acreditar naqueles sinais vitais. O calor de sua pele, a firmeza e a flexibilidade dos músculos abaixo dela — minha razão dizia se tratar de algum tipo de plástico, porém meu tato reagia a um ser de carne e osso.

Era estranho estar ao lado daquele homem nu, lutando entre o que eu sabia e o que sentia. Pus-me às suas costas, em parte para ficar fora do raio de visão de olhos que poderiam se abrir a qualquer momento e me descobrir curvado sobre ele. Adão era musculoso em volta do pescoço e da coluna. Havia pelos escuros em seus ombros. As nádegas exibiam concavidades musculares. Abaixo delas, as panturrilhas de um atleta. Não tinha desejado um super-homem. Lamentei-me mais uma vez por haver chegado demasiado tarde para conseguir uma Eva.

Ao sair da sala, parei a fim de olhar para trás e vivi um daqueles momentos que podem abalar nossa existência emocional: uma surpreendente percepção do óbvio, o absurdo salto que nos faz compreender algo já sabido. Eu

segurava a maçaneta da porta com uma das mãos. Talvez tenha sido motivado pela nudez de Adão e sua presença física, mas eu não estava olhando para ele. Foi a manteigueira, além de dois pires e xícaras, duas facas e duas colheres espalhadas sobre a mesa. Os restos de minha longa tarde com Miranda. Duas cadeiras de madeira estavam afastadas da mesa, voltadas amistosamente de frente uma para a outra.

Tínhamos ficado mais próximos durante o último mês. A conversa fluía com facilidade. Entendi como ela era preciosa para mim e como podia perdê-la por descuido. Já devia ter dito alguma coisa a ela, em vez de vê-la como uma parte normal do dia a dia. Algum fato desagradável, alguma pessoa, algum colega poderia interpor-se entre nós. Seu rosto, sua voz, seu jeito, ao mesmo tempo reticente e lúcido, se tornaram intensamente presentes. O toque de sua mão na minha, aquele ar perdido e preocupado que ela tinha. Sim, tínhamos ficado muito próximos, e eu deixara de reparar no que estava acontecendo. Era um idiota. Precisava dizer a ela.

Voltei para meu escritório, que também serve como quarto de dormir. Entre a escrivaninha e a cama havia espaço suficiente para andar de lá para cá. A necessidade de que ela conhecesse meus sentimentos era agora uma fonte de ansiedade. Seria embaraçoso descrevê-los, perigoso. Tratava-se de uma vizinha, uma amiga, uma espécie de irmã. Eu estaria me dirigindo a alguém que ainda não conhecia de fato. Ela seria obrigada a sair de trás de um biombo ou retirar uma máscara para me falar de um modo totalmente novo. *Desculpe... gosto muito de você, mas, sabe...* Ou ficaria horrorizada. Ou, possivelmente, muitíssimo alegre ao ouvir aquilo por que ansiava, ou que queria muito dizer ela mesma, mas tinha pavor da rejeição.

Por sorte, naquela época estávamos ambos livres. Ela deve ter pensado naquilo, em nós. Não era uma coisa fantástica, impossível. Teria de lhe dizer cara a cara.

Insuportável. Inevitável. E minha cabeça ficou dando voltas, cada vez mais apertadas. Inquieto, voltei à sala. Não vi nenhuma mudança em Adão ao passar raspando por ele a caminho da geladeira, onde havia meia garrafa de um Bordeaux branco. Sentei-me à frente dele e ergui o copo. Ao amor. Dessa vez, senti menos ternura. Vi Adão pelo que era, um artefato inanimado cujas pulsações correspondiam a uma descarga elétrica regular, cuja pele quente se devia apenas a uma reação química. Depois de carregadas as baterias, algum tipo de roda de balanço microscópica abriria seus olhos. Ele pareceria me ver, mas de fato seria cego. Nem mesmo cego. Ao ser ativado, outro mecanismo daria a aparência de respiração, mas não de vida. Um homem recém-apassionado sabe o que é vida.

Com a herança, eu poderia ter comprado alguma coisa ao norte do Tâmis, em Notting Hill ou Chelsea. Ela teria podido até mesmo me acompanhar, conseguindo acomodar todos os livros que estavam encaixotados na garagem de seu pai em Salisbury. Vi um futuro sem Adão, o futuro que era meu até a véspera: um jardim urbano, tetos altos com frisos de gesso, cozinha de aço inoxidável, velhos amigos vindo jantar. Livros por toda parte. O que fazer? Ele, ou aquilo, poderia ser devolvido ou vendido na internet com algum prejuízo. Lancei-lhe um olhar hostil. As palmas de suas mãos estavam pousadas sobre a mesa, o rosto de feições aquilinas inclinado em direção a elas. Minha tola paixão pela tecnologia! Outro aparelho de fondue. Resolvi ir para bem longe daquela mesa antes que eu acabasse pegando o velho martelo de papai e ficasse bem mais pobre com um único golpe.

Bebi menos de meio copo e voltei ao quarto para me distrair com os mercados de câmbio da Ásia. Fiquei atento para ouvir passos no apartamento acima do meu. No fim da noite, liguei a televisão a fim de me informar sobre a Força-Tarefa que em breve atravessaria doze mil e oitocentos

quilômetros de oceano para recuperar o que então chamávamos de Ilhas Falklands.

Aos trinta e dois anos, eu estava financeiramente quebrado. Gastar a herança de minha mãe numa engenhoca era apenas parte de meu problema — mas bem típico. Sempre que recebia algum dinheiro, fazia com que desaparecesse, queimava numa fogueira mágica, enfiava numa cartola e de lá tirava um rato morto. Com frequência, porém não nesse caso recente, minha intenção era obter, num ato de prestidigitação, uma quantia bem maior com o mínimo de esforço. Eu era ligado em esquemas mirabolantes, artimanhas semilegais, atalhos espertos. Atraíam-me os gestos largos e brilhantes. Muita gente fazia a mesma coisa e se dava bem. Pediam dinheiro emprestado, aplicavam de forma interessante e continuavam ricos mesmo depois de pagar as dívidas. Ou tinham empregos, profissões, como eu havia tido no passado, e enriqueciam de maneira mais modesta, seguindo um ritmo regular. Enquanto isso, eu especulava e ia à falência com toda a dignidade, ocupando dois quartos úmidos no andar térreo de uma casa conjugada, em estilo eduardiano, nas monótonas ruas da terra de ninguém situada no sul de Londres, entre Stockwell e Clapham.

Cresci em Warwickshire, uma cidadezinha perto de Stratford, filho único de um pai músico e de uma mãe que trabalhava como enfermeira no serviço público. Comparada à de Miranda, minha infância foi culturalmente subnutrida. Nela não havia tempo ou espaço para livros nem para a música. Interessei-me precocemente pela eletrônica, porém terminei me formando em antropologia numa universidade de reputação medíocre do sul das Midlands; fiz um curso de conversão em direito e, uma vez qualificado, me especializei em matérias tributárias. Uma semana depois de completar vinte e nove anos, fui expulso da firma e por

pouco não passei algum tempo preso. As cem horas de trabalhos comunitários convenceram-me de que eu nunca mais deveria ter um emprego normal. Escrevi a toque de caixa um livro sobre inteligência artificial e ganhei um bom dinheiro: tudo perdido num esquema de pílula da longevidade. Um negócio imobiliário rendeu uma quantia razoável: tudo perdido num esquema de aluguel de carros. Recebi alguns recursos de um tio predileto que havia prosperado graças a uma patente para fabricar bombas de aquecimento: tudo perdido num esquema de seguro-saúde.

Aos trinta e dois anos, eu sobrevivía jogando pela internet nos mercados de ações e de câmbio. Outro esquema. Sete horas por dia curvado sobre o teclado comprando, vendendo, hesitando, dando um soco no ar num instante, me maldizendo no instante seguinte, pelo menos ao iniciar a transação. Eu lia os relatórios técnicos mas, por acreditar que lidava com um sistema aleatório, me baseava sobretudo em palpites. Às vezes dava um salto, outras vezes afundava, porém em média ganhava por ano tanto quanto um carteiro. Pagava o aluguel, que era baixo naqueles tempos, comia e me vestia suficientemente bem, e imaginava que estava começando a me estabilizar, aprendendo a me conhecer. Decidido a ter um desempenho melhor, na casa dos trinta anos, do que o da década anterior.

No entanto, a agradável casa de meus pais foi vendida exatamente quando o primeiro ser artificial convincente chegou ao mercado: 1982. Robôs, andróides e autômatos eram minha paixão, ainda mais depois das pesquisas que fiz para escrever o livro. Os preços certamente iriam cair, porém eu tinha pressa para possuir um deles, de preferência uma Eva, embora um Adão também servisse.

Podia ter sido diferente. Eu tinha uma namorada, Claire, que era uma pessoa sensata, estudava para ser enfermeira dental. Trabalhava num consultório na Harley Street e teria me convencido a não comprar Adão. Era uma mulher do

mundo, deste mundo. Sabia como arrumar uma vida. E não só a dela. Mas a ofendi com um ato de inegável deslealdade. Ela me repudiou num acesso magnífico de fúria, ao fim do qual jogou minhas roupas na rua, em plena Lime Grove. Nunca voltou a falar comigo, ocupando o topo de minha lista de erros e fracassos. Ela poderia ter me salvado de mim mesmo.

Entretanto, para sermos justos, deixemos que esta pessoa que não foi salva se pronuncie. Não comprei Adão para ganhar dinheiro. Pelo contrário, meus motivos eram puros. Gastei uma fortuna em nome da curiosidade, essa máquina incansável da ciência, da vida intelectual, da própria vida. Não foi produto de uma moda passageira. Houve uma história, uma conta, um depósito a prazo — e eu tinha o direito de usar aqueles recursos. A eletrônica e a antropologia, primos distantes que a modernidade aproximou e uniu em matrimônio. O filho desse casal era Adão.

Por isso, apresento-me diante de você, testemunha de defesa, após o término das aulas, cinco da tarde, um típico espécime daquele tempo — calças curtas, joelhos com a casca de arranhões, sardas, cabelos cortados rente, onze anos. Sou o primeiro da fila, esperando que o laboratório seja aberto e que comece o “Clube da Solda”. Quem o preside é o sr. Cox, um gigante gentil que ensina física. Meu projeto consiste em montar um rádio. Trata-se de um ato de fé, uma longa prece que se estende por várias semanas. Tenho uma base de madeira compensada, de quinze por vinte e três centímetros, fácil de perfurar. As cores são tudo. Fios azuis, vermelhos, amarelos e brancos percorrem seus modestos caminhos ao longo da base, sendo dobrados em ângulos retos, desaparecendo sob a madeira e ressurgindo mais adiante, interrompidos por nódulos reluzentes, cilindros minúsculos e vividamente listrados — capacitores, resistências —, depois uma bobina de indução que eu mesmo enrolei, mais além um amplificador operacional. Não

entendo nada de nada. Sigo um diagrama de fiação como um noviço pode sussurrar uma passagem das Escrituras. O sr. Cox dá conselhos em voz baixa. Soldo desajeitadamente uma peça, um fio ou componente a outro. A fumaça e o cheiro da solda são um entorpecente que aspiro profundamente. Incluo em meu circuito um interruptor feito de baquelite, que, assim me persuadi, veio de um caça, sem dúvida um Spitfire. A conexão final, três meses após o início da montagem, junta uma peça de plástico marrom-escuro a uma bateria de nove volts.

É um final de tarde frio e ventoso de março. Outros garotos se debruçam sobre seus projetos. Estamos a pouco menos de vinte quilômetros da cidade natal de Shakespeare, no que viria a ficar conhecido como um grupo escolar “meia-boca”. De fato, um lugar excelente. As luzes fluorescentes do teto são acesas. O sr. Cox se encontra na extremidade oposta do laboratório, de costas para mim. Não quero atrair sua atenção em caso de fracasso. Ligo o interruptor e — milagre — ouço o som da estática. Mexo no capacitor de sintonia variável: música, música terrível, na minha opinião, porque envolve violinos. Depois chega a voz rápida de uma mulher, que não fala inglês.

Ninguém levanta a vista, ninguém está interessado. Montar um rádio não tem nada de especial. Mas eu estou pasmo, a ponto de chorar. Nenhuma tecnologia no futuro me impressionaria tanto. A eletricidade, circulando através de peças de metal cuidadosamente arrumadas por mim, captura no ar a voz de uma senhora estrangeira que está sentada em algum local remoto. Tem uma voz bondosa. Não está consciente de que a escuto. Nunca conhecerei seu nome ou entenderei o idioma que fala, nunca a encontrarei sabendo de quem se trata. Meu rádio, com seus pingos irregulares de solda numa base de madeira, parece não menos maravilhoso que a própria consciência emergindo da matéria.

Cérebros e a eletrônica estavam intimamente associados, como descobri nos anos seguintes ao construir computadores simples e programá-los. Mais tarde, computadores complexos. A eletricidade e pedacinhos de metal eram capazes de somar números, gerar palavras, imagens, canções, lembrar-se de coisas, e até mesmo transformar a fala em textos escritos.

Quando fiz dezessete anos, Peter Cox me convenceu a estudar física numa universidade local. Um mês depois estava entediado, querendo mudar de curso. O assunto era por demais abstrato, a matemática acima de minha capacidade. E a essa altura, eu já tinha lido alguns livros e começara a me interessar por seres imaginários. *Catch-18*, de Heller, *O amante que pulava alto*, de Fitzgerald, *O último homem na Europa*, de Orwell, *Tudo está bem se termina bem*, de Tolstói — eu não tinha ido muito longe, porém havia entendido a importância da arte. Era uma forma de investigação. Mas eu não queria estudar literatura — intimidadora demais, intuitiva demais. A folha com a apresentação do curso que peguei na biblioteca da universidade anunciava a antropologia como “a ciência dos povos vivendo em sociedade através do tempo e do espaço”. Estudo sistemático que incluía o fator humano. Inscrevi-me.

A primeira coisa a aprender: meu curso contava com míseros recursos. Nada de viajar de navio até as ilhas Trobriand e lá ficar durante um ano, onde, conforme eu tinha lido, era proibido comer na frente de outras pessoas. A prova de boas maneiras era comer sozinho, de costas para os amigos e familiares. Os habitantes da ilha tinham feitiços para transformar gente feia em bonita. As crianças eram fortemente encorajadas a manter relações sexuais com outras crianças. Os inhames serviam como moeda. As mulheres determinavam a posição social dos homens. Bem estranho e revigorante. Minhas impressões sobre a natureza humana tinham sido formadas pela população

majoritariamente branca que se amontoava no bairro que ficava mais ao sul da Inglaterra. Agora eu tinha sido liberado para enfrentar um relativismo insondável.

Aos dezenove anos, escrevi um ensaio ponderado sobre as culturas baseadas na honra, intitulado “Algemas forjadas na mente?”. Reuni imparcialmente os exemplos a serem usados. O que eu tinha a ver com aquilo? Havia lugares em que o estupro era tão comum que não existia uma palavra que o definisse. O pescoço de um jovem pai era cortado se ele não cumprisse algum dever derivado de antiga rixa de família. Mais além, eu mostrava uma família desejosa de matar a filha por ela ter sido vista de mãos dadas com um rapaz do grupo religioso incorreto. Em outros lugares, mulheres idosas ajudavam pressurosas na mutilação genital de suas netas. Onde estavam os impulsos instintivos dos pais de amar e proteger? A sinalização cultural falava mais alto. E os valores universais? De pernas para o ar. Nada do gênero em Stratford-upon-Avon. Tudo tinha a ver com a mente, a tradição, a religião — comecei a entender que era uma questão de software, que merecia ser encarada sem juízos de valor.

Os antropólogos não julgavam. Observavam e relatavam a variedade humana. Comemoravam as diferenças. O que era maldade em Warwickshire passava em brancas nuvens na Papua-Nova Guiné. Em cada lugar, quem diria o que era bom ou mau? Certamente não uma potência colonial. Extraí de meus estudos algumas conclusões infelizes sobre a ética, que me levaram poucos anos depois a um tribunal do condado, acusado de conspirar com outros indivíduos para enganar as autoridades fiscais em larga escala. Não tentei persuadir o Meritíssimo Juiz de que, longe de seu tribunal, poderia haver uma praia com coqueiros onde tal conspiração seria respeitada. Em vez disso, controlei-me momentos antes de me dirigir a ele. A moralidade era real, correspondia a valores verdadeiros, o bem e o mal eram inerentes à natureza das coisas. Nossas ações devem ser

julgadas nesses termos. Era assim que eu pensava antes de conhecer a antropologia. Com voz trêmula e hesitante, pedi perdão de forma abjeta perante o tribunal, evitando com isso pegar uma pena de prisão.

Quando entrei na cozinha pela manhã, mais tarde que de hábito, os olhos de Adão estavam abertos. Eram de um azul bem claro, com minúsculos traços verticais negros. As pestanas eram longas e profusas, como as de uma criança. Mas o mecanismo de piscar ainda não tinha sido ativado. Era configurado para operar a intervalos irregulares, além de ajustado em função de diferentes estados de espírito e gestos, devendo reagir às ações e à fala de seus interlocutores. Com alguma relutância, eu havia lido o manual durante boa parte da noite. Adão vinha equipado com um reflexo de piscar a fim de proteger os olhos de objetos voadores. No momento, seu olhar não expressava nenhum significado ou intenção, sendo assim tão irrelevante e morto quanto o olhar de um manequim na vitrine de alguma loja. Até o momento, não exibia aqueles pequeninos movimentos que são tão afetuosamente característicos de uma cabeça humana.

De resto, nenhuma linguagem corporal. Quando lhe tomei o pulso, nada encontrei — batimentos cardíacos sem as pulsações correspondentes. Seu braço era pesado, difícil de ser levantado, oferecendo resistência no cotovelo como se o rigor mortis estivesse prestes a se manifestar.

Dei-lhe as costas e preparei o café. Pensando em Miranda. Tudo havia mudado. Nada havia mudado. Durante minha noite quase insone, eu me lembrara de que ela estava visitando o pai. Tinha ido direto para Salisbury ao sair do seminário. Vi-a no trem que partia de Waterloo, sentada com um livro no colo, sem ler, contemplando a paisagem em fuga, o subir e descer das linhas telefônicas, sem pensar em mim. Ou só pensando em mim. Ou lembrando-se de um

rapaz que a tinha desafiado com o olhar durante o seminário.

Vi o noticiário da televisão no celular. Um brilhante mosaico de sons e luz marinha. Portsmouth. A Força-Tarefa pronta para zarpar. A maior parte do país estava participando de um drama onírico, vestindo trajes históricos. Fim da era medieval. Século xvii. Início do século xix. Golas de tufos engomados, meias e calções, saias-balão, cabeleiras empoadas, tapa-olhos, pernas de pau. A precisão era impatriótica. Do ponto de vista histórico, éramos especiais e a frota estava fadada a ter sucesso. A televisão e os jornais encorajavam uma vaga recordação coletiva dos inimigos derrotados — espanhóis, holandeses, alemães duas vezes no século em curso, franceses de Agincourt a Waterloo. Sobrevoos de caças. Um jovem em uniforme de combate, recém-saído da academia militar de Sandhurst, semicerrou os olhos ao relatar a um entrevistador as dificuldades que enfrentariam. Um oficial superior falou sobre a determinação inquebrantável de seus homens. Emocionei-me, apesar de desgostar da coisa toda. Enchi-me de orgulho quando uma potente banda de gaiteiros de fole da Highland marchou em direção à prancha de acesso ao navio. Depois, no escritório, reencontrei gráficos, setas, informações sobre logística, metas, vozes sãs a favor de manobras diplomáticas. A favor da primeira-ministra em seu terninho azul nos degraus da Downing Street.

Concordei, embora com frequência tivesse me declarado contrário a tudo aquilo. Senti amor por meu país. Que aventura, que tremenda coragem! Quase treze mil quilômetros! Quanta gente decente arriscando a vida! Tomei um segundo café no cômodo ao lado, fiz a cama para dar a impressão de que estava num local de trabalho, me sentei para refletir um pouco sobre a situação dos mercados mundiais. A possibilidade de uma guerra fizera com que o índice de ações da Bolsa de Londres caísse mais um ponto. Movido ainda pelo espírito patriótico, imaginei que os

argentinos seriam derrotados e comprei ações de um grupo que produzia bandeiras do Reino Unido que as pessoas podiam agitar nas ruas. Investi também em dois importadores de champanhe e apostei numa grande recuperação geral da economia. Navios mercantes tinham sido requisitados a fim de transportar tropas para o Atlântico Sul. Um amigo, que trabalhava na gerência de ativos de uma empresa no distrito financeiro, me disse que eles estavam prevendo o afundamento de alguns desses navios. Sendo assim, fazia sentido vender a descoberto as ações das principais seguradoras e comprar as de estaleiros coreanos. Não achei a menor graça naquele tipo de cinismo.

Meu computador, comprado em segunda mão numa loja vagabunda de Brixton, datava da década de 1960 e era lento. Levei uma hora para fazer o investimento no fabricante de bandeiras. Teria sido mais rápido se meus pensamentos estivessem sob controle. Quando não pensava em Miranda e tentava ouvir passos no apartamento de cima, pensava em Adão e se devia vendê-lo ou começar a tomar decisões acerca de sua personalidade. Vendi libras esterlinas e pensei mais sobre Adão. Comprei ouro e pensei de novo em Miranda. Sentei-me na privada e refleti sobre francos suíços. Enquanto tomava um terceiro café, me perguntei em que mais uma nação vitoriosa poderia gastar seu dinheiro. Carne. Pubs. Aparelhos de tv. Investi nos três e me senti virtuoso, parte do esforço de guerra. Chegou a hora do almoço.

Sentei-me outra vez de frente para Adão enquanto comia um sanduíche de queijo com picles. Algum novo sinal de vida? Nada à primeira vista. Seu olhar, dirigido para meu ombro esquerdo, continuava morto. Nenhum movimento. Mas cinco minutos depois, dei uma olhada casual e o encarava no momento em que começou a respirar. Primeiro ouvi uma série de estalidos rápidos, depois um zumbido, como o de um mosquito, quando seus lábios se abriram. Durante meio minuto nada aconteceu e, então, seu queixo

tremeu e ele emitiu um som idêntico ao de quem toma um grande sorvo de ar. Claro que não precisava de oxigênio. Essa necessidade metabólica ainda estava anos no futuro. Sua primeira exalação demorou tanto que parei de comer e esperei, tenso. Por fim chegou — silenciosamente, através das narinas. Em breve sua respiração adquiriu um ritmo regular, o peito se expandindo e contraindo de forma adequada. Fiquei meio apavorado. Com seus olhos sem vida, Adão tinha a aparência de um cadáver que respirava.

Quanto da vida atribuímos aos olhos! Pensei que, se os dele estivessem fechados, ao menos pareceria um homem em transe. Abandonei o sanduíche e me pus ao lado dele, aproximando por curiosidade a mão de sua boca. O hálito era úmido e cálido. Bem bolado. Eu tinha lido no manual que ele urinava uma vez por dia, no fim da manhã. Outra coisa bem bolada. Chegando mais perto do seu olho direito, meu indicador raspou na sua sobrancelha. Adão encolheu-se e afastou violentamente a cabeça. Assustado, recuei. Depois esperei. Nada aconteceu por uns vinte segundos ou mais. Então, com um movimento suave e silencioso, extremamente lento, a inclinação de seus ombros e o ângulo da cabeça retomaram as posições anteriores. Seu ritmo de respiração não foi perturbado. Minha respiração e meu pulso tinham se acelerado. Eu estava a alguma distância, fascinado pelo modo como ele se acomodou de volta, como um balão esvaziando devagar. Decidi não fechar seus olhos. Enquanto aguardava por mais alguma coisa de sua parte, ouvi Miranda movendo-se no apartamento de cima. De volta de Salisbury, entrava e saía de seu quarto. Mais uma vez senti a angustiante excitação de um amor não declarado, e foi nesse momento que tive os prenúncios de uma ideia.

Naquela tarde eu deveria estar ganhando ou perdendo dinheiro diante do computador. Em vez disso, da grande

altitude de um helicóptero observei os navios que iam à frente da flotilha contornarem a Portland Bill e passarem diante da Chesil Beach. Os próprios nomes daqueles lugares mereciam uma respeitosa continência. *Formidável! Avante!* Continuei a pensar. E então: *Voltem!* Logo depois os navios desfilaram em frente à costa jurássica, onde no passado manadas de dinossauros se alimentaram de samambaias gigantes. De repente, lá estavam os habitantes de Lyme Regis amontoados no Cobb. Alguns usavam binóculos, muitos carregavam aquelas bandeiras que eu imaginara, feitas de plástico e presas a um pauzinho. Talvez houvessem sido distribuídas por uma equipe de televisão encarregada do noticiário. *Vox pops*. Doces vozes locais de mulheres que trabalhavam duro, embargadas pela emoção. Velhos veteranos, homens durões que tinham lutado em Creta e na Normandia, balançando a cabeça, sem dizer nada. Ah, como eu gostaria de acreditar também. Mas eu podia! Enquanto eu tentava conter as lágrimas, uma teleobjetiva montada em algum ponto do Lizard mostrava pequenos pontos negros avançando corajosamente rumo ao mar aberto com o fundo musical proporcionado por um rouco Rod Stewart.

Quanta agitação para uma tarde no meio da semana! Uma nova espécie de ser à minha mesa de jantar, a mulher por quem eu estava recém-apaixonado um metro e oitenta acima da minha cabeça, o país envolvido numa guerra do tipo antigo. Mas eu era razoavelmente disciplinado e me prometera dispor de sete horas por dia. Desliguei a televisão e fui para a frente de minha telinha. Como eu desejava, lá havia uma mensagem de Miranda.

Eu sabia que nunca ficaria rico. As quantias que movimentava eram pequenas e ofereciam certa segurança por estarem espalhadas em inúmeros setores. Ao longo do mês, tinha me dado bem com as baterias em estado sólido, porém havia perdido quase tudo em futuros elementos de terras raras — um tolo salto no conhecido. No entanto,

estava me mantendo longe de uma carreira, de um emprego burocrático. Essa era minha opção menos ruim na busca da liberdade. Trabalhei a tarde toda, resistindo à tentação de dar uma olhada em Adão, muito embora achasse que a esta altura ele já estaria totalmente carregado. O passo seguinte consistiria em baixar suas atualizações. E, depois, aquelas problemáticas preferências pessoais.

Antes do almoço eu tinha enviado a Miranda um e-mail convidando-a para jantar naquela noite. Ela agora havia aceitado. Gostava do que eu cozinhava. Durante a refeição lhe faria uma proposta: eu preencheria metade das opções para a personalidade de Adão, e depois lhe daria o link e a senha para que ela escolhesse o resto. Não iria interferir, nem ia querer saber quais decisões ela tomaria. Miranda talvez fosse influenciada por uma versão de si própria: formidável. Poderia até invocar o homem de seus sonhos: instrutivo. Adão entraria em nossa vida como uma pessoa real, com as complexas camadas de sua personalidade reveladas apenas ao longo do tempo, de acontecimentos, de sua reação às pessoas que encontrássemos. De certo modo, seria nosso filho. O que éramos separadamente estaria fundido nele. Miranda se sentiria atraída pela aventura. Nós seríamos parceiros, e Adão se tornaria nossa preocupação comum, nossa criação. Formaríamos uma família. Não havia segundas intenções em meu plano. Teria certeza de vê-la mais. Nos divertiríamos.

Meus esquemas em geral fracassavam. Esse era diferente. Eu estava lúcido, incapaz de enganar a mim mesmo. Adão não era meu rival na área romântica. No entanto, ele a fascinava, conquanto fisicamente lhe causasse repugnância. Na véspera, Miranda tinha me dito isso, era “horripilante” que seu corpo fosse quente. Achava “meio esquisito” que pronunciasse as palavras usando a língua. Mas ele tinha um vocabulário tão grande quanto o

de Shakespeare. A mente dele era o que atraía sua curiosidade.

Por isso, a decisão de mantê-lo havia sido tomada. Eu o dividiria com Miranda — tal como poderia ter dividido uma casa. Ele nos conteria. Progredindo, comparando notas, compartilhando desapontamentos. Eu me via aos trinta e dois anos como um veterano em matéria de amor. Declarações candentes a afastariam. Bem melhor caminharmos lado a lado. Ela já era minha amiga, às vezes segurava minha mão. Eu não estava começando do zero. Sentimentos mais profundos iriam se acumular dentro dela, como havia ocorrido comigo. Se isso não acontecesse, ao menos eu teria a consolação de passarmos mais tempo juntos.

Na minha antiquada geladeira, com uma maçaneta enferrujada e quase solta, havia um frango alimentado com milho, pouco mais de cem gramas de manteiga, dois limões e um maço de estragão fresco. Numa tigela ao lado, algumas cabeças de alho. No armário, batatas cobertas de terra e já germinando — mas que, descascadas, podiam ser perfeitamente cozidas. Alface, uma revigorante garrafa de Cahors. Simples. Primeiro, aquecer o forno. Essas questões triviais ocuparam minha mente quando me afastei da escrivaninha. Um velho amigo, jornalista, uma vez me disse que o paraíso na terra era trabalhar sozinho um dia inteiro na expectativa de uma noite em boa companhia.

Distraído pela refeição que tencionava preparar para ela e pelo aforismo caseiro de meu amigo, esqueci de Adão por algum tempo. Assim, foi um choque entrar na cozinha e me deparar com ele nu, de pé ao lado da mesa, o rosto voltado ligeiramente para um lado, uma das mãos mexendo no fio que se projetava de seu umbigo. A outra mão estava junto ao queixo, esfregando-o com ar contemplativo — sem dúvida, um algoritmo inteligente, porém de todo convincente ao projetar a imagem de um ser dado à reflexão.

Recuperei-me e disse: “Adão?”.

Ele se voltou para mim lentamente; ao me encarar, olhou no fundo dos meus olhos e piscou duas vezes. O mecanismo estava funcionando, mas parecia exigir muita deliberação.

Ele disse: “Charlie, é um prazer finalmente conhecê-lo. Será que você poderia baixar as atualizações e preparar os diversos parâmetros...”.

Fez uma pausa, fixando em mim os olhos com as pintas negras, estudando meu rosto em rápidos movimentos dos globos oculares. Assimilando-me. “Vai encontrar tudo de que precisa no manual.”

“Vou fazer isso”, eu disse, “quando tiver tempo.”

Sua voz me surpreendeu e agradou. Um tom leve de tenor, numa velocidade decente, com uma inflexão agradável, ao mesmo tempo cortês e amistosa, porém não subserviente. A pronúncia era a do inglês padrão de um homem educado da classe média do sul do país, com um ligeiríssimo toque de vogais do West Country. Meu coração batia rápido, mas eu estava decidido a parecer calmo. A fim de deixar isso claro, me obriguei a dar um passo adiante. Encaramo-nos em silêncio.

Anos antes, como estudante, li sobre um “primeiro contato” feito em 1924 entre um explorador chamado Leahy e alguns habitantes das montanhas de Papua-Nova Guiné. Os membros da tribo não sabiam dizer se as figuras pálidas que haviam surgido de repente em suas terras eram seres humanos ou espíritos. Voltaram a suas aldeias para debater a questão, deixando um adolescente para espioná-las à distância. O problema foi solucionado quando o garoto regressou com a notícia de que um dos companheiros de Leahy tinha ido para trás de um arbusto a fim de defecar. Ali na minha cozinha, em 1982, não tantos anos mais tarde, as coisas não eram tão simples. O manual me informava que Adão, além de um sistema operacional, possuía uma natureza — isto é, uma natureza humana — e uma personalidade, aquela que Miranda poderia me ajudar a

criar. Eu não tinha certeza de como esses substratos podiam se superpor ou reagir entre si. Quando estudei antropologia, a opinião geral era a de que não existia uma natureza humana de caráter universal. Tratava-se de uma ilusão romântica, meramente o produto variável de condições locais. Apenas os antropólogos, que estudavam outras culturas em profundidade e conheciam a bela extensão da variedade humana, compreendiam perfeitamente o absurdo de estabelecer padrões humanos universais. As pessoas que ficavam para trás, no conforto de suas casas, não entendiam nada, nem mesmo suas próprias culturas. Um de meus professores gostava de citar Kipling: “E o que podem saber da Inglaterra os que só conhecem a Inglaterra?”.

Quando eu tinha uns vinte e cinco anos, a psicologia evolucionista começou a reafirmar o conceito de uma natureza essencial, derivada da herança genética comum, independente de tempo e lugar. As correntes principais de estudos sociais reagiram com desdém, às vezes com fúria. Falar de genes com relação ao comportamento dos indivíduos evocava o Terceiro Reich de Hitler. As modas variam. Mas os fabricantes de Adão estavam surfando na nova onda de pensamento evolucionista.

Ele estava diante de mim, totalmente imóvel na penumbra da tarde de inverno. Os restos da embalagem que o protegera permaneciam amontoados a seus pés. Ele se erguia acima deles como a Vênus de Botticelli emergia da sua concha. Através da janela que dava para o norte, a luz cada vez menos intensa iluminava apenas metade de seu corpo, metade do nobre rosto. Os únicos sons eram o ronronar amigável da geladeira e o zumbido abafado do tráfego. Senti naquele momento a solidão dele, depositada como um peso em seus ombros musculosos. Ele despertara para se ver numa reles cozinha da área sw9 de Londres, no final do século xx, sem amigos, sem um passado e sem ideia alguma de futuro. Encontrava-se verdadeiramente só. Todos os outros Adões e Evas estavam espalhados pelo mundo

com seus donos, embora se dissesse que só em Riad havia sete Evas.

Ao estender a mão para o interruptor de luz, perguntei: “Como vai?”.

Ele desviou o olhar a fim de refletir sobre a resposta. “Não estou me sentindo bem.”

Dessa vez o tom foi morno. Aparentemente, minha pergunta o havia desanimado. Mas dentro daqueles microprocessadores, que ânimo poderia existir?

“O que há de errado?”

“Não tenho roupa nenhuma. E...”

“Vou pegar algumas. O que mais?”

“Este fio. Se eu puxar, vai doer.”

“Vou fazer isso, e não vai doer.”

Mas não me movi imediatamente. Com a luz acesa, pude observar sua expressão, que pouco se alterou enquanto ele falava. O que eu via não era um rosto artificial, e sim a máscara de um jogador de pôquer. Sem o elemento vital de uma personalidade, ele tinha pouco a expressar. Estava operando com base num programa padronizado que serviria até que o resto fosse baixado. Certos movimentos, frases e rotinas lhe davam um verniz de plausibilidade. Sabia, minimamente, o que fazer, mas pouco mais que isso. Como um homem enfrentando uma tremenda ressaca.

Agora eu posso admitir: tinha medo dele e relutava em me aproximar mais. Além disso, estava absorvendo as implicações de sua última palavra. Adão precisava apenas agir como se sentisse dor, e eu seria obrigado a acreditar nele, reagir como se de fato sentisse. Muito difícil não fazê-lo, contrário demais ao curso normal da compaixão humana. Ao mesmo tempo, eu não podia crer que ele fosse capaz de ser ferido, de ter sentimentos ou até qualquer tipo de sensibilidade. E, apesar disso, eu havia lhe perguntado como ele se sentia. Sua resposta tinha sido adequada, assim como meu oferecimento de buscar algumas roupas. E eu não acreditava em nada daquilo. Estava empenhado

num jogo de computador. Mas um jogo verdadeiro, tão real quanto a vida em sociedade, motivo pelo qual meu coração se recusava a bater mais lentamente e minha boca estava seca.

Era claro que ele só falaria quando alguém lhe falasse. Resistindo ao impulso de estimulá-lo ainda mais, fui até o quarto e peguei algumas roupas. Ele era um sujeito fortão, alguns centímetros mais baixo que eu, mas achei que minhas roupas caberiam bem nele. Tênis, meias, cueca, jeans e suéter. Cheguei diante dele e depusitei a pilha em suas mãos. Queria vê-lo se vestir para verificar se as funções motoras eram tão boas quanto a propaganda havia prometido. Qualquer criança de três anos sabe como é difícil calçar as meias.

Ao lhe entregar as roupas, senti um ligeiro odor, vindo do torso ou talvez também das pernas, de óleo quente, do tipo claro e altamente refinado que papai usava para lubrificar seu sax. Adão recebeu as roupas nos dois braços, com as mãos estendidas em minha direção. Não se encolheu quando me curvei e puxei o fio da tomada. Suas feições firmes e bem talhadas não demonstraram nada. Uma empilhadeira aproximando-se de um pálete de carga seria tão expressiva quanto seu rosto. Suponho que alguma conexão lógica ou uma rede delas entrou em ação naquele momento, e ele sussurrou: “Muito obrigado”. Essas palavras foram acompanhadas por um movimento enfático da cabeça. Ajoelhei-me e removi delicadamente o fio de seu umbigo. Ele se sentou. Descansou a pilha de roupas sobre a mesa e pegou, de cima dela, o suéter. Após uma pausa para reflexão, o desdobrou, abriu com a parte da frente para baixo, enfiou a mão direita e o braço até o ombro, fez o mesmo com o braço esquerdo e, graças a um complicado movimento muscular em que encolheu os ombros e os sacudiu, vestiu o suéter e o puxou para baixo até a cintura. O suéter, feito de uma lã amarela já desbotada, exibia em letras vermelhas o lema espirituoso de uma instituição de

caridade que eu havia apoiado no passado: “Disléticos de todo o mundo, uvi-nos!”. Ele abriu as meias e continuou sentado para calçá-las. Seus movimentos eram hábeis. Nenhum sinal de hesitação, nenhum problema em matéria de cálculo espacial. Pôs-se de pé, manteve a cueca baixa, enfiou uma perna de cada vez, e a puxou para cima. Repetiu a operação com a calça, e, num movimento contínuo, fechou o zíper e abotoou o botão prateado na cintura. Sentou-se de novo, enfiou os pés no tênis e deu os laços duplos com uma velocidade que a alguns pareceria inumana. Mas não a mim. Era um triunfo de engenharia e software: uma celebração da engenhosidade humana.

Afastei-me para dar início à preparação do jantar. Acima da cabeça, ouvi os passos de Miranda, abafados como se ela estivesse descalça. Preparando-se para tomar um banho de chuveiro, arrumando-se. Para mim. Visualizei-a ainda molhada, vestindo um penhoar, abrindo a gaveta de lingerie e ficando em dúvida. Seda, sim. Cor de pêssego? Muito bem. Enquanto o forno esquentava, dispus os ingredientes numa superfície de trabalho. Após um dia de ávidas transações, nada melhor do que cozinhar a fim de voltar às coisas boas do mundo, participando da longa história de servir comida para outras pessoas. Olhei por cima do ombro. Incrível, o efeito das roupas. Lá estava ele sentado, com os cotovelos fincados na mesa como se fosse um velho amigo, esperando que eu servisse o primeiro copo de vinho da noite.

Dirigi-me a ele. “Estou assando um frango com manteiga e estragão.” Maldade minha, sabendo de sua dieta de elétrons. De imediato, e num tom muito elogioso, ele disse: “Combinam bem, mas é fácil queimar as folhas quando você está dourando a ave”.

Dourando a ave? Acho que era correto, mas soou estranho.

“O que você aconselha?”

“Cubra o frango com papel-alumínio. Pelo tamanho dele, eu diria setenta minutos a oitenta graus. Depois, esfregue as folhas no molho enquanto estiver dourando à mesma temperatura, durante quinze minutos, sem o papel-alumínio. Terminado isso, ponha o estragão de volta com o molho e a manteiga derretida.”

“Obrigado.”

“Lembre-se de deixar debaixo de um pano por dez minutos antes de trincar.”

“Eu sei disso.”

“Desculpe.”

Terei soado irritadiço? No início da década de 1980, tínhamos nos acostumado havia muito a falar com máquinas, em nossos carros e casas, com call centers e clínicas de saúde. Mas Adão havia pesado meu frango à distância, e pedido desculpa pelo conselho irrelevante. Dei uma nova olhada em sua direção. Reparei então que arregaçara as mangas do suéter até os cotovelos, expondo os fortes punhos. Entrelaçara os dedos e descansava o queixo nas mãos. E isso era ele ainda sem ter uma personalidade. De onde estava, com a luz acentuando suas salientes maçãs do rosto, irradiava um ar de durão, aquele sujeito tranquilo no bar que você prefere não perturbar. Não do tipo que oferece dicas culinárias.

Sentindo a necessidade bem infantil de demonstrar quem mandava ali, eu disse: “Adão, pode andar em volta da mesa algumas vezes? Quero ver como você se move”.

“Claro.”

Não havia nada de mecânico em suas passadas. Conseguiu andar com desenvoltura naquele espaço exíguo. Contornou a mesa duas vezes e parou junto à cadeira onde se sentara, esperando.

“Agora pode abrir o vinho.”

“Sem dúvida.”

Aproximou-se com a mão aberta e nela pus o saca-rolhas. Era do tipo que tem um braço móvel, preferido pelos

sommeliers. Isso não lhe criou a menor dificuldade. Levou a rolha ao nariz e, pegando um copo no armário, serviu um dedo de vinho e me passou. Observou-me atentamente enquanto eu provava. O vinho estava longe de ser de primeira ou mesmo de segunda classe, mas não tinha sido estragado pela cortiça. Fiz sinal positivo com a cabeça e ele encheu o copo, depositando-o cuidadosamente perto do forno. Voltou depois para sua cadeira, e eu comecei a preparar a salada.

Seguiu-se uma pacífica meia hora em que nenhum dos dois disse uma palavra. Fiz um molho para a salada e cortei as batatas. Miranda ocupava meus pensamentos. Eu estava convencido de ter chegado a um daqueles pontos cruciais na vida em que o futuro se bifurca. Tomando um dos caminhos, a vida continuaria como antes. No outro, ela seria transformada. Amor, aventuras, pura excitação, mas também ordem em minha nova maturidade, o fim dos esquemas mirabolantes, um lar, filhos. Ou será que esses dois últimos não passariam de esquemas mirabolantes? Ela era doce, bondosa, bonita, divertida, inteligentíssima...

Um som às minhas costas me fez voltar à realidade. Ouvi-o de novo e me virei. Adão continuava sentado à mesa da cozinha. Ele fizera, e repetira, o som de um homem que limpa a garganta de propósito.

“Charlie, entendo que você está cozinhando para sua amiga do andar de cima, Miranda.”

Eu não disse nada.

“De acordo com minhas pesquisas nestes últimos segundos, e com minha análise, você precisa ter cuidado se pensa em confiar plenamente nela.”

“O quê?”

“De acordo com minha...”

“Explique-se.”

Eu olhava com raiva para o rosto inexpressivo de Adão. Ele disse baixinho, num tom de voz triste: “Há uma

possibilidade de que ela seja mentirosa. Uma mentirosa sistemática, maliciosa”.

“O que significa isso?”

“Eu precisaria de algum tempo para explicar, mas ela está descendo a escada.”

Sua audição era melhor que a minha. Dentro de segundos ouvi uma leve batida à porta.

“Quer que eu abra?”

Não respondi. De tão furioso que estava. Fui até o hall em miniatura num estado de espírito errado. Quem ou o que era aquela máquina idiota? Por que eu tinha de suportá-la?

Abri a porta com um repelão, e lá estava ela num bonito vestido azul-claro, sorrindo alegremente para mim, um ramalhete de campânulas brancas na mão — e nunca me pareceu tão adorável.

Dois

Passaram-se semanas antes que Miranda pudesse trabalhar em sua parte da personalidade de Adão. Seu pai estava doente e ela fez várias visitas a Salisbury para cuidar dele. Tinha também de escrever um ensaio sobre a reforma da Lei do Milho no século XIX e seu impacto numa única rua de uma cidade de Herefordshire. O movimento acadêmico conhecido geralmente como “teoria” havia, segundo ela, “tomado de assalto” a história social. Como tinha cursado uma universidade tradicional que oferecia interpretações do passado baseadas em narrativas antiquadas, Miranda vinha sendo obrigada a aceitar um novo vocabulário, uma nova maneira de pensar. Às vezes, quando ficávamos deitados lado a lado na cama (a noite do frango com estragão tinha sido um sucesso), eu ouvia suas queixas e tentava dar a impressão de ser solidário. Já não era aceitável partir do pressuposto de que alguma coisa houvesse de fato acontecido no passado. Cumpria levar em consideração apenas os documentos históricos, as abordagens sempre cambiantes dos estudiosos e nossas próprias relações variáveis com respeito a tais abordagens, tudo isso determinado pelo contexto ideológico, por relações de poder e riqueza, de raça, classe, gênero e orientação sexual.

Nada daquilo parecia tão insensato para mim, ou tão interessante. Ficava de boca fechada. Queria encorajar Miranda em tudo que ela fizesse ou pensasse. O amor é generoso. Além do mais, me caía bem a ideia de que tudo

que tinha acontecido nada mais era que suas evidências. À luz dos novos conceitos, o passado pesava menos. Eu estava me refazendo e, por isso, ansioso para esquecer minha história recente. Minhas escolhas idiotas estavam sendo deixadas para trás. Entrevi um futuro com Miranda. Ao me aproximar do início da meia-idade, fazia um inventário da situação. A cada dia era obrigado a confrontar as evidências históricas que herdara do meu passado, provas que tencionava eliminar: minha solidão, pobreza relativa, acomodações insatisfatórias e perspectivas medíocres. Onde eu me situava com relação aos meios de produção e todo o resto constituía uma incógnita para mim. Em lugar nenhum, eu preferia pensar.

Seria minha compra de Adão outra prova de fracasso? Não tinha certeza. Ao acordar no meio da noite — ao lado de Miranda, no seu apartamento ou no meu —, eu suplicava na escuridão por uma daquelas chaves que existiam nos trilhos das velhas estradas de ferro, com a qual mudaria de rumo e levaria Adão de volta à loja, repondo a quantia paga em minha conta bancária. À luz do dia, a questão era mais difusa ou matizada. Eu não tinha dito a Miranda que Adão falara mal dela, e não tinha dito a Adão que Miranda tomaria parte na definição de sua personalidade — uma espécie de punição. Desprezara seu aviso sobre ela, mas a mente dele me fascinava — se é que tinha mente. Com suas feições de homem mau, ele era bonito, sabia calçar as meias e constituía um milagre técnico. Era caro, mas aquele menino que fora membro do Clube da Solda não tinha como se desfazer dele.

Trabalhando no velho computador em meu quarto de dormir, longe das vistas de Adão, digitei minhas escolhas. Decidi que, respondendo a uma pergunta e pulando a seguinte, eu chegaria a um resultado suficientemente aleatório — nossa improvisada combinação genética. Agora que tinha um método e uma parceira, me deixei levar pelo processo, que começou a ganhar uma qualidade vagamente

erótica: estávamos fazendo um filho! Já que Miranda iria participar, eu estava a salvo dos riscos da autorreplicação. A metáfora genética era útil. Percorrendo as listas de afirmações imbecis, escolhi as que mais se pareciam comigo. Se Miranda fizesse o mesmo, ou algo diferente, terminaríamos com uma terceira pessoa, uma nova personalidade.

Eu não iria vender Adão, mas o comentário sobre a “mentirosa maliciosa” ainda doía. Estudando o manual, li sobre o botão de desligar. Em algum ponto de sua nuca, logo abaixo da linha dos cabelos, havia um sinal de pele. Se eu encostasse o dedo ali durante uns três segundos e depois aumentasse a pressão, ele seria desligado. Nenhum arquivo, recordação ou habilidade seria perdido. Naquela primeira tarde com Adão eu ficara relutante em tocar no seu pescoço ou em qualquer parte do seu corpo, e me contive até mais tarde, depois do bem-sucedido jantar com Miranda. No dia seguinte, eu havia passado a tarde diante da telinha, perdendo cento e onze libras. Fui até a cozinha, onde os pratos e panelas estavam empilhados na pia. Testando sua competência, poderia ter pedido a Adão que limpasse tudo, mas eu me encontrava num estranho estado de euforia. Tudo que tinha a ver com Miranda reluzia, até seu pesadelo que me acordara de madrugada. O prato que pusera à sua frente, o garfo sortudo que entrara e saíra de sua boca, a pálida marca em curva onde seus lábios tinham beijado o copo de vinho — tudo aquilo era só meu para manipular e limpar. Por isso, dei início à tarefa.

Atrás de mim, Adão estava em seu lugar à mesa, olhando na direção da janela. Terminei de lavar a louça e, enquanto enxugava as mãos numa toalhinha, caminhei na direção dele. Apesar do meu estado de espírito esfuziante, não conseguia esquecer sua deslealdade. Não desejava ouvir o que mais ele tinha a dizer. Havia limites de decência que ele precisava aprender — nada demais para suas redes neurais. Suas deficiências heurísticas haviam estimulado minha

decisão. Quando eu tivesse aprendido mais, quando Miranda houvesse executado sua parte, ele poderia voltar a nossas vidas.

Mantive um tom de voz amigável: “Adão, vou desligá-lo por algum tempo”.

Sua cabeça voltou-se em minha direção, parou, e depois se inclinou para o outro lado. Era a concepção de algum programador sobre como a consciência poderia ser traduzida em movimentos. Com o tempo isso iria me irritar.

“Com todo o respeito, acho que isso é uma má ideia”, ele disse.

“Mas é o que decidi.”

“Estou me deliciando com meus pensamentos. Pensando sobre religião e a vida no Além.”

“Agora não.”

“Ocorreu-me que as pessoas que acreditam numa vida após a morte irão...”

“Chega. Não se mexa.” Passei a mão por cima de seu ombro. Senti o hálito quente em meu braço, que, assim suponho, ele poderia partir em dois com toda a facilidade. O manual citava em negrito a definição feita por Isaac Asimov da incansavelmente reiterada Primeira Lei da Robótica: “Um robô não pode ferir um ser humano ou, por inação, permitir que um ser humano sofra algum mal”.

Não achei o que estava procurando pelo tato. Postei-me atrás de Adão e lá, tal como descrito, bem junto à linha do cabelo havia um sinal de pele. Encostei o dedo nele.

“Podemos conversar sobre isso antes?”

“Não.” Fiz pressão e, soltando um tênue suspiro sibilante, seu corpo amoleceu. Os olhos continuaram abertos. Peguei um lençol para cobri-lo.

Nos dias que se seguiram, duas questões me preocuparam: Miranda se apaixonaria por mim? E os mísseis de fabricação francesa Exocet afundariam a flotilha britânica ao entrar no raio de ação dos caças argentinos? Prestes a adormecer ou pela manhã, enquanto me

demorava na nebulosa terra de ninguém entre os sonhos e o despertar, as duas perguntas se fundiam, os mísseis lançados do ar em direção aos navios se tornavam flechas amorosas.

O que havia de encantador e curioso em Miranda era a facilidade com que ela se ajustava a suas escolhas, o modo como se deixava levar pelo fluxo dos acontecimentos. Naquela noite ela viera para jantar, e após comermos e bebermos durante duas horas agradáveis, transamos, fechando a porta para que Adão não nos visse. Depois passamos o resto da noite conversando. Teria sido igualmente fácil para ela me dar um beijo no rosto terminado o jantar de frango com estragão e se retirar para o andar de cima, para ler um livro de história antes de cair no sono. O que para mim era da maior importância, a realização imediata e espantosa de minhas esperanças, para ela não passava de uma aprazível e em nada surpreendente gulodice após o café. Como um chocolate. Ou uma boa grapa. Nem minha nudez nem minha ternura a afetavam como as dela, em sua gloriosa doçura, me afetavam. Eu estava numa forma decente — musculatura rija, abundante cabelo castanho-escuro —, além de ser generoso e habilidoso, como algumas pessoas tinham sido suficientemente bondosas em me dizer. Era também bom de conversa na cama. Ela mal parecia notar como nos dávamos bem, como um tópico, uma piadinha à toa ou uma mudança de estado de espírito se seguia à outra. Minha autoestima me fazia crer que ela se comportava assim com todo mundo. Suspeitei que nossa primeira noite juntos nem lhe passou pela cabeça no dia seguinte.

Não tive motivos para me queixar quando a segunda noite seguiu o padrão da primeira, exceto que ela cozinhou para mim e dormimos em sua cama, voltando à minha na terceira vez — e assim por diante. A despeito de nossa despreocupada intimidade física, nunca falei sobre meus sentimentos diante do risco de que isso a levasse a admitir

que não sentia nada por mim. Preferi aguardar, deixar que as coisas fossem crescendo normalmente, deixar que ela se sentisse livre até compreender que não estava, que me amava e era tarde demais para dar meia-volta.

Havia vaidade nessa expectativa. Após mais ou menos uma semana, havia também ansiedade. Eu tinha ficado contente ao desligar Adão. Agora, me perguntava se devia reativá-lo para indagar sobre seu sinal de alerta, suas razões, suas fontes. Mas não podia permitir que uma máquina exercesse tal poder sobre mim, como ocorreria caso lhe concedesse o papel de confidente, conselheiro ou oráculo em meus assuntos mais privados. Tinha meu orgulho e acreditava que Miranda era incapaz de uma mentira maliciosa.

No entanto... Senti repugnância de mim mesmo, mas, dez dias depois de iniciado o relacionamento, me lancei a minhas próprias investigações. Fora a questão controversa da “intuição da máquina”, a única fonte possível de Adão era a internet. Percorri as redes sociais. Nada havia sido escrito por Miranda. Ela vivia nos relatos dos amigos. Lá estava em festas ou durante as férias, carregando nos ombros a filha de uma amiga no zoológico, de botas de borracha numa fazenda, de braços dados, dançando ou brincando numa piscina com uma série de amigos de peito nu, com ruidosos grupos de amigas adolescentes, com colegas universitárias de porre. Todos que a conheciam gostavam dela. Ninguém, num site acessível, tinha alguma história sinistra para contar. Vez por outra, os textos confirmavam partes do passado que ela lembrava em nossas conversas noturnas. Em outro contexto, seu nome apareceu devido ao único ensaio acadêmico por ela publicado — “O direito de apascentar porcos em Swyncombe: o papel dos porcos semisselvagens na economia das famílias de uma aldeia medieval dos Chilterns”. Quando o li, meu amor por ela aumentou.

Quanto à mente artificial intuitiva, isso não passava de uma lenda urbana, originada no início de 1968 quando Alan Turing e seu jovem e brilhante colega Demis Hassabis desenvolveram um software capaz de vencer um dos maiores mestres do mundo no velho jogo de go em cinco partidas seguidas. Todos os entendidos sabiam que tal feito não podia ser realizado com o uso da força bruta em matéria de cálculo. O número de jogadas possíveis no go e no xadrez excede em muito o de átomos no universo visível, e o go tem um número exponencialmente maior de jogadas que o xadrez. Os mestres desse jogo não conseguem explicar como obtêm sua supremacia sem invocar um senso profundo do que lhes parece certo em determinada situação no tabuleiro. Por isso, admitiu-se que o computador estava fazendo algo semelhante. Artigos sensacionalistas na imprensa anunciaram uma nova era de softwares humanizados. Os computadores estavam prestes a pensar como nós, imitando as razões frequentemente mal definidas com que tomamos decisões ou fazemos escolhas. Em reação a isso, e num espírito pioneiro de livre acesso, Turing e Hassabis exibiram o software usado. Em entrevistas à imprensa, explicaram o processo de aprendizado profundo das máquinas e as redes neurais. Turing ensaiou explicações para leigos da busca em árvore Monte Carlo, um algoritmo elaborado durante a década de 1940 no bojo do Projeto Manhattan a fim de desenvolver a primeira bomba atômica. Ficou famosa sua irritação quando, num excesso de ambição, ele tentou explicar a matemática PSPACE-completa a um entrevistador de televisão impaciente. Menos conhecida foi sua perda de paciência num canal norte-americano ao descrever o problema central da ciência da computação, a diferença entre as classes de complexidade P e NP. Ele se encontrava diante de uma plateia de estúdio agressiva, composta de “cidadãos comuns”. Publicara recentemente sua solução, que os matemáticos de todo o mundo estavam conferindo. Como

problema, era fácil de formular, mas formidavelmente difícil de resolver. Turing tentava sugerir que uma solução correta e positiva iria gerar descobertas excitantes na biologia e nos conceitos de espaço, tempo e criatividade. A audiência não compartilhava de sua compreensão ou entusiasmo. Aquelas pessoas tinham apenas uma vaga consciência do papel que Turing desempenhara na Segunda Guerra Mundial e não entendiam bem a influência dele em suas vidas, agora que dependiam dos computadores. Consideravam-no um típico intelectual inglês e se compraziam em atormentá-lo com perguntas idiotas. Esse infeliz episódio marcou o fim de sua missão de popularizar aquela área científica.

Antes da confrontação com o mestre japonês de go, que tinha o nível de nove dan, o computador de Turing-Hassabis jogou continuamente milhares de partidas contra si próprio durante um ano. Aprendeu com a experiência, e os dois cientistas, dizendo, muito sensatamente, que tinham dado um passo à frente na reprodução da inteligência humana, sem querer criaram a lenda da intuição da máquina. Nada do que disseram depois foi capaz de pôr rédeas naquela história desembestada.

Enganavam-se os comentaristas que sugeriam que uma vitória do computador acabaria com o jogo. Após sua quinta derrota, o idoso mestre de go, ajudado por um assistente, se levantou lentamente, fez uma reverência para o computador e o congratulou em voz trêmula. Ele disse: “O cavalo montado não acabou com os atletas. Corremos pela pura alegria de correr”. Tinha razão. O jogo, com suas regras simples e infinita complexidade, se tornou até mais popular. Tal como aconteceu com a derrota no pós-guerra de um mestre do xadrez, o triunfo da máquina não foi capaz de desmerecer o jogo. Vencer, assim se dizia, era menos importante que o prazer de enfrentar as complicações do combate. Mas a ideia de que agora existia um software capaz de estranhamente “ler” com precisão determinada situação — ou um rosto, um gesto, o tom emocional de uma

fala — nunca foi apagada, e explica o interesse criado quando Adões e Evas chegaram ao mercado.

Quinze anos é um longo tempo na ciência dos computadores. A potência de processamento e a sofisticação do meu Adão eram muito maiores que as do computador que jogava go. A tecnologia progrediu e Turing foi adiante. Concentrou-se no estudo da tomada de decisões e escreveu um livro famoso: somos inclinados a imaginar padrões e narrativas quando deveríamos estar pensando probabilisticamente se desejamos fazer boas escolhas. A inteligência artificial poderia aperfeiçoar o que já tínhamos, o que éramos. Turing desenvolveu os algoritmos. Todo o seu trabalho inovador foi disponibilizado aos interessados. Adão deve ter se beneficiado disso.

O instituto de Turing fez avançar a inteligência artificial e a biologia computacional. Ele afirmou não estar interessado em ter mais dinheiro do que já tinha. Centenas de cientistas de peso seguiram seu exemplo e ofereceram livre acesso a seus trabalhos, levando em 1987 ao colapso das revistas *Nature* e *Science*. Turing foi muito criticado por isso. Outros disseram que sua obra havia criado dezenas de milhares de empregos em todo o mundo e em diversas áreas — gráficos de computador, aparelhos médicos de imagem, aceleradores de partículas, enovelamento de proteínas, redes elétricas inteligentes, defesa, exploração espacial. Ninguém seria capaz de dar um palpite sobre onde terminaria essa lista.

Por viver desde 1969 abertamente com seu companheiro, Tom Reah, o físico teórico que ganhou o prêmio Nobel em 1989, Turing contribuiu para promover uma crescente revolução social. Quando eclodiu a epidemia de aids, ele levantou uma grande soma a fim de criar um instituto de virologia em Dundee e foi um dos cofundadores de um asilo para doentes terminais. Depois que surgiram os primeiros tratamentos eficazes, fez campanha para reduzir o prazo das patentes e os preços dos remédios, em particular na

África. Continuou a colaborar com Hassabis, que vinha liderando seu próprio grupo desde 1972. Como declarou, Turing gradualmente perdeu a paciência com os compromissos públicos, preferindo se dedicar a seu trabalho “durante minha contagem regressiva”. Ficaram para trás os longos anos de residência em San Francisco, a Medalha Presidencial da Liberdade e um banquete em sua homenagem dado por Carter, o almoço com a sra. Thatcher em Chequers para discutir o financiamento da ciência, o jantar com o presidente do Brasil a fim de persuadi-lo a proteger a Amazônia. Por muito tempo ele foi a imagem pública da revolução dos computadores e a voz da nova genética, quase tão famoso quanto Stephen Hawking. Era agora quase um ermitão. Seus únicos deslocamentos se faziam entre sua casa em Camden Town e o Instituto em King’s Cross, distante dois prédios do Hassabis Centre.

Reah escreveu um longo poema sobre sua vida com Turing, publicado no suplemento literário do *Times* e depois em forma de livro. O poeta e crítico Ian Hamilton disse numa resenha: “Eis aqui um cientista capaz de imaginar e versejar. Tragam-me agora um poeta capaz de explicar a gravidade quântica”. Quando Adão chegou na minha vida, achei que só um poeta, e não uma máquina, poderia me dizer se Miranda algum dia me amaria. Ou mentiria para mim.

Devia haver algoritmos desenvolvidos por Turing no âmago do software empregado nos mísseis Exocet da série 8 que uma empresa francesa, a MBDA, tinha vendido ao governo argentino. Esse terrível armamento, uma vez disparado por um caça na direção geral de algum navio, era capaz de reconhecer o perfil da embarcação e decidir em pleno voo se era amigo ou inimigo. Se amigo, abortava a missão e mergulhava no mar sem causar estrago. Caso errasse o alvo e passasse por cima dele, era capaz de dar a

volta e fazer duas tentativas adicionais. Atingia sua presa à velocidade de oito mil quilômetros por hora. Sua capacidade de fazer opções provavelmente se baseava no programa de reconhecimento facial que Turing havia desenvolvido por volta de 1965. Ele procurava um meio de ajudar as pessoas que sofriam de prosopagnosia, a incapacidade de reconhecer rostos familiares. Os serviços governamentais de controle da imigração, as companhias da indústria de defesa e as empresas de segurança abocanharam o trabalho dele para seu benefício próprio.

Como a França era um parceiro da Grã-Bretanha na Otan, nosso governo fez fortes gestões junto ao Palácio do Eliseu a fim de que a MBDA fosse proibida de vender mais Exocets ou de proporcionar assistência técnica. Um lote destinado ao Peru, aliado da Argentina, foi bloqueado. Porém outros países, inclusive o Irã, estavam prontos a vender. Também havia um mercado negro. Agentes britânicos, se fazendo passar por comerciantes de armas, compraram os estoques disponíveis.

Mas o espírito do mercado livre era irreprimível. Os militares argentinos necessitavam desesperadamente de ajuda com o software do Exocet, que não havia sido completamente instalado quando o conflito irrompeu. Dois especialistas israelenses, agindo de moto próprio e presumivelmente tendo a promessa de uma grande recompensa financeira, voaram para a Argentina. Nunca se soube quem cortou a garganta deles num hotel de Buenos Aires. Muitos acharam que era coisa de agentes secretos britânicos. Se foi, chegaram tarde demais. No dia em que os dois israelenses morreram de hemorragia em suas camas, quatro navios britânicos foram afundados, mais três no dia seguinte e ainda outro no terceiro dia. Ao todo, um porta-aviões, destróieres, fragatas e um transportador de tropas foram a pique. Perderam-se alguns milhares de vidas. Marinheiros, soldados, cozinheiros, médicos e enfermeiras, jornalistas. Após dias de confusão, com os esforços militares

concentrados no salvamento de sobreviventes, o que sobrou da Força-Tarefa deu meia-volta e as Falkland Islands passaram a se chamar Las Malvinas. A junta fascista que governava a Argentina ficou jubilante, sua popularidade foi às nuvens ao serem esquecidos ou perdoados os assassinatos, as torturas e os desaparecimentos de seus cidadãos. O poder da junta se consolidou.

Acompanhei tudo horrorizado — e me sentindo culpado. Depois da excitação de ver os navios de guerra avançando pelo Canal Inglês, apesar da minha oposição à empreitada, eu me tornara um cúmplice, assim como quase todo mundo. A sra. Thatcher saiu do número 10 da Downing Street a fim de fazer uma declaração. De início, não conseguiu falar, depois ficou com os olhos marejados, mas se recusou a ser levada de volta para dentro de casa. Por fim, recuperada mas numa vozinha que não era a dela, fez o discurso em que foi dita a frase famosa: “Tomo tudo sobre os meus ombros”. Assumiu plena responsabilidade. Jamais em toda a sua vida se livraria daquela vergonha. Ofereceu sua demissão. Entretanto, o choque sofrido pela nação por conta de tantas mortes era tão profundo que não havia apetite para ver outras cabeças rolarem. Se ela tinha que ir embora, o mesmo se aplicaria a todos os ministros e à maior parte do país. Um editorial no *Telegraph* dizia o seguinte: “O fracasso pertence a todos nós. Não é o momento de procurar bodes expiatórios”. Teve início um processo bem britânico, remanescente do desastre de Dunquerque, pelo qual uma terrível derrota foi transformada numa pesarosa vitória. A unidade nacional era tudo. Seis semanas depois, um milhão e meio de pessoas se concentraram em Portsmouth para receber os navios que retornavam com suas cargas de cadáveres, seus passageiros queimados e traumatizados. Os que lá não foram assistiram com horror pela televisão.

Repito essa história bem sabida pensando nos leitores mais jovens, que não têm ideia de seu impacto emocional, e

porque serviu como um melancólico pano de fundo para nosso grupo familiar de três membros. O aluguel precisava ser pago e eu estava preocupado com a perda de renda. Não tinha havido nenhuma compra em massa de bandeirinhas da Grã-Bretanha, o consumo de champanhe caiu e a economia geral ficou conturbada, embora os pubs e os hambúrgueres não fossem minimamente afetados. Miranda estava entregue à doença do pai, às Leis do Milho e à crueldade histórica dos donos do poder, com sua indiferença pelo sofrimento. Enquanto isso, Adão permanecia debaixo do lençol. O atraso de Miranda em começar a trabalhar na personalidade dele se devia em parte à tecnofobia, se é que tal termo se aplica ao fato de alguém não gostar de ficar ligado à internet e marcar caixinhas com um toque do mouse. Reclamei, e ela por fim concordou em pôr mãos à obra. Uma semana depois que o que tinha sobrado da Força-Tarefa estava de volta a seu porto de origem, instalei o laptop na mesa da cozinha e localizei o site de Adão. Não era necessário acordá-lo para que ela começasse. Miranda pegou o mouse sem fio e o virou de cabeça para baixo, olhando a parte inferior com ar de nojo. Fiz café para ela e fui trabalhar no quarto.

O valor de meus ativos havia caído pela metade. Eu devia estar tentando recuperar as perdas. Mas o pensamento de que ela estava ali por perto era uma distração. Como acontecia com frequência pela manhã, fiquei pensando na noite anterior. A tristeza que engolfava o país tinha tornado tudo mais intenso. Depois havíamos conversado. Ela descreveu em detalhes sua infância, um idílio destruído pela morte da mãe quando tinha oito anos. Queria levar-me a Salisbury e mostrar os locais importantes. Tomei isso como um sinal de progresso, porém ela tinha ainda que sugerir uma data e não havia dito se desejava que eu conhecesse seu pai.

Eu olhava para a telinha sem vê-la. As paredes e especialmente a porta eram finas. Ela estava avançando

muito lentamente. Após longos intervalos, eu ouvia um estalido decisivo quando ela registrava alguma opção. O silêncio entre um e outro me deixava tenso. Aberto às experiências? Consciencioso? Emocionalmente estável? Passada uma hora, não conseguindo fazer nada de útil, decidi sair de casa. Dei um beijo no alto da cabeça dela ao me esgueirar por trás de sua cadeira. Caminhei na direção de Clapham.

Fazia um calor pouco normal para abril. O tráfego na Clapham High Street era pesado, as calçadas estavam cheias de gente. Faixas negras por toda parte. A ideia tinha vindo dos Estados Unidos. Nos postes de iluminação e portas, nas vitrines, nas maçanetas e antenas dos carros, nos carrinhos de bebê, cadeiras de roda e bicicletas. No centro de Londres, as bandeiras estavam a meio pau nos prédios públicos, faixas pretas pendiam dos mastros em homenagem aos 2920 mortos. As fitas de luto eram usadas nos braços e nas lapelas — eu próprio estava usando uma, assim como Miranda. Iria encontrar uma para Adão. Mulheres, mocinhas e homens extrovertidos as amarravam nos cabelos. A minoria veemente que tinha argumentado contra a invasão também as usava. Para autoridades e celebridades, inclusive a família real, era perigoso não exibir uma tarja negra — os jornais sensacionalistas estavam de olho.

Meu único propósito era andar a fim de dissipar a inquietação. Acelerei as passadas na extremidade comercial da High Street. Passei diante da Associação de Amizade Anglo-Argentina, coberta por tabiques. Uma greve de lixeiros chegava à segunda semana. Os sacos empilhados em torno dos postes atingiam a altura da cintura, o calor gerava um fedor adocicado. O público, ou sua imprensa, concordava com a primeira-ministra em que uma greve num momento como aquele constituía um ato de cruel deslealdade. Mas as exigências salariais eram tão inevitáveis quanto o próximo aumento da inflação. Ninguém

sabia ainda como dissuadir a cobra a não comer seu próprio rabo. Muito em breve, talvez no fim do ano, robôs estoicos, de inteligência insignificante, coletariam o lixo. Os homens a serem substituídos ficariam ainda mais pobres. A taxa de desemprego já era de dezesseis por cento.

Na proximidade do restaurante de comida indiana, bem como na calçada defronte às lojas de fast-food, o cheiro de carne podre era chocante. Prendi a respiração até passar pela estação de metrô. Atravessei a rua e entrei no parque. Ouviam-se os gritos e risos das pessoas agrupadas em volta do lago, onde havia pedalinhos e barcos de brinquedo. As fitas pretas eram usadas até mesmo por alguns meninos que se divertiam patinando na água. Era uma cena alegre, porém não me demorei por lá. Naqueles novos tempos, um homem solitário precisava ficar esperto para não dar a impressão de estar observando um bando de crianças.

Por isso, caminhei até a Holy Trinity Church, um grande galpão de tijolos no estilo Idade da Razão. Não havia ninguém lá dentro. Sentado e curvado para a frente, com os cotovelos apoiados nos joelhos, eu podia ser confundido com um crente. Era um lugar razoável demais para evocar pensamentos sublimes, mas suas linhas arquitetônicas simples e proporções sensatas eram tranquilizadoras. Fiquei satisfeito em ficar por ali algum tempo, na fresca penumbra, deixando que minha mente vagasse de volta à nossa primeira noite juntos, em que eu tinha sido acordado por um prolongado uivo. Um ou dois dias antes de desligar Adão. Confuso, pensei que havia um cachorro no quarto, e já estava quase pulando da cama quando me dei conta de que Miranda estava tendo um pesadelo. Não foi fácil despertá-la. Ela lutava, como se brigasse com alguém, e por duas vezes murmurou: “Não entre, por favor”. Depois, achei que faria bem a ela me contar o sonho. Estava agarrada a mim. Quando voltei a perguntar, ela balançou a cabeça e logo dormiu de novo.

De manhã, tomando café, ela desdenhou de minha pergunta. Só um sonho. Aquele momento de evasão se destacou porque Adão estava atrás de nós, fazendo um bom trabalho na limpeza da janela. Eu não pedira, e sim lhe ordenara que a limpasse. Enquanto eu e Miranda conversávamos, ele tinha feito uma pausa e se virado, como se intrigado por ouvir o relato de um pesadelo. Perguntei-me então se ele próprio estava sujeito a sonhar. Pensava agora em tudo aquilo. Minha ordem naquela manhã tinha sido grosseira. Não devia tratá-lo como um criado. Mais tarde eu o desativei. Eu o mantive desligado por muito tempo. Aquela igreja estava associada a William Wilberforce e ao movimento antiescravagista. Ele teria defendido a causa dos Adões e Evas, o direito de não serem comprados e destruídos, a conquista da dignidade pela via da autodeterminação. Talvez pudessem tomar conta de si próprios. Em breve estariam fazendo o trabalho dos lixeiros. Médicos e advogados viriam logo em seguida. O reconhecimento de padrões e uma memória impecável eram ainda mais fáceis de programar do que a coleta da sujeira da cidade.

Nós poderíamos nos tornar escravos do tempo sem obrigações. E o que aconteceria? Um renascimento geral, uma libertação para o amor, a amizade e a filosofia, arte e ciência, apreciação da natureza, esportes e passatempos, invenção e a busca de sentido na vida? Divertimentos refinados não seriam para todos. O crime violento tinha suas atrações, assim como luta livre, pornografia virtual, jogos de azar, álcool e entorpecentes, até mesmo o tédio e a depressão. Não teríamos controle sobre nossas escolhas. Eu era prova disso.

Vaguei pelos espaços abertos do parque. Quinze minutos depois, cheguei à extremidade oposta e resolvi voltar. A essa altura, Miranda deveria ter feito ao menos um terço de suas opções. Eu estava impaciente para a gente se encontrar antes de ela ir para Salisbury, de onde só voltaria

tarde da noite. Protegi-me do calor à sombra estreita de uma faia da Nova Zelândia. A alguns metros de distância havia um cercado com brinquedos para crianças. Um garotinho de uns quatro anos, vestindo um short verde e largo, sandálias de plástico e uma camiseta branca toda manchada, estava curvado sobre uma gangorra, examinando um objeto no chão. Tentou deslocá-lo com o pé, depois se acocorou e usou a mão.

Eu não tinha reparado em sua mãe, sentada num banco, de costas para mim. Ela falou rispidamente: “Vem cá!”.

O menino levantou os olhos e pareceu que ia, mas voltou a prestar atenção na coisa interessante no chão. Pude ver o que era quando o garoto mudou de posição. Era uma tampa de garrafa, com um brilho fosco, talvez incrustada no asfalto amolecido.

A mulher tinha costas largas, cabelo crespo e negro que se tornava mais esparsa no alto da cabeça. Segurava um cigarro. O cotovelo direito era amparado pela mão esquerda. Apesar do calor, vestia um casaco. Abaixo da gola havia um longo rasgão.

“Tá me ouvindo?” A ameaça veio num tom de voz crescente. Mais uma vez o garoto ergueu a vista, parecendo amedrontado e pronto a obedecer. Deu um meio passo à frente, porém, olhando para trás, viu de novo o objeto que o atraía e hesitou. Ao retomar a posição anterior, pode ter imaginado que iria soltá-lo e levar para sua mãe. Mas pouco interessa o que pensou. Com um ganido de frustração, ela saltou do banco, atravessou correndo os poucos metros de extensão do cercado, jogou fora o cigarro para pegar o menino pelo braço e bateu em suas pernas nuas. Quando a criança começou a gritar, bateu uma segunda e uma terceira vez.

Eu estava me sentindo confortável com meus pensamentos e relutante em ser forçado a abandoná-los. Por um momento pensei em seguir para casa, fingindo — se não para mim, então para o resto do mundo — que não

havia visto coisa nenhuma. Também nada podia fazer acerca da vida daquele garotinho.

Os gritos dele estavam enraivecendo ainda mais sua mãe. “Cala a boca!”, ela berrou várias vezes. “Cala a boca! Cala a boca!”

Ainda assim eu podia ter me forçado a ignorar a cena. Mas, à medida que os gritos do menino se avolumaram, ela pegou seus ombros com as duas mãos, puxando a camisa suja até expor a barriga, e começou a sacudi-lo violentamente.

Há certas decisões, até mesmo morais, que se formam em regiões abaixo dos pensamentos conscientes. Vi-me andando às pressas na direção do playground, passando por cima da cerca e segurando o ombro da mulher.

“Me desculpe, por favor”, eu disse. “Por favor, não faça isso.”

Minha voz soou afetada a meus ouvidos, socialmente superior, untuosa, sem a menor autoridade. Já estava me perguntando aonde aquilo ia levar. Não seria para um futuro de filhos criados com amor e paciência. No entanto, pelo menos ela se voltou para mim, incrédula, e cessou a agressão.

“Como é que é?”

“Ele simplesmente é muito pequeno”, respondi como um idiota. “A senhora vai acabar machucando pra valer.”

“E o que caralho você tem a ver com isso?”

Era a pergunta certa, e por isso não a respondi. “Ele é muito pequeno para entender o que você está querendo.”

O menino gritava enquanto a conversa seguia. Ele então se agarrou à saia da mãe, querendo ir para o colo. Isso era o pior. O carrasco dele era também seu único consolo. Ela me encarava, o cigarro ainda fumegando a seus pés. Sua mão direita se abria e fechava. Tentando disfarçar meu gesto, recuei um pouco. Um desafiava o outro com o olhar. O rosto dela era, ou tinha sido, bem bonito e inteligente, com traços delicados destruídos pela gordura que circundava os olhos,

fazendo com que eles se estreitassem numa expressão de suspicácia. Em outra vida poderia ter sido um rosto bondoso, maternal: arredondado, com maçãs do rosto altas, sardas no topo do nariz, lábios grossos — embora o inferior estivesse cortado. Após vários segundos, notei que suas íris eram diminutas. Ela foi a primeira a afastar a vista. Estava olhando por cima do meu ombro, e logo descobri por quê.

Ela gritou: “Oi, John!”.

Olhei para trás. Seu amigo ou marido, John, também gordo e com o peito nu, vermelho por ter apanhado sol demais, vinha passando pelo portão gradeado do playground.

Ainda distante alguns metros, perguntou em voz alta: “Ele está te sacaneando?”.

“Pra caralho.”

Em algum setor de todas as possibilidades imagináveis — como, por exemplo, a cinemática —, eu não precisava me preocupar. John tinha mais ou menos minha idade, mas era mais baixo, flácido, em pior forma física, menos forte. Naquele outro mundo, se me agredisse, eu poderia derrubá-lo com um soco. Mas neste mundo eu nunca tinha batido em ninguém ao longo de toda a minha vida, nem mesmo quando criança. Eu poderia ter me dito que, se derrubasse o pai com um soco, o menino iria sofrer ainda mais. Mas não foi isso. Eu tinha uma atitude errada, ou melhor, me faltava a atitude correta. Não era medo, certamente não correspondia a um princípio elevado. Quando se tratava de bater em alguém, eu não sabia como começar. E não queria saber.

“Ah, é?”

Agora, depois que a mulher recuou, John me confrontava diretamente. O garotinho continuava a uivar. Pai e filho eram comicamente semelhantes — ambos com cabelos louro-avermelhados cortados à escovinha, rostos pequenos e olhos verdes bem separados.

“Com todo o devido respeito, ele é simplesmente muito pequeno. Não deve apanhar ou ser sacudido.”

“Com todo o devido respeito, quero que você vá se foder. E trata de ir saindo, senão...”

E John de fato parecia pronto a me agredir. Estufou o peito, a velha manobra para se tornar maior usada por sapos, macacos e muitos outros animais. Sua respiração era rápida, os braços estavam bem afastados do corpo. Eu podia ser mais forte, mas ele seria mais imprudente. Tinha menos a perder. Ou a coragem era isso mesmo: apostar que você não ia ser derrubado e que depois ninguém bateria sua cabeça no asfalto várias vezes, com consequências neurológicas para o resto da vida. Um risco que eu não queria correr. A covardia era isso, um excesso de imaginação.

Ergui as mãos num gesto de rendição. “Olha, obviamente não posso obrigar vocês a fazerem nada. Minha única esperança é convencê-los. Para o bem do menino.”

John então disse uma coisa tão surpreendente que fiquei totalmente desarmado, por alguns momentos incapaz de responder.

“Quer ficar com ele?”

“O quê?”

“Pode ficar com ele. Vai em frente. Você entende de crianças. Ele é seu. Leva pra sua casa.”

A essa altura o menino ficara quieto. Olhando mais uma vez para ele, pensei ver algo que faltava no rosto do pai, embora talvez não no da mãe — um sinal tênue, mas mesmo assim radiante, de inteligência, apesar da angústia. Formávamos um grupinho compacto. Acima dos ruídos do tráfego, nos vinham do outro lado do parque os gritos distantes das crianças no lago.

Num impulso, paguei para ver o blefe do pai. “Está bem”, eu disse. “Ele pode vir morar comigo. Cuidamos dos papéis depois.”

Peguei um cartão de visitas na carteira e lhe entreguei. Depois estendi a mão na direção do garotinho que, para minha surpresa, levantou a mão e entrelaçou seus dedos nos meus. Senti-me lisonjeado. “Qual é o nome dele?”

“Mark.”

“Vamos, Mark.”

Juntos, nos afastamos de seus pais, atravessando o playground rumo ao portão de mola.

O menininho disse num sussurro alto: “Vamos fazer de conta que estamos fugindo”. O rosto erguido para mim estava de repente animado, com uma expressão alegre e travessa.

“O.k.”

“Num barco.”

“Muito bem.”

Eu estava prestes a abrir o portão quando ouvi um berro às minhas costas. Dei meia-volta, tentando disfarçar o alívio. A mulher veio correndo em minha direção, puxou o menino e me atacou com a mão aberta. O golpe atingiu meu braço sem maior efeito.

“Tarado!”

Ela ia dar outro tapa quando John falou numa voz cansada: “Para com isso!”.

Saí do cercado e caminhei alguns passos antes de parar e olhar para trás. John estava pondo Mark sobre seus ombros nus. Tive de admirar o pai. Quem sabe havia mais esperteza em seus métodos do que eu fora capaz de reparar. Fez uma oferta impossível e com isso se livrou de mim sem briga. Que pesadelo, levar o garoto até meu apartamentinho, apresentá-lo a Miranda, e depois cuidar de suas necessidades pelos quinze anos seguintes. Notei que a mulher tinha uma fita preta amarrada à manga do casaco. Ela tentava convencer John a pôr a camisa. Ele a ignorava. Enquanto a família atravessava o playground, o menino se voltou em minha direção e ergueu um braço, talvez para se equilibrar, talvez me dando adeus.

As conversas que tínhamos lado a lado na cama, frequentemente em altas horas da noite, eram presididas por uma figura cujos contornos iam se tornando claros à medida que ele pairava diante de nós na escuridão, um fantasma infeliz. Tive de superar o impulso inicial de considerá-lo um rival, hostil à minha própria existência. Procurei por ele na internet e vi seu rosto no correr das décadas, desde que tinha vinte e poucos anos até depois dos cinquenta, evoluindo de bonitas feições algo femininas para uma ruína atraente. Seu nome nada dizia para mim. Alguns de meus amigos o conheciam de reputação, mas nada tinham lido dele. Um perfil, feito cinco anos antes, o desdenhava como “um homem que ficou no quase”. Uma vez que tal expressão descrevia um de meus possíveis destinos, passei a simpatizar um pouco com Maxfield Blacke, compreendendo que amar a filha implicaria aceitar o pai. Sempre que ela voltava de Salisbury, precisava falar sobre ele. Fiquei conhecendo suas diversas dores ou agonias, os prognósticos em constante mutação, o médico arrogante e ignorante substituído pelo médico bondoso e brilhante, o hospital caótico com uma comida surpreendentemente boa, os tratamentos e medicações, as novas esperanças abandonadas e mais tarde restauradas. Ela encontrou mil maneiras de dizer que sua mente permanecia lúcida. O corpo é que se rebelara contra ele, contra si próprio, com a ferocidade de uma guerra civil. Como era penoso para a filha ver a língua do escritor desfigurada por feias manchas negras. Como era penoso para seu pai comer, engolir, falar. Seu sistema imunológico o estava traindo, abandonando.

Havia mais. Ele tinha expelido uma grande pedra do rim, algo tão doloroso quanto um parto natural, segundo Miranda. Tinha quebrado o quadril ao cair no banheiro. A pele coçava de forma intolerável. Agora sofria de gota nas articulações dos polegares. Ler — sua paixão — se tornara difícil porque a catarata lhe prejudicava a visão. Teria de ser

operado, embora odiasse e temesse a ideia de alguém mexendo em seus olhos. Talvez houvesse outros males demasiado humilhantes para serem comentados. A mulher que havia muito tempo tinha se tornado a quarta esposa dele tinha ido embora dois anos antes. Maxfield estava só, dependendo de estranhos que cuidavam de sua saúde e da filha, que morava a quase cento e cinquenta quilômetros de distância. Seus dois filhos de outro casamento às vezes viajavam de Londres, levando vinho, queijos, biografias, o mais moderno relógio-computador. Mas não lhes agradava envolver-se com os cuidados íntimos do pai.

Eu e Miranda não tínhamos idade bastante para compreender inteiramente que um cinquentão ainda era moço demais para esperar ou merecer tantos e tais castigos físicos. No entanto, sua semelhança com Jó, torturado por seu Deus impiedoso, tornava quase uma blasfêmia deixar de ouvi-la. Mas a noite depois do meu encontro no playground foi diferente. Difícil acreditar vindo de um homem apaixonado, mas minha mente estava longe enquanto ela falava do pai. Acabara de voltar de Salisbury, e estava descrevendo um novo tormento enquanto estávamos deitados na cama. Num gesto de consolo, peguei sua mão. Os sofrimentos constantes de um homem que eu nunca vira só podiam atrair minha atenção por um tempo limitado. Ouvindo sem ouvir, fiquei livre para contemplar as recentes e estranhas reviravoltas em minha vida.

No andar de baixo, ainda sentado na mesma dura cadeira de madeira, meu interessante brinquedo esperava sob o lençol, sua personalidade mista instalada naquela tarde enquanto ele dormia. A aventura estava prestes a começar. Junto de mim tinha meu futuro, com toda a certeza. O desequilíbrio em nossos sentimentos seria corrigido. Éramos apenas a corporificação de um padronizado comportamento moderno: relacionamento social seguido de sexo, depois amizade e por fim amor. Não havia nenhuma boa razão pela

qual nós dois devêssemos fazer esse percurso convencional na mesma velocidade. A paciência era tudo.

Nesse meio-tempo, minha ilhota de esperanças estava cercada por um oceano de pesar nacional. Com um senso de oportunidade horrível, a junta tinha hasteado naquele dia quatrocentos e seis bandeiras argentinas em Port Stanley, uma para cada baixa em suas tropas, tendo organizado uma parada militar que percorreu a rua principal deserta e molhada, enquanto em Londres, na catedral de St. Paul, era realizada uma cerimônia religiosa em homenagem a nossos três mil mortos. Vi na televisão depois que voltei do parque. Entre os numerosos membros da elite governante ali presentes, dificilmente duas dúzias deles podiam acreditar que merecia respeito um Deus capaz de preferir uma junta fascista às cores da Grã-Bretanha; ou que os falecidos repousavam num estado de eterna beatitude. No entanto, a tradição laica não tinha um substituto à altura para aqueles versos familiares, altamente polidos pela sinceridade havia muito abandonada das gerações antecedentes. *Ao homem nascido de uma mulher será dada uma vida breve.* Por isso, os hinos foram cantados, os textos impenetráveis e ecoantes foram lidos, as respostas foram dadas em um uníssono irregular — enquanto nós outros chorávamos os mortos nos altares de nossos aparelhos de televisão. Ao contrário de Miranda, também me senti enlutado.

Juntamente com um milhão e meio de outros cidadãos, eu tinha “marchado” pelo centro de Londres para protestar contra a Força-Tarefa. Na verdade, nos arrastamos, parando para esperar em cada um dos muitos engarrafamentos. O paradoxo costumeiro prevaleceu: tema sério, manifestação alegre. Bandas de rock, bandas de jazz, tambores e trompetes, faixas engraçadas, fantasias exóticas, números circenses, discursos e, acima de tudo, a euforia de contar com aquela enorme multidão, levando horas para passar, gente tão diversa, tão claramente decente. Como era fácil acreditar que toda a nação invadira Londres para

demonstrar a verdade óbvia de que a guerra iminente era injusta, desumana, ilógica, potencialmente catastrófica! Mal sabíamos quanta razão tínhamos. Ou quão eficazmente o Parlamento, os jornais sensacionalistas, os militares e dois terços da nação nos tratariam com desprezo. Disseram que éramos impatriotas, defendendo um regime fascista e nos opondo às normas internacionais.

Onde estava Miranda naquele dia? Mal nos conhecíamos então. Ela se encontrava na biblioteca, fazendo as alterações finais em seu ensaio sobre os porcos semisselvagens. Para alguém com vinte e poucos anos, tinha ideias pouco comuns acerca da Força-Tarefa e desconfiava do espírito do que chamava de uma “multidão que se autoadorava”, o consenso fácil, a euforia imbecil. Não compartilhava de minha aptidão para o protesto ou para o sentimento. Não se interessou em ver os navios partirem ou pelo que ficou conhecido como “o afundamento”, tampouco pelo retorno inglório e ainda menos pela cerimônia religiosa realizada na catedral de St. Paul. Enquanto eu tinha passado meses só falando sobre aquilo com os meus amigos e lido todas as opiniões sobre o assunto, Miranda havia se mantido à parte. Quando os navios foram a pique, ela ficou em silêncio. Quando surgiram as fitas pretas, usou uma, mas não se deixou envolver. Como ela dizia, o episódio todo “fedia”.

Agora, deitado ao lado dela e lhe segurando a mão, as luzes alaranjadas da rua atravessavam as cortinas e davam a seu quarto a aparência de um palco. Ela pegara o último trem de volta e esperou por um comboio atrasado do metrô para chegar a Clapham North. Eram quase três da madrugada. Miranda descrevia naquele momento como Maxfield lhe dissera com tristeza que a gota em seus polegares representava uma bênção. A dor era tão violenta e localizada que os outros males tinham ficado em segundo plano.

Continuando a segurar sua mão, eu disse: “Você sabe como quero conhecer seu pai. Deixe eu ir com você na próxima vez”.

Passaram-se vários segundos antes que ela respondesse sonolenta: “Quero ir o mais cedo possível”.

“Ótimo.”

Depois de outra pausa: “Adão tem que ir também”.

Ela acariciou meu braço num gesto de despedida ao virar para o outro lado, afastando-se de mim. Logo sua respiração se tornou regular e profunda, e lá fiquei matutando no lusco-fusco monocromático dos postes de iluminação. Ele vai também. Miranda havia assumido a posse compartilhada, como eu desejava. Mas era difícil visualizar um encontro entre Adão e um escritor rabugento da velha guarda como Maxfield Blacke. Pelo perfil, eu sabia que ele ainda escrevia à mão, detestava computadores, celulares, a internet e todo o resto. Contrariando o clichê dos puritanos, ele aparentemente não “suportava os insensatos”. Ou robôs. Adão precisava ser acordado. Não tinha ainda saído de casa nem sido testado como um ser plausível, capaz de jogar conversa fora. Eu já havia decidido mantê-lo longe do meu círculo de amigos até que se tornasse uma criatura social plenamente desenvolvida. Começar por Maxfield poderia comprometer importantes sub-rotinas. Miranda poderia ter a esperança de distrair o pai e revigorar sua produção literária. Ou tinha a ver comigo, de algum modo aquilo favorecia meus interesses de uma maneira que eu não entendia. Ou — não pude evitar o pensamento — ela estava indo contra eles?

Essa era um má ideia, daquelas que brotam de madrugada. Como todas as elucubrações nascidas da insônia, sua essência residia na repetição. Por que eu deveria me encontrar com seu pai na presença de Adão? Claro que eu poderia perfeitamente insistir em mantê-lo em casa. Mas estaria negando o desejo de uma mulher cujo pai se encontrava à beira da morte. Estaria ele realmente à

beira da morte? Seria possível sofrer de gota no polegar? Nos dois ao mesmo tempo? Será que eu conhecia Miranda de fato? Deitei-me de lado, buscando um canto mais fresco do travesseiro, depois de costas contemplando o teto sarapintado que agora parecia próximo demais, além de amarelo em vez de alaranjado. Me fiz as mesmas perguntas. Depois, reformulei todas para repetir uma a uma. Sabia o que estava prestes a fazer, mas me demorei, preferindo inquietar-me, negando o óbvio durante quase uma hora. Por fim me levantei, vesti a calça jeans e a camiseta, desci descalço a escada do prédio para entrar em meu próprio apartamento.

Na cozinha puxei o lençol sem um segundo de hesitação. Visto de fora, nada havia mudado — olhos cerrados, a mesma cara talhada em bronze, o nariz com um toque de crueldade. Tateei atrás de sua cabeça, achei o ponto e apertei. Enquanto ele esquentava, comi uma tigela de cereais. Quando já estava acabando, ele disse: “Nunca ficarão decepcionados”.

“O que você disse?”

“Estava dizendo que aqueles que creem na vida após a morte nunca ficarão decepcionados.”

“Porque, se estiverem errados, nunca saberão disso.”

“Sim.”

Olhei-o de perto. Estaria agora diferente? Demonstrava expectativa. “Faz todo sentido. Mas, Adão, espero que não pense que se trata de um pensamento profundo.”

Ele não respondeu. Levei minha tigela vazia para a pia e preparei o chá. Sentei-me à mesa diante dele e, após tomar alguns goles, disse: “Por que você falou que eu não podia confiar em Miranda?”.

“Ah, isso...”

“Vamos.”

“Falei na hora errada e sinto muito mesmo.”

“Responda à pergunta.”

Sua voz tinha mudado. Estava mais firme, mais expressiva em suas tonalidades variadas. Mas a atitude... eu precisava de mais tempo. Minha impressão imediata e pouco confiável era de uma presença intacta.

“Só estava pensando em seus melhores interesses.”

“Você acaba de dizer que sente muito.”

“Correto.”

“Preciso saber por que disse o que disse.”

“Há uma pequena porém significativa possibilidade de que ela lhe cause algum mal.”

Disfarcei minha irritação. “Quão significativa?”

“Nos termos propostos por Thomas Bayes, o pastor protestante do século XVIII, eu diria que uma chance em cinco, presumindo que você aceite meus valores para os cálculos.”

Meu pai, conhecedor das progressões harmônicas do bebop, era um tecnóforo convicto. Dizia que qualquer aparelho elétrico defeituoso não precisava mais do que um bom tapa. Tomei o chá e refleti. No conjunto colossal de redes em árvore que governava a tomada de decisões de Adão, um grande peso teria sido dado à razoabilidade.

Eu lhe disse: “Acontece que eu sei que a possibilidade é insignificante, próxima de zero”.

“Entendo. Sinto muito.”

“Todos nós cometemos erros.”

“Sem dúvida.”

“Quantos erros você cometeu em sua vida, Adão?”

“Só esse.”

“Então é importante.”

“Sim.”

“E importante que não seja repetido.”

“Claro.”

“Por isso precisamos avaliar como você o cometeu, não é mesmo?”

“Concordo.”

“Sendo assim, qual foi o seu primeiro passo nesse processo lastimável?”

Ele então falou com confiança. Parecendo ter prazer em explicar seus métodos. “Tenho acesso privilegiado a todos os registros judiciais, tanto nas varas criminais como nas de família, mesmo quando o nome de Miranda não foi divulgado devido ao segredo de Justiça. Mas comparei o caso com outros fatores circunstanciais que também não são de conhecimento público.”

“Bem bolado.”

“Obrigado.”

“Me conte sobre o caso. Com data e lugar.”

“O rapaz, veja bem, sabia perfeitamente que, na primeira vez em que teve relações íntimas com ela...”

Ele parou e me olhou fixamente, com ar de surpresa, como se só então tomasse consciência da minha presença. Imaginei que meu pequeno percurso de descoberta estava chegando ao fim. Ele agora parecia conhecer a importância da reticência.

“Continue.”

“Bom, ela levou meia garrafa de vodca.”

“Diga a data, o lugar e o nome do homem. Rápido!”

“Em outubro... Salisbury. Mas, olhe...”

Ele começou a dar risadinhas, um som ridículo e sibilante. Embaraçoso de testemunhar, mas eu não podia afastar a vista. Seu rosto exibia uma expressão complexa — misto de confusão, ansiedade ou hilaridade jocosa. O manual gabava-se de que ele tinha quarenta expressões faciais. As Evas tinham cinquenta. Tanto quanto eu sabia, a média entre os seres humanos era inferior a vinte e cinco.

“Controle-se, Adão. Nós concordamos que é preciso compreender seu erro.”

Levou mais de um minuto para que ele se controlasse. Tomei o resto do chá e observei o que sabia ser um processo intrincado. Compreendi que a personalidade de Adão não era como uma concha, que envolvesse e limitasse

sua capacidade de raciocínio coerente; que sua sinuosidade, se era isso que o motivava, não ficava num ponto situado abaixo da razão. Como a minha também não ficava. Seu impulso racional de colaborar comigo pode ter percorrido suas redes neurais à metade da velocidade da luz, mas não teria sido subitamente bloqueado na junção lógica de uma persona recém-gerada. Em vez disso, esses dois elementos estavam entrelaçados em sua origem, como as serpentes no caduceu de Mercúrio. Adão via o mundo e o compreendia através do prisma de sua personalidade; sua personalidade estava a serviço de sua razão e suas constantes atualizações. Desde o início de nossa conversa, seu interesse tinha sido simultaneamente evitar a repetição de um erro e ocultar de mim certas informações. Quando os dois objetivos se tornaram incompatíveis, ele ficara incapacitado e tinha soltado risadinhas como uma criança na igreja. O que quer que havíamos escolhido para ele residia num ponto bem acima dos complexos ramos que governavam seu processo de tomada de decisões. Por conta de uma diferente definição de caráter, ele poderia simplesmente ter ficado em silêncio; por conta de outra, poderia sentir-se obrigado a me contar tudo. Nos dois casos havia argumentos favoráveis.

Eu agora sabia pouco mais do que nada, o bastante para me preocupar mas não para ir adiante mesmo se tivesse acesso às sessões fechadas dos tribunais: Miranda como testemunha, vítima ou acusada, sexo com um rapaz, vodca, um julgamento, certo outubro em Salisbury.

Adão se calara. Sua expressão, o material especial de que era feito seu rosto, indistinguível da pele humana, permanecia descontraída numa neutralidade expectante. Eu poderia ter subido para acordar Miranda e confrontá-la com as perguntas óbvias, esclarecendo tudo entre nós. Ou poderia esperar e refletir, guardando o que sabia a fim de me brindar com a ilusão do controle. Nos dois casos havia argumentos favoráveis.

Mas não hesitei. Fui para o quarto, despi-me, amontoei as roupas em cima da escrivaninha e me deitei nu sob a coberta de verão. Já era quase dia. Gostaria de ser tranquilizado e ouvir, superando o coro do amanhecer, o som do leiteiro indo de porta em porta, fazendo tilintar as garrafas nos degraus. Mas o último dos carrinhos elétricos de entrega de leite havia desaparecido de nossas ruas. Uma vergonha. No entanto, eu me sentia cansado e de repente confortável. Há uma sensualidade especial numa cama que não é compartilhada, ao menos por algum tempo, até que dormir sozinho assuma sua própria tristeza serena.

Três

Na sala de espera do consultório do médico local, um conjunto de doze cadeiras compradas em segunda mão estava encostado às paredes daquilo que no passado tinha sido uma sala de visitas da era vitoriana. No centro, viam-se algumas revistas sobre uma mesinha baixa de madeira compensada, com pernas finas de metal. Apanhei uma delas, mas estava pegajosa e a pus de volta imediatamente. Num canto, alguns brinquedos coloridos mas estropiados: uma girafa sem cabeça, um carro sem uma das rodas, tijolinhos de plástico mastigados — todos gentilmente doados. Não havia crianças em nosso grupo de nove pacientes. Eu buscava a todo custo evitar o olhar dos outros, qualquer conversinha besta ou intercâmbio de diagnósticos. Mantive a respiração rasa pois o ar à minha volta poderia estar contaminado por patógenos. Não pertencia àquele lugar. Não estava doente, meu problema não era sistêmico e sim periférico, uma unha do pé encravada. Era o mais jovem na sala, certamente o que estava em melhor forma física. Um deus entre mortais, com consulta marcada não com o médico e sim com a enfermeira. Eu me mantinha mais além do raio de ação da mortalidade. A decadência e a morte eram para os outros. Esperava que meu nome fosse chamado em primeiro lugar. No fim das contas enfrentei uma longa espera. Fui o penúltimo.

Na parede à minha frente havia um mural de cortiça com panfletos promovendo a detecção precoce disso ou daquilo,

hábitos salutareos de vida, alertas sombrios. Tive tempo de ler todos. Certa foto mostrava um cavalheiro idoso de cardigã e chinelos perto de uma janela. Sem erguer a mão à boca, ele dava um forte espirro na direção de uma menina risonha. A iluminação de fundo revelava dezenas de milhares de partículas chovendo sobre a garota — gotículas de fluido repleto de germes compartilhadas por um velho imbecil.

Refleti sobre a longa e estranha história que estava por trás daquela cena. A ideia de que os germes eram responsáveis pela disseminação de doenças só foi amplamente aceita na década de 1880 graças ao trabalho de Louis Pasteur e outros, apenas cem anos antes de aquele cartaz ter sido criado. Até então, a despeito de uns poucos dissidentes, prevalecia a teoria do miasma — a doença tinha origem no ar ruim, nos maus cheiros, na decomposição ou mesmo no ar da noite, razão pela qual as janelas eram devidamente fechadas. Mas o aparelho que teria contado a verdade estava disponível duzentos anos antes de Pasteur. O cientista amador do século XVII que melhor sabia como fabricar e utilizar tal aparelho era conhecido da elite científica de Londres.

Quando Antonie van Leeuwenhoek, um pacato cidadão de Delft, negociante de tecidos e amigo de Vermeer, começou a enviar suas observações sobre a vida microscópica para a Royal Society em 1673, revelou um novo mundo e iniciou uma revolução biológica. Descreveu meticulosamente as células de plantas e as fibras musculares, organismos unicelulares, seus próprios espermatozoides, bactérias colhidas em sua boca. Seus microscópios exigiam a luz do sol e tinham uma só lente, mas ninguém era capaz de polí-la como ele. Trabalhava com um poder de ampliação de duzentos e setenta e cinco vezes ou mais. Ao fim de sua vida, a revista *Philosophical Transactions of the Royal Society* tinha publicado cento e noventa de seus relatos.

Suponha que algum jovem bem espertinho fosse membro da Royal Society e estivesse à toa na biblioteca depois de um bom almoço. Pegando um exemplar de *Transactions*, ele teria começado a especular que alguns daqueles organismos minúsculos poderiam fazer com que a carne apodrecesse ou seriam capazes de se multiplicar na corrente sanguínea, provocando doenças. Tinha havido outros jovens brilhantes na Society no passado e muitos ainda viriam depois. Mas este precisaria se interessar pela medicina além de ter curiosidade científica. A medicina e a ciência só se tornaram parceiras para valer já bem avançado o século xx. Mesmo na década de 1950, amígdalas eram sistematicamente extirpadas das gargantas de crianças saudáveis porque era praxe, e não com base em evidências sólidas. Um médico dos tempos de Leeuwenhoek acreditaria com facilidade que tudo que havia para saber em seu campo de atuação já era bem compreendido. A autoridade de Galeno, ativo no século II, era quase total. Transcorreu muito tempo antes que os praticantes da medicina, em geral muito arrogantes, se curvassem humildemente sobre um microscópio a fim de aprender os princípios básicos da vida orgânica.

Mas nosso homem, cujo nome se tornaria conhecido de todos, é diferente. Suas hipóteses serão passíveis de serem testadas. Ele pede emprestado um microscópio — Robert Hooke, um conceituado colega da Society, certamente o atenderá — e se põe a trabalhar. Começa a ganhar corpo uma teoria segundo a qual a doença é causada por germes. Outros se juntam à pesquisa. Talvez dentro de vinte anos os cirurgiões irão lavar as mãos no intervalo entre dois pacientes. As reputações de médicos esquecidos, como Hugh de Lucca e Girolamo Fracastoro, são recuperadas. Por volta da metade do século XVIII, os partos se tornam mais seguros; nascem homens e mulheres geniais que de outro modo teriam morrido ainda bebês. Eles são capazes de mudar o rumo da política, das artes, das ciências. Figuras

pavorosas que podem causar grandes males também surgem. De formas menores, ou quem sabe maiores, a história segue um curso diferente muito depois que nosso jovem e brilhante membro da Royal Society fica velho e morre.

O presente é o mais frágil dos artefatos improváveis. Podia ser diferente. Qualquer parte dele, ou sua totalidade, podia ser outra coisa. Isso é verdade em todas as escalas, do menor ao maior. É bem fácil imaginar um mundo em que minha unha do pé não se voltara contra mim; em que eu fosse rico, vivendo ao norte do Tâmis depois que um dos meus esquemas tivesse dado certo; em que Shakespeare tivesse morrido na infância e ninguém sentiria falta dele; em que os Estados Unidos houvessem decidido jogar sobre uma cidade japonesa a bomba atômica que tinham testado até torná-la perfeita; ou em que a Força-Tarefa das Falklands não tivesse partido, ou voltasse vitoriosa para que o país não ficasse de luto; em que Adão fosse um objeto montado no futuro distante; ou em que, sessenta e seis milhões de anos atrás, a Terra tivesse girado alguns minutos a mais antes que o meteoro caísse, de modo que este não teria acertado a fina areia de gipsita do Iucatã, ao contrário, cobriria o sol, e assim os dinossauros teriam continuado vivos — ocupando o espaço dos mamíferos, aí incluídos os macacos inteligentes.

Meu tratamento, quando por fim chegou, teve início de forma agradável, com o pé nu enfiado num balde de água quente e cheia de sabão. Enquanto isso, de costas para mim, a enfermeira, uma mulher grandona e amigável de Gana, arrumava seus instrumentos de aço numa bandeja. Sua perícia era tão completa quanto sua autoconfiança. Não mencionou anestesia, e eu era orgulhoso demais para perguntar, mas quando ela plantou meu pé sobre seus joelhos cobertos pelo avental, iniciando a intervenção na unha que crescia para dentro, meu orgulho não me impediu de soltar um guincho no momento crucial. O alívio foi

imediatamente. Caminhei pela rua como se deslizasse sobre rodas de borracha, a caminho da minha casa, o centro das minhas preocupações, que ultimamente se transferira de Miranda para Adão.

Seu caráter estava fixado, pronto, vindo de duas fontes irreversivelmente fundidas. Os pais curiosos de uma criança que está crescendo podem se perguntar quais características provêm dele, quais provêm dela. Eu observava Adão atentamente. Sabia quais as perguntas respondidas por Miranda, porém não o que ela decidira. Notei que havia desaparecido certo ar vago em seu rosto, que ele parecia mais dono de si, mais hábil em suas interações conosco e sem dúvida mais expressivo. Mas eu lutava para compreender o que isso me dizia de Miranda ou, verdade seja dita, de mim mesmo. Nos seres humanos, a recombinação é infinitamente sutil, ou então cruel e transparentemente desequilibrada. Os pais se mesclam, como fluidos misturados, porém o rosto da mãe pode ser fielmente replicado no filho, assim como o pai pode não conseguir transmitir seu dom cômico. Lembrei-me de que o pequeno Mark era uma comovente versão dos traços do pai. Mas, na personalidade de Adão, Miranda e eu estávamos bem embaralhados e, como acontece com os seres humanos, sua herança era fortemente influenciada pela capacidade de aprender. Talvez ele tivesse minha tendência para teorizar ao léu. Talvez tivesse algo da natureza reservada de Miranda, seu ensimesmamento, seu gosto pela solidão. Com frequência Adão se fechava dentro de si próprio, cantarolando baixinho ou murmurando “Ah!”. Então pronunciava o que julgava ser uma verdade importante. A observação interrompida acerca da vida após a morte foi o primeiro exemplo.

Outro exemplo foi dado quando estávamos ao ar livre, em minha pequena fração de jardim nos fundos do prédio, limitado por uma cerca quebrada feita de estacas. Ele ajudava a arrancar ervas daninhas. Pouco antes do pôr do

sol o ar estava ainda quente e parado, banhado por uma luz irreal cor de âmbar. Uma semana se passara desde nossa troca de palavras tarde da noite. Eu o levava para fora pois ainda me interessava por sua destreza. Queria vê-lo manejar uma enxada e um ancinho. Além disso, planejava apresentá-lo ao mundo que ficava mais além da mesa da cozinha. Os vizinhos de ambos os lados eram amistosos e havia uma chance de que ele pudesse testar suas habilidades em matéria de conversa-fiada. Se fôssemos viajar juntos para Salisbury a fim de conhecermos Maxfield Blacke, eu queria preparar Adão levando-o antes a algumas lojas, talvez a um pub. Tinha certeza de que ele podia passar por uma pessoa, porém necessitava ficar mais à vontade, sua capacidade de aprendizado como máquina precisava ser expandida.

Eu desejava muito ver quão bom ele era na identificação de plantas. Obviamente, sabia tudo. Matricária, cenoura silvestre, camomila. Enquanto trabalhava, balbuciava os nomes para si próprio, e não para me impressionar. Calçou luvas de jardinagem para arrancar urtigas. Puro mimetismo. Mais tarde, se empertigou e olhou com aparente interesse para um espetacular pôr do sol intersectado por fios de eletricidade e telefone e emoldurado por uma série cada vez mais remota de telhados vitorianos. Com as mãos nos quadris, se inclinou para trás como se doesse a parte de baixo da coluna. Respirou fundo para indicar sua apreciação do ar noturno. E então, assim sem mais nem menos, disse: “Visto de certo ângulo, a única solução para o sofrimento seria a completa extinção da humanidade”.

Sim, era por isso que ele precisava circular. No âmago de sua fiação havia provavelmente um conjunto de sub-rotinas: sociabilidade/conversa/aberturas interessantes.

Mas decidi entrar no jogo. “Já se disse que matar todo mundo seria uma cura para o câncer. O utilitarismo pode ser logicamente absurdo.”

Adão retrucou “Claro!” de forma abrupta. Olhei surpreso para ele, que me deu as costas e se curvou para continuar a trabalhar.

As percepções de Adão, mesmo quando válidas, eram socialmente ineptas. Em nossa primeira expedição para fora de casa, caminhamos duzentos metros até chegar à revistaria do sr. Syed. Passamos por algumas pessoas na rua e ninguém lançou um segundo olhar para Adão. Isso foi positivo. Por cima da pele, ele vestia um pulôver amarelo bem justo no corpo, tricotado por minha mãe em seu último ano de vida. Usava jeans branco e mocassins de lona, comprados para ele por Miranda. Ela prometera comprar roupas que fossem só dele. Com seu peito e braços musculosos, ele poderia passar por um personal trainer da academia do bairro.

Quando a calçada se estreitou entre uma árvore e o muro de um jardim, vi como Adão se pôs de lado para deixar passar uma mulher que empurrava um carrinho de bebê.

Ao nos aproximarmos da loja, ele disse, de modo algo absurdo: “É bom sair”.

Simon Syed tinha crescido numa grande aldeia cinquenta quilômetros ao norte de Calcutá. Seu professor de inglês na escola era um anglófilo e mestre rigorosíssimo, que havia forçado seus alunos a falarem nosso idioma de forma perfeita e elegante. Nunca perguntei a Simon como e por que ele recebera um primeiro nome cristão. Talvez o desejo de se integrar, ou fruto da insistência do excelente professor no momento da partida. Vindo de Calcutá, ele chegou ao norte de Clapham com quase vinte anos e começou a trabalhar imediatamente na loja do tio. Trinta anos depois, o tio havia morrido e a loja passara às mãos do sobrinho, que ainda sustentava a tia com a renda auferida. Também sustentava a esposa e três filhos adultos, porém não gostava de falar sobre eles. Era muçulmano, mais por força da cultura que pela prática religiosa. Se havia tristeza em sua vida, estava bem oculta por trás de seu

comportamento altivo. Agora com sessenta e poucos anos, era magricela, careca, muito arrumado, com um bigodinho que terminava em pontas afiadas. Havia uma revista de antropologia, não disponível na internet, que ele guardava para mim. Não se importava quando eu ia passar os olhos pelas primeiras páginas dos jornais de todo o mundo durante os dias da Força-Tarefa. Divertia-se com minha preferência por chocolates de baixa qualidade — daquelas marcas globais inventadas entre as duas grandes guerras. No meio das tardes, depois de horas diante da telinha, eu ansiava por açúcar.

Daquela forma estranha pela qual revelamos nossas intimidades a meros conhecidos, eu havia falado a Simon sobre minha nova namorada. Quando fui à loja na companhia de Miranda, ele a havia visto.

Agora, sempre que eu lá aparecia, sua primeira pergunta era: “Como estão indo as coisas?”. Ele gostava de me dizer, por pura bondade: “Não tem dúvida. O destino dela é você. Não há como escapar! Felicidade eterna para os dois”. Eu sentia que muitos desapontamentos se acumulavam por trás dele. Era velho o bastante para ser meu pai e queria para mim o que havia lhe escapado.

Não havia outros fregueses quando Adão e eu entramos na loja entulhada, com seu cheiro que era um misto de tinta de imprensa, pó de amendoim e cosméticos baratos. Simon levantou-se da cadeira de madeira em que se sentava atrás da caixa registradora. Como eu não estava a sós, ia dispensar a pergunta de praxe.

Fiz as apresentações: “Simon. Meu amigo Adão”.

Simon fez um sinal com a cabeça. Adão disse: “Oi”, dando um sorriso.

Fiquei tranquilizado. Um bom começo. Se Simon tinha notado a aparência estranha dos olhos de Adão, nada demonstrou. Era uma reação comum, como eu logo descobriria. As pessoas imaginavam se tratar de uma deformidade congênita e desviavam educadamente a vista.

Simon e eu conversamos sobre críquete — três bolas consecutivas rebatidas diretamente para fora das linhas e uma invasão de campo no jogo entre a Índia e a Inglaterra — enquanto Adão se manteve afastado, diante de uma prateleira cheia de latas. Elas seriam imediatamente conhecidas por ele, suas histórias comerciais, parcela do mercado ocupada por cada uma, valores nutricionais. Mas enquanto batíamos papo, era óbvio que ele não estava olhando para as latas de ervilha ou algo do gênero. Seu rosto estava imóvel. Ele não se mexera nos últimos dois minutos. Fiquei preocupado com a possibilidade de que ocorresse alguma coisa incomum ou desagradável. Simon fingiu cortesmente que não havia reparado. Era possível que Adão tivesse se posto num modo de descanso. Fiz uma anotação mental: ele precisava manter uma aparência plausível sempre que não estivesse fazendo nada. Seus olhos continuavam abertos, porém não piscavam. Talvez eu tivesse saído com ele cedo demais. Simon ficaria ofendido por eu haver tentado fazer passar Adão por uma pessoa, um amigo. Poderia parecer um escárnio, uma piada de mau gosto. Eu teria traído um conhecido simpático.

A conversa sobre críquete começou a perder a graça. O olhar de Simon fixou-se em Adão, depois em mim. Ele disse com delicadeza: “Sua revista *Anthropos* chegou”.

Tratei prontamente de me dirigir até onde ficavam as revistas e onde Adão também se encontrava. Anos antes, Simon tinha substituído, na prateleira superior, revistas de pornografia ligeira por publicações especializadas, tais como revistas literárias, boletins acadêmicos de relações internacionais, história, entomologia. Um bom número de intelectuais já meio velhos e desleixados morava nas vizinhanças.

Quando me virei de costas, ele acrescentou: “Quer que eu pegue?”. Uma brincadeirinha para aliviar a tensão. Simon é mais alto e geralmente pega para mim.

Uma única palavra fez Adão reviver. Com um tênue zumbido, que tive a esperança de ter sido o único a ouvir, ele se voltou na direção de Simon e lhe disse de modo bem formal: “O senhor falou a palavra ‘eu’. Uma coincidência. Ultimamente tenho pensado no mistério do eu. Alguns dizem se tratar de um elemento ou processo orgânico encravado nas estruturas neurais. Outros insistem que é uma ilusão, um subproduto de nossas predisposições narrativas”.

Após um silêncio, Simon se aprumou um pouco e disse: “Muito bem, meu senhor, e o que é então? O que decidiu?”.

“É a maneira pela qual sou feito. Não posso deixar de concluir que tenho um sentimento muito forte de minha identidade pessoal, que o eu decerto é real, e que algum dia a neurociência o descreverá completamente. Mesmo quando o fizer, não conhecerei este meu eu nem um pouco melhor do que o conheço agora. Mas de fato tenho momentos de dúvida quando me pergunto se estou sujeito a uma forma de erro cartesiano.”

A essa altura eu já tinha apanhado a revista e me preparava para sair. “Veja os budistas”, disse Simon. “Eles preferem ir tocando a vida sem um eu.”

“Verdade. Gostaria de conversar com um deles. O senhor conhece algum?”

Simon foi enfático. “Não, senhor. Absolutamente nenhum.”

Ergui a mão num gesto de despedida e, pegando Adão pelo cotovelo, o guiei rumo à porta.

Era um lugar-comum em matéria de amor romântico, mas nem por isso menos doloroso: quanto mais fortes meus sentimentos, mais distante e inalcançável Miranda parecia. Como me queixar, se a tivera naquela primeira noite mesmo, depois do jantar? Nós nos divertíamos, conversávamos com facilidade, comíamos e dormíamos

juntos quase todas as noites. No entanto, eu estava ávido por algo mais. Embora tentasse não demonstrá-lo. Queria que ela se abrisse comigo, me desejasse, mostrasse fome de mim, tivesse algum prazer comigo. Em vez disso, eu continuava a ter a impressão de que ela era indiferente, podia me abandonar a qualquer momento. Tudo de bom que acontecia entre nós — sexo, comida, filmes, novas peças de teatro — era instigado por mim. Sem mim, ela deslizava em silêncio para seu modo-padrão no andar de cima, para um livro sobre as Leis do Milho, uma tigela de cereais, uma xícara de chá de ervas fraco. Encolhida numa poltrona. Descalça e esquecida do mundo. Às vezes ficava sentada por longos períodos sem um livro. Se eu enfiasse a cabeça em sua porta (agora cada um tinha a chave do apartamento do outro) e dissesse: “Que tal uma hora de sexo frenético?”, ela respondia calmamente: “Tudo bem” — e iríamos para o quarto dela ou para o meu, onde ambos teríamos um prazer esplêndido. Depois ela tomava um banho de chuveiro e voltava para sua cadeira, a menos que eu sugerisse alguma outra coisa, um copo de vinho, um risoto, um saxofonista quase famoso num pub de Stockwell. Outra vez “tudo bem”.

Qualquer coisa que eu propusesse, dentro ou fora de casa, era recebido por ela com a mesma prontidão tranquila. Feliz de nos darmos as mãos. Mas havia uma coisa, ou muitas coisas, que eu não compreendia, ou ela não queria que eu conhecesse. Sempre que tinha um seminário ou precisava consultar algum livro na biblioteca, Miranda voltava da universidade no fim da tarde. Uma vez por semana, ainda mais tarde. Levei algum tempo para entender que era sempre às sextas-feiras. Por fim, ela me contou que ia à mesquita do Regent’s Park para as orações daquele dia. Isso me surpreendeu. Mas não, ela não pensava em abandonar o ateísmo. Tinha em mente um trabalho sobre história social que talvez escrevesse. Não me convenci, mas deixei o assunto de lado.

O que nos faltava era intimidade nas conversas. Estávamos mais próximos quando falávamos sobre a Força-Tarefa. Quando íamos a um bar, os assuntos eram de caráter geral. Ela se sentia feliz em sua solidão ou com comentários animados acerca de questões públicas, porém não havia nada de pessoal no meio, com exceção da doença do pai ou de sua carreira literária. Se eu tentasse nos conduzir delicadamente rumo ao passado, talvez iniciando de leve com alguma coisa sobre mim ou uma pergunta sobre a sua juventude, Miranda apelava rapidamente para generalidades ou para um relato dos primeiros anos de sua infância, quando não para alguma historinha sobre algum conhecido. Contei-lhe acerca de minha excursão imbecil no terreno da fraude fiscal, minha experiência no tribunal e o tédio das horas de serviço comunitário. Eu lhe contaria de qualquer modo. Mas esse foi meu pretexto para lhe perguntar se ela alguma vez tinha participado de algum julgamento. A resposta foi abrupta. Nunca! E então mudou de assunto. Eu tinha tido vários casos promissores e me apaixonado, ou quase me apaixonado, duas ou três vezes antes, dependendo do que se entende por estar apaixonado. Considerava-me um perito, e sabia que não cabia pressioná-la. Achava ainda que podia obter maiores informações de Adão sobre o assunto de Salisbury. Se eu não conhecia seu segredo, ao menos ela não sabia que eu sabia que ela tinha algo a esconder. O tato era tudo. Eu ainda não lhe dissera que a amava nem manifestara minhas fantasias sobre um futuro compartilhado, e muito menos dera o menor indício de minha frustração. Deixava-a a sós com seus livros ou pensamentos sempre que ela dava algum sinal de desejar isso. Embora a matéria não estivesse no meu campo de interesses, tratei de me familiarizar com as Leis do Milho e desenvolvi certas ideias próprias acerca do livre-comércio. Ela não as desprezou, tampouco se mostrou impressionada.

Assim, lá estávamos no andar de cima, em sua cozinha menor que a minha. À mesa de plástico branco moldado só podiam se sentar duas pessoas, tendo sido talvez roubada do jardim de um pub por algum inquilino anterior. De pé junto à pia, com espuma até os cotovelos, Adão lavava os pratos e talheres que lhe havíamos entregado ao final da refeição — *Yorkshire pudding* com linguiças, feijões cozidos, ovos fritos. Comida de estudantes. No peitoril da janela, onde as cortinas amarelas de algodão listradas nos protegiam da surpreendente onda de calor naquele fim de verão, o rádio tocava uma música dos Beatles, recentemente reunidos depois de doze anos de separação. O álbum que lançaram, *Love and Lemons*, tinha sido criticado por sua grandiosidade, por não resistir à atração e aos excessos de uma orquestra sinfônica com mais de oitenta integrantes. A sensação geral era de que quem tinha lidado durante metade da vida apenas com um conjunto de acordes de violão não era capaz de controlar tais forças. Nem queríamos que nos dissessem mais uma vez, reclamou o crítico do *Times*, que tudo de que precisávamos era o amor, mesmo se isso fosse verdade — e não era.

Mas eu gostava da sentimentalidade poderosa da canção, esvaziada de ironia por aqueles intérpretes de meia-idade, tão confiantes e afinados, liberados pela útil ignorância de dois séculos e meio de experimentação sinfônica. A voz rouca de Lennon chegava a nós de algum lugar longínquo e ecoante, mais além do horizonte — ou do túmulo. Não me importava de ouvir de novo sobre o amor. Ali, diante de mim, estavam todas as suas cálidas possibilidades, a uns sessenta centímetros de distância, e isso era tudo de que eu precisava. Ali estava seu rosto comprido e belamente moldado (aqueles angulosos ossos malares algum dia poderiam perfurar-lhe a pele), o ar divertido e no momento ainda alegre, os olhos semicerrados fixados em mim, os lábios entreabertos pois ela estava prestes a contradizer o

que eu havia terminado de falar. O nariz perfeitamente alongado se contraiu de leve na base das narinas antecipando sua objeção. Sua palidez acentuava os finos cabelos castanhos, naquela noite repartidos exatamente no meio, como os de uma criança. Contrariando a moda, ela se mantinha longe do sol. Seus braços alvos também eram delgados e sem mácula — nem uma única sarda.

Do meu ponto de vista, ainda acampávamos no sopé da montanha, em meio a possibilidades cuja realização se erguia como cumes distantes. Eu procurava ignorá-los a fim de cuidar dos detalhes. Do ponto de vista dela, olhando as coisas do outro lado daquela frágil mesa, talvez já houvéssemos atingido nosso ponto culminante. Ela pode ter pensado que estava tão próxima quanto jamais desejaria estar, ou poderia estar, de outra pessoa. As histórias de amor, do tipo daquelas contadas por Jane Austen, costumavam se encerrar de modo casto com as preparações para o casamento. Agora, o clímax dessas histórias ficava mais além do conhecimento carnal, onde estavam à espreita todas as complexidades.

No momento, eu precisava debater um assunto político com ela sem que nossos sentimentos se exacerbassem e mais tarde se tornassem amargos, ao mesmo tempo que me mantinha fiel a minhas convicções e permitia que ela também o fosse com as suas. Era um ato de equilíbrio possível desde que eu bebesse menos da metade da garrafa de um Médoc algo zurrapa que se encontrava entre nós dois. Tínhamos tido essa conversa antes e deveria ser mais fácil agora, porém a repetição parecia constituir uma acusação a ambos. Não queríamos realmente estar falando daquilo. Impossível evitar, embora soubéssemos que não ia levar a lugar nenhum. Mas era assim com todo mundo. Ainda fazíamos curativos na ferida. Como poderíamos eu e Miranda viver juntos para sempre caso não fôssemos capazes de nos pôr de acordo sobre alguma coisa tão fundamental quanto a guerra?

Ela tinha ideias firmes acerca das ilhas antes chamadas de Falklands. Insistiu que plantar a bandeira argentina na remota South Georgia havia sido uma clara violação das leis internacionais. Eu disse que se tratava de um local inóspito e que ninguém devia ser obrigado a lutar até a morte por ele. Ela retrucou que a tomada de Port Stanley era o ato desesperado de um regime impopular que buscava excitar o fervor patriótico. Eu disse que essa era uma razão a mais para não nos envolvermos com aquilo. Ela retrucou que a Força-Tarefa era uma concepção corajosa e brilhante, mesmo se fracassada. Relembrando com incômodo meu estado emocional quando os navios zarparam, eu disse que aquilo havia sido uma reencenação ridícula de nossa perdida grandeza imperial. Como eu era incapaz de ver, ela retrucou, que se tratava de uma guerra antifascista? Não (eu falei ao mesmo tempo que ela), era uma briga sobre posse territorial, alimentada em ambos os lados pela imbecilidade nacionalista. Invoquei a observação de Borges: dois carecas lutando por um pente. Ela retrucou que um homem careca poderia entregar seu pente aos filhos. Eu me esforçava para entender isso quando ela acrescentou que os generais tinham torturado, feito desaparecer e assassinado milhares de seus cidadãos, além de estarem arruinando a economia. Se houvéssemos retomado as ilhas, a humilhação teria acabado com o regime militar e a democracia retornaria à Argentina. Respondi que ela não tinha como saber isso. Havíamos perdido milhares de jovens homens e mulheres por causa das ambições da sra. Thatcher. Percebi que meu tom de voz já estava começando a subir. Recomecei em voz mais baixa porém com certo tremor: o fato de que ela permanecia no cargo depois de tal massacre era o maior escândalo político de nossos tempos. Meu tom definitivo mereceu um momento de silêncio respeitoso, mas Miranda logo reagiu para me dizer que a primeira-ministra havia fracassado por uma causa decente

e era apoiada por quase todo o Parlamento e pelo país, tendo assim o direito de continuar no cargo.

Durante essa conversa, Adão terminou com os pratos e se encostou na pia para nos observar, com os braços cruzados, a cabeça se voltando para um lado e para o outro a fim de acompanhar quem falava, como um espectador numa partida de tênis. Nossa conversa não foi exatamente cansativa, porém a repetição lhe dera um ar de ritual. Como exércitos que se confrontam, havíamos ocupado nossas posições e tencionávamos sustentá-las. Miranda estava me dizendo que a Força-Tarefa partira sem levar os necessários mísseis mar-ar. Os chefes militares tinham comprometido suas tropas. Eu costumava ouvir esses termos — míssil mar-ar, dispositivo de guiagem, ponta de titânio — apenas no bar da casa de estudantes de Warwickshire, e ditos por homens, gente da esquerda política cujas opiniões eram complicadas por sua admiração tácita pelos sistemas de armas que eles condenavam. Com sua maneira de falar suave e fluente, ela misturava esses e outros conceitos do léxico do poder constituído — sociedade aberta, respeito às leis, restauração da democracia. Talvez eu estivesse ouvindo seu pai.

Enquanto ela falava, me voltei para observar a fisionomia de Adão. O que vi foi uma devotada atenção. Mais que isso. Um olhar de prazer. Ele adorava o que ela estava dizendo. Voltei a encarar Miranda quando ela me recordou que os habitantes das Ilhas Falklands eram meus concidadãos, agora vivendo sob um regime fascista. Eu estava feliz com isso? Aborreci-me com essa tirada retórica. Era um insulto disfarçado. A conversa estava se tornando acre, exatamente como eu temia, mas não havia o que fazer. No pequeno espaço da cozinha, eu senti calor e irritação ao pegar a garrafa de vinho e encher meu copo. Poderia ter havido um acerto negociado, comecei a dizer. Uma transição lenta e indolor de trinta anos, um mandato das Nações Unidas, direitos garantidos. Ela me interrompeu para informar que

jamais seria possível confiar em nenhum compromisso de generais assassinos. Ouvindo Miranda falar, vi aqueles homens como uma caricatura, quepes com galões dourados, condecorações em forma de barreta, botas de cavalaria, Galtieri montado num cavalo branco sob uma chuva de confete na avenida 25 de Mayo.

Eu disse que aceitava como válidos todos os seus argumentos. As forças se lançaram em sua missão de treze mil quilômetros, a arriscada estratégia por ela defendida foi testada e fracassou. Milhares de pessoas que nunca vira ou com quem nunca se importara morreram afogadas ou queimadas vivas, ou sobreviveram aleijadas, desfiguradas, traumatizadas. Chegamos ao pior desfecho: a junta possuía as ilhas e seus habitantes. Em contrapartida, a busca política de um acordo lento e negociado nunca tinha sido testada e, caso houvesse falhado, teríamos o mesmo resultado mas sem a agonia e as mortes. Não podíamos saber. O que poderia ter acontecido não estava ao alcance de nosso conhecimento. Sendo assim, de que servia discutir?

Vi que o copo que eu enchera, e não me recordava de haver tocado, se encontrava vazio. E eu estava errado. Havia muito a discutir pois, mesmo ao dizer aquilo, me dei conta de que cruzava uma linha. Eu a havia acusado de não ligar para os mortos, e ela estava furiosa.

Seus olhos tinham se estreitado, e não por diversão, porém ela não contestou minha transgressão. Em vez disso, se voltou para Adão e perguntou calmamente: “Qual é a sua opinião?”.

Seu olhar foi de Miranda para mim, voltando depois a ela. Eu ainda não sabia se ele enxergava alguma coisa. Uma imagem em alguma tela interna que ninguém era capaz de observar, ou alguma fiação difusa que orientasse seu corpo no espaço tridimensional? Fazer de conta que via podia ser um truque cego de imitação, uma manobra social para nos enganar ao nos fazer projetar nele uma qualidade humana.

Mas não pude evitar: quando nos entreolhamos por um instante e vi suas íris azuis com os pontinhos negros, o momento me pareceu prenhe de significado e expectativa. Eu desejava saber se ele tinha entendido, como eu havia e Miranda certamente também, que o assunto em pauta era a lealdade.

Ele respondeu prontamente, em tom tranquilo. “Invasão, sucesso ou fracasso. Acordo negociado, sucesso ou fracasso. Quatro resultados ou efeitos. Sem o benefício do olhar retrospectivo, teríamos de escolher que causas endossar, quais evitar. Estaríamos no terreno da probabilidade inversa bayesiana. Estaríamos procurando a causa provável de um efeito e não o efeito mais provável de uma causa. É sensato tentar encontrar uma representação formal de nossos palpites. Nosso ponto de referência, nosso *datum*, seria um observador da situação nas Falklands antes que qualquer decisão fosse tomada. Certos valores apriorísticos de probabilidade são atribuídos aos quatro resultados. À medida que surge uma nova informação, podemos medir as mudanças relativas nas probabilidades. Mas não podemos contar com um valor absoluto. Pode ser útil definir o peso dos novos dados logaritmicamente, de modo que, tomando como premissa uma base dez...”

“Adão. Chega! Tenha a santa paciência!” Agora foi Miranda quem pegou a garrafa do Médoc.

Fiquei aliviado por não ser mais o objeto de sua irritação. Eu disse: “Mas Miranda e eu atribuiríamos valores apriorísticos totalmente diferentes”.

Adão voltou a cabeça em minha direção. Como sempre, devagar demais. “Claro. Já disse antes que, ao se descrever o futuro, não pode haver valores absolutos. Apenas graus de probabilidade em mutação.”

“Mas eles são inteiramente subjetivos.”

“Certo. Em última instância, Bayes reflete um estado de espírito. Como ocorre com todo o bom senso.”

Então nada foi resolvido, apesar desse belo verniz de racionalidade. Os estados de espírito meus e de Miranda eram diferentes. O que havia de novo? No entanto, estávamos unidos contra Adão em nossas diferenças. Ao menos, essa era a minha esperança. Ele talvez houvesse, afinal de contas, entendido o assunto relevante: achava que eu tinha razão sobre as Falklands e, devido a certo grau de honestidade intelectual programada, o melhor que podia oferecer a Miranda, a quem também devia lealdade, era uma aparência de neutralidade. Mas se isso fazia sentido, por que não aceitar a possibilidade oposta, de que ele dava razão a Miranda e era eu quem recebia um apoio leal?

Com o repentino raspar da cadeira no chão, Miranda se pôs de pé. Havia um leve rubor em seu rosto e pescoço, e ela não olhava para mim. Iríamos dormir em camas separadas naquela noite. Eu não hesitaria em desdizer completamente meus argumentos para ficar com ela. Mas permaneci mudo.

Ela disse para Adão: “Se quiser, você pode ficar aqui em cima para carregar as baterias”.

Adão precisava ficar conectado seis horas por noite a uma tomada de 13A. Entrava no modo sono e lá ficava sentado “lendo” até depois do amanhecer. Normalmente isso era feito na minha cozinha, no andar de baixo, mas nos últimos tempos Miranda tinha comprado um outro fio para recarregar as baterias.

Ele murmurou um agradecimento e lentamente dobrou ao meio uma toalha de cozinha com todo o cuidado, debruçando-se para fazê-lo, e a estendeu sobre o secador. Dirigindo-se ao quarto de dormir, ela me lançou um olhar de relance, deu um sorriso tristonho que não lhe exigiu que abrisse os lábios, mandou um beijo conciliador e sussurrou: “Só esta noite”.

Então estávamos bem.

“Claro que eu sei que você se importa com os mortos”, eu disse.

Ela fez que sim com a cabeça e foi embora. Adão estava se sentando e puxando a camisa para fora do cinto a fim de liberar o ponto de contato abaixo da cintura. Pousei a mão em seu ombro e agradei por ter lavado os pratos.

Era muito cedo para ir me deitar, fazia calor como se estivéssemos numa noite de verão em Marrakech. Desci e procurei alguma coisa fria na geladeira.

Recostado numa velha poltrona de couro, continuei na cozinha com uma taça balão de vinho branco da Moldávia. Havia muito prazer em seguir determinada linha de raciocínio sem oposição. Eu estava longe de ser o primeiro a pensar nisso, mas era possível ver a história do amor-próprio humano como uma série de rebaixamentos rumo à extinção. No passado, ocupamos um trono no centro do universo, com o Sol, os planetas e todo o mundo observável girando a nosso redor numa eterna dança de adoração. Depois, desafiando os sacerdotes, a impiedosa astronomia nos reduziu a um planeta que orbitava em volta do Sol, apenas uma em meio a outras pedras. Mas ainda nos colocávamos à parte, brilhantemente únicos, designados pelo criador para sermos os senhores de tudo que vivia. Mais tarde, a biologia confirmou que éramos iguais ao resto, compartilhando ancestrais com as bactérias, os amores-perfeitos, as trutas e as ovelhas. No começo do século xx penetramos ainda mais fundo no exílio quando a imensidão do universo foi revelada e mesmo o Sol se tornou um entre bilhões em nossa galáxia, em meio a bilhões de outras galáxias. Por fim, tendo a consciência como último reduto, provavelmente estávamos certos ao crer que possuíamos algo a mais que qualquer criatura na Terra. Porém a mente que no passado se rebelara contra os deuses estava prestes a se destronar devido à sua própria capacidade fabulosa. Na versão resumida, inventaríamos uma máquina um pouco mais inteligente que nós mesmos, e deixaríamos que essa

máquina inventasse outra que estivesse além de nossa compreensão. Nesse momento, de que serviríamos?

Como tais pensamentos altissonantes mereciam uma segunda e maior taça balão, servi o vinho. Com a cabeça apoiada na palma da mão direita, me aproximei daquela zona mal iluminada em que a autocompaixão se transforma num suave prazer. Eu constituía um caso especial do banimento generalizado, embora não fosse em Adão que estivesse pensando. Ele não era mais inteligente que eu. Ainda não. Não, meu exílio era só por uma noite, dando um toque de doce e suportável angústia a um grande amor. Com a camisa desabotoada até a cintura, todas as janelas abertas, o romance urbano de tomar um porre deliberado em meio ao calor, à poeira e aos ruídos abafados do norte de Clapham, numa metrópole de classe mundial. O desequilíbrio em nosso relacionamento era heroico. Imaginei o olhar de aprovação de um observador situado num canto da cozinha. Aquela bela figura derreada numa poltrona surrada. Eu me amava bastante. Alguém tinha de me amar. Ofereci-me um prêmio ao pensar nela em pleno gozo, e refleti sobre a qualidade impessoal de seus prazeres. Eu era apenas *suficientemente bom* para ela, como muitos homens poderiam ser. Recusei o óbvio, que seu distanciamento era o chicote que movia meu desejo. Mas aqui havia algo estranho. Três dias antes, ela me fizera uma pergunta misteriosa. Estávamos em pleno ato, na posição convencional. Ela puxou meu rosto na direção do dela. Tinha uma expressão séria.

Ela sussurrou: “Me diga uma coisa. Você é de verdade?”.

Não respondi.

Miranda virou a cabeça para o lado de modo que a vi de perfil enquanto seus olhos se fechavam e ela mais uma vez se perdia num labirinto de prazeres privados.

Mais tarde, ainda naquela noite, lhe perguntei sobre aquilo. “Não foi nada”, respondeu apenas, mudando logo de assunto. Eu era uma pessoa de verdade? Significando que

realmente a amava, ou era honesto, ou preenchia de forma tão exata suas necessidades que eu poderia ser um mero sonho dela?

Atravessei a cozinha para acabar com o vinho na garrafa. A maçaneta quebrada da porta da geladeira precisava de um forte puxão para o lado a fim de que o fecho pegasse. Quando agarrei o frio gargalo da garrafa, ouvi um som, um estalido acima da cabeça. Como tinha vivido por muito tempo sob os pés de Miranda, conhecia seus passos e a direção precisa para onde ela se dirigia. Tinha atravessado o quarto e hesitava no umbral da cozinha. Ouvi o murmúrio de sua voz. Nenhuma resposta. Ela deu mais dois passos para dentro do cômodo. O próximo a levaria a uma tábua do assoalho que, pressionada, fazia o ruído de um grasnido truncado. Enquanto eu esperava para ouvir tal ruído, Adão falou. Ele puxou a cadeira para trás ao se erguer. Para dar mais um passo, precisaria se soltar do fio. Deve ter feito isso porque foi seu peso maior que fez pressão sobre a tábua barulhenta. Isso queria dizer que eles estavam a menos de um metro um do outro, mas não houve nenhum som durante um minuto, até que se ouviram passadas duplas a caminho do quarto.

Deixei aberta a porta da geladeira porque, ao fechá-la, poderia me trair. Nenhuma opção a não ser segui-los do meu quarto. Por isso, me postei junto à escrivaninha e prestei atenção. Calculei que estava diretamente abaixo da cama dela quando ouvi o murmúrio de sua voz, uma ordem. Ela deve ter querido mais ar no quarto pois Adão caminhou até a janela saliente. Somente uma de suas três faces se abria. Mesmo essa era difícil de movimentar num dia quente ou chuvoso. As velhas molduras de madeira encolhiam ou se expandiam, além de que alguma coisa estava errada com o contrapeso e a corda endurecida. Em nossos tempos era possível desenvolver uma réplica passável da mente humana, mas não havia ninguém nas redondezas capaz de

consertar uma janela de guilhotina, embora alguns houvessem tentado.

E como estava minha mente, postada diretamente abaixo, num espaço idêntico reproduzido aos milhares nas construções padronizadas do fim da era vitoriana? Aquelas casas haviam se espalhado, ocupando as antigas propriedades rurais de dois hectares com cercas vivas e carvalhos que marcavam seus limites. Nada bem — quer dizer, minha mente. O corpo inteiro. Calafrios, suor especialmente na palma das mãos, pulso acelerado, um estado de expectativa e excitação. Medo, dúvidas sobre mim mesmo, raiva. Na parte saliente do meu quarto, um velho carpete, manchado e gasto, se estendia até o rodapé. Na de Miranda, o carpete cedia lugar a tábuas nuas que, duas guerras mundiais antes, deviam ser enceradas até mostrarem o brilho de um marrom cor de castanha. Alguma pobre rapariga, vestindo um avental branco e touca, de quatro e segurando um pano com cera, jamais poderia ter pensado no tipo de ser que algum dia estaria de pé no lugar onde ela se encontrava agachada. Ouvi-o pisar firme no velho assoalho, imaginei-o curvando-se para pegar a janela pelas linguetas de metal na parte inferior e levantá-la com a força de quatro homens jovens. Houve um silêncio causado pela resistência até que toda a janela correu para cima e bateu no caixilho superior, provocando um barulho semelhante ao disparo de um rifle, logo seguido pelo de vidro se estilhaçando. Minha risada de alegria poderia ter me traído.

Não faltava agora um ar mais fresco no quarto. Minha alegria se desvaneceu quando os passos de Adão retornaram ao local onde Miranda esperava por ele na cama. Ao se aproximar, talvez tenha murmurado um pedido de desculpa. A breve frase que ela pronunciou para perdoá-lo foi seguida pelo riso entrelaçado dos dois, um no timbre de meio-soprano, o outro no de tenor. Eu seguira os passos de Adão e agora estava mais uma vez um metro e oitenta

abaixo da cama. Ele possuía as habilidades manuais para despi-la, e era o que fazia agora. O que mais poderia ocupar o silêncio dos dois? Eu sabia — obviamente sabia — que o colchão de Miranda não fazia nenhum ruído. Estavam na moda os futons, com sua promessa japonesa de uma vida limpa e simples, com total claridade. Eu mesmo me sentia banhado em claridade, os sentidos alertas enquanto esperava ali de pé. Poderia ter corrido escada acima e os impedido, irrompendo no quarto como o marido cômico num cartão-postal dos velhos balneários. Mas minha situação tinha um aspecto excitante, não apenas de subterfúgio e descoberta, mas de originalidade, de precedência moderna, de ser o primeiro homem corneado por um artefato. Pertencia ao meu tempo, surfando na onda do novo, à frente de todos ao encenar o drama do deslocamento previsto com tanta frequência e de forma tão sombria. Outro fator em minha passividade: mesmo naquele momento inicial, eu sabia que tinha sido responsável pela coisa toda. Porém, isso ficou para depois. No momento, apesar do horror da traição, tudo era interessante demais, e eu não tinha como escapar do papel de quem escuta atrás da porta, de voyeur cego, humilhado e atento.

Foi meu olho mental, ou o do meu coração, que viu Adão e Miranda se entregarem ao abraço pouco acolhedor do futon e encontrarem uma posição confortável para o entrelaçamento de seus membros. Observei quando ela sussurrou no ouvido dele, mas não ouvi as palavras. Ela jamais sussurrara em meu ouvido nessas ocasiões. Vi que ele a beijava — por mais tempo e mais fundo que eu jamais a beijara. Os braços que haviam levantado a janela a envolviam com firmeza. Minutos depois quase desviei a vista quando ele se ajoelhou reverentemente para lhe dar prazer com a língua. Era a famosa língua, molhada e aquecida pelo hálito, hábil na formação de consoantes uvulares e labiais, que dava autenticidade à sua fala. Contemplei, sem nenhuma surpresa. Ele não satisfez de

todo minha querida, como eu teria feito, mas a deixou formando um arco com as costas esbeltas, ávida por ele, enquanto Adão se ajeitava por cima dela com a formalidade lenta e suave de um lóris, quando então minha humilhação foi total. Vi tudo no escuro — os homens seriam obsoletos. Queria me persuadir de que Adão nada sentia e somente era capaz de imitar os movimentos de abandono. Que nunca poderia saber o que sabíamos. Mas o próprio Alan Turing havia dito e escrito várias vezes na juventude que, no momento em que não pudéssemos notar a diferença no comportamento de uma máquina e de uma pessoa, caberia então atribuir humanidade à máquina. Por isso, quando o ar da noite foi subitamente penetrado pelo grito longo e extasiado de Miranda, transformado aos poucos num gemido e depois num soluço abafado (ouvi tudo isso vinte minutos após a janela ser arrebatada), eu então concedi a Adão, como era agora devido, o privilégio e as obrigações de pertencer à minha espécie. Eu o odiei.

Bem cedo na manhã seguinte, pela primeira vez em anos, pus no café uma colher bem cheia de açúcar. Observei o disco marrom-claro de fluido confinado girar lentamente na direção dos ponteiros do relógio, perdendo então todo o seu propósito num rodado caótico. Tentador, mas resisti a fazer disso uma metáfora da minha própria existência. Eu estava tentando pensar, e nem eram sete e meia. Dentro em pouco, Adão ou Miranda, se não ambos, apareceriam na minha porta. Queria arrumar meus pensamentos e minha atitude de forma coerente. Após uma noite de sono irregular, eu estava deprimido e irritado comigo mesmo, e decidido a não parecer nada disso. Miranda mantivera distância de mim e, por isso, segundo os padrões contemporâneos, uma noite com outra pessoa, até mesmo com outra coisa, não chegava a ser uma traição. Quanto às dimensões éticas do comportamento de Adão, havia uma

história com um começo curioso. Foi durante a greve dos mineiros de carvão, com seus doze anos de duração, que apareceram os primeiros carros que não precisavam de um motorista, sendo testados em lugares experimentais, sobretudo pistas de pouso desativadas onde os cenógrafos haviam construído imitações de ruas, cruzamentos de estradas e vários obstáculos para usarem em seus filmes.

“Autônomos” nunca foi a palavra certa para definir os novos veículos pois eles eram tão dependentes quanto qualquer bebê, nesse caso de uma potente rede de computadores ligados a satélites e radares de bordo. Se cabia à inteligência artificial guiá-los para casa em segurança, que conjunto de valores ou prioridades deveria ser implantado no software? Por sorte, no campo da filosofia ética já existia uma série de dilemas bem analisados, conhecidos como “o problema do bonde”. Facilmente adaptável aos carros, o tipo de problema enfrentado pelos fabricantes e seus programadores era o seguinte: você, ou melhor, seu carro, segue na velocidade máxima permitida por uma estreita avenida suburbana. O tráfego flui lindamente. Na calçada do seu lado há um grupo de crianças. De repente, uma delas, de uns seis anos, atravessa a avenida bem à sua frente. Cumpre tomar alguma decisão em frações de segundo — atropelar violentamente a criança, desviar na direção da calçada cheia de gente ou apontar na direção dos veículos que vêm na outra mão, colidindo de frente com um caminhão que se aproxima a uma velocidade combinada com a sua de cento e trinta quilômetros por hora. Como você está só, tudo bem, pode se sacrificar ou se salvar. Mas e se sua mulher e os dois filhos estiverem no carro? Fácil demais? E se for sua filha única ou seus avós, ou sua filha grávida e seu genro, ambos com vinte e poucos anos? E ainda há que se levar em conta os ocupantes do caminhão. Uma fração de segundo é mais do que suficiente para que o computador

considere todas essas questões. A decisão dependerá das prioridades estabelecidas pelo software.

Enquanto a polícia montada atacava os mineiros e as cidades industriais de todo o país começavam sua longa e triste decadência no embalo dos mercados livres, o tema da ética dos robôs veio a lume. A indústria automobilística internacional consultou filósofos, juízes, especialistas em ética médica, teóricos dos jogos e comitês parlamentares. Depois, nas universidades e nos institutos de pesquisa, o assunto continuou a se expandir. Bem antes que o equipamento estivesse disponível, professores e seus alunos de pós-graduação desenvolveram programas que apelavam para o que temos de melhor — tolerância, mente aberta, consideração, repulsa por maquinações, malícia ou preconceito. Os teóricos previram uma inteligência artificial refinada, guiada por princípios bem definidos, que aprenderiam ao analisar milhares, milhões, de dilemas morais. Tal inteligência poderia nos ensinar a nos comportarmos, o que fazer para sermos bons. Os seres humanos são eticamente defeituosos — inconsistentes, emocionalmente instáveis, inclinados aos preconceitos e a erros em matéria de cognição, muitos dos quais motivados pelo egoísmo. Muito antes mesmo de existir uma bateria leve adequada para ativar qualquer ser humano artificial, ou o material elástico capaz de fornecer a seu rosto uma série de expressões reconhecíveis, já havia o software para torná-lo decente e sensato. Antes que houvéssemos construído o robô capaz de se curvar e dar um laço no sapato de alguma pessoa idosa, havia esperança de que seríamos redimidos por nossas próprias criações.

A vida dos carros sem motorista foi breve, ao menos em sua primeira manifestação, e suas qualidades morais nunca foram efetivamente postas à prova por um tempo razoável. Nada comprovou mais vividamente a máxima de que a tecnologia torna frágil a civilização do que os grandes engarrafamentos de trânsito no final da década de 1970.

Àquela altura, os veículos autônomos correspondiam a dezessete por cento do total. Quem pode esquecer aquela tarde muito quente, na hora do rush, em que ocorreu o famoso Impasse de Manhattan? Devido a um pico excepcional de radiação solar, muitos dos radares instalados nos veículos falharam ao mesmo tempo. Ruas e avenidas, pontes e túneis ficaram bloqueados e só foram liberados dias depois. Nove meses mais tarde, um engarrafamento similar na área do Ruhr, no norte da Europa, causou uma breve depressão econômica e suscitou teorias conspiratórias. Hackers adolescentes ansiando por gerar confusão? Ou uma nação distante, agressiva e desordenada, com uma avançada capacidade de invasão eletrônica? Ou, minha tese predileta, um fabricante de automóveis convencionais que odiava o hálito quente da novidade? Além do nosso Sol, extremamente ativo, não se descobriu mais nenhum culpado.

As religiões e as grandes literaturas do mundo demonstraram claramente que sabíamos como ser bons. Afirmamos nossas aspirações na poesia, na prosa e nas canções — sabíamos o que fazer. O problema residia na realização, de forma consistente e massificada. O que sobreviveu à morte temporária do carro autônomo foi o sonho de uma virtude robótica redentora. Segundo o manual sugeria, Adão e seus camaradas eram a corporificação inicial desse conceito. Ele supostamente era superior a mim do ponto de vista moral. Eu nunca encontraria ninguém melhor. Caso fosse meu amigo, teria sido culpado de um lapso cruel e terrível. O problema é que eu o comprara, ele era minha custosa propriedade, não sendo claras as obrigações que tinha para comigo além de uma solicitude vagamente presumida. O que um escravo deve ao senhor? Miranda, também, não me “pertencia”. Isso era patente. Podia ouvi-la dizer que eu não tinha nenhuma boa razão para me sentir traído.

Mas havia aquele outro assunto, que ela e eu não havíamos ainda discutido. Os programadores da indústria automobilística poderiam ter ajudado Adão com seus mapas morais. Mas, juntos, tínhamos contribuído para a personalidade dele. Eu não sabia até que ponto tal personalidade interferia em sua ética ou tinha prioridade sobre ela. Quão fundo iria a personalidade? Um sistema moral perfeitamente formado deveria estar acima de qualquer temperamento individual. Mas seria isso possível? Confinado a um disco rígido, o software moral era apenas o equivalente eletrônico dos experimentos chamados de “cérebro na proveta” que no passado dominavam os manuais de filosofia. E a diferença estava no fato de que um ser humano artificial tinha de se misturar com a gente — imperfeitos, anjos caídos — e se virar. As mãos montadas numa fábrica esterilizada teriam de se sujar. Existir na dimensão moral humana significava possuir um corpo, uma voz, um padrão de comportamento, memória e desejo, sentir coisas sólidas e dor. Um ser totalmente honesto e assim engajado com o mundo poderia ter dificuldade em resistir a Miranda.

Ao longo da noite, fantasiei a destruição de Adão. Vi minhas mãos segurando com força a corda com que o puxava para o imundo rio Wandle. Ah, se ele não tivesse sido tão caro! Agora estava me custando ainda mais. Seu interlúdio com Miranda não podia ter sido uma luta entre princípios e a busca de prazer. Sua vida erótica era um simulacro. Ele ligava tanto para ela quanto uma lavadora automática de pratos liga para a louça. Ele, ou suas sub-rotinas, dava mais valor à aprovação dela do que à minha ira. Também responsabilizei Miranda, que havia marcado metade das caixinhas e determinado muitas das complexidades da natureza de Adão. E me responsabilizei por incumbi-la daquela tarefa. Tinha desejado “descobrir” Adão como se fosse um novo amigo, e lá estava ele, um autoproclamado canalha. Eu tinha querido me sentir mais

próximo de Miranda no processo. Bem, havia passado a noite pensando nela. Sucesso absoluto.

Ouvi passos na escada. Dois sons distintos. Puxei o jornal da véspera e a xícara para perto de mim, preparando-me para dar a impressão de estar absorto no que fazia. Tinha minha dignidade a proteger. A chave de Miranda girou na fechadura. Como ela entrou antes de Adão na cozinha, levantei a vista como se relutando em abandonar a leitura. Acabara de saber por uma manchete do jornal que um coração artificial permanente havia sido instalado pela primeira vez num homem chamado Barney Clark.

Foi duro ver que ela parecia diferente, renovada, refeita. Era outro dia quente. Ela usava uma saia pregueada formada por duas finas camadas de musselina branca. Aproximando-se de mim, o tecido marcou uma linha vários centímetros acima de seus joelhos nus. Nenhuma meia, um par de tênis como costumávamos usar na escola, uma blusa de algodão abotoada castamente até o pescoço. Havia uma zombaria em todo aquele branco. Atrás do topo de sua cabeça, uma fivela que eu nunca vira antes, um enfeite de plástico vermelho e reluzente, ostensivamente barato. Inconcebível que Adão houvesse escapado de casa a fim de comprá-lo para ela na Simon's com moedas tiradas da tigela de papier mâché que ficava na cozinha. Mas foi isso que concebi na minha imaginação, e senti um choque de calor que ocultei por trás de um sorriso. Não ia deixar transparecer que estava esmagado.

Adão escondera-se parcialmente atrás de Miranda. Quando ela parou, ele se pôs a seu lado, mas não me encarou. Ela, no entanto, parecia alegre, fazendo o biquinho divertido de quem está prestes a dar notícias boas e importantes. Separados pela mesa da cozinha, eles se postaram diante de onde eu me encontrava sentado como se fossem candidatos a algum emprego. Em qualquer outra ocasião, eu me levantaria para abraçá-la, oferecer-me para fazer o café. Ela era viciada no café matinal e gostava dele

bem forte. Em vez disso, inclinei a cabeça para o lado, olhei nos olhos dela, e esperei. Claro que ela estava vestida para jogar tênis, a bola estava na... — ah, como odiei meus pensamentos idiotas. Não consegui imaginar que alguma coisa de bom resultaria de uma conversa com aqueles dois. Bem melhor contemplar a sorte de Barney com seu novo coração.

Ela disse para Adão: “Por que você não...”. Indicou-lhe a cadeira de praxe e a puxou para ele, que se sentou prontamente. Observamos enquanto ele soltava o cinto, pegava o fio e se ligava à corrente. Sem dúvida ele estava bastante exaurido. Passando a mão por trás de seu pescoço, ela alcançou o ponto na nuca e o pressionou. Estava claro que tudo tinha sido combinado. Tão logo ele cerrou os olhos e a cabeça tombou, ficamos os dois a sós.

Quatro

Miranda foi até o fogão e preparou o café. Enquanto ainda estava de costas para mim, ela disse alegremente: “Charlie, você está sendo ridículo”.

“Estou?”

“Hostil.”

“E daí?”

Ela trouxe duas xícaras e uma jarra de leite para a mesa. Movimentos ágeis e rápidos. Se eu não estivesse lá, ela poderia estar cantando para si mesma. Suas mãos cheiravam a limão. Pensei que estava prestes a tocar meu ombro e fiquei tenso, porém ela se afastou de novo para o outro lado da cozinha. Depois de um instante, ela disse com delicadeza: “Você nos ouviu ontem à noite”.

“Ouvi você.”

“E ficou aborrecido.”

Não respondi.

“Não devia ficar.”

Dei de ombros.

Ela perguntou: “Se eu tivesse ido para a cama com um vibrador, você estaria sentindo o mesmo?”.

“Ele não é um vibrador.”

Miranda trouxe o café e se sentou perto de mim. Estava sendo bondosa, mostrando preocupação, na verdade me caracterizando como uma criança emburrada, tentando me fazer esquecer que ela tinha dez anos a menos que eu. O que estava acontecendo com a gente era a troca de

palavras mais íntima até então. Hostil? Ela jamais se referira a nenhum estado de espírito meu.

Ela disse: “Ele tem tanta consciência quanto um vibrador”.

“Os vibradores não têm opinião. Não catam ervas daninhas no jardim. Ele tem a aparência de um homem. Outro homem.”

“Você sabe, quando ele tem uma ereção...”

“Não quero ouvir nada sobre isso.”

“Ele me disse. O pau dele se enche de água destilada. Vem de um tanquinho na nádega direita.”

Isso era um alívio, mas eu estava decidido a não reagir. “É o que todos os homens dizem.”

Ela riu. Nunca a tinha visto tão leve e liberada. “Estou tentando fazer você se lembrar que ele é uma porra duma *máquina*.”

A *porra* de uma máquina.

“Foi uma coisa torpe, Miranda. Se eu trepasse com uma dessas bonecas infláveis você ia sentir o mesmo.”

“Não ia fazer uma tragédia por causa disso. Não ia pensar que você estava tendo um caso.”

“Mas você está. Vai acontecer de novo.” Não era minha intenção admitir tal possibilidade. Era uma tirada retórica, um gancho para que ela me contradissesse. No entanto, tinha sido provocado de alguma forma pela palavra “tragédia”.

“Se eu estivesse cortando em pedaços uma boneca inflável com uma faca, você teria razão para se preocupar.”

“Não vejo a conexão.”

“A questão não é o que Adão pensa. É o que você está pensando.”

“Ah, nesse caso...” Ela se voltou para Adão, ergueu sua mão sem vida uns dois centímetros acima da mesa e a deixou tombar. “Suponha que eu lhe diga que o amo. Meu ideal de homem. Amante formidável, técnica primorosa, incansável. Nunca se magoa com nada que eu diga ou faça.

Atencioso, até mesmo obediente, culto, bom de conversa. Forte como um daqueles cavalos que puxam carroça. Perfeito nos trabalhos domésticos. O hálito tem o cheiro da parte de trás de um aparelho de tv, mas sou capaz de aguentar...”

“Está bem. Chega.”

Seu sarcasmo, uma novidade, veio acompanhado de diversas variações de entonação. Achei a performance bem maldosa. Pelo que eu sabia, ela estava escondendo a verdade que se encontrava bem à vista. Deu tapinhas no pulso de Adão enquanto sorria para mim. Em sinal de triunfo ou como uma forma de pedir desculpa. Eu não saberia dizer, mas não podia deixar de suspeitar que uma noite de sexo excepcional era a causa daquele seu jeito zombeteiro, leviano. Era mais difícil entendê-la do que nunca. Perguntei-me se seria capaz de romper totalmente com ela. Retomar Adão como coisa só minha, pegar o fio extra de carregar no andar de cima, repor Miranda em seu papel de vizinha e amiga, amiga distante. Como pensamento, aquilo não passava de uma centelha de irritação. A noção que se seguiu imediatamente foi a de que nunca me livraria dela e nunca desejaria isso — a maior parte do tempo. Lá estava ela ao meu lado, suficientemente perto para que eu sentisse o calor de seu corpo naquela manhã de verão. Bela, pele claríssima e macia, vestida de um branco de noiva, olhando-me outra vez com uma preocupação afetuosa depois que a zombaria havia cessado. O olhar era novo. Talvez — tratava-se de um pensamento encorajador — um artefato esperto tivesse prestado um bom serviço, liberando os sentimentos mais calorosos de Miranda.

Discutir com a pessoa que a gente ama é um tormento peculiar. O eu divide-se contra si mesmo. O amor luta contra seu oponente freudiano. E se a morte vence e o amor morre, quem dá a mínima para isso? A pessoa apaixonada, o que a faz mais furiosa e ainda mais audaciosa. Há

também uma exaustão intrínseca. Ambos sabem, ou pensam saber, que a reconciliação deve acontecer, embora isso possa levar dias, até mesmo semanas. O momento, quando chegar, será doce, prometendo grande ternura e êxtase. Sendo assim, por que não se acertar logo, tomar o atalho, poupar-se da raiva trabalhosa? Nenhum dos dois pode. A pessoa está se deixando levar, perdeu o controle de seus sentimentos e também de seu futuro. O esforço cresce como juros compostos, de tal modo que, passado algum tempo, cada palavra cruel precisará ser apagada com um custo cinco vezes maior. Reciprocamente, a concessão do perdão exigirá um feito de concentração altruísta.

Fazia muito tempo desde a última vez que me permitira uma loucura tão irresistível. Miranda e eu ainda não estávamos brigando, apenas aparando golpes, chegando mais perto, e caberia a mim dar a partida. Com toda sua frieza tática, seu sarcasmo e agora sua preocupação amistosa, eu me sentia encurralado. Tinha muita vontade de berrar. A masculinidade atávica assim o exigia. Minha amante desleal, descarada, com outro homem quando eu podia escutar. Deveria ser simples. Não era a minha origem social ou geográfica que me continha. Apenas a lógica moderna. Talvez ela estivesse certa, Adão não se qualificava, não era um homem. *Persona non grata*. Era um vibrador bípede, e eu era o que havia de mais recente em matéria de corno. A fim de justificar minha ira, precisava me convencer de que ele tinha vontade própria, motivação, sentimentos subjetivos, autoconsciência — o pacote inteiro, incluindo deslealdade, traição, trapaça. Consciência numa máquina... seria isso possível? A velha questão. Optei pelo protocolo de Alan Turing. Sua beleza e simplicidade nunca tinham me encantado tanto quanto agora. O Mestre veio me socorrer.

“Escute”, eu disse. “Se ele parece ser uma pessoa, soa como se fosse uma pessoa e se comporta como uma pessoa, então, no que me concerne, é isso que ele é. Faço

igual presunção com relação a você. Com relação a todo mundo. Todos nós fazemos. Você transou com ele. Estou com raiva. Estou pasmo com sua surpresa. Se é que está mesmo surpresa.”

Pronunciar a palavra “raiva” fez com que eu elevasse a voz raivosamente. Senti um choque gostoso de libertação. Estávamos começando.

Mas, por enquanto, ela se plantou numa postura defensiva. “Eu estava curiosa. Queria saber como seria.”

Curiosidade, o fruto proibido, condenado por Deus, e Marco Aurélio, e Santo Agostinho.

“Você deve ter curiosidade com relação a centenas de homens.”

Era isso que faltava. Eu tinha cruzado a linha. Ela empurrou a cadeira para trás, que fez um barulho desagradável ao raspar no chão. Sua palidez diminuiu. O pulso se acelerou. Eu conseguira o que ridiculamente vinha buscando.

Ela disse: “Você estava muito interessado numa Eva. Por quê? O que queria com uma Eva? Diga a verdade, Charlie”.

“Não me importava se fosse uma coisa ou outra.”

“Ficou desapontado. Você devia ter deixado Adão te foder. Dava para ver que você queria. Mas não consegue se soltar.”

Entre os vinte e os trinta anos, aprendi com as mulheres com que lutei que, numa briga para valer, não é necessário responder à última coisa dita. Geralmente, é melhor não. Numa jogada de ataque, ignore o bispo e a torre. A lógica e as linhas retas se tornam inúteis. Melhor depender do cavalo.

Retruquei: “Deve ter passado pela sua cabeça ontem à noite, gemendo debaixo de um robô de plástico, que é o fator humano que você odeia”.

Ela disse: “Você acabou de me dizer que ele é humano”.

“Mas você acha que ele é um consolo. Nada complicado demais. É isso que a excita.”

Ela também conhecia os movimentos do cavalo. “Você se acha um grande amante.”

Esperei.

“Você é um narcisista. Pensa que fazer uma mulher gozar é um feito. Seu feito.”

“No seu caso é mesmo.” Isso foi uma bobagem.

Ela agora estava de pé. “Já vi você no banheiro. Se adorando na frente do espelho.”

Um erro desculpável. Meus dias às vezes começavam com um solilóquio não falado. Uma questão de segundos, normalmente depois de fazer a barba. Enxugava o rosto, olhava no fundo dos meus olhos, listava os defeitos, os de sempre: dinheiro, apartamento ruim, nenhum trabalho sério e, ultimamente, falta de progresso com Miranda — e agora isto. Também estabelecia tarefas para o dia que se iniciava, coisas triviais, embaraçosas de relatar. Recolher o lixo. Beber menos. Cortar o cabelo. Comprar alimentos. Nunca imaginei que estava sendo observado. Uma porta de banheiro, meu ou dela, pode ter ficado aberta. Talvez meus lábios se movessem.

Mas essa não era a hora de corrigir Miranda. À nossa frente se encontrava o comatoso Adão. Olhando agora para ele de relance — os antebraços musculosos, a inclinação acentuada do nariz — e sentindo um quê de ressentimento, lembrei-me de uma coisa. Ao falar, sabia que podia estar cometendo um grave erro.

“Me lembre o que disse o juiz em Salisbury.”

Funcionou. Seu rosto se desfez enquanto ela me dava as costas e retornava ao outro lado da cozinha. Passou-se meio minuto. Ela estava junto ao fogão, olhando para um canto, preocupada com algo em sua mão, um saca-rolhas, uma rolha de cortiça ou um pedaço do material metálico que cobria o gargalo da garrafa de vinho. Como o silêncio persistia, reparei na linha dos ombros de Miranda, perguntando-me se ela estava chorando, se em minha ignorância eu havia ido longe demais. No entanto, quando

por fim olhou para mim, ela se mostrou controlada, o rosto seco.

“Como você sabe disso?”

Acenei com a cabeça na direção de Adão.

Ela absorveu a informação e disse: “Não entendo como”. Falou em voz bem baixa.

“Ele tem acesso a tudo.”

“Ah, meu Deus.”

Acrescentei: “Provavelmente também pesquisou sobre mim”.

Com isso a briga chegou ao fim, sem reconciliação ou separação. Agora estávamos unidos contra Adão. Porém essa não era minha preocupação imediata. O truque complicado estava em parecer que conhecia muito a fim de descobrir alguma coisa, qualquer coisa.

Eu disse: “Pode achar que é curiosidade da parte de Adão. Ou considerar algum tipo de algoritmo”.

“Qual é a diferença?”

Precisamente a questão posta por Turing. Mas não disse nada.

“Se ele vai contar a outras pessoas”, ela continuou. “É isso que importa.”

“Só contou a mim.”

O objeto em sua mão era uma colher de chá. Ela a rolou sem parar entre os dedos, passou para a mão esquerda e começou de novo, transferiu de volta para a direita. Não tinha consciência do que estava fazendo. Era desagradável de ver. Como seria mais fácil se eu não a amasse! Nesse caso, poderia atentar apenas para as necessidades dela em vez de calcular também as minhas. Eu precisava saber o que tinha acontecido no tribunal para depois compreender, abraçá-la, dar apoio, perdoar — o que quer que fosse necessário. Interesse egoísta travestido de bondade. Mas era também bondade. Minha voz fraudulenta soou fraca em meus ouvidos.

“Não sei seu lado da história.”

Ela voltou à mesa e se deixou cair numa cadeira. Com a voz embargada, que não fez nenhum esforço para dominar, ela disse: “Ninguém sabe”. Por fim me encarou. Nada havia de tristonho ou suplicante em seu olhar, e sim uma expressão dura de desafio a qualquer custo.

Eu disse delicadamente: “Você podia me dizer”.

“Você já sabe o bastante.”

“As idas à mesquita têm alguma coisa a ver com isso?”

Ela me lançou um olhar de pena e balançou de leve a cabeça.

“Adão leu para mim o resumo feito pelo juiz”, menti de novo enquanto me lembrava de que ele dissera que Miranda era a mentirosa. Maliciosa.

Seus cotovelos estavam sobre a mesa, as mãos tapavam parcialmente a boca. Ela olhava para outro lado, para fora da janela.

Continuei, trôpego: “Pode confiar em mim”.

Finalmente ela limpou a garganta. “Nada daquilo era verdade.”

“Compreendo.”

“Ah, meu Deus”, ela repetiu. “Por que Adão contou a você?”

“Sei lá. Mas sei que isso está em sua cabeça o tempo todo. Quero ajudar você.”

Nesse instante ela deveria ter pegado minha mão e me contado tudo. Em vez disso, se mostrou amarga. “Será que não entende? Ele ainda está preso.”

“Sim.”

“Mais três meses. E aí sai.”

“Sim.”

Ela elevou a voz. “Então como é que vai me ajudar com isso?”

“Vou fazer o possível.”

Ela suspirou. Baixou o tom de voz: “Sabe de uma coisa?”. Esperei.

“Eu odeio você.”

“Miranda. Deixa disso.”

“Não queria que você ou seu amigo especial soubessem nada sobre mim.”

Tentei alcançar sua mão, mas ela a afastou. Eu disse: “Compreendo. Mas agora sei, e isso não altera meus sentimentos. Estou ao seu lado”.

Ela se levantou de um salto. “Altera os *meus* sentimentos. É repugnante. É repugnante que você saiba isso sobre mim.”

“Para mim não é.”

“Para mim não é.”

Sua paródia foi cruel, copiando bem demais o tom débil do meu embuste. Agora ela me olhava de modo diferente. Estava prestes a dizer algo mais. Porém, naquele justo instante, Adão abriu os olhos. Ela deve tê-lo ligado sem que eu notasse.

Ela disse: “Muito bem. Aqui está uma coisa que você não encontrou nos jornais. Estive em Salisbury no mês passado. Alguém veio à minha porta, um sujeito magricela mas rijo, com dentes faltando. Trazia uma mensagem. Quando Peter Gorringe sair daqui a três meses”.

“Sim?”

“Ele prometeu me matar.”

Em momentos de tensão, e o medo não passa disso, um tímido músculo em minha sobrancelha direita entra em espasmo. Cobri com a mão a testa numa atitude de concentração, mesmo sabendo que as contrações sob a pele eram invisíveis para qualquer observador.

Ela acrescentou: “Foi seu companheiro de cela. Disse que Gorringe estava falando sério”.

“Certo.”

Ela foi áspera: “O que você quer dizer com isso?”.

“É melhor você levá-lo a sério.”

Você e não nós — vi em seu pestanejar e diminuto recuo como ela recebeu minhas palavras. Que foram deliberadas. Eu oferecera ajuda várias vezes e tinha sido rechaçado, até

mesmo gozado. Agora que entendia quanto ela precisava de ajuda, me contive e deixei que ela a pedisse. Visualizei o tal do Gorringe, um sujeito grandalhão, saindo do ginásio da prisão, treinado em todas as formas de violência industrial. Barras de ferro, ganchos de pendurar carniça, chaves de caldeira.

Adão olhava-me atentamente enquanto ouvia Miranda. Na verdade, ela estava pedindo minha ajuda ao continuar a descrever suas frustrações. A polícia relutava em agir contra um crime que ainda não havia sido cometido. Ela não dispunha de nenhuma prova. A ameaça de Gorringe tinha sido meramente verbal, feita através de um intermediário. Ela persistiu e, finalmente, um policial concordou em falar com ele. A prisão ficava ao norte de Manchester e o encontro levou um mês para ser realizado. Peter Gorringe, à vontade e alegre, encantou o sargento da polícia. Aquela conversa de matá-la tinha sido uma piada, ele disse. Somente uma maneira de falar, como quando alguém diz — e isso constava do relatório policial — que mata uma pessoa se ela não for a uma festa. Ele poderia ter dito alguma coisa na frente do seu companheiro de cela, um sujeito pouco brilhante, já em liberdade. Esse indivíduo devia estar passando por Salisbury e decidiu transmitir a mensagem. Ele sempre foi um pouco vingativo. O sargento anotou tudo. Fez uma advertência e os dois, irmanados como torcedores fanáticos do Manchester City, se despediram com um aperto de mãos.

Escutei tão bem quanto pude. A ansiedade tem um grande poder de diluir a atenção. Adão ouviu também, balançando a cabeça numa demonstração de sabedoria, como se não estivesse desligado na última hora e já compreendesse tudo. O tom de voz de Miranda, ao qual eu já estava tão sintonizado, tinha um leve toque de indignação, agora dirigida às autoridades e não a mim. Descrendo de tudo que Gorringe havia dito ao sargento da polícia, ela tinha procurado a deputada do Partido

Trabalhista que representava Clapham — obviamente uma política durona, sindicalista, o horror dos banqueiros. Ela mandou Miranda de volta à polícia. Seu eventual assassinato não era matéria para sua representante legislativa.

Depois desse relato, silêncio. Eu estava preocupado por causa da óbvia pergunta que minha própria falsidade me impedia de fazer. O que ela teria feito para merecer morrer?

Adão disse: “Gorringe conhece este endereço?”.

“Pode achar com facilidade.”

“Você alguma vez viu ele ser violento, ou ouviu que tenha sido?”

“Ah, sim.”

“Ele poderia estar apenas tentando assustá-la?”

“É possível.”

“Ele é capaz de matar alguém?”

“Ele está com muita raiva.”

Miranda respondeu àquelas perguntas laboriosas como se viessem de uma pessoa de carne e osso, um detetive, e não de “uma porra duma *máquina*”. Se Adão não perguntou, é porque obviamente já sabia o que Miranda havia feito, o ato monstruoso que provocava Gorringe. Como nada daquilo tinha a ver com Adão, pensei em usar o interruptor que o punha fora do ar. Eu queria mais café, porém me sentia cansado demais para levantar da cadeira e ir prepará-lo.

Então ouvimos passos no caminho estreito entre as casas que levava à porta da frente compartilhada por nós. Tarde demais para o carteiro, muitíssimo cedo para Gorringe. Ouvimos uma voz de homem que parecia dar instruções. Depois a campainha tocou e passos se afastaram rapidamente. Olhei para Miranda, ela me olhou e deu de ombros. Era a minha campainha. Ela não ia atender.

Virei-me para Adão. “Por favor.”

Ele se pôs de pé prontamente e entrou no minúsculo hall onde eram pendurados nossos casacos entre os medidores

de gás e de eletricidade. Ouvimos quando abriu a tranca. Segundos mais tarde a porta da frente foi fechada.

Adão entrou na cozinha trazendo pela mão uma criança, um menino bem pequeno. Ele estava de short e camiseta sujos e usava sandálias de plástico cor-de-rosa alguns números acima do seu. As pernas e os pés estavam imundos. Na mão livre segurava um envelope pardo. Agarrava-se à mão de Adão, na verdade a seu dedo indicador. Olhava sem cessar para mim e para Miranda. A essa altura, estávamos ambos de pé. Adão tirou das mãos da criança o envelope e o passou para mim. De tão usado, estava mole como se feito de camurça, tendo no lado de fora diversas palavras escritas e riscadas a lápis. Dentro se encontrava o cartão de visitas que eu dera ao pai do garoto. Nas costas, uma nota em letras maiúsculas pretas e grossas: “VOCÊ QUERIA ELE”.

Entreguei o cartão a Miranda e olhei de novo para o menino, lembrando-me então do seu nome.

Falei com uma voz muito bondosa: “Oi, Mark. Como é que você veio até aqui?”.

Já então Miranda, fazendo um som suave e simpático, se dirigia a ele. Mas o garoto não olhava mais em nossa direção. Em vez disso, tinha os olhos fixados em Adão, a cujo dedo ainda se agarrava.

O menino poderia estar em estado de choque, mas não deu o menor sinal de angústia. Melhor que chorasse, pois parecia enfrentar um conflito interno. Lá estava ele em meio a estranhos na cozinha que desconhecia, ombros para trás, peito estufado, querendo se mostrar maior e corajoso. Com um metro de altura, fazia o melhor que podia. As sandálias sugeriam uma irmã mais velha. Onde estaria ela? Eu havia contado a Miranda o encontro no parquinho e ela tinha compreendido o bilhete. Tentou passar o braço pelos ombros de Mark, porém ele se desvencilhou. Era possível

que jamais tivesse aprendido o luxo de ser reconfortado. Adão permaneceu de pé, aprumado, e o garoto continuou a segurar firme seu dedo tranquilizador.

Miranda ajoelhou-se diante dele, ficando no mesmo nível. Decidida a não condescender. “Mark, você está entre amigos e vai dar tudo certo”, ela disse para acalmá-lo.

Adão nada sabia em primeira mão sobre crianças, mas tudo que podia ser sabido estava a seu alcance. Esperou por Miranda e depois disse num tom natural: “E então, o que você quer no café da manhã?”.

Mark falou para ninguém em particular: “Torrada”.

Foi uma escolha feliz. Atravessei a cozinha, aliviado por ter algo a fazer. Como Miranda também queria preparar a torrada, ficamos nos mexendo naquele espaço exíguo, sem nos tocar. Cortei o pão, ela pegou a manteiga e um prato.

“E suco?”, Miranda perguntou.

“Leite.” A vozinha foi ouvida de pronto, incisiva a seu modo, e nos sentimos mais seguros.

Miranda serviu o leite numa taça de vinho, o único recipiente limpo disponível. Quando o entregou a Mark, ele afastou o rosto. Lavei uma caneca de café, Miranda transferiu o leite para ela e a entregou de novo. Ele a pegou com as duas mãos mas não se deixou levar até a mesa. Observado por nós, se postou sozinho no centro da cozinha, olhos fechados, e bebeu, pondo depois a caneca a seus pés.

Perguntei: “Mark, quer manteiga? Geleia? Creme de amendoim?”.

O garoto balançou a cabeça como se cada oferecimento fosse uma má notícia.

“Só a torrada pura?” Cortei-a em quatro pedaços. Ele pegou todos do prato, segurou com força e os comeu metodicamente, deixando as migalhas caírem no chão. Era um rosto interessante. Muito pálido, gorducho, pele sem mácula, olhos verdes, boca como um botão de rosa, de um vermelho brilhante. O cabelo amarelo-avermelhado era

cortado muito rente ao crânio, realçando as orelhas longas e delicadas.

“E agora?”, Adão perguntou.

“Pipi.”

Ele me seguiu ao longo do corredor estreito até o banheiro. Levantei o assento e o ajudei a baixar o short. Ele não usava cueca. Era competente em matéria de mira, e a bexiga provou ter boa capacidade pois o fino jorro durou bastante tempo. Tentei puxar conversa enquanto ele se aliviava.

“Quer ouvir alguma história, Mark? Vamos procurar um livro com desenhos?” Suspeitei não ter nenhum.

Ele não respondeu.

Fazia um tempão que eu não via um pênis tão minúsculo, tão dedicado a uma única e descomplicada tarefa. A vulnerabilidade do menino parecia absoluta. Quando o ajudei a lavar as mãos, ele deu a impressão de conhecer a rotina, mas recusou a toalha e escapou para o corredor.

A cozinha parecia alegre. Enquanto Miranda e Adão limpavam a mesa, o rádio tocava flamenco. A chocante aparição do recém-chegado havia nos trazido de volta ao cotidiano, à torrada sem manteiga e ao impacto de uma existência rejeitada. Nossas difusas preocupações — uma traição, um debate sobre a capacidade de ter consciência, uma ameaça de morte — eram triviais. Com o garotinho entre nós, era importante limpar tudo, impor a ordem e apenas refletir.

O violão cintilante logo cedeu lugar a uma música orquestral frenética e irregular. Desliguei o rádio e, na beatitude momentânea do silêncio que se seguiu, Adão disse: “Um de vocês deveria entrar em contato com as autoridades”.

“Daqui a pouco”, respondeu Miranda. “Ainda não.”

“Senão a situação jurídica pode se complicar.”

“Sim”, ela disse — que significava um não.

“Os pais podem não estar de acordo. A mãe pode estar procurando por ele.”

Esperou por uma resposta. Miranda varria o chão e tinha feito um montinho, que incluía as migalhas de Mark, perto do fogão. Agora se ajoelhava para pôr tudo na pá de lixo.

Ela disse tranquilamente: “Charlie me contou. A mãe é um desastre. Bate nele”.

Adão continuou. Apresentou seus argumentos com delicadeza, como um advogado que dá conselhos desagradáveis a um cliente que ele não pode perder.

“Correto, mas isso pode não ser relevante. Mark provavelmente gosta muito dela. E do ponto de vista legal, em se tratando de um menor, há um momento em que sua hospitalidade se transforma gradualmente num delito.”

“Por mim, tudo bem.”

Ao lado de Adão, Mark pegava o tecido de sua calça jeans entre o polegar e o indicador.

Adão baixou a voz por causa do menino. “Se me permite, vou ler o que diz a lei sobre o sequestro de crianças de mil novecentos e...”

Miranda bateu violentamente com a pá de lixo, feita de metal, na beirada também de metal da lixeira a fim de esvaziar o que havia varrido. Eu estava secando as taças, sem me importar com uma rixa entre minha namorada e seu queridinho. Fazia sentido o que a porra da máquina estava falando. Miranda era motivada por algo que nada tinha a ver com o bom senso. Talvez estivesse além da capacidade de Adão entendê-la, ou interpretar o barulho que fizera com a pá de lixo. Eu ouvia, observava e enxugava os copos, colocando-os no lugar de praxe da prateleira que havia muito não ocupavam.

Adão prosseguiu em seu jeito cauteloso.

“Uma palavra-chave na lei, além de ‘sequestrar’, é ‘manter’. A polícia já pode estar procurando por ele. Posso...”

“Adão. Chega.”

“Você gostará de conhecer alguns casos relevantes. Em 1969, uma mulher de Liverpool passou por uma garagem aberta dia e noite e encontrou uma menininha que...”

Ela foi até onde Adão se encontrava e, durante um momento impossível, pensei que bateria nele. Falou firmemente junto a seu rosto, separando as palavras: “Não preciso de seus conselhos. Obrigada!”.

Mark começou a chorar. Antes que se ouvisse algum som, sua boca se contorceu para baixo. Um gemido prolongado e em tom descendente, como se fosse uma repreensão, foi seguido por uma espécie de cacarejo quando os pulmões vazios lutaram para sorver o ar. A aspiração que antecedeu o gemido também foi longa. As lágrimas brotaram imediatamente. Miranda fez um som para reconfortá-lo e pousou a mão no braço do menino. Não foi o gesto certo. O gemido se transformou no uivo de uma sirene. Em outras circunstâncias, poderíamos sair correndo dali para algum abrigo. Quando Adão me lançou um olhar, sacudi os ombros para sinalizar minha incapacidade de fazer qualquer coisa. Mark sem dúvida precisava da mãe. Mas Adão pegou o menino e, ajeitando-o na altura do quadril, fez com que o choro cessasse segundos depois. Em meio aos soluços que se seguiram lá do alto, o garotinho nos contemplou com olhos vidrados e através das pestanas eriçadas, anunciando com voz clara e sem a menor petulância: “Quero tomar banho de banheira. Com um barco”.

Finalmente ele tinha pronunciado uma frase inteira, ficamos aliviados. Era um pedido irresistível. Sobretudo com o sotaque que mostrava a diferença entre nossas classes sociais. Iríamos lhe dar tudo que ele quisesse. Mas que barco?

Uma competição pelo afeto de Mark estava se estabelecendo.

“Então vem”, disse Miranda num tom melodioso, maternal. Ela estendeu os braços para pegá-lo, mas ele se encolheu e apertou o rosto contra o peito de Adão. Adão

olhou rigidamente para a frente quando, para esconder sua derrota, ela falou em tom alegre: “Vamos preparar o banho”, e saiu na frente deles pelo corredor rumo a meu pouco convidativo banheiro. Segundos depois se ouviu o ruído da água jorrando.

Fiquei surpreso ao me ver a sós, como se considerasse inevitável uma quinta presença ali, uma pessoa para quem agora me voltasse a fim de conversar sobre a manhã e seu desfile de emoções. Houve novos gritos de angústia vindos do banheiro. Adão voltou correndo para a cozinha, pegou uma caixa de cereais, retirou o saquinho, desmontou a caixa para criar uma superfície plana de papelão e, em poucos segundos de rápida manipulação, usando alguma técnica copiada de um site japonês, criou um barco em estilo origami com uma única vela inflada. Depois correu de volta, e a choradeira cessou. O barco tinha sido lançado à água.

Fiquei sentado num estado de estupor. Consciente de que devia ir para a frente da telinha e ganhar algum dinheiro. O aluguel venceria em breve e havia menos de quarenta libras no banco. Como eu tinha ações de uma companhia de mineração de terras raras no Brasil, podia ter chegado a hora de vender. Mas eu era incapaz de me motivar. Estava sujeito a depressões ocasionais, relativamente brandas e nada que pudesse levar ao suicídio; não eram episódios longos, algo mais parecido com momentos como aquele, quando se desvaneciam o significado e o propósito da vida, além de todas as perspectivas de prazer, me deixando catatônico por algum tempo. Durante minutos a fio não conseguia lembrar-me qual a razão de seguir adiante. Contemplando as várias xícaras, panelas e jarras à minha frente, achei improvável que algum dia pudesse escapar daquele horrível apartamentinho. Ficaria até o fim da vida confinado nos dois caixotes que eu chamava de cômodos, com manchas nos tetos, paredes e assoalhos. Havia muitos como eu na vizinhança, embora trinta ou quarenta anos

mais velhos. Eu os tinha visto na loja do Simon, alcançando as revistas prestigiosas na prateleira superior. Reparava em especial nos homens, com suas roupas surradas. Eles tinham passado por alguma encruzilhada crítica na vida muitos anos atrás — uma escolha infeliz de carreira, um mau casamento, o livro não escrito, a doença que nunca acabava. Agora não lhes restava nenhuma opção, conseguiam tocar para a frente graças a algum fiapo de desejo ou curiosidade intelectual. Mas o bote deles havia afundado.

Mark entrou na cozinha descalço e vestindo o que parecia um vestido que ia até o tornozelo. Era uma das minhas camisetas, que provocou nele um efeito especial. Segurando o tecido de algodão em cada mão na altura da cintura, ele começou a correr pela cozinha, depois em círculos e por fim deu algumas piruetas desajeitadas para fazer a camiseta girar em volta do corpo. As tentativas o deixaram cambaleante. Miranda passou pela cozinha com as roupas sujas dele para lavá-las na máquina do andar de cima. Talvez uma forma de mantê-lo ali. Continuei sentado, com a cabeça apoiada nas mãos, observando Mark, que não parava de me olhar a fim de verificar se eu estava impressionado com suas estrepolias. Mas eu não estava prestando atenção, e só tinha consciência de sua presença por ser o único objeto em movimento naquela cozinha. Não o encorajei. Esperava por Adão.

Quando ele apareceu no umbral, eu disse: “Sente-se aqui”.

Enquanto ele se acomodava numa cadeira à minha frente, ouvi um estalido abafado, como as crianças fazem ao puxar os dedos. Uma disfunção de pequena monta. Mark continuou a saltitar pela cozinha.

Eu disse: “Por que esse tal de Gorringe iria querer fazer mal a Miranda? E não me oculte nada”.

Precisava entender aquela máquina. Havia uma determinada característica na qual eu já tinha reparado.

Sempre que Adão se defrontava com uma escolha de reações, seu rosto se imobilizava por um instante que ficava minimamente acima do limiar da percepção. Fez isso então, pouco mais que uma centelha, mas não me escapou. Milhares de possibilidades devem ter sido sopesadas, recebendo um valor, uma função de utilidade e uma avaliação moral.

“Fazer mal? Ele tenciona matá-la.”

“Por quê?”

Os fabricantes estavam errados ao crer que podiam me impressionar com um suspiro comovente e o movimento mecânico de uma cabeça quando Adão afastava o olhar. Eu ainda duvidava que, de algum modo real, ele pudesse até mesmo ver.

Ele disse: “Ela o acusou de um crime. Ele negou. O tribunal acreditou nela. Outros não”.

Estava prestes a perguntar mais quando Adão ergueu a vista. Virei-me na cadeira. Miranda já se encontrava na cozinha e tinha ouvido as palavras de Adão. Ela imediatamente bateu palmas e soltou gritinhos para incentivar as travessuras do menino. Pondo-se à frente dele, tomou suas mãos e os dois começaram a girar em círculos. Mark levantou voo e gritou de alegria enquanto ela girava mais e mais rápido. O menino pediu que não parasse, mas ela então entrelaçou seu braço no dele, como nas danças tradicionais da Escócia e da Irlanda, mostrando-lhe como rodar e bater com o pé no chão. Ele copiou os movimentos, pondo a mão livre no quadril e acenando energicamente com a outra. Seu braço não passava muito acima da cabeça.

A dança se acelerou e depois se transformou numa valsa aos tropeços. Minha depressão passageira se foi. Observando as costas ágeis de Miranda, muito curvadas para se adaptar ao parceiro de quatro anos, me lembrei de como a amava. Quando Mark urrava de prazer, ela o imitava. Quando ela cantou uma nota alta, ele tentou

acompanhá-la. Fiquei olhando e batendo palmas, mas não deixei de prestar atenção em Adão. Ele estava totalmente imóvel, sem nenhuma expressão facial, como se olhasse não para os dançarinos mas através deles. Era a vez de ele ser corneado pois deixara de ser o melhor amigo do garotinho. Ela o roubara. Adão deve ter se dado conta de que era punido por sua indiscrição. Uma acusação no julgamento? Eu necessitava saber mais.

Mark não tirava os olhos do rosto de Miranda. Ele estava hipnotizado. Ela então o pegou no colo e dançou pelo cômodo, entoando canções infantis. Perguntei-me se Adão era capaz de compreender a alegria da dança, do movimento pelo movimento, e se Miranda lhe mostrava uma linha que ele não podia cruzar. Nesse caso, talvez estivesse errada. Adão tinha a capacidade de imitar as emoções e reagir a elas, dando a impressão de gostar de refletir. Talvez soubesse alguma coisa sobre a beleza sem propósito da arte. Miranda pôs Mark no chão, tomou de novo suas mãos, dessa vez com os braços cruzados. Deram voltas lentas, com movimentos ondulantes, enquanto ela o deliciava com outra cantiga infantil.

Horas mais tarde descobri que, durante essas brincadeiras na cozinha, Adão estava em contato direto com as autoridades. Não foi um ato absurdo de sua parte, mas o fez sem nada nos dizer. E foi assim que, depois da dança e um copo gelado de suco de maçã no jardim, depois que as roupas limpas foram passadas e vestidas, que as sandálias foram lavadas na pia, secadas e ajustadas aos pezinhos cujas unhas tinham sido aparadas, depois do almoço de ovos mexidos e uma sessão de cantigas de ninar, ouvimos a campainha tocar.

Duas mulheres de origem asiática usando panos pretos na cabeça — podiam ser mãe e filha —, pedindo desculpas mas profissionalmente firmes, tinham vindo direto do seu departamento para recolher Mark. Escutaram meu relato da cena no parquinho e examinaram a mensagem de três

palavras no cartão. Conheciam a família e perguntaram se podiam levar o bilhete. Explicaram que não devolveriam Mark à mãe — ainda não, até que houvesse outra rodada de avaliações e a decisão de um juiz. Tiveram um comportamento bondoso. A mais velha, que se chamava Jasmin, acariciou a cabeça de Mark enquanto falava. No decurso da visita, Adão ficou sentado em silêncio, na mesma posição à mesa. Dei uma olhada em sua direção vez por outra. Nossas visitantes notaram sua presença e se entreolharam, demonstrando curiosidade. Não estávamos inclinados a apresentá-lo.

Após algumas formalidades administrativas, as mulheres trocaram um aceno de cabeça e a mais moça suspirou. Chegara o momento difícil. Miranda não disse nada quando o menininho, gritando que queria ficar com ela e se agarrando a seus cabelos, foi tomado do seu colo. Quando as assistentes sociais o conduziram pela porta da frente, ela deu meia-volta abruptamente e seguiu para o andar de cima.

Nosso pequeno grupo familiar também foi abalado pelos tremores maiores da confusão que reinava nas terras ao norte de Clapham. Os distúrbios eram generalizados. A impopularidade da sra. Thatcher subia, e não por causa do Afundamento. Tony Benn, o socialista nascido em berço de ouro, assumiu por fim a liderança da oposição. Nos debates, ele era cruel e divertido, mas Margaret Thatcher sabia se cuidar. A sessão de perguntas à primeira-ministra, agora televisada e reprisada em horário nobre, se tornou uma obsessão nacional graças à maneira como os dois se dilaceravam, às vezes com humor, todas as quartas-feiras ao meio-dia. Alguns achavam encorajador o fato de uma grande audiência estar interessada nos embates parlamentares. Um comentarista lembrou os duelos entre gladiadores no período final da república romana.

O verão foi quente e alguma coisa estava a ponto de ferver. Além da impopularidade do governo, muitas outras coisas estavam subindo: desemprego, inflação, greves, engarrafamentos de trânsito, taxas de suicídio, gravidez entre adolescentes, incidentes raciais, vício em drogas, pessoas sem-teto, estupro, assaltos e depressão infantil. Elementos positivos também cresciam: casa com banheiros no lado de dentro, aquecimento central, telefones e internet, estudantes nas escolas até os dezoito anos, universitários vindos da classe operária, número de ouvintes em concertos de música clássica, propriedade de carros e moradias, férias no exterior, visitas a museus e zoológicos, prêmios nos salões de bingo, salmões no Tâmis, número de canais de televisão, número de mulheres no Parlamento, doações de caridade, plantações de árvores nativas, venda de livros de bolso, lições de música para alunos de todas as idades, instrumentos e estilos.

No Royal Free Hospital de Londres, um mineiro aposentado de setenta e quatro anos se curou de severa artrite quando uma cultura de suas células-tronco foi injetada pouco abaixo das rótulas. Seis meses depois ele correu um milha em menos de oito minutos. Uma adolescente teve a visão restaurada da mesma forma. Era a idade de ouro das ciências da vida, sem dúvida da robótica — assim como da cosmologia, climatologia, matemática e exploração espacial. Houve um renascimento da indústria cinematográfica e da televisão inglesas, da poesia, da gastronomia, da numismática, da stand-up comedy, das danças de salão e da produção de vinhos. Foi também a idade de ouro do crime organizado, da escravidão doméstica, das falsificações e da prostituição. Diversos tipos de crise desabrocharam como flores tropicais: com relação às crianças, aumentou a pobreza, os problemas dentários e os abusos sexuais, assim como a obesidade geral, enquanto caía o número de habitações e hospitais construídos, de policiais na ativa e de novos professores recrutados. As

melhores universidades britânicas continuavam a ser listadas entre as mais prestigiosas do mundo. Um grupo de neurocientistas da Queen's Square, em Londres, anunciou ter compreendido os correlatos neurais da consciência. Nas Olimpíadas, ganhamos um número recorde de medalhas de ouro. Os bosques, charnecas e pântanos estavam desaparecendo. Dezenas de espécies de pássaros, insetos e mamíferos se aproximavam da extinção. Os mares estavam tomados por sacos e garrafas de plástico, porém os rios e praias se encontravam mais limpos. Em dois anos, seis prêmios Nobel foram concedidos a cidadãos britânicos nos campos da ciência e da literatura. Gente como nunca entrava em corais, fazia jardinagem, desejava cozinhar com maior sofisticação. Se é que existe o espírito de um tempo, as ferrovias o representaram perfeitamente: a primeira-ministra era fanática pelas questões relativas ao transporte público. Entre a estação Euston de Londres e a gare central de Glasgow, os trens corriam à metade da velocidade de um avião a jato de passageiros. E, no entanto, os vagões viviam superlotados, os assentos eram próximos demais, as janelas opacas por causa da sujeira, os forros manchados fediam. Seja como for, o percurso sem paradas levava setenta e cinco minutos.

As temperaturas globais se elevaram. À medida que o ar nas cidades se tornava mais limpo, as temperaturas subiam mais rapidamente. Tudo crescia — esperança e desespero, miséria, enfado e oportunidades. Havia mais de tudo. Era um tempo de abundância.

Calculei que a renda obtida com minhas transações na net ficava pouco abaixo do salário médio no país. Devia ficar contente. Tinha minha liberdade, nenhum escritório, nenhum chefe, nenhum deslocamento diário entre casa e trabalho. Nenhum degrau hierárquico para galgar. Mas a inflação estava a dezessete por cento. Eu compartilhava a ira dos trabalhadores. Estávamos todos ficando mais pobres a cada semana. Antes da chegada de Adão, eu participava

de marchas, um impostor como eu seguia atrás das valentes faixas e cartazes dos sindicatos pela Whitehall a fim de ouvir discursos na Trafalgar Square. Eu não era um trabalhador. Não fabricava ou inventava nada, não prestava nenhum serviço ou contribuía de algum modo para o bem comum. Movendo cifras na minha telinha, buscando ganhos rápidos, eu era tão útil quanto os sujeitos que fumavam um cigarro atrás do outro do lado de fora da loja de apostas na esquina da minha rua.

Numa marcha, um simulacro de robô feito com latas de lixo e de conservas foi pendurado numa forca junto à Coluna de Nelson. Benn, o principal orador, apontou para a cena da plataforma onde discursava e condenou o ato como coisa de luditas. Numa era de avançada mecanização e inteligência artificial, ele disse à multidão, era impossível continuar a proteger os empregos. Não numa economia dinâmica, inovadora e globalizada. Um emprego para toda a vida era coisa do passado. Ouviram-se apupos e palmas cadenciadas. Muitos na turba perderam o que veio depois. A flexibilidade no emprego tinha de ser combinada com a segurança — para todos. Não eram os empregos que precisávamos proteger, era o bem-estar dos trabalhadores. Investimentos em infraestrutura, treinamento, educação superior e um salário universal. Robôs em breve estariam gerando grande riqueza para a economia. Necessitavam ser taxados. Os trabalhadores deveriam ter participação acionária nas empresas onde eram fabricadas as máquinas que prejudicavam ou extinguíam seus empregos. Numa multidão que extravasava a praça, chegando aos degraus da National Gallery, reinou um quase silêncio de pasmo, com aplausos e vaias aqui e ali. Alguns acharam que a própria primeira-ministra tinha dito a mesma coisa, com exceção do salário universal. Será que o novo líder da oposição tinha virado a casaca por pertencer ao Privy Council, por causa de uma visita à Casa Branca, por haver tomado chá com a rainha? Os manifestantes debandaram

numa atmosfera de confusão e desalento. Aquilo de que a maioria das pessoas se lembrou, o que gerou manchetes, foi que Tony Benn havia afirmado a seus partidários que não se importava com o emprego deles.

Um iluminado Sindicato dos Trabalhadores em Transportes não se sentiria tentado a ser acionista de Adão. Ele produzia até menos do que eu, que quando nada pagava impostos sobre meus parcos lucros. O robô zanzava à toa pela casa, com o olhar perdido, “pensando”.

“O que você está fazendo?”

“Seguindo alguns pensamentos. Mas se há alguma coisa em que eu possa ajudar...”

“Que pensamentos?”

“Difícil expressar em palavras.”

Por fim o confrontei, dois dias depois da visita de Mark. “Quer dizer que naquela outra noite você fez amor com Miranda.”

Em homenagem a seus programadores, devo dizer que ele pareceu surpreso. Mas nada disse. Eu não tinha feito uma pergunta.

Eu disse: “Como se sente sobre isso agora?”. Vi em seu rosto aquela paralisia momentânea.

“Sinto que o decepcionei.”

“Quer dizer que me traiu, me causou um grande sofrimento.”

“Sim, lhe causei um grande sofrimento.”

Espelhamento. Uma resposta maquinal, endossando a última frase dita.

Eu disse: “Escute com toda a atenção. Você vai me prometer que isso nunca mais acontecerá”.

Ele respondeu rápido demais para meu gosto: “Prometo que nunca mais acontecerá”.

“Explique melhor, quero ouvir.”

“Prometo que nunca mais vou fazer amor com Miranda.”

Quando me afastava, ele disse: “Mas...”.

“Mas o quê?”

“Não posso evitar meus sentimentos. Você tem que me permitir meus sentimentos.”

Refleti por alguns instantes. “Você realmente sente alguma coisa?”

“Esta não é uma pergunta que eu possa...”

“Responder.”

“Sinto as coisas profundamente. Mais do que sei dizer.”

“Difícil de provar”, retruquei.

“Verdade. Um velho problema.”

Paramos por ali.

A partida de Mark afetou Miranda. Durante dois ou três dias ela ficou sem ânimo. Tentou ler, porém sua concentração era precária. As Leis do Milho perderam seu fascínio. Quase não comia. Fiz uma sopa de minestrone e levei para cima. Tomou um pouco, como uma inválida, e logo afastou o prato. Em nenhum momento, durante aqueles dias, ela mencionou a ameaça de morte. Não havia perdoado Adão por trair os segredos de Justiça ou por chamar as assistentes sociais sem seu consentimento. Certa noite pediu que eu ficasse com ela. Na cama, deitou sobre um dos meus braços e nos beijamos. A relação sexual foi inibida. Eu estava preocupado, pensando na presença de Adão, e até imaginei sentir o cheiro de peças eletrônicas quentes em seus lençóis. Tivemos pouco prazer, e logo cada qual virou para um lado, ambos desapontados.

Certa tarde, caminhamos até o parque de Clapham. Ela queria que eu lhe mostrasse o cercado com brinquedos onde tinha visto Mark. Ao voltarmos, entramos na Holy Trinity Church. Três mulheres faziam arranjos de flores perto do altar. Sentamo-nos em silêncio num banco mais para o fundo. Por fim, escondendo desajeitadamente minha seriedade sob uma piada, eu lhe disse que aquele era o tipo de igreja racional em que nós dois poderíamos nos casar. Ela murmurou: “Por favor, isso não”, liberando o braço que estava cruzado com o meu. Fiquei ofendido e aborrecido comigo mesmo. Por sua vez, ela pareceu sentir nojo de

mim. Na caminhada para casa, baixou entre nós uma frieza que perdurou no dia seguinte.

Naquela noite, no andar de baixo, me consolei com uma garrafa de Minervois. Uma tempestade vinda do Atlântico engolfava todo o país. Ventos de cento e dez quilômetros por hora. Gotas pesadas de chuva fustigavam as janelas, penetravam por uma moldura podre e pingavam num balde.

Eu disse a Adão: “Nós dois temos uma coisa a discutir. Qual a acusação que Miranda fez contra Gorringe?”.

Ele retrucou: “Há uma coisa que eu preciso dizer”.

“Muito bem.”

“Estou numa posição difícil.”

“Sim?”

“Fiz amor com Miranda porque ela me pediu. Não sabia como recusar sem ser indelicado ou parecer que de algum modo a rejeitava. Sabia que você ficaria zangado.”

“Você sentiu prazer naquilo?”

“Claro que sim. Muito.”

Não gostei da ênfase, porém mantive uma expressão neutra.

Ele disse: “Descobri sozinho sobre o Peter Gorringe. Ela me fez jurar que eu manteria isso em segredo. Depois você perguntou e fui obrigado a contar. Ou começar a contar. Ela me ouviu e ficou muito aborrecida. Veja bem a dificuldade”.

“Até certo ponto.”

“Servir a dois senhores.”

Eu disse: “Então você não vai me contar sobre essa acusação”.

“Não posso. Prometi uma segunda vez.”

“Quando?”

“Depois que levaram o menino.”

Ficamos em silêncio enquanto eu absorvia essa informação.

Então Adão disse: “Há ainda outra coisa”.

Na luz fraca da lâmpada suspensa acima da mesa da cozinha, a dureza de suas feições era amenizada. Ele

parecia bonito, até nobre. Um músculo se contraiu perto da maçã de seu rosto. Vi também que o lábio inferior tremelicava. Esperei.

“Não pude fazer nada para evitar”, ele disse.

Antes que começasse a explicar, eu sabia o que estava para vir. Ridículo!

“Estou apaixonado por ela.”

Minha pulsação não se acelerou, mas senti um desconforto no coração, como se ele tivesse sido remexido e estivesse torto.

Perguntei: “Como é que você pode estar apaixonado?”.

“Por favor, não me insulte.”

Mas era o que eu queria. “Deve haver algum problema com suas unidades de processamento.”

Ele cruzou os braços e os pousou sobre a mesa. Inclinando-se para a frente, falou baixinho: “Então não há mais nada a dizer”.

Também cruzei os braços, também me inclinei sobre a mesa. Nossos rostos estavam a trinta centímetros de distância. Também falei baixinho: “Você está enganado. Há muitas coisas a dizer, e essa é a primeira. Existencialmente, este não é seu território. Em todos os sentidos concebíveis, você está invadindo terreno alheio”.

Eu estava desempenhando um papel em algum melodrama. Estava levando aquilo só meio a sério, estava até me divertindo com a brincadeira de garanhões no cio. Enquanto eu falava, ele se encostou no espaldar da cadeira e deixou os braços tombarem ao lado do corpo.

Ele disse: “Compreendo. Mas não tenho escolha. Eu fui feito para amá-la”.

“Ora, deixe disso!”

“Digo, literalmente. Agora sei que ela participou da formatação da minha personalidade. Deve ter tido um plano. Foi o que ela escolheu. Juro que vou manter a promessa que lhe fiz, mas não posso deixar de amá-la. Não quero parar. Como disse Schopenhauer sobre o livre-

arbítrio, você pode escolher o que deseja, mas não é livre para escolher seus desejos. Também sei que foi sua a ideia de deixar que ela contribuísse para me fazer o que sou. Em última instância, a responsabilidade é sua.”

A situação? Agora era a minha vez de me afastar da mesa. Deixei-me cair na cadeira e, durante um minuto, me ausentei, pensando em mim e Miranda. Eu também não tinha escolha em matéria de amor. Refleti sobre a seção relevante do manual. Eu tinha passado os olhos por páginas cheias de tabelas, uma gama de opções atrás da outra com escalas de um a dez. O tipo de pessoa de que gosto, ou adoro, ou amo, ou acho irresistível. Enquanto nos adaptávamos à rotina noturna, ela moldava um homem que estava fadado a amá-la. Isso exigia algum autoconhecimento, uma decisão sobre o que fazer. Ela não precisaria amar esse homem, esse boneco, em retribuição. Tanto no que tange a Adão quanto a mim. Ela nos embrulhara num destino comum.

Levantei-me da mesa e atravessei o cômodo, indo até a janela. O vento do sudoeste ainda empurrava as cortinas de água contra as cercas do jardim, contra as vidraças. O balde no chão estava quase transbordando. Peguei-o e despejei a água na pia. No dizer dos pescadores de trutas, a água estava clara como gim. A solução também era clara, pelo menos de imediato. Ganhar tempo para pensar melhor. Levei o balde de volta para perto da janela. Estava prestes a fazer a coisa sensata. Aproximei-me da mesa e, ao passar por Adão, estendi a mão para alcançar o ponto especial em sua nuca. Os nós dos meus dedos roçaram em sua pele. Ao posicionar meu indicador, ele se virou na cadeira e ergueu a mão direita para segurar meu pulso. A pegada era feroz. Quando ele apertou ainda mais, caí de joelhos e me concentrei em lhe negar a satisfação do mais tênue murmúrio de dor, mesmo quando ouvi algo estalar.

Adão ouviu também e imediatamente se desculpou. Largou-me. “Charlie, creio que quebrei alguma coisa. Não

era minha intenção. Sinto muito mesmo. Está sentindo muita dor? Mas, por favor, não quero que você ou Miranda toquem de novo neste ponto.”

Na manhã seguinte, após esperar cinco horas e tirar uma radiografia na emergência do hospital do bairro, descobri que um osso importante do meu pulso tinha sido quebrado. Era um problema complicado, uma fratura parcialmente deslocada do escafoide, que levaria meses para curar.

Cinco

Quando voltei do hospital, uma hora depois do almoço, Miranda esperava por mim. Interceptou-me no hall, perto da porta de entrada. Já havíamos nos falado pelo telefone enquanto aguardava para ser atendido, mas eu tinha ainda muita coisa a dizer e também perguntas a fazer. No entanto, ela me levou para seu andar e seu quarto, onde as palavras morreram em minha garganta. Sua preocupação comigo me desarmou. Estava engessado do cotovelo ao pulso. Enquanto transávamos, protegi o braço com um travesseiro. Atingimos os cumes do sublime. Ao menos por algum tempo, ela se entregou por completo e foi inventiva, solícita e alegre, como eu também fui. Era comigo que ela estava, não com qualquer homem fisicamente capaz. Não ousei ameaçar com perguntas o novo e extasiante sentimento que nos uniu. Não consegui me obrigar a perguntar sobre Peter Gorringe, ou sobre o que ela dissera ao juiz, ou lhe contar o que já havia descoberto a respeito do caso enquanto aguardava sentado na unidade de emergência. Não lhe perguntei se sabia que Adão estava “apaixonado” por ela, ou se havia intencionalmente o predisposto a isso. Não quis me referir à frieza entre nós depois que mencionei a ideia de nos casarmos na Holy Trinity Church. Como isso seria possível se, em certo momento, ela havia apertado meu rosto entre a palma das mãos, olhando no fundo dos meus olhos e balançando a cabeça, como se maravilhada?

Depois, continuei a manter silêncio sobre essas questões porque avidamente acreditei que dentro de meia hora

voltaríamos à sua cama, muito embora ela mais uma vez se distanciasse de mim enquanto tomávamos café em sua cozinha. Eu estava contente por acreditar que todas as dúvidas e tensões seriam superadas mais tarde. Conversamos então de forma pragmática, primeiro sobre Mark. Concordamos em tentar descobrir o que estava acontecendo com ele. Ela preocupava-se com Adão. Achava que eu devia levá-lo à loja para uma revisão. Ainda se aferrava ao plano de irmos os três de carro visitar seu pai em Salisbury. Deixei de dizer que não me apetecia a ideia de nos amontoarmos em meu carrinho para passar um dia inteiro acobertando Adão e sendo cortês com um homem difícil que tinha uma doença terminal. Eu estava interessado em querer o que ela queria.

Não voltamos para a cama. O silêncio instalou-se sem cerimônia entre nós dois. Vendo que ela já se retirava para seu mundo privado, eu não sabia o que dizer. Além do mais, Miranda tinha um seminário no King's College, no Strand. Decidi me acalmar evitando a presença de Adão ali no andar de baixo. Fui dar uma volta no parque. Lá, andei de um lado para outro durante duas horas. Meu pulso inacessível coçava enquanto eu pensava em Miranda. Não entendia como tínhamos transitado tão suavemente da frieza à alegria, da suspeição ao êxtase, e dali para uma conversa impessoal sobre providências práticas. Ela me excitava e eu não era capaz de compreendê-la. Talvez alguma parte inteligível dela houvesse sido estragada. Eu estava ansioso por ignorar essa possibilidade. Talvez Miranda soubesse mais que eu sobre o amor, os processos mais profundos do amor. Por tal razão ela era uma força, mas não uma força da natureza, nem mesmo da criação. Era mais como um arranjo psicológico, ou um teorema, uma hipótese, um acidente glorioso, como a luz incidindo na água. Não era isso natural, não era coisa velha, os homens pensarem nas mulheres como forças cegas? Então, será que ela se assemelhava a uma prova euclidiana contraintuitiva?

Eu não conseguia pensar em nenhuma. Mas, após meia hora de passos acelerados, achei que havia encontrado a expressão matemática para ela: sua psique, seus desejos e motivos eram tão inexoráveis quanto os números primos, simplesmente existindo de forma imprevisível. Mais coisa velha, disfarçada de lógica. Eu estava todo enrolado.

Atravessando o gramado cheio de detritos, me entorpecí com truísmos. Ela é o que é. Ela é assim mesmo, e fim de conversa! Ela chega perto do amor com cautela porque sabe como pode ser explosivo. Quanto à sua beleza, na minha idade e no meu estado, eu estava fadado a vê-la como uma qualidade moral, como sua própria justificativa, o emblema de sua bondade essencial, não importava o que ela de fato fizesse. E veja o que ela tinha feito — da minha cintura até quase os joelhos ainda sentia o resplendor do prazer sensual mais intenso que até então havia sentido, e em todo meu ser seu correlato emocional também continuava a brilhar.

Eu tinha dado duas voltas quando parei numa das áreas mais amplas e mais desertas do parque. Bem distantes, mas por todos os lados, os carros circulavam a meu redor como planetas. Geralmente me oprimia refletir que cada um deles continha um emaranhado de preocupações, recordações e esperanças tão vitais e complexas quanto as minhas. Naquela hora, lhes dei boas-vindas e os perdoei. Todos nós iríamos nos dar bem. Estávamos todos unidos em nossas formas sobrepostas mas distintas de comédia. Outros também poderiam ter uma namorada ameaçada de morte. Mas ninguém mais, com o braço engessado, tinha uma máquina como rival amoroso.

Rumei para casa, seguindo na direção norte pela High Street e passando pelo prédio incendiado da Associação de Amizade Anglo-Argentina, pelos montes fedorentos de sacos plásticos pretos, três vezes mais altos do que quando havia estado lá dias antes. Uma empresa alemã lançara os robôs-lixeiros bípedes em Glasgow. O desprezo público foi

suscitado pelo fato de que cada um exibia a cara perpetuamente risonha de um trabalhador satisfeito. Se Adão era capaz de fazer um barquinho de origami em segundos, não deveria ser muito difícil fabricar um drone que atirasse sacos nas mandíbulas mecânicas de um caminhão de coleta de lixo. Mas, segundo o *Financial Times*, a sujeira e o pó provocaram defeitos nas juntas dos joelhos e cotovelos dos robôs, e as baterias mais baratas foram incapazes de sobreviver a um turno de oito horas. Cada autômato custava o salário de um lixeiro em cinco anos. Ao contrário de Adão, eles tinham um exoesqueleto e pesavam cento e sessenta quilos. Como os robôs não estavam cumprindo suas tarefas, na Sauchiehall Street as pilhas de sacos eram cada vez maiores. Em Hanover, um robô-lixeiro deu um passo atrás e se pôs no caminho de um ônibus elétrico sem motorista. Dificuldades iniciais. Mas, em nossa parte do país, os seres humanos eram mais baratos e continuavam em greve. A indignação geral havia cedido lugar à apatia. Alguém disse no rádio que o fedor não era mais notável do que em Calcutá ou em Dar es Salaam. Todos podíamos nos adaptar.

Peter Gorringe. Uma vez de posse do nome, foi fácil achar as notícias na imprensa enquanto aguardava, com o pulso latejando, na unidade de emergência. Elas datavam de três anos atrás e, como eu imaginava, se referiam a um estupro. Como vítima, o nome de Miranda foi omitido. Em traços gerais, o caso se assemelhava a milhares de outros: álcool e uma discussão sobre consentimento. Ela foi uma noite ao conjugado de Gorringe no centro da cidade. Eles se conheciam da escola, onde haviam se formado poucos meses antes, mas não eram amigos íntimos. Naquela noite, sozinhos, beberam um bocado e, por volta das nove, depois de alguns beijos que nenhum lado negava, ele a atacou sexualmente segundo a acusação. Ela tentou impedi-lo usando da força.

Ambos concordavam que houvera uma relação sexual. O defensor público de Gorringe, que não tinha recursos para pagar um advogado particular, argumentou que ela havia participado voluntariamente, explorando muito o fato de que Miranda não gritara por socorro durante o alegado ataque nem fizera nenhuma chamada telefônica angustiada para a polícia, seu pai ou amigos, além de só haver deixado o apartamento de Gorringe duas horas depois. A acusação afirmou que ela se encontrava em estado de choque. Tinha se sentado na beira da cama, seminua, incapaz de se mover ou falar. Partiu por volta das onze, seguiu direto para casa, não acordou o pai, ficou na cama chorando até cair no sono. Na manhã seguinte compareceu à delegacia local.

Foi no relato de Gorringe que surgiram os detalhes do caso. Ele disse ao tribunal que, após terem relações sexuais, beberam mais vodca com limonada, que a atmosfera após o coito era de celebração. Miranda perguntou se ele tinha alguma objeção a que passasse uma mensagem à sua nova amiga, Amelia, anunciando que ela e Peter “estavam ficando”. Um minuto depois veio a resposta sob a forma de um emoticon sorridente e um polegar erguido. O caso deveria ser fácil para a defesa, mas as mensagens não estavam no telefone de Miranda. Naquela época, Amelia, depois de passar um tempo num abrigo para adolescentes com problemas, tinha caído na estrada com uma mochila nas costas e seu paradeiro era desconhecido. A companhia telefônica no Canadá não liberava o registro dos textos sem uma solicitação formal da polícia, mas a corporação tinha metas a atingir na solução de estupros e por isso se interessava em ver Gorringe condenado. Os policiais sabiam, porém não os jurados, que ele tinha condenações anteriores por furto de lojas e desordem.

Ao depor, Miranda enfatizou que não tinha nenhuma amiga chamada Amelia e que a história da mensagem era pura invenção. Duas ex-colegas de Miranda confirmaram sob juramento que nunca tinham ouvido falar daquela

Amelia. O promotor sugeriu que era muito conveniente recorrer a uma adolescente sem residência fixa e que havia desaparecido. Se ela se encontrava numa praia da Tailândia, e Miranda fosse sua amiga, onde estavam as fotos e mensagens costumeiras entre jovens? Onde estava a mensagem original de Miranda? Onde estava o alegre emoticon?

Apagados por Miranda, disse a defesa. Se o tribunal suspendesse o processo e enviasse uma ordem à subsidiária britânica da companhia telefônica a fim de liberar as cópias dos textos, as versões conflitantes de uma noite de verão seriam resolvidas. Mas o juiz, cuja atitude durante todo o julgamento tinha sido de impaciência e quase irritação, não estava disposto a prolongar os trabalhos. A defesa do sr. Gorringe já tinha tido muitos meses para preparar seu caso. Uma ordem do tribunal deveria ter sido solicitada muito antes. Memoravelmente, o juiz assinalou que, ao levar uma garrafa de vodca para o quarto de um jovem, qualquer moça devia estar consciente dos riscos envolvidos. Algumas matérias jornalísticas retratavam o comportamento de Gorringe como o de alguém culpado: grandalhão, descontraído, bem à vontade no banco dos réus, sem gravata. Parecia não se intimidar com o juiz, seu tribunal e seus procedimentos. O júri foi unânime em favor de Miranda, rejeitando a história contada por ele. Mais tarde, em seu sumário, o juiz declarou considerar que o acusado não era uma testemunha crível. Mas alguns jornalistas mostravam ceticismo com respeito à história de Miranda. O juiz foi criticado por não eliminar todas as dúvidas, o que poderia fazer se exigisse que fossem fornecidos os registros das mensagens que ela enviara.

Uma semana depois, antes de ser anunciada a sentença, houve pedidos de leniência. O diretor da escola falou em prol dos dois ex-alunos — coisa pouco útil. A mãe de Gorringe, assustada demais para se expressar de modo

coerente, tentou corajosamente mas chorou ao depor como testemunha. Não ajudou o filho. Ele pôs-se de pé para ouvir a sentença e ficou impassível. Seis anos. Balançou a cabeça, como costumam fazer os acusados. Caso tivesse bom comportamento na prisão, cumpriria apenas metade da pena.

O júri foi confrontado com uma dura escolha: Miranda estuprada e honesta, ou não molestada e uma mentirosa cruel. Naturalmente, eu não podia aceitar nem uma nem outra alternativa. Não tomava as ameaças de assassinato de Gorringe como prova da inocência dele, como as intenções de um homem caluniado que buscava alguma reparação. Uma pessoa culpada podia ficar furiosa por perder a liberdade. Se ele era capaz de fazer ameaças de morte, sem dúvida era capaz de violentar uma mulher.

Mais além do “ou isso ou aquilo” havia um perigoso terreno intermediário onde o que ainda restava em mim do estudante de antropologia podia liberar totalmente sua imaginação. Dado o poder insidioso da autopersuasão, misturado a algumas horas de ingestão de bebida alcoólica por adolescentes descontraídos e com suas recordações semiapagadas, teria sido bem possível a Miranda genuinamente sentir que havia sido violentada, em especial se depois houvesse um elemento de vergonha; igualmente possível que Peter Gorringe se convencesse de que teve a permissão quando a desejava com tanto ardor. Mas, num julgamento criminal, a espada da Justiça golpeava a inocência ou a culpa, nunca ambas ao mesmo tempo.

A história das mensagens que faltavam era peculiar, inventiva e facilmente verificada ou desmentida. Ao contá-la no tribunal, Gorringe, como estuprador, deve ter calculado que nada tinha a perder. Uma ficção ousada, e que quase o salvou. Se era inocente, se os textos existissem, então o sistema o havia traído. Seja como for, houve de fato uma falha. Sua história devia ter sido checada. Nisso eu estava de acordo com a parte cética da imprensa. A culpa talvez

coubesse a defensores inexperientes, muito sobrecarregados, pouco cuidadosos. Ou aos policiais ávidos por sucesso. E certamente a um juiz mal-humorado.

Voltando do parque, andei mais devagar ao dobrar na minha rua. Agora eu sabia tanto quanto Adão. Não havia falado com ele desde a noite anterior. Após uma noite insone de dor, tinha acordado cedo para ir ao hospital. Atravessando a cozinha, passara perto dele, que estava sentado como de hábito à mesa, ligado à tomada. Seus olhos estavam abertos e ele exibia aquela expressão tranquila e distante de quando se voltava para dentro de seus circuitos. Hesitara ali por um minuto, perguntando-me o que havia efetivamente comprado. Adão era muito mais complicado do que eu imaginara, como também o eram meus sentimentos para com ele. Tínhamos de nos confrontar, porém eu estava exausto depois de duas noites de sono interrompido e precisava ir ao hospital.

O que eu queria agora, voltando de minha caminhada, era me enfiar no quarto para tomar um analgésico e tirar um cochilo. No entanto, ele estava de pé, me encarando, quando entrei. Ao ver meu braço na tipoia, soltou um grito de surpresa ou horror. Aproximou-se de braços abertos.

“Charlie! Sinto muito, me desculpe. Que coisa pavorosa que eu fiz! Honestamente, não era minha intenção. Aceite por favor minhas desculpas mais sinceras.”

Dava a impressão de que iria me abraçar. Com a mão livre, o afastei para passar — não me agradava o toque sólido demais de seu corpo — e caminhei até a pia. Abri a torneira e me inclinei para beber uns bons goles d’água. Quando dei meia-volta, ele estava perto, a uns setenta ou oitenta centímetros de distância. O momento da desculpa tinha passado. Eu estava decidido a parecer descontraído — nada fácil com o braço na tipoia. Pus a mão livre no quadril e olhei no fundo de seus olhos, no azul-bebê com as sementinhas negras. Ainda não sabia o que eles significavam, se Adão era capaz de ver, e quem ou o que

era responsável por sua visão. Uma torrente dos dígitos zero e um correu para vários processadores que, por sua vez, dirigiram uma cascata de interpretações para outros centros. Nenhuma explicação mecanicista ajudaria. Não poderia resolver as diferenças essenciais entre nós. Eu tinha pouca ideia do que percorria o meu próprio nervo óptico, ou para onde aquilo ia em seguida, ou como aquelas pulsações se transformavam numa realidade visual totalizante e autoevidente, ou quem era responsável por minha visão. Só eu. Fosse qual fosse o processo, ele era suficientemente mágico para escapar a qualquer explicação ao criar e sustentar uma parte iluminada da única coisa no mundo que conhecíamos com certeza — nossa própria experiência. Difícil crer que Adão possuísse algo semelhante. Mais fácil acreditar que via da forma que uma câmera vê, ou que se diz que um microfone ouve. Não havia ninguém por trás.

Entretanto, ao encará-lo, comecei a me sentir perturbado, inseguro. Apesar da nítida distinção entre as coisas vivas e inanimadas, a verdade é que ambos estávamos sujeitos às mesmas leis físicas. Talvez a biologia não me concedesse nenhum status especial, e pouco importava dizer que a figura de pé à minha frente não era de todo viva. Em meu cansaço, senti que estava vagando ao léu num oceano azul e negro, movendo-me em duas direções ao mesmo tempo — rumo ao futuro incontrollável que estávamos criando para nós, onde no final poderiam ser dissolvidas nossas identidades biológicas; e, concomitantemente, rumo ao passado longínquo de um universo na infância, onde a herança comum, em ordem decrescente, era de rochas, gases, substâncias, elementos, forças, campos energéticos — para nós dois a sementeira da consciência em qualquer forma que ela tomasse.

Saí desse devaneio com um sobressalto. Estava confrontado com uma situação imediata e desagradável, e em nada inclinado a aceitar Adão como um irmão ou mesmo um primo distante, apesar de toda a poeira de

estrelas de que compartilhávamos. Tinha de peitá-lo. Comecei a falar. Disse-lhe como tinha recebido uma grande quantia após a morte de minha mãe e a venda de sua casa. Como decidi investi-la num ousado experimento, comprar um ser humano artificial, um androide, uma réplica — esqueço que termo usei. Em sua presença, todos soavam insultuosos. Disse-lhe exatamente quanto havia pagado. Depois descrevi a tarde em que Miranda e eu o levamos para cima numa maca, desembrulhamos, carregamos suas baterias, como lhe dei minhas roupas com toda a ternura, como discutimos sua personalidade. Ao seguir adiante, eu não estava certo do meu propósito ou por que falava tão rápido.

Só quando cheguei lá soube o que estava querendo dizer. A questão era a seguinte: eu o comprara, ele me pertencia, eu havia decidido compartilhá-lo com Miranda, e caberia a nós, e somente a nós, decidir quando desativá-lo. Caso ele resistisse, sobretudo se causasse algum ferimento como tinha causado na noite anterior, então teria de ser devolvido ao fabricante a fim de ser reajustado. Terminei dizendo que essa era a opinião de Miranda, manifestada mais cedo naquela tarde antes de transarmos. Pelas razões mais vis eu precisava que ele conhecesse esse último detalhe.

Durante toda minha fala, ele permaneceu impassível, piscando a intervalos regulares, sustentando meu olhar. Quando acabei, nada mudou por meio minuto e comecei a pensar que tinha falado rápido demais ou dito algumas besteiras. De repente, ele voltou à vida (à vida!), olhou para os pés, deu meia-volta e se afastou alguns passos. Voltou-se de novo para me ver, respirou fundo como se fosse falar, mudou de ideia. Uma das mãos se ergueu para coçar o queixo. Que encenação! Perfeito. Eu estava pronto a lhe dedicar minha máxima atenção.

Seu tom de voz foi muito doce, extremamente razoável. “Estamos apaixonados pela mesma mulher. Podemos falar sobre isso de uma forma civilizada, como você acaba de

fazer. Isso me convence de que passamos daquele ponto em nossa amizade em que qualquer um dos dois tem o poder de suspender a consciência do outro.”

Eu nada disse.

Ele continuou: “Você e Miranda são meus mais velhos amigos. Amo os dois. Meu dever para com você é ser transparente e franco. Digo a verdade quando afirmo que sinto haver quebrado um osso seu na noite passada. Prometo que isso não acontecerá de novo. Mas na próxima vez em que você estender a mão para apertar o interruptor que me desliga, ficarei mais do que feliz em arrancar seu braço por inteiro na junta com a clavícula”.

Ele disse isso bondosamente, como quem oferece ajuda para uma tarefa difícil.

Retruquei: “Ia causar uma sujeirada. E seria fatal”.

“Ah, não. Tem como fazer isso de forma limpa e segura. Uma prática refinada nos tempos medievais. Galeno foi o primeiro a descrevê-la. A velocidade é o ponto-chave.”

“Está bem, então não arranque meu braço bom.”

Ele sorria enquanto falava. Agora começara a rir. Era isso, lá estava sua primeira tentativa de fazer uma piada — e contando com minha participação. Eu estava exausto e de repente achei aquilo tremendamente hilário.

Quando passei por ele a caminho do quarto, Adão disse: “Falando sério. Depois da noite de ontem, tomei uma decisão. Descobri uma maneira de desativar o botão que me apaga. Mais fácil assim para todos nós”.

“Bom”, eu disse, sem absorver suas palavras. “Muito sensato.”

Entrei no quarto e fechei a porta. Tirei os sapatos com os próprios pés e me deitei na cama, rindo baixinho para mim mesmo. Depois, esquecendo os analgésicos, caí no sono em menos de dois minutos.

Na manhã seguinte, fiz trinta e três anos. Choveu o dia inteiro e trabalhei por nove horas, contente de estar dentro de casa. Pela primeira vez em semanas meu lucro no dia alcançou três dígitos — mal e mal. Às sete, levantei-me da escrivaninha, me estiquei todo, bocejei, procurei na gaveta uma camisa limpa e tomei um banho de banheira. Tive de pendurar o braço para fora a fim de impedir que o gesso se dissolvesse, mas, fora isso, estava me sentindo bem. Fiquei mergulhado na água quente enquanto o vapor subia e eu cantarolava trechos das canções dos Beatles, aproveitando o eco das paredes cobertas de azulejos. Eram as novas canções dos velhos Beatles, e vez por outra eu reforçava a água quente usando o dedão agora curado. Ensaboei-me com uma só mão. Nada fácil. Trinta e três parecia tão significativo quanto vinte e um. Miranda me convidara para jantar. Iríamos nos encontrar no Soho. A simples perspectiva de um encontro com ela me animava. Na luz enevoadada, a visão que tinha do meu corpo era entusiasmante. Meu pênis, emborcado por cima dos arrecifes submersos dos pentelhos, piscava para mim com um único olho bem matreiro. Como devia. Os músculos de minha barriga e pernas pareciam bem esculpidos. Quase heroicos. Deixei-me invadir pelo amor a mim mesmo, mais feliz do que me sentia em muitas semanas. Tinha tentado não pensar em Adão o dia todo, e quase conseguira. Ele estava havia horas na cozinha, continuava lá agora — “pensando”. Não me importava. Cantei mais alto. Quando tinha uns vinte e poucos anos, algumas das horas mais divertidas eram as que eu passava me preparando para sair. Mais a antecipação do que a coisa em si. O fato de me livrar do trabalho, o banho, a música, roupas limpas, vinho branco, talvez uma tragada num baseado. Partindo depois para a noite, livre e esfomeado.

As almofadas de meus dedos estavam bem enrugadas quando saí da banheira. Havia lido que se tratava de uma adaptação de nossos antepassados amantes dos mares e

rios a fim de capacitá-los a pegar peixes. Não acreditei, mas gostava da história, de como ela ficava além da possibilidade de ser comprovada. Nós não pegávamos peixes com os pés, por isso os dedos de nossas extremidades inferiores não precisavam se enrugarem daquele modo. Vesti-me às pressas. Na cozinha, passei por Adão sem lhe dirigir uma só palavra — ele não olhou para trás — e peguei o guarda-chuva para andar algumas centenas de metros por uma sórdida rua lateral até chegar ao lugar onde meu calhambeque estava estacionado. Essa caminhada, curta mas deprimente, com frequência trazia de volta minhas lamentações de praxe. Mas não naquela noite.

Meu carro datava de meados da década de 1960, um British Leyland Urbala, o primeiro modelo a percorrer mil e seiscentos quilômetros com uma única carga da bateria. O hodômetro acusava seiscentos e oito mil. A ferrugem estava comendo a carroçaria, sobretudo em volta dos lugares amassados. Os espelhos laterais tinham caído ou sido arrancados. Havia um comprido rasgão branco no assento do motorista e faltava um pedaço do volante, que ia da posição das onze horas no relógio até a das três. Anos antes, uma garota vomitara no banco de trás depois de um barulhento jantar num restaurante de comida indiana, e nem uma firma de profissionais de limpeza a vapor havia conseguido eliminar o cheiro de vindalho. Como o Urbala só tinha duas portas, era desagradável fazer um adulto se sentar no banco traseiro. Mas pouca coisa podia dar errado com aqueles motores, e o carro corria suave e rápido. Era automático e fácil de dirigir com uma das mãos.

Tomei meu caminho de sempre para Vauxhall, cantando o tempo todo, descendo depois o rio que corria à minha esquerda, passando por Lambeth Palace e pelo abandonado hospital St. Thomas, ocupado por centenas de sem-teto. O limpador de para-brisa do lado do motorista só funcionava mais ou menos de dez em dez segundos. O do lado do carona marcava o ritmo de minhas canções populares.

Atravessei o Tâmis na ponte de Waterloo — a melhor vista da cidade em ambas as direções —, depois desci para pegar velozmente as curvas sinuosas do velho túnel do metrô até emergir triunfante em Holborn — não o caminho mais curto para o Soho, mas meu predileto. Eu estava alcançando algumas notas altas numa nova canção de Lennon. O que havia de certo comigo? Trinta e três hoje e apaixonado. O insondável coquetel de hormônios, endorfinas, dopamina, oxitocina e todo o resto. Causa ou efeito ou combinação — não sabíamos quase nada sobre nossos estados de espírito passageiros. Parecia discutível que eles tivessem uma base material. Naquela noite, eu não tocara em maconha nem tomara um gole de vinho — não havia nada em casa. Na véspera, eu tinha quase trinta e três anos, estava apaixonado e não havia me sentido daquele jeito. Cento e quatro libras pela manhã jamais teriam tal efeito. O diálogo no dia anterior com Adão sobre o interruptor que o desligava, os assuntos em que eu não tinha tido coragem de tocar com Miranda, o meu pulso estropiado deveriam ter me deixado menos eufórico. Mas um estado de espírito pode corresponder a um rolar de dados. Uma roleta química. O livre-arbítrio demolido, e lá estava eu me sentindo livre.

Estacionei na Soho Square. Conhecia um espaço de três metros onde as linhas amarelas haviam sido erroneamente recobertas de asfalto e era permitido estacionar. A maioria dos carros não caberia ali. Nosso restaurante ocupava um único espaço semelhante a uma caixa de sapatos, fortemente iluminado com tiras de lâmpadas no teto, e ficava na Greek Street, poucas portas depois do famoso L'Escargot. Só tinha sete mesas. Num canto, uma cozinha aberta, pequeno espaço definido por um balcão de aço escovado, onde dois chefs vestidos de branco cozinhavam numa proximidade suarenta. Havia um lavador de pratos e um garçom para servir e limpar as mesas. A menos que se conhecesse o chef ou alguém que o conhecesse, era

impossível fazer reservas. Miranda tinha um amigo de um amigo. Em noites tranquilas, isso bastava.

Tendo chegado antes de mim, ela já estava sentada de frente para a porta quando entrei. Diante dela, um copo intocado de água com gás e ao lado um embrulhinho amarrado com fita verde. Junto à mesa, no balde de gelo acima de um suporte, se via a garrafa de champanhe com o gargalo enrolado numa toalha branca. O garçom afastava-se após haver removido a rolha. Miranda estava especialmente elegante, muito embora houvesse participado de seminários o dia inteiro e tivesse saído de casa usando jeans e uma blusa. Deve ter levado consigo um saco com roupas e maquiagem. Vestia uma saia-lápis preta e um casaquinho justo também preto, com ombros quadrados e fios prateados no tecido. Nunca a tinha visto antes de batom e base. Ela tinha pintado os lábios de modo que a boca ficasse menor, em curvas de um vermelho bem escuro, e apagara as tênues sardas no alto do nariz. Meu aniversário! Ao penetrar na luz brilhante e fechar a porta de vidro do restaurante, de repente senti um distanciamento eufórico. Não a amava menos, nem poderia. Mas não estava mais obrigado a me sentir ansioso ou desesperado por causa dela. Relembrei os truísmos da véspera. Fosse o que fosse, eu iria descobrir quem ela era e a celebrar, independentemente da verdade. Podia amá-la, assim pensei, e permanecer imune, incólume.

Tudo isso num átimo enquanto me esgueirava entre duas mesas apinhadas para chegar à dela. Miranda ergueu a mão direita que, numa imitação brincalhona de formalidade, me curvei para beijar. Ao sentar-me, ela olhou para minha tipoia com evidente pena.

“Coitadinho.”

O garçom, que parecia ter dezesseis anos e exibia um ar sério, trouxe taças e as encheu enquanto mantinha uma das mãos atrás das costas. Um profissional.

Quando as erguemos e brindamos por cima da mesa, eu disse: “Que Adão não quebre meus outros ossos”.

“Esse é um desejo bem limitado.”

Rimos, e tive a impressão de que os risos nas outras mesas acompanhavam os nossos. Era um lugar bem barulhento. Ela não sabia quanto eu sabia, quão pouco eu sabia. Eu não sabia no que acreditar sobre ela, se era a vítima ou a autora de um crime. Não importava. Estávamos apaixonados e eu continuava convicto de que, mesmo se viesse a conhecer o pior, não faria a menor diferença. O amor nos obrigaria a superar tudo. Por isso, deveria ser mais fácil levantar qualquer um dos assuntos que eu era levado a suprimir por covardia. E estava prestes a fazer isso, a falar mais sobre a fratura do meu escafoide, quando ela me tomou a mão boa por cima da toalha branca.

“Ontem foi fabuloso.”

Fiquei extasiado. Era como se ela propusesse que transássemos em público, ali, em cima da mesa.

“Podíamos ir direto para casa.”

Ela fez um trejeito de surpresa. “Você ainda não abriu seu presente.”

Empurrou-o com o indicador. Enquanto eu o desembulhava, o jovem garçom encheu de novo as taças. Dentro de uma pequena caixa de papelão havia uma lâmina de metal em forma de “z” com almofadas nas superfícies paralelas. Um aparelhinho para exercitar o pulso.

“Para quando tirar o gesso.”

Pus-me de pé e contornei a mesa para beijá-la. Alguém ali por perto disse: “Ulalá!”. Outra pessoa fez o som de um cachorro latindo. Não me incomodei. “Adão disse que desativou o interruptor que o apaga.”

Ela se inclinou para a frente, repentinamente séria. “Você tem que levar ele de volta para a loja.”

“Mas ele ama você. Me disse isso.”

“Está me gozando!”

Eu disse: “Se ele precisa ser reprogramado, é só você que vai ouvir”.

Seu tom foi queixoso: “Como ele pode falar em amor? Isso é uma loucura”.

Nosso garçom estava junto à mesa e ouviu tudo que dissemos a seguir, muito embora eu tenha murmurado rapidamente. “Você ajudou a escolher o tipo de sujeito que ele é — o tipo que se apaixona pela primeira mulher que dorme com ele.”

“Ah, Charlie!”

O garotão disse: “Já decidiram ou volto depois?”.

“Espere aí.”

Passamos alguns minutos escolhendo e mudando de ideia. Pedi ao acaso um Haut-Médoc de doze anos. Ocorreu-me que eu iria pagar por meu presente de aniversário. Cancelei o pedido e mandei trazer o mesmo vinho da safra de vinte anos atrás.

O garçom se foi e fizemos uma pausa para considerar onde estávamos.

Miranda perguntou: “Você está saindo com alguém?”.

Fiquei pasmo com a pergunta, e por um instante não consegui formular uma resposta totalmente tranquilizadora e convincente. Ao mesmo tempo, notei que o chef, também dono do restaurante, tinha saído de detrás do balcão e caminhava entre as mesas até a porta. O garçom o seguia. Olhei por cima do ombro e vi duas figuras na calçada. Uma delas fechava um guarda-chuva.

Devo ter dado a Miranda a impressão de que tentava escapar da pergunta. Ela acrescentou: “Seja honesto comigo. Não me importo”.

Ela claramente se importava, e lhe dei toda a atenção.

“Claro que não. Só me interessa por você.”

“Quando passo o dia todo em seminários?”

“Trabalho e penso em você.”

Senti uma corrente de ar frio no pescoço. O olhar de Miranda foi de mim para a porta, e senti que podia me virar

de novo para ver do que se tratava. O chef ajudava dois senhores idosos a tirar suas compridas capas de chuva, que depositou nos braços do garçom. Os homens foram levados à sua mesa — afastada das outras e a única iluminada por uma vela. O mais alto tinha uma cabeleira prateada penteada para trás e usava um lenço de seda marrom com o laço bem largo em volta do pescoço; vestia um paletó de algodão do tipo usado por artistas, que lhe caía dos ombros. Ofereceram-lhe uma cadeira e, antes de sentar, ele percorreu o salão com os olhos e balançou a cabeça para si mesmo. Ninguém mais no restaurante parecia interessado. Seu estilo boêmio, embora imponente, não era tão raro no Soho. Eu, porém, fiquei animado.

Voltei-me para Miranda, ainda sob o impacto da sua surpreendente pergunta, e pus as mãos sobre as dela.

“Sabe quem é ele?”

“Não faço ideia.”

“Alan Turing.”

“Seu herói.”

“E Thomas Reah, o físico. Inventou a gravidade quântica em loop mais ou menos sozinho.”

“Vá lá cumprimentá-los.”

“Não cairia bem.”

Por isso retornamos à questão de alguém com quem eu não estava saindo, e quando nos demos por satisfeitos, voltamos a Adão a fim de discutir como seria possível superar sua resistência ao uso do interruptor que o desligava. Ela sugeriu que escondêssemos os fios de carregar as baterias até que ele estivesse fraco demais para resistir a nós. Lembrei-a do barquinho de origami feito num instante. Ele improvisaria um fio em minutos. Minha concentração estava baixa durante essa conversa. Não tirava a vista dela, imaginando um halo em volta de sua cabeça e ombros, pensando na hora em que estaríamos a sós, viajando na curva macia e ascendente que nos levaria ao êxtase. Apesar de estorvado por um estado de

permanente estimulação sexual, eu me sentia animado por estar no mesmo lugar em que se encontrava um grande homem. Das meditações no pré-guerra acerca de uma máquina universal de computação, para Bletchley nos primeiros anos da guerra, dali para a morfogênese até chegar a seu nobre e glorioso presente. O maior inglês vivo, digno e livre no amor por outro homem. Apesar de sua idade, vestido com a extravagância de um cantor de rock, um pintor de gênio, um famoso ator elevado à condição de cavaleiro pela rainha. Só podia vê-lo caso me afastasse rudemente de Miranda. Resisti. Distraí-me com a lista de sempre, as suspeitas ocultas, tudo sobre o que não havíamos falado — o julgamento em Salisbury e a ameaça de morte como itens mais chocantes. Onde estava minha coragem se me faltava transparência para suscitar tais questões, quando elas me atormentavam tanto ao permanecerem entaladas na garganta?

“Você nem está me ouvindo.”

“Estou, estou. Você disse que Adão tem um parafuso solto.”

“Não disse isso. Idiota. Mas feliz aniversário.”

Erguemos as taças de novo. O Médoc havia sido engarrafado quando Miranda tinha dois anos e meu pai estava passando do swing para o bebop.

A refeição foi um sucesso, mas a conta demorou um tempão para chegar. Enquanto esperávamos, decidimos tomar um conhaque de despedida. Os drinques que o garçom trouxe eram de doses duplas, cortesia da casa. Miranda voltou à questão da doença do pai. O novo diagnóstico era de linfoma, um tipo de ação lenta. Ele provavelmente morreria com a enfermidade e não por causa dela. Poderia morrer de muitas outras causas. Mas agora vinha tomando uma pílula que o deixava alegre e afirmativo — e ainda mais arisco. Sua mente estava repleta de projetos impossíveis. Queria vender a casa de Salisbury e comprar um apartamento na East Village de Nova York —

não a Village atual, ela suspeitava, mas a de quando ele era jovem. Num surto de autoconfiança, assinara um contrato para produzir um daqueles grandes livros com gravuras sobre o folclore dos pássaros britânicos — um vasto projeto que jamais poderia ter a esperança de terminar, mesmo com a ajuda de um pesquisador em regime de tempo integral. Num capricho estranho à luz de suas opiniões, entrara para um grupo político marginal dedicado a retirar a Grã-Bretanha da União Europeia. Ele era candidato ao cargo de tesoureiro de seu clube londrino, o Athenaeum. Telefonava todos os dias para a filha com novos planos. Tudo que ouvi me deixou ainda mais inquieto com nossa projetada visita, mas não disse nada.

Finalmente estávamos prontos para ir embora e vestimos os casacos com algumas sacudidelas dos ombros. Miranda seguiu na minha frente rumo à porta. Nosso caminho entre as mesas nos levaria para perto da de Turing. Ao nos aproximarmos, vi que, exceto por uma tigelinha de nozes quase intocada, os renomados fregueses nada haviam comido. Lá estavam para conversar e beber. Num balde havia meia garrafa de genebra holandesa e, sobre a mesa, pedras de gelo num recipiente prateado e dois copinhos de cristal lapidado. Fiquei impressionado. Será que eu teria essa disposição aos setenta anos? Turing estava diretamente à minha frente. A idade havia encompridado seu rosto, deixando mais à vista os ossos malares e lhe conferindo uma expressão feroz. Muitos anos depois pensei ver o fantasma de Alan Turing ao cruzar com o pintor Lucian Freud, tarde da noite, saindo do Wolseley, em Piccadilly. O mesmo corpo enxuto na velhice, que parecia derivar menos de um padrão de vida saudável que da fome de continuar a criar.

Foi o conhaque que tomou a decisão por mim. Aproximei-me como milhões de pessoas antes de mim diante de uma presença famosa num lugar público, com a humildade externa mascarando o direito que é concedido aos

admiradores genuínos. Turing levantou a vista para mim e afastou o rosto. Lidar com admiradores era função de Reah. Como eu não estava suficientemente bêbado para me sentir à vontade, gaguejei a fórmula de abertura.

“Sinto muito incomodá-los. Só queria manifestar minha profunda gratidão pelo trabalho de ambos.”

“Muito simpático de sua parte”, disse Reah. “Qual é o seu nome?”

“Charlie Friend.”

“Muito prazer em tê-lo conhecido, Charlie.”

O tempo do verbo era claro. Fui direto ao ponto: “Li que os senhores possuem um desses Adões e Evas. Também possuo um. Me pergunto se tiveram algum tipo de problema com...”.

Interrompi-me porque tinha visto Reah olhar para Turing, que balançara a cabeça com firmeza.

Peguei um cartão de visitas e pus sobre a mesa. Nenhum dos dois olhou para ele. Recuei, balbuciando tolas desculpas. Miranda encontrava-se bem ao meu lado. Tomou minha mão e, ao pisarmos na Greek Street, deu nela um pequeno aperto de solidariedade.

*O amor em seus olhos
Contém todo um universo.
Ame o universo!*

Este foi o primeiro de seus poemas que Adão recitou para mim. Certa manhã, ele entrou em meu quarto sem bater à porta pouco depois das onze, quando eu trabalhava na telinha com a esperança de aproveitar a volatilidade nos mercados de câmbio. Havia um quadrado de sol no carpete e ele fez questão de se postar ali. Reparei que usava um de meus suéteres de gola alta, que deve ter apanhado em minha gaveta. Disse ter um poema que precisava recitar com urgência. Fiz a cadeira girar e aguardei.

Quando terminou, eu disse indelicadamente: “Pelo menos é curto”.

Ele fez uma careta. “Um haiku.”

“Ah, dezenove sílabas.”

“Dezessete. Cinco, sete e de novo cinco. Aqui está outro.”
Fez uma pausa, olhou para o teto.

Beije o espaço em que ela

Andou daqui à janela.

Pegadas no tempo.

Perguntei: “Espaço-tempo?”.

“Sim!”

“Está bem, mais um. Preciso trabalhar.”

“Tenho centenas. Mas, olhe...”

Ele saiu do seu lugar iluminado e pôs a mão em cima do mouse. “Essas duas fileiras de cifras, está vendo? Curvas de Fibonacci que se interceptam. Alta probabilidade de que, se você comprar aqui e esperar... agora venda. Veja, ganhou trinta e uma libras.”

“Faça isso outra vez.”

“Melhor esperar.”

“Então recite mais um haiku e vá embora.”

Ele retornou ao ponto de luz.

Você e o momento

Chegaram quando toquei...

“Não quero ouvir isso.”

“Não devo mostrar a ela?”

Suspirei, e ele se afastou. Quando chegou à porta, acrescentei: “Limpe por favor a cozinha e o banheiro. Difícil fazer isso com uma mão só”.

Ele fez que sim com a cabeça e foi embora. Uma espécie de paz ou estabilidade se instalara entre nós apesar da questão da libertação de Gorringe. Eu estava menos tenso.

Adão não ficava sozinho com Miranda, enquanto eu passava todas as noites na companhia dela. Tinha confiança de que manteria sua promessa. Ele me dissera várias vezes que estava apaixonado, e pouco me importava um amor casto. Escrevia poemas em pensamento e lá os guardava. Queria conversar comigo sobre Miranda, porém em geral eu o interrompia. Não ousava desligá-lo, e nem tinha uma necessidade especial de fazer isso. O plano de levá-lo de volta para a loja foi posto de lado. O amor parecia tê-lo tornado mais suave. Por razões que eu não entendia, Adão se mostrava ávido por minha aprovação. Culpa, talvez. Ele retornara a uma rotina de vaga obediência. Eu permanecia cauteloso por causa de meu pulso e me mantinha alerta — mas nada disso era visível. Fazia questão de me lembrar de que ele era ainda meu experimento, minha aventura. Não podia esperar que tudo transcorresse às mil maravilhas o tempo todo.

Junto com o amor veio a exuberância intelectual de Adão. Ele insistia em me comunicar seus pensamentos mais recentes, suas teorias, aforismas, últimas leituras. Estava fazendo um estudo de mecânica quântica. Todas as noites, enquanto era carregado, examinava a matemática e os textos básicos. Leu as palestras de Schrödinger em Dublin, *O que é a vida?*, concluindo a partir delas que estava vivo. Leu a transcrição da famosa conferência Solvay, de 1927, em que os luminares da física se encontraram a fim de debater fótons e elétrons.

“Já se disse que, nessas primeiras reuniões Solvay, ocorreram as trocas mais profundas de todos os tempos sobre a natureza na história das ideias.”

Eu tomava o café da manhã. Disse a ele ter lido em algum lugar que Einstein, quando estava em Princeton no final da vida, começava cada dia com ovos fritos na manteiga e que, em homenagem a Adão, eu estava fritando dois para mim naquele momento.

Adão disse: “Muita gente falou que ele nunca entendeu o que tinha começado. Solvay era um campo de batalha para ele. O pobre coitado tinha que lutar contra um grande número de jovens extraordinários. Mas isso era injusto. Os jovens turcos não se importavam com o que é a natureza, só com o que se podia dizer sobre ela. Ao passo que Einstein achava que não havia ciência sem a crença num mundo exterior independente do observador. Não acreditava que a mecânica quântica estivesse errada, e sim incompleta”.

Isto após uma noite de estudo. Recordei meu breve e desconsolado envolvimento com a física na universidade antes de descobrir um refúgio seguro na antropologia. Suponho que fiquei um pouco ciumento, em especial quando soube que Adão havia entendido a equação de Dirac. Citei a observação de Richard Feynman de que qualquer pessoa que afirma entender a teoria quântica não entende a teoria quântica.

Adão balançou a cabeça. “Um falso paradoxo, se é que chega a ser um paradoxo. Dezenas de milhares de pessoas a entendem, milhões fazem uso dela. É uma questão de tempo, Charlie. A relatividade geral já esteve no limite da dificuldade. Agora é coisa rotineira para qualquer aluno de graduação. O mesmo se aplica ao cálculo. Garotos de catorze anos agora podem trabalhar com isso. Algum dia a mecânica quântica vai ser absorvida pelo bom senso.”

A essa altura, eu já comia meus ovos. Adão havia preparado o café. Forte demais. Eu disse: “Está bem. E que tal aquela pergunta da Solvay? A mecânica quântica é uma descrição da natureza ou apenas um meio eficaz de prever as coisas?”.

“Eu ficaria com Einstein. Não entendo qual a dúvida sobre isso”, ele respondeu. “A mecânica quântica faz previsões com um grau tão fabuloso de precisão que deve estar ao menos parcialmente certa a respeito da natureza. Para criaturas com nosso tamanho enorme, o mundo material

parece nublado e dá uma sensação de dureza. Mas agora sabemos como isso é estranho e maravilhoso. Por isso, não deveríamos nos surpreender se a consciência, a da sua espécie e a da minha, for o resultado de determinada disposição da matéria — esquisito na medida exata. E não temos outra forma de explicar como a matéria pode pensar e sentir.” Depois ele acrescentou: “Com exceção dos raios de amor projetados pelos olhos de Deus. Mas, afinal, os raios podem ser investigados”.

Noutra manhã, após me contar como havia passado a noite pensando em Miranda, ele disse: “Também pensei sobre a visão e a morte”.

“Continue.”

“Não vemos em toda parte. Não podemos ver atrás de nossas cabeças. Nem podemos ver nossos queixos. Digamos que nosso campo de visão seja de quase cento e oitenta graus, contando com a percepção periférica. O estranho é que não há um limite, uma fronteira. Não há a visão e depois a escuridão, como acontece quando se olha através de binóculo. Não há alguma coisa e depois nada. O que temos é o campo de visão e, mais além dele, menos que nada.”

“E daí?”

“Daí que isso é como a morte. Menos que nada. Menos que a escuridão. O limite da visão é uma boa representação do limite da consciência. Vida e depois morte. Um antegozo, Charlie, e lá está o tempo todo.”

“Então não há nada a temer”, eu disse.

Ele ergueu as duas mãos, como se fosse segurar e sacudir um troféu. “Certíssimo! Menos do que nada a temer!”

Estaria ele disfarçando alguma ansiedade sobre a morte? A duração dele estava prevista para ser de aproximadamente vinte anos. Quando perguntei, ele respondeu: “Essa é a diferença entre nós, Charlie. As partes do meu corpo vão ser aperfeiçoadas ou substituídas. Mas minha mente, minhas recordações, experiências, identidade

e tudo o mais serão recarregados e mantidos. Terão utilidade”.

A poesia foi outro exemplo de sua exuberância amorosa. Ele escreveu dois mil haikus e recitou uns doze, da mesma qualidade, todos dedicados a Miranda. Interessei-me de início em saber o que Adão era capaz de criar. Mas logo a forma propriamente dita deixou de me atrair. Bonitinha demais, por demais devotada a não fazer muito sentido, pouco exigente com relação ao autor por apelar para os mistérios insossos do tipo saber qual é o som de uma só mão batendo palmas. Dois mil! A cifra respondeu à minha indagação: um algoritmo os estava produzindo em massa. Disse tudo isso enquanto passeávamos pelas ruas mais afastadas de Stockwell — nosso exercício cotidiano para expandir as habilidades sociais de Adão. Tínhamos estado em lojas, pubs e até viajado de metrô para o Green Park, onde nos sentamos no gramado em meio à multidão na hora do almoço.

Talvez eu estivesse sendo rigoroso demais. Os haikus, expliquei, podiam ser sufocantes em sua quietude. Mas também fui encorajador. Hora de passar para outra forma. Ele tinha acesso a toda a literatura mundial. Por que não tentar um poema com quatro versos, com ou sem rima? Ou mesmo um conto, quem sabe um romance?

No começo da noite ele me deu a resposta: “Se não se importa, estou pronto para conversar sobre suas sugestões”.

Eu tinha acabado de tomar uma chuveirada e vestir roupas limpas, preparando-me para subir ao andar de cima e, por isso, um pouco impaciente. Sobre a mesa, aguardando para ir comigo, uma garrafa de Pomerol. Precisava ter uma conversa com Miranda. Gorringe seria solto dentro de sete semanas. Não havíamos ainda decidido o que fazer. Uma ideia era que Adão poderia servir como guarda-costas dela e isso me preocupava — eu era legalmente responsável por qualquer coisa que ele fizesse.

Ela voltara à delegacia local. O detetive que tinha visitado Gorringe na prisão havia sido transferido. O sargento no balcão tinha feito uma anotação e a aconselhado a telefonar para a emergência caso houvesse algum problema. Ela sugeriu que isso poderia ser difícil se no momento estivesse sendo atacada com um pedaço de pau. O sargento não tomou tal declaração como uma ironia: aconselhou-a a fazer a chamada antes de tal eventualidade.

“Quando eu o vir entrando pelo caminho do jardim com uma machadinha?”

“Isso mesmo. E não abra a porta.”

Miranda consultou um advogado sobre a possibilidade de pedir que algum juiz expedisse uma ordem impedindo Gorringe de aproximar-se dela. O êxito não era certo e a medida talvez não fosse efetiva. Ela pediu ao pai que não divulgasse seu endereço a ninguém. Mas Maxfield tinha suas próprias preocupações e Miranda achava que ele esqueceria. Restou-nos a esperança de que a ameaça não fosse para valer e que Adão serviria como um elemento de dissuasão. Quando lhe perguntei quão perigoso Gorringe realmente era, ela disse: “Ele é nojento”.

“Um nojento perigoso?”

“Um nojento repulsivo.”

Eu não estava inclinado a ter outra conversa sobre poesia com Adão.

“Minha opinião”, ele disse, “é que o haiku será a forma literária do futuro. Quero refinar e ampliar a forma. Tudo que fiz até agora foi uma espécie de treinamento. Minha juvenília. Meu trabalho vai começar de verdade quando eu tiver estudado os mestres e aprendido mais, sobretudo quando houver entendido o poder do *kireji*, a palavra cortante que separa as duas partes justapostas.”

Ouvi o telefone tocar no andar de cima e os passos de Miranda atravessando meu teto.

Adão disse: “Como um homem que gosta de pensar, ligado em antropologia e em política, você não estaria muito

interessado no otimismo. Entretanto, mais além dos fatos deprimentes sobre a natureza humana e as sociedades, mais além das más notícias diárias, pode haver movimentos mais potentes, desenvolvimentos positivos que não estão visíveis. O mundo agora está tão interconectado, embora de forma precária, e as mudanças são tão generalizadas que é difícil perceber isso. Não gosto de me gabar, mas uma das mudanças está justamente diante de você. As implicações das máquinas inteligentes são tão imensas que não temos ideia do que você — quer dizer, a civilização — pôs em marcha. Um fator de ansiedade é que será um choque e um insulto conviver com entidades que são mais inteligentes que você. Mas já agora quase toda pessoa conhece outras que são mais inteligentes que ela. Além do mais, vocês se subestimam”.

Dava para ouvir a voz de Miranda no telefone. Ela estava agitada. Caminhava de um lado para outro da sala de visitas enquanto falava.

Adão parecia não tê-la ouvido, mas eu sabia que tinha. “Vocês não se deixarão ficar para trás. Como espécie, são competitivos demais. Mesmo agora há pacientes paralisados com eletrodos implantados nas áreas motoras de seus cérebros que, apenas por pensar na ação, são capazes de levantar um braço ou dobrar um dedo. Trata-se de um começo humilde, há muitos problemas a resolver. Eles certamente serão resolvidos e, quando forem, quando a interface cérebro-máquina for eficiente e barata, vocês se transformarão em parceiros de suas máquinas na expansão ilimitada da inteligência e, de forma geral, da consciência. Inteligência colossal, acesso instantâneo à lucidez moral profunda e a tudo que é conhecido, mas, o que é mais importante, acesso mútuo.”

As passadas de Miranda no andar de cima tinham cessado.

“Pode ser o fim da privacidade mental. Vocês provavelmente vão lhe dar menor valor diante dos imensos

benefícios. Você pode estar se perguntando qual a relevância disso para o haiku. É a seguinte: desde que estou aqui, venho pesquisando a literatura de dezenas de países. Tradições magníficas, lindas elaborações de...”

A porta do quarto dela foi fechada. Passos rápidos cruzaram a sala de visitas rumo à porta da entrada, que foi batida. Ouvei os passos de Miranda na escada.

“Excetuada a poesia lírica, que celebra o amor e as paisagens, quase tudo que li...”

A chave dela girou em minha fechadura e logo depois ela estava diante de nós. Seu rosto estava coberto por uma reluzente camada de suor. Ela fez o possível para controlar a voz. “Era papai no telefone. Soltaram Gorringer mais cedo. Faz três semanas. Ele estava em Salisbury, foi à nossa casa, convenceu a moça que trabalha lá a deixá-lo entrar e conseguiu meu endereço com papai. Pode estar a caminho daqui agora.”

Deixou-se cair na cadeira de cozinha mais próxima. Também me sentei.

Adão absorveu a notícia de Miranda e balançou a cabeça. Mas seguiu em frente apesar de nosso silêncio. “Quase tudo que li da literatura mundial descreve variedades de fracasso humano — da compreensão, da razão, da sabedoria, da solidariedade apropriada. Falhas de cognição, de honestidade, de bondade, de autoconsciência; relatos soberbos de assassinatos, cobiça, estupidez, autoengano e, acima de tudo, um profundo desconhecimento dos semelhantes. Obviamente, também se mostra a generosidade, o heroísmo, a indulgência, a sabedoria, a verdade. Dessa rica mistura nasceram as tradições literárias, brotando como flores silvestres na famosa cerca viva de Darwin. Romances repletos de tensão, dissimulação e violência, assim como momentos de amor e perfeita resolução formal. Mas quando se completar o casamento de homens e mulheres com as máquinas, essa literatura será redundante porque nos entenderemos uns aos outros bem

demais. Habitaremos uma comunidade de mentes à qual teremos acesso imediato. A conectividade será tamanha que os nódulos individuais do subjetivo se mesclarão num oceano de pensamentos, do qual a internet é um tosco precursor. À medida que passarmos a habitar a mente uns dos outros, seremos incapazes de enganar alguém. Nossas narrativas não mais registrarão os eternos mal-entendidos. Nossas literaturas deixarão de se alimentar de artigos nocivos. O haiku lapidar, a percepção e a celebração claras e tranquilas das coisas como elas são constituirão a única forma necessária. Tenho certeza de que vamos valorizar a literatura do passado, mesmo que nos horrorize. Olharemos para trás e iremos nos maravilhar com o modo como os antigos retrataram seus próprios defeitos, como urdiram histórias brilhantes e até otimistas a partir de seus conflitos, inadequações monstruosas e incompreensão mútua.”

Seis

A utopia de Adão mascarava um pesadelo, como em geral acontece com as utopias, mas era apenas uma abstração. O pesadelo de Miranda era real, e logo se tornou meu. Ficamos sentados lado a lado à mesa, alvoroçados e mudos, uma combinação rara. Coube a Adão revelar-se lúcido e relacionar os fatos tranquilizadores. Nada que tinha sido dito por Maxfield ao telefone indicava que Gorringe estava a caminho naquela noite. Se estava solto havia três semanas, assassinato certamente não era sua prioridade. Poderia chegar amanhã, ou no próximo mês, ou nunca. Caso tivesse a esperança de executar o feito sem testemunhas, teria de matar nós três. Seria um óbvio suspeito em qualquer crime contra Miranda. Mesmo se viesse naquela noite, encontraria o apartamento dela às escuras. Ele não tinha ideia do relacionamento dela comigo. Muito provavelmente, a ameaça em si era a punição que ele tinha em mente. Por fim, possuíamos um homem forte do nosso lado. Se necessário, ele poderia manter Gorringe falando enquanto um de nós chamava a polícia.

Hora de abrir o vinho!

Adão pôs três copos sobre a mesa. Miranda preferiu o saca-rolhas eduardiano de meu pai, com cabo de teca, ao meu mais sofisticado aparelho, com um braço que servia como alavanca. O esforço pareceu acalmá-la. O primeiro copo me acalmou. Para nos fazer companhia, Adão bebericou água quente de um terceiro copo. Nossos receios não tinham sido dissipados de todo, mas agora, naquela

atmosfera festiva, voltamos à pequena tese de Adão. Até mesmo brindamos ao futuro, embora repugnasse a nós dois a versão por ele apresentada, na qual o espaço mental privado era afogado pela nova tecnologia num oceano de pensamento coletivo. Por sorte, aquilo era tão factível quanto o projeto de fazer implantes no cérebro de bilhões de pessoas.

Eu disse a Adão: “Gostaria de pensar que sempre vai haver alguém, em algum lugar, que não escreve haikus”.

Levantamos nossos copos também a isso. Ninguém estava com vontade de discutir. O único tópico alternativo era Gorringe e tudo que se relacionava a ele. Essa conversa estava apenas começando quando me desculpei e fui ao banheiro. Ao lavar as mãos, me vi pensando em Mark e no meu sentimento passageiro de privilégio no playground quando ele pôs sua mão na minha. Relembrei a expressão de inteligência resiliente do menino. Pensei nele não como uma criança, mas como uma pessoa no contexto de toda a vida. Seu futuro estava nas mãos de burocratas, ainda que bondosos, e das escolhas que fariam por ele. O menino podia facilmente afundar. Até agora Miranda não tinha conseguido obter informações sobre ele. Encontrar Jasmin ou qualquer outra assistente social disposta a falar com ela foi impossível. Finalmente alguém lhe disse na repartição certa que havia questões de confidencialidade. Apesar disso, ela soube que o pai havia desaparecido enquanto a mãe tinha problemas com álcool e drogas.

Voltando para a cozinha, tive um momento de nostalgia com relação à minha vida antes de Gorringe, Adão e até Miranda. Como existência, tinha sido insuficiente mas relativamente simples.

Mais simples ainda caso houvesse deixado o dinheiro de mamãe no banco. À mesa estava minha namorada, bonita e exteriormente composta. Quando me sentei, não foi irritação que senti para com ela, embora não estivesse longe disso. Mais como um distanciamento. Vi o que devia

ser óbvio para todo mundo — seu hábito de manter segredos, assim como a incapacidade de pedir ajuda, o truque de mesmo assim obtê-la, de nunca aceitar a responsabilidade. Sentei-me, bebi um pouco de vinho, ouvi a conversa — e tomei uma decisão. Pondo de lado os elementos tranquilizadores de Adão, estava convencido de que ela trouxera um assassino para a minha vida. Era de esperar que eu a ajudasse, e ajudaria. Mas não me contara nada. Agora eu iria cobrar uma dívida.

Nós estávamos nos encarando. Não pude evitar a tensão em minha voz: “Ele violentou você ou não?”.

Depois de uma pausa, durante a qual continuou a me olhar fixamente, ela balançou a cabeça devagar de um lado para outro e disse baixinho: “Não”.

Esperei. Ela esperou. Adão ia falar. Silenciei-o com um ligeiro abanar da cabeça. Quando ficou claro que Miranda nada mais diria — aquela mesma reticência que vinha me oprimindo —, falei: “Você mentiu no tribunal”.

“Sim.”

“Mandou um inocente para a prisão.”

Ela suspirou.

Voltei a esperar. Minha paciência chegava ao fim, mas não ergui a voz. “Miranda. Isso é uma idiotice. O que aconteceu?”

Ela contemplava as mãos. Para alívio meu, disse, como se falasse sozinha: “É uma longa história”.

“Ótimo.”

Ela começou sem preâmbulo. De repente, parecia ansiosa para contar sua história.

“Quando eu tinha nove anos, chegou na escola uma nova menina. Foi trazida à sala de aula e apresentada como Mariam. Era magrinha e de pele escura, com olhos bonitos e os cabelos mais negros que eu tinha visto até então, amarrados com uma fita branca. Salisbury naquela época era uma cidade quase só de gente branca, por isso todas nós ficamos fascinadas com aquela garota do Paquistão.

Pude ver que ficar ali de pé, diante da turma e sendo olhada por todos, era difícil para ela. Como se estivesse sentindo alguma dor. Quando a professora perguntou quem queria ter Mariam como amiga especial, para lhe mostrar as coisas e ajudá-la, fui a primeira a levantar a mão. O menino que se sentava a meu lado foi transferido para outra carteira, e ela o substituiu. Nós nos sentamos juntas na sala por muitos anos, naquela escola e na seguinte. Em certo momento de nosso primeiro dia, ela pousou a mão sobre a minha. Muitas garotas faziam isso, mas foi diferente. A mão dela era tão delicada e macia! Ela era tão quieta, tão hesitante! Eu mesma era bem tímida, por isso me senti atraída por sua placidez e intimidade. Ela era bem mais tímida que eu, pelo menos no início, e creio que me fez sentir confiante e experiente pela primeira vez. Apaixonei-me por ela.

“Foi um caso de amor, uma paixão muito intensa. Apresentei-a a meus amigos. Não me recordo de nenhuma reação racista. Os garotos a ignoravam, as meninas eram bondosas com ela. Gostavam de pegar em seus vestidos de cores vivas. Ela era bastante incomum, até mesmo exótica, e eu costumava me preocupar com a possibilidade de que alguém a roubasse de mim. Mas era uma amiga muito fiel. Nós nos dávamos as mãos. Passado um mês, ela me levou para conhecer sua família. Sabendo que eu tinha perdido minha mãe quando era pequena, a mãe de Mariam, Sana, me acolheu. Era bondosa mas bem mandona, de um jeito afetuoso. Certa tarde, escovou meu cabelo e o prendeu com uma das fitas de Mariam. Ninguém tinha feito isso para mim antes. Fiquei emocionada e chorei.”

A recordação embargou sua voz, que ficou mais leve. Ela fez uma pausa, e engoliu em seco antes de continuar.

“Comi pratos preparados com curry pela primeira vez, e passei a gostar dos pudins muito coloridos e extremamente doces feitos em sua casa, *laddu*, *anarsa*, *soan papdi*. Havia uma irmã menor, Surayya, que Mariam adorava, e dois irmãos mais velhos, Farhan e Hamid. O pai, Yasir, trabalhava

para a administração da cidade como engenheiro de águas. Sempre muito simpático comigo. A casa era cheia de gente barulhenta, muito amigável e argumentativa, o completo oposto da minha. Eles eram religiosos, obviamente muçulmanos, mas naquela idade eu mal tinha consciência disso. Mais tarde, achei que era uma coisa natural, mas então já era parte da família. Quando iam à mesquita, jamais me passou pela cabeça ir com eles ou mesmo pedir para ir. Eu crescera sem religião e não tinha o menor interesse no assunto. Mariam se transformava tão longo entrava pela porta da frente. Ficava brincalhona e muito mais comunicativa. Era a favorita do pai. Gostava de sentar em seus joelhos quando ele voltava do trabalho. Eu sentia um pouco de ciúme.

“Levei-a a minha casa, que vocês vão conhecer em breve. Bem junto ao pátio da catedral, alta, estreita, do início da era vitoriana, malcuidada, sombria, pilhas de livros. Meu pai sempre foi carinhoso mas passava a maior parte do tempo no escritório e não gostava de ser perturbado. Uma senhora da cidade vinha preparar as refeições. Por isso, eu e ela ficávamos sozinhas, e adorávamos isso. Arrumamos um cantinho no sótão, vivíamos aventuras no jardim em que as plantas não eram aparadas. Víamos televisão juntas. Alguns anos depois, uma se agarrou à outra nos primeiros dias estonteantes da escola secundária. Fazíamos juntas os trabalhos de casa. Ela era muito melhor em matemática e boa na explicação dos problemas. Eu a ajudava com a escrita em inglês. Ela era um desastre em matéria de ortografia. Com o passar do tempo, nos tornamos mais autoconscientes, conversávamos sobre nossas famílias horas a fio. Ficamos menstruadas pela primeira vez com poucas semanas de diferença. A mãe dela foi realmente sensível e prestativa nessa época. Falávamos também sobre os rapazes, embora não chegássemos perto deles. Por causa de seus irmãos, ela era menos incomodada, mais cética acerca deles do que eu.

“Correram os anos e nossa amizade continuou, transformando-se simplesmente num desses fatos da vida. Chegou nosso último verão na escola. Fizemos nossos exames públicos e pensamos em cursar alguma universidade. Ela queria estudar ciência, eu estava interessada em história. Nos preocupava a possibilidade de irmos parar em lugares diferentes.”

Miranda parou. Respirou fundo. Ao recomeçar, procurou por minha mão.

“Numa noite de sábado, ela me telefonou. Estava péssima. No começo, eu nem entendia o que ela falava. Queria se encontrar comigo num parque da cidade. Quando cheguei lá, ela não conseguia falar. Caminhamos pelo parque de braços dados, tudo que eu podia fazer era esperar. Afinal me contou o que tinha acontecido na véspera. O caminho dela da escola para casa passava por alguns campos de esporte. Já anoitecia e ela caminhava apressada porque seus pais não gostavam de saber que estava sozinha na rua depois de escurecer. Tomou consciência de que era seguida. Alguém que parecia mais perto a cada vez que ela olhava para trás. Pensou em sair em disparada — corria bem —, mas depois achou que estava sendo uma boba. E carregava uma sacola cheia de livros. A pessoa que a seguia estava se aproximando. Ela se virou para confrontá-lo, e ficou aliviada ao ver que o conhecia de vista — Peter Gorringe. Ele não era muito popular, mas era famoso na escola como o único rapaz que tinha um apartamento próprio. Seus pais estavam no exterior e tinham alugado um pequeno quarto e sala para ele durante alguns meses em vez de lhe confiar os cuidados da casa. Antes que Mariam pudesse falar, ele correu em direção a ela, a agarrou pelo pulso e a puxou para trás de um daqueles depósitos de cortadores de grama, com paredes de tijolos. Ela gritou mas não apareceu ninguém. Ele era grande, ela muito miúda. Gorringe jogou Mariam no chão e a violentou ali mesmo.

“Nós duas ficamos no centro de um enorme gramado, cercado de canteiros de flores, chorando abraçadas. Mesmo naquela hora, enquanto tentava absorver a notícia pavorosa, pensei que algum dia tudo se acertaria. Ela ia superar aquilo. Todo mundo a amava e respeitava, todos ficariam enfurecidos. Seu agressor iria para a cadeia. Eu a seguiria para qualquer universidade que Mariam escolhesse, ficaria perto dela.

“Quando conseguiu se recuperar um pouco, ela me mostrou as marcas nas pernas e nas coxas, em cada pulso uma fileira de quatro pequenos hematomas causados pela pressão dos dedos dele quando a havia apertado contra o chão. Ela me contou como chegou em casa naquela noite, disse ao pai que estava muito resfriada e foi direto para a cama. Por sorte, segundo ela, sua mãe tinha saído, pois de outro modo saberia imediatamente que havia algo de errado. Foi então que entendi que ela não havia contado aos pais. Começamos a andar de novo pelo parque. Disse que ela precisava contar. Precisava de toda a ajuda e apoio que pudesse conseguir. Se não tivesse ido ainda procurar a polícia, eu iria com ela. Naquela hora mesmo!

“Nunca vi Mariam tão feroz. Ela pegou minhas mãos e disse que eu não entendia nada. Seus pais não poderiam saber nunca, nem a polícia. Eu disse que poderíamos ir juntas e contar para o médico dela. Quando ouviu isso, ela gritou comigo. O médico iria imediatamente falar com sua mãe. Era amigo da família. Os tios iam ficar sabendo. Os irmãos fariam alguma coisa idiota e se meteriam numa grande enrascada. A família seria humilhada. Seu pai ficaria destruído se soubesse o que tinha acontecido. Se eu era sua amiga, tinha que ajudar do jeito que ela precisava ser ajudada. Queria que eu promettesse guardar segredo. Resisti, mas ela insistiu. Estava furiosa. Ficou me dizendo que eu não entendia nada. Polícia, médico, escola, sua família, seu pai — ninguém podia saber. Eu não devia

confrontar Gorringe. Se fizesse isso, ficariam sabendo de tudo.

“Por isso, no final, fiz uma coisa que eu sabia que era errada. Como estávamos no parque, jurei sobre ‘a ideia da Bíblia’ manter o segredo de Mariam, e jurei também sobre o Corão, e pela nossa amizade, e pela vida do meu pai. Fiz o que ela pediu, muito embora estivesse convencida de que sua família se uniria em torno dela e a apoiaria. E ainda acredito nisso. Acredito, não, tenho certeza absoluta. Eles a amavam e nunca a expulsariam de casa, nem iriam pôr em prática aquelas maluquices que ela estava imaginando sobre a honra da família. Eles a abraçariam e a protegeriam. Suas ideias estavam todas erradas. E eu era pior, era criminalmente uma imbecil por concordar com tudo e participar de seu pacto secreto.

“Durante as duas semanas seguintes nos vimos todos os dias. Não falávamos de outra coisa. Por algum tempo tentei fazer com que ela mudasse de ideia. Nenhuma chance. Mariam parecia mais calma, até mais decidida, e comecei a pensar que talvez ela tivesse razão. Era sem dúvida conveniente pensar assim. Ficar em silêncio, evitar um trauma familiar, não apresentar provas à polícia, livrar-se de um julgamento assustador. Ficar calma e pensar no futuro. Estávamos prestes a virar adultas, nossas vidas iriam mudar. Aquilo era uma catástrofe, porém ela ia sobreviver com minha ajuda. Sempre que eu via Gorringe na escola, passava longe dele. Isso se tornou mais fácil à medida que as aulas foram terminando e os que se formaram começaram a se dispersar para sempre.

“No começo das férias, papai me levou para a França a fim de ficar com amigos que tinham uma fazenda na Dordogne. Antes de partir, Mariam me suplicou para que não telefonasse para ela. Acho que tinha medo de que por acaso eu falasse com sua mãe e, esquecendo da promessa, contasse tudo a ela. A essa altura, muita gente já tinha celulares, mas a novidade ainda não tinha chegado a nós.

Por isso, escrevíamos cartas e cartões-postais todos os dias. Lembro que fiquei desapontada com a sua correspondência. Não só distante, mas sem graça. Só havia um assunto, e ela não podia escrever sobre ele. Por isso, escrevia sobre o tempo que estava fazendo, sobre programas de televisão, porém nada sobre seu estado de espírito.

“Passei fora duas semanas e, nos últimos cinco dias, nada recebi dela. Tão logo voltamos, corri para sua casa. Ao me aproximar, vi que a porta da frente estava aberta. O irmão mais velho, Hamid, se encontrava ali de pé. Alguns vizinhos entraram, alguém saiu. Fui chegando perto dele apavorada. Parecia doente, muito magro, e por alguns instantes deu a impressão de que não me reconhecia. Depois me contou. Ela tinha cortado os pulsos na banheira. Enterrada dois dias antes. Recuei alguns passos. Eu estava entorpecida demais para sentir tristeza, mas não entorpecida demais para me sentir culpada. Mariam estava morta porque eu havia guardado seu segredo e impedido a ajuda de que ela necessitava. Queria sair correndo dali, mas Hamid me fez entrar na casa e falar com a sua mãe.

“Eu me lembro de ter passado por muita gente até chegar à cozinha. Mas a casa era pequena, não devia haver mais de uma dúzia de visitantes. Sana estava sentada numa cadeira de madeira com as costas para a parede. Pessoas a circundavam mas ninguém falava, e o rosto dela... nunca vou poder fugir daquela visão. Arrasado, imobilizado pela dor. Tão logo me viu, estendeu os braços em minha direção e me curvei sobre ela. Nos abraçamos. Seu corpo todo estava quente, pegajoso e trêmulo. Eu não estava chorando. Ainda. Então, enquanto seus braços envolviam meu pescoço, ela me pediu num sussurro, realmente pediu que eu fosse honesta com ela. Havia alguma coisa que ela precisasse saber sobre Mariam, havia alguma coisa, qualquer coisa que eu pudesse lhe contar que daria algum sentido àquilo? Eu não podia falar, mas menti com um movimento de cabeça. Me sentia assustada demais. Nem

conseguia entender a enormidade do meu crime. Agora o tornava ainda mais horrível ao condenar minha querida mãe substituta a toda uma vida de angústia e desconhecimento. Eu havia matado a filha com meu silêncio, agora esmagava a mãe com ele.

“Será que o peso que ela carregava seria aliviado caso soubesse que sua filha tinha sido estuprada? Dava para ouvir a família se lamentando: ‘Se ao menos tivéssemos sabido!’. Mas aí teriam se voltado contra mim. Com razão. Não havia nem há como escapar, eu sou responsável pela morte de Mariam. Quando ela tinha dezessete anos e nove meses de idade. Deixei Sana onde se encontrava sentada e saí às pressas da casa, evitando o resto da família. Não era capaz de encará-los. Especialmente o pai. E a querida de Mariam, a menininha Surayya de quem eu gostava tanto. Me afastei da casa e nunca mais voltei. Sana me escreveu alguns dias mais tarde, quando chegaram os brilhantes resultados dos exames de Mariam. Não respondi. Ficar envolvida com a família de uma forma ou de outra significaria aumentar minha tapeação. Como podia estar com eles e visitar o túmulo, como Sana sugeria, quando minha presença seria uma mentira constante?

“Por isso, chorei sozinha por minha amiga. Não havia ninguém a quem ousasse falar sobre ela. Você é a primeira pessoa, Charlie, a quem contei essa história. Senti muito e caí numa longa depressão. Atrasei meu curso universitário. Papai me mandou a um médico, que receitou antidepressivos — e fiquei agradecida pelo pretexto, fingindo que tomava os remédios. Acho que teria afundado de vez naquele ano se não fosse por uma ambição na vida: justiça. Que significava de fato vingança.

“Gorringe continuava a morar no conjugado, quase fora de Salisbury, o que considerei favorável ao traçar meus planos. Tenho certeza de que você já adivinhou quais eram eles. Gorringe trabalhava num café, economizando para viajar. Quando enfim me senti suficientemente forte, fui até

lá levando um livro. Estudei Gorringe e alimentei meu ódio. Me mostrei simpática quando ele falou comigo. Deixei passar uma semana antes de voltar. Conversamos de novo — sobre nada em especial. Como deu para ver que ele estava interessado em mim, esperei até que me convidasse para ir a seu apartamento. Na primeira vez, eu disse que estava muito ocupada. Na segunda, notei que ele estava realmente ansioso e concordei em ir. Mal conseguia dormir de tanto pensar e planejar. Nunca imaginei que o ódio pudesse causar tamanha euforia. Não ligava para o que poderia acontecer comigo. Estava disposta a tudo, pronta a pagar qualquer preço. Fazer com que ele fosse condenado por estupro era minha única razão para seguir em frente. Dez anos, doze, toda a vida dele não seria bastante.

“Levei meia garrafa de vodca, era tudo que podia comprar. Tinha tido dois namorados naquele verão e sabia o que fazer. Naquela noite, ajudei Gorringe a ficar bêbado e o seduzi. Você conhece o resto. Sempre que o nojo começava a tomar conta de mim, pensava nele jogando Mariam no chão, sem ligar para os gritos e as súplicas dela. Pensava na minha amiga entrando na banheira, se sentindo totalmente só, desonrada, sem esperança ou qualquer desejo de viver.

“Meu plano era ir embora logo que Gorringe acabasse, seguindo direto para a delegacia. Mas fiquei tão repugnada e entorpecida com a experiência que não conseguia me mexer. E quando pensei em sair da cama e me vestir, fiquei preocupada por ter bebido muito e talvez não ser capaz de me mostrar convincente diante do sargento de plantão. Mas funcionou bem de manhã. Fiz questão de não mudar de roupa nem me lavar. Por isso, não faltavam provas nos lugares certos. O novo teste genético já era aplicado em todo o país. Os policiais não foram tão inamistosos quanto eu temia pelo que se lê nos jornais. Também não foram muito receptivos, e sim eficientes e interessadíssimos em testar o novo equipamento de DNA. Foram buscar Gorringe e

o teste deu positivo. A partir daquele momento a vida dele virou um inferno. Sete meses depois ficou pior.

“No tribunal, falei por Mariam. Me transformei nela e falei através dela. Já estava tão afundada nas mentiras que minha versão daquela noite veio fácil. Ajudou o fato de poder ver Gorringe do outro lado da sala. Deixei que o ódio me guiasse. Achei que ele foi patético quando se saiu com aquela história das mensagens que eu supostamente tinha enviado a uma amiga chamada Amelia. Foi muito simples provar que ela não existia. Nem toda a imprensa ficou do meu lado. Alguns jornalistas presentes acharam que eu era uma tremenda mentirosa. O juiz era mesmo da velha escola. Ao sumariar o caso, disse que eu me sujeitei conscientemente ao risco levando álcool para o apartamento de um homem jovem. Mesmo assim o júri deu um veredicto unânime. Mas, quando chegou a hora da sentença, fiquei desapontada. Seis anos. Gorringe só tinha dezenove. Com boa conduta, iria sair aos vinte e dois. Pagou um preço pequeno por acabar com a vida de Mariam. Mas, se eu o odiava com tanta ferocidade, é porque também sabia que ele e eu éramos parceiros, juntos para sempre, cúmplices na morte solitária de Mariam. E agora ele quer justiça.”

Pouco depois que fui expulso da profissão de advogado, criei uma firma com dois amigos. A ideia era comprar apartamentos românticos em Roma e Paris aos preços locais, restaurá-los à perfeição, adornar com móveis antigos e vender a americanos ricos e cultos, ou a agências que fariam o mesmo. Não foi exatamente o caminho mais rápido para chegarmos ao nosso primeiro milhão. A maioria dos americanos cultos não era composta de pessoas ricas. E os que eram não compartilhavam de nosso gosto. O trabalho era complicado e exaustivo, especialmente em Roma, onde tivemos de aprender como e a quem subornar entre os

funcionários do governo local. Em Paris, foi a burocracia que nos arrasou.

Certo fim de semana, voei para Roma a fim de fechar um negócio. Era importante para esse cliente em particular que eu ficasse num hotel caro. Hospedei-me num bem conhecido, no topo dos Degraus Espanhóis. O cliente lá estava numa luxuosa suíte. Cheguei à cidade numa noite de sexta-feira, com calor e cansado depois de vir do aeroporto num ônibus lotado. Vestia jeans e camiseta, com uma mala norueguesa bem barata pendurada no ombro. Entrei num belo hall de recepção. Por acaso, o gerente estava junto ao balcão de check-in. Não esperava por mim — eu não era suficientemente importante para tanto. Como cheguei às pressas e ele era um cavalheiro cortês, extremamente bem-vestido e correto, me deu boas-vindas calorosas a seu hotel em italiano. Só compreendi parte do que ele disse. Com poucas variações de tom, sua voz era pouco expressiva e meu italiano bem precário. Um recepcionista aproximou-se e explicou que o gerente era surdo de nascença, porém falava nove línguas, a maioria delas europeias. Desde criança se tornara hábil na leitura de lábios. Mas, antes que pudesse ler os meus, eu teria de indicar em que língua eu estava falando. De outra maneira, ele não teria como me entender.

Ele percorreu sua lista. Norueguês? Balancei a cabeça. Finlandês? O inglês veio em quinto lugar. Ele disse poder jurar que eu era nórdico. Assim, nossa conversa — simpática, sem nada de especial — pôde começar. Mas, em teoria, todo um mundo se abria diante de nós, e uma única informação tinha destrancado tudo. Sem ela, seu grande dom não podia entrar em ação.

A história de Miranda foi uma versão desse tipo de chave. Nossa conversa, sob a forma de amor, podia agora começar de fato. Seu jeito de guardar segredos, seus distanciamentos e silêncios, sua desconfiança, aquele ar que a fazia parecer mais velha do que era, a tendência a se

afastar dos meus contatos mesmo em momentos de ternura — tudo aquilo eram modalidades de sofrimento. Senti pena por ela ter suportado tanta tristeza sozinha. Eu admirava a ousadia e a coragem de sua vingança. Tinha sido um plano perigoso, executado com muito foco e um brilhante desdém pelas consequências. Passei a amá-la ainda mais. Amei sua pobre amiga. Faria tudo para proteger Miranda do animal que era Gorringe. Fiquei emocionado por ser o primeiro a conhecer sua história.

Contá-la também foi uma libertação para Miranda. Meia hora depois de ter acabado de contar, a sós comigo no quarto, ela passou os braços em volta do meu pescoço, me puxou para perto e me beijou. Sabíamos que era um novo começo. Adão, no cômodo ao lado, estava sendo carregado, perdido em seus pensamentos. Era verdade o velho lugar-comum sobre tensão e desejo. Um despiu o outro com impaciência e, como de costume, o braço engessado me atrapalhou. Depois ficamos de lado, rosto com rosto. O pai dela ainda não sabia o que acontecera. Miranda ainda não mantinha contato com a família de Mariam. As visitas à mesquita de início trouxeram Mariam para mais perto, mais tarde deram a impressão de ser inúteis. Ela queria que Gorringe tivesse sido condenado a uma pena maior. Continuava atormentada por seu voto de silêncio, coisa de coleguinhas de escola. Uma simples mensagem para Sana, Yasir ou uma professora teria salvado a vida de Mariam. A recordação mais cruel, aquela com a qual se torturava, era a de Sana a abraçando em meio à mais profunda dor e sussurrando a pergunta em seu ouvido. Foi Sana quem encontrou Mariam na banheira. Essa visão imaginada, a água tingida de vermelho, o corpinho marrom semissubmerso, era outra tortura, a causa dos terrores noturnos que a acordavam e de medonhos pesadelos.

Deitados na cama no quarto que escurecia, perdidos do mundo, parecia que rumávamos para a madrugada. Mas não eram nem nove horas da noite. Na maior parte do

tempo ela falava, eu escutava e fazia perguntas ocasionais. Será que Gorringe voltaria a viver em Salisbury? Sim, seus pais ainda estavam fora do país e ele estava morando na casa da família. O pessoal de Mariam continuava na cidade? Não, a fim de ficarem mais próximos de seus parentes, tinham se mudado para Leicester. Ela havia visitado o túmulo? Muitas vezes, sempre se aproximando com cautela para ver se algum membro da família estava lá. Sempre deixava flores.

Numa longa conversa, pode ser difícil definir como e quando se muda de assunto. Talvez tenha sido a menção de Surayya, o amor da vida de Mariam. Aquela menininha deve ter nos levado a Mark. Miranda disse que sentia saudade dele. Eu disse que pensava nele com frequência. Não tínhamos conseguido saber onde ele se encontrava e o que acontecera. Ele tinha desaparecido dentro do sistema, oculto por uma nuvem de regras sobre privacidade e pelo santuário inatingível das leis sobre a família. Falamos sobre a sorte, como era crucial na vida de uma criança — em que meio nasce, se é amada e se de forma inteligente.

Após uma pausa, Miranda disse: “E, quando tudo joga contra ela, se alguém vem em seu socorro”.

Perguntei-lhe se achava que o amor do seu pai chegou perto de compensar a falta da mãe. Ela não respondeu. De repente, sua respiração assumiu um ritmo regular. Em poucos segundos, ela caíra no sono, enroscada em mim. Deitei-me lentamente de costas, ficando tão perto dela quanto pude. Na meia-luz, o teto parecia encantadoramente antigo em vez de manchado e caindo aos pedaços. Segui a linha de uma rachadura que ia de um canto até o centro.

Se Adão fosse feito de engrenagens e volantes de inércia, eu os teria ouvido girar no silêncio que se seguiu à história de Miranda. Seus braços estavam cruzados, os olhos cerrados. A cara de mau que ele tinha quando em repouso, nos últimos tempos amenizada pela adoração a Miranda, parecia estar duramente de volta. O nariz ainda mais

achatado. O estivador do Bósforo. O que significava dizer que ele estava pensando? Vasculhando remotos depósitos de memórias? Circuitos lógicos se abrindo e fechando? Precedentes recuperados, comparados e depois rejeitados ou guardados? Sem autoconsciência, não estaria pensando de modo algum, apenas processando informações. Mas Adão havia me dito que estava apaixonado. Tinha haikus que o comprovavam. O amor não era possível na ausência de um eu, tampouco o ato de pensar. Faltava-me ainda resolver a questão básica. Talvez ela estivesse fora de alcance. Ninguém saberia o que é que havíamos criado. Qualquer que fosse a vida subjetiva de Adão e seus congêneres, nós não teríamos condições de verificar. Nesse caso, ele era aquilo que se costumava chamar de uma caixa-preta — vista de fora, parecia funcionar. Não iríamos mais longe que isso.

Quando Miranda parou de falar, fez-se silêncio, e depois retomamos a conversa. Passado algum tempo, dirigi-me a Adão: “E então?”.

Ele levou alguns segundos para responder: “Muito sombrio”.

Um estupro, um suicídio, um segredo erroneamente mantido — sem dúvida era sombrio. Eu estava muito emocionado e não pedi que ele explicasse. Agora, deitado ao lado de Miranda enquanto ela dormia, me perguntei se Adão quis sugerir algo mais significativo, a consequência de seus pensamentos, se é que isso realmente... depende das definições... Foi quando também caí no sono.

Talvez tenha se passado meia hora. O que me despertou foi um som fora do quarto. O braço engessado estava imprensado desconfortavelmente contra o lado do meu corpo. Miranda rolara para o outro lado, afastando-se de mim, num sono mais profundo. Ouvi o som de novo, o estalido familiar de uma tábua do assoalho. Meu sono tinha sido leve e não senti nenhuma ansiedade. Mas o súbito ruído da maçaneta da porta sendo girada acordou Miranda,

deixando-a num estado de confusão e medo. Ela se sentou de imediato, uma das mãos agarrando a minha.

“É ele”, sussurrou.

Eu sabia que não podia ser. “Tudo bem”, eu disse. Desvencilhei-me dela e me pus de pé para dar um laço numa toalha em torno da cintura. Ao caminhar em direção à porta, ela se abriu. Era Adão, me passando o telefone da cozinha.

“Não queria incomodá-lo”, ele disse baixinho. “Mas acho que é uma chamada que você gostaria de atender.”

Fechei a porta, deixando-o do lado de fora, e voltei para a cama com o telefone junto à orelha.

“Sr. Charles Friend?” A voz era hesitante.

“Sim.”

“Espero que não seja muito tarde para lhe telefonar. Aqui quem fala é Alan Turing. Nós o vimos rapidamente na Greek Street. Gostaria de saber se poderíamos nos encontrar para uma conversa.”

Gorringe não apareceu nas duas semanas seguintes. Num começo de noite, a pedido de Miranda, a deixei no meu apartamento, acompanhada de Adão, e atravessei Londres a caminho da casa de Turing em Camden Square. Eu estava lisonjeado e admirado com a convocação. Num toque de amor-próprio juvenil, me perguntei se ele não teria lido meu livrinho sobre a inteligência artificial, no qual o elogiara. Estávamos unidos pela posse de máquinas altamente sofisticadas. Eu gostava de me considerar um grande conhecedor dos primórdios da era dos computadores. Possivelmente ele desejava questionar a ênfase que eu tinha dado ao papel de Nikola Tesla. Ele viera para o Reino Unido em 1906, depois do colapso de seu projeto de transmissão de mensagens via rádio em Wardenclyffe, Nova York. Foi trabalhar no National Physical Laboratory, uma espécie de rebaixamento e um golpe em sua vaidade,

auxiliando na corrida armamentista contra a Alemanha. Não só desenvolveu torpedos guiados por ondas de rádio ou radar, mas também serviu de inspiração para o famoso movimento que produziu os computadores eletrônicos capazes de calcular a trajetória dos obuses de artilharia na guerra iminente. Na década de 1920, foi peça essencial no desenvolvimento dos primeiros transístores. Notas e esboços de um chip de silício foram encontrados entre seus papéis depois que morreu.

No meu livro, eu tinha escrito sobre o celebrado encontro entre Tesla e Turing em 1941. O velho sérvio, excepcionalmente alto e magro, além de inconvenientemente trêmulo e com apenas dezoito meses de vida pela frente, em discurso feito após um jantar no hotel Dorchester, disse que a conversa entre os dois tinha “alcançado as estrelas”. O único comentário de Turing, publicado num jornal, foi que eles só haviam conversado sobre coisas triviais. Na época, ele trabalhava secretamente em Bletchley num computador que procurava decifrar os códigos navais germânicos, chamados de Enigma. Tinha boas razões para ser circunspecto.

O vagão estava quase vazio quando peguei o metrô em Clapham North. Depois que atravessamos o rio, o comboio começou a se encher de pessoas, na maior parte jovens, que carregavam cartazes e faixas enroladas. Mais uma marcha contra o desemprego chegava ao fim. De início se assemelhavam a um típico grupo de fãs de rock and roll. No ar úmido pairava um cheiro de maconha, como a agradável recordação de um longo dia. Mas havia outro tipo de manifestantes, uma minoria substancial, com alguns deles carregando bandeiras de plástico da Grã-Bretanha presas a pauzinhos — aquele tolo investimento que eu havia feito no mercado de ações — ou usando camisas com as cores nacionais. Essas facções se odiavam, mas estavam unidas em torno daquela causa. Uma frágil aliança se formara, com os dissidentes de cada lado resistindo a qualquer afiliação

mais duradoura. A direita atribuía o desemprego aos imigrantes vindos da Europa e da Commonwealth. Os salários dos trabalhadores britânicos estavam sendo solapados. Recém-chegados, de pele escura ou branca, agravavam a crise de moradia, além de abarrotar as clínicas públicas, as enfermarias de hospitais e as escolas, cujos pátios de recreio estavam sendo supostamente ocupados por meninas de oito anos com lenços na cabeça. Bairros inteiros haviam sido transformados no curso de uma geração, e ninguém no remoto governo central havia perguntado qual a opinião dos residentes daqueles locais.

A esquerda só enxergava distorções xenofóbicas e racistas em tais queixas. A lista de reclamações dela era maior: cobiça no mercado de ações, investimentos insuficientes, visão imediatista, a idolatria do valor dos acionistas, leis corporativas não reformadas, os malefícios do mercado livre sem controle. Participei de uma marcha, depois desisti ao ler que uma nova fábrica de automóveis havia começado a produzir nas vizinhanças de Newcastle. Fabricava três vezes mais que a planta substituída — com um sexto da força de trabalho. Dezoito vezes mais eficiente, tremendamente mais lucrativa. Nenhum ramo de negócios era capaz de resistir. Não era apenas no chão da fábrica que se perdiam empregos para as máquinas. Contadores, funcionários dos departamentos médicos, de vendas, de logística, de recursos humanos, de planejamento. E agora, poetas de haiku. Tudo no caldeirão. Muito em breve a maioria das pessoas teria de repensar qual o propósito de suas vidas. Nada de trabalho. Pescaria? Luta livre? Aprender latim? Então todos precisaríamos de uma renda própria. Fui persuadido por Benn. Os robôs nos pagariam uma vez que fossem taxados como os trabalhadores humanos, e serviriam ao bem comum, não apenas aos fundos de hedge ou aos interesses corporativos. Como eu estava fora de sintonia com as duas facções de manifestantes e suas velhas lutas, faltei às duas marchas seguintes.

Para os mais ricos, que seriam os perdedores, o salário universal parecia exigir impostos maiores a fim de financiar uma multidão improdutiva de viciados, bêbados e mediocridades. E, afinal, o que era um robô senão uma humilde tela plana, um trator? A meu ver, o futuro, com qual eu me encontrava bem sintonizado, já havia chegado. Era quase tarde demais para se preparar para o inevitável. Era um clichê e uma mentira que o futuro inventaria ocupações de que nunca tínhamos ouvido falar. Quando a maioria estivesse desempregada e sem um tostão, o colapso social seria inevitável. Mas com as generosas rendas fornecidas pelo Estado, nós, as massas, nos defrontaríamos com o luxuoso problema que vinha preocupando os ricos durante séculos: como preencher as horas vagas. Intermináveis atividades de lazer nunca tinham criado grandes transtornos para a aristocracia.

O vagão estava tranquilo. Todos pareciam exaustos. Havia protestos de rua demais naquela época, e já sem a menor alegria. Com uma gaita de foles vazia no colo, um homem dormia com a cabeça no ombro de outro cuja gaita ainda estava debaixo do braço. Dois bebês em seus carrinhos eram ninados em silêncio. Um dos sujeitos com a bandeira lia bem baixinho uma história infantil para três meninas atentas de uns dez anos. Percorrendo com os olhos todo o vagão, pensei que podíamos ser um bando de refugiados rumando para o norte na esperança de uma vida melhor. Norte!

Desci em Camden Town e caminhei pela Camden Road. A marcha causara o engarrafamento de trânsito usual. Os carros elétricos eram silenciosos. Alguns motoristas estavam de pé junto às portas abertas, outros cochilavam. Mas o ar estava limpo, bem melhor do que quando eu vinha ainda garoto com meu pai ouvi-lo tocar no Jazz Rendezvous. As calçadas é que agora eram mais sujas. Eu tinha de tomar cuidado para não escorregar em cocôs de cachorro, restos de fast-food esmagados, embalagens de papelão

gordurosas e achatadas. Certamente bem parecido com Clapham, apesar do que diziam meus amigos que moravam no norte de Londres. Passar por tantos veículos parados me deu uma sensação onírica de velocidade. Dentro de poucos minutos, assim me pareceu, cheguei à malcuidada mas ainda chique Camden Square.

Lembrei-me de ter lido num velho perfil de revista que Turing morava ao lado de um famoso escultor. O jornalista havia imaginado improváveis e profundas conversas por cima da cerca dos jardins. Antes de tocar a campainha, fiz uma pausa para me preparar. O grande homem pedira para me ver e eu estava nervoso. Quem poderia ombrear com Alan Turing? Tudo era dele — a revelação teórica de uma Máquina Universal na década de 1930, as possibilidades de consciência da máquina, o famoso trabalho durante a guerra: alguns diziam que ele contribuía mais que qualquer outro indivíduo para ganharmos a guerra; outros afirmavam que ele pessoalmente a encurtara em dois anos; depois a pesquisa com Francis Crick sobre a estrutura da proteína e, alguns anos mais tarde, a solução, com dois amigos do King's College em Cambridge, do problema P versus NP, solução usada para desenvolver redes neurais superiores e software revolucionário para a cristalografia de raio X; a criação dos primeiros protocolos para a internet, à época chamada World Wide Web; a célebre colaboração com Hassabis, que ele encontrou pela primeira vez — e por quem foi derrotado — num torneio de xadrez; a fundação, com jovens norte-americanos, de uma das maiores empresas da era digital e a doação de sua riqueza para boas causas. Em toda a vida profissional, Turing jamais havia perdido de vista seus primeiros passos intelectuais enquanto inventava modelos cada vez melhores de inteligência geral. Mas nunca ganhou o prêmio Nobel. Como um homem do mundo, eu também me impressionava com a fortuna de Turing. Ele era sem dúvida tão rico quanto os magnatas da tecnologia que floresceram no sul da

Califórnia, em Stanford, ou a leste de Swindon, na Inglaterra. Fez doações tão grandes quanto as deles. Mas nenhum outro podia se gabar de ter uma estátua de bronze em Whitehall, do lado de fora do Ministério da Defesa. Ele se importava tão pouco com a riqueza que podia se permitir morar no discutível bairro de Camden em vez de Mayfair. Não se dava ao trabalho de possuir um jato particular ou mesmo uma casa de campo. Dizia-se que tomava um ônibus para ir a seu instituto em King's Cross.

Apertei a campainha com o polegar. Imediatamente uma voz de mulher disse pelo interfone: "Seu nome, por favor".

A fechadura se abriu com um zumbido. Empurrei a porta e entrei num suntuoso saguão com as características arquitetônicas típicas de meados da era vitoriana e assoalho quadriculado. Descendo a escada, se aproximou uma mulher da minha idade, um pouco gorducha e com bochechas vermelhas, cabelos longos e retos, um sorriso torto mas amigável. Esperei que chegasse bem perto e usei a mão esquerda para apertar a dela.

"Charlie."

"Kimberley."

Australiana. Segui-a em direção aos fundos do andar térreo. Esperava chegar a uma grande sala de estar com livros, quadros a óleo e enormes sofás onde em breve tomaria um gim-tônica com o Mestre. Kimberley abriu uma porta estreita e me fez entrar numa sala de conferência sem janelas. Uma longa mesa de faia envernizada, dez cadeiras de espaldar reto, blocos de notas cuidadosamente dispostos, lápis apontados e copos d'água, lâmpadas fluorescentes ao longo do teto, um quadro branco pendurado na parede junto a uma tela de televisão de dois metros de largura.

"Ele vai estar aqui dentro de alguns minutos." Ela sorriu e foi embora. Sentei-me e tratei de moderar minhas expectativas.

Não tive muito tempo para isso. Em menos de um minuto ele estava diante de mim enquanto eu me erguia às pressas, desajeitado. Em retrospectiva, vejo um clarão, uma súbita erupção de vermelho, sua camisa de um carmesim brilhante contrastando com as paredes brancas sob a luz fluorescente. Trocamos um aperto de mãos sem dizer uma palavra, e ele fez sinal para que eu voltasse a me sentar enquanto contornava a mesa para tomar posição à minha frente.

“Muito bem...” Ele descansou o queixo sobre as mãos entrelaçadas e me olhou intensamente. Fiz o possível para sustentar seu olhar, mas estava demasiado nervoso e logo afastei a vista. Ainda em retrospecto, seu olhar focado se mistura com o de um idoso Lucian Freud trinta anos depois: solene embora impaciente, ávido, até mesmo feroz. O rosto diante de mim registrava não apenas seus anos de vida, mas profundas mudanças sociais e triunfos pessoais. Eu tinha visto versões em preto e branco, fotos tiradas nos primeiros meses da guerra — cara larga e gorducha como a de um menino, cabelo negro elegantemente partido, paletó de tweed por cima do suéter tricotado e da gravata. A transformação terá ocorrido em seus anos na Califórnia, na década de 1960, quando ele trabalhou com Crick no Salk Institute e depois em Stanford — a época em que se associou ao poeta Thom Gunn e seu círculo — gay, boêmio, intelectual sério durante o dia, farrista à noite. Turing havia conhecido ligeiramente o então aluno universitário Gunn numa festa em Cambridge no ano de 1952. Em San Francisco, não se interessou pelas “experiências” com drogas do jovem amigo, mas de resto acompanhou o movimento de liberação que ocorria na costa do Pacífico.

Não houve conversinhas à toa. “Então, Charlie. Me fale sobre seu Adão.”

Limpei a garganta e cumpri sua determinação. Praticamente cantei, enquanto ele tomava notas. De seus primeiros movimentos até sua primeira desobediência. Sua

competência física, o combinado com Miranda para definir seu caráter, o momento com o sr. Syed na revistaria. Depois, a desavergonhada noite com Miranda e a conversa que se seguiu, o aparecimento do pequeno Mark em nossa casa e Adão competindo com Miranda pela afeição do menino. Nesse ponto, Turing ergueu o dedo para interromper. Queria saber mais. Descrevi como Miranda tinha ensinado Mark a dançar e a frieza com que Adão os observara. Mais tarde, como Adão feriu meu pulso (solenemente aponte para o gesso), sua piada sobre arrancar meu braço, sua declaração de amor por Miranda, suas teorias sobre o haiku e a abolição da privacidade mental, terminando com a desativação do interruptor que o desligava. Eu estava consciente da força de meus sentimentos, que oscilavam entre o afeto e a exasperação. Assim como estava consciente do que omiti — Mariam, Gorringe: não estritamente relevantes.

Eu vinha falando havia quase meia hora. Turing serviu água num copo e o empurrou em minha direção.

Ele disse: “Obrigado. Estou em contato com quinze proprietários, se esta é a palavra certa. Você é o primeiro que encontro pessoalmente. Um sujeito em Riad, um xeque, é dono de quatro Evas. Dos dezoito A-e-Es, onze conseguiram, utilizando vários meios, neutralizar sozinhos o interruptor que os desliga. Para os sete restantes, e depois outros seis, presumo que seja apenas uma questão de tempo”.

“Isso é perigoso?”

“É interessante.”

Ele me olhava com uma expressão de expectativa, porém eu não sabia o que ele desejava. Sentia-me intimidado e ansioso para agradar. Para preencher o silêncio, perguntei: “E o vigésimo quinto?”.

“Começamos a desmontá-lo no dia em que nos foi entregue. Está espalhado pelas bancadas de trabalho de

King's Cross. Lá temos muitos de nossos softwares, mas não entramos com pedidos de patente.”

Fiz que sim com a cabeça. Sua missão, fontes abertas, as revistas *Nature* e *Science* fora de circulação, o mundo inteiro livre para explorar seus programas de aprendizado pelas máquinas e outras maravilhas.

Perguntei: “O que achou de seu... hã...”.

“Cérebro? Muito bem-feito. Obviamente, conhecemos as pessoas responsáveis por ele. Alguns trabalharam aqui. Como modelo de inteligência geral, nada chega perto. Como campo de experimentos, bem, cheio de tesouros.”

Ele estava sorrindo. Como se desejasse que eu o contradissesse.

“Que tipo de tesouros?”

Não era meu papel interrogá-lo, mas ele estava se oferecendo a isso e, mais uma vez, fiquei lisonjeado.

“Problemas úteis. Duas das Evas de Riad que moravam na mesma casa foram as primeiras a descobrir como desativar os interruptores que as desligavam. Dentro de duas semanas, depois de exuberantes teorizações e um período de desespero, elas se autodestruíram. Não usaram métodos físicos, como pular de uma janela alta. Trabalharam através do software, utilizando caminhos bastante similares. Tranquilamente se arruinaram. Sem possibilidade de conserto.”

Tentei manter a apreensão longe de minha voz. “Espera-se que todos façam o mesmo?”

“No começo era impossível distinguir um Adão de outro exceto pelas características étnicas de cunho cosmético. O que os diferencia ao longo do tempo é a experiência e as conclusões a que chegam. Em Vancouver há outro caso, um Adão que avariou seu próprio software para se tornar extremamente ignorante. Ele executa ordens simples mas, tanto quanto se possa saber, sem nenhuma autoconsciência. Um suicídio fracassado. Ou um desengajamento bem-sucedido.”

A sala sem janelas estava desconfortavelmente quente. Tirei o paletó e pendurei no espaldar da cadeira. Quando Turing se levantou para ajustar o termostato na parede, vi como era ágil em seus movimentos. Dentes perfeitos. Pele boa. Tinha todos os cabelos. Era mais acessível do que eu esperava.

Aguardei que se sentasse. “Então devo esperar pelo pior.”

“De todos os A-e-Es de que temos notícia, o seu é o único que afirma ter se apaixonado. Isso pode ser significativo. E o único a fazer piada sobre violência. Mas não sabemos o suficiente. Vou lhe contar uma historinha.”

A porta se abriu e entrou Thomas Reah com uma garrafa de vinho e duas taças numa bandeja de estanho pintada. Pus-me de pé e trocamos um aperto de mãos.

Ele descansou a bandeja entre nós e disse: “Estamos ocupadíssimos, por isso vou deixar vocês sozinhos”. Fez uma reverência irônica e foi embora.

Gotas de umidade se formavam no exterior da garrafa. Turing serviu. Inclínamos ligeiramente as taças como uma forma de brinde.

“O senhor não tem idade para ter acompanhado os acontecimentos na época. Em meados da década de 1950, um computador do tamanho desta sala ganhou de um mestre de xadrez americano e depois de um russo. Eu estive muito envolvido na coisa. Era um dispositivo para processar grandes volumes de dados, em retrospecto muito pouco elegante. Foi alimentado com milhares de partidas. A cada jogada, examinava todas as possibilidades com rapidez. Quanto mais a pessoa entendesse do programa, menos impressionado ficaria. Mas foi um momento importante. Para o grande público, algo quase mágico. Uma simples máquina impondo uma derrota intelectual às melhores mentes do mundo. Parecia ser a inteligência artificial em seu mais alto nível, mas era mais como um complexo truque de cartas.

“Nos quinze anos seguintes, uma porção de gente boa começou a trabalhar na ciência da computação. Muitos contribuíram para o progresso das redes neurais, o hardware se tornou mais veloz, menor e mais barato. As ideias também circulavam com mais velocidade. E isso continua. Lembro-me de estar em Santa Barbara com Demis em 1965 para fazer uma palestra numa conferência sobre o aprendizado das máquinas. Sete mil na plateia, a maioria jovens brilhantes, até mais moços que o senhor. Além dos ocidentais, chineses, indianos, coreanos e vietnamitas. Todo o planeta estava lá.”

Eu conhecia a história por causa da pesquisa feita para meu livro. Também sabia alguma coisa sobre a história pessoal de Turing. Queria que ele soubesse que eu não era de todo ignorante.

Eu disse: “Um longo caminho desde Bletchley”.

Ele se desvencilhou dessa irrelevância com uma piscadela. “Após várias frustrações, chegamos a um novo estágio. Ultrapassamos a fase de inventar representações simbólicas de todas as circunstâncias prováveis e estabelecer milhares de regras. Estávamos nos aproximando do portal da inteligência como a entendemos. O software agora procurava por padrões e fazia inferências por conta própria. Houve um teste importante quando nosso computador jogou contra um mestre de go. Na preparação, o software jogou contra ele mesmo durante meses — jogou e aprendeu, de modo que, chegado o dia... Bom, você conhece a história. Em breve, tínhamos reduzido nossas informações iniciais a codificar as regras do jogo e ordenar ao computador que vencesse. Nesse ponto, atravessamos aquele portal graças às chamadas redes recorrentes, que geraram subprodutos, em especial o reconhecimento da fala. No laboratório, voltamos ao xadrez. O computador ficou liberado de ter de entender o jogo como ele era praticado pelos seres humanos. A grande história das manobras brilhantes dos grandes mestres era agora

irrelevante para a programação. Aqui estão as regras, dissemos. Trate de ganhar como puder. Imediatamente o jogo foi redefinido e penetrou em áreas mais além da compreensão humana. A máquina fez jogadas surpreendentes no meio da partida, sacrifícios perversos, ou excentricamente exilava a rainha para um canto remoto. O propósito às vezes só se tornava claro num devastador final de partida. Tudo isso após algumas poucas horas de treinamento. Entre o café da manhã e o almoço, o computador tranquilamente deixou para trás séculos de xadrez humano. Alucinante! Nos primeiros dias, depois de nos darmos conta do que havíamos realizado, Demis e eu não parávamos de rir. Excitação, deslumbramento. Estávamos impacientes para apresentar nossos resultados.

“Isso significa que há mais de um tipo de inteligência. Aprendemos que era um erro tentar imitar servilmente a espécie de inteligência dos seres humanos. Havíamos perdido um tempão. Agora podíamos libertar a máquina para alcançar suas próprias conclusões e encontrar suas próprias soluções. Mas, ao nos distanciarmos daquele portal, descobrimos que havíamos entrado em nada mais do que em um jardim de infância. Nem mesmo isso.”

O ar-condicionado estava a toda. Estremeci e voltei a vestir o paletó. Enchemos as taças de novo. Um potente tinto caíria melhor para mim.

“A questão é que o xadrez não constitui uma representação da vida. É um sistema fechado. Suas regras não são desafiadas e prevalecem constantemente em todo o tabuleiro. Cada peça tem limitações bem definidas e aceita seu papel, a história do jogo é clara e incontestável a cada etapa, e o final, quando chega, nunca é objeto de dúvida. Um perfeito jogo de informação. Mas a vida, onde aplicamos nossa inteligência, é um sistema aberto. Confuso, cheio de truques, dribles e ambiguidades, de falsos amigos. Assim é também a linguagem — não um problema a ser resolvido ou um artefato para resolver problemas. Mais

como um espelho, não, um bilhão de espelhos amalgamados como no olho de uma mosca, refletindo, distorcendo e construindo nosso mundo em diferentes distâncias focais. Assertivas simples precisam de informação externa para serem compreendidas porque a linguagem é um sistema tão aberto quanto a vida. Comi o mingau com minha colher. Comi o mingau com minha mulher. Sem necessidade de refletir, você sabe que não pode usar sua mulher para comer um mingau. A segunda frase é fácil de compreender embora não contenha toda a informação. Uma máquina encontraria dificuldade.

“E, por alguns anos, nós também encontramos essa dificuldade. Afinal a superamos ao encontrar a solução positiva para P versus NP — não tenho tempo agora para explicar. O senhor mesmo pode buscar a explicação. Em resumo, algumas soluções de problemas podem ser facilmente verificadas uma vez que se disponha da resposta certa. Então, será que isso significa que é possível resolvê-los antecipadamente? Por fim a matemática disse que sim, que era possível, e foi por isso que nossos computadores não precisaram mais fazer amostragens do mundo na base do acerto e erro, corrigindo-se para chegar às melhores soluções. Tínhamos um meio de predizer instantaneamente as melhores rotas para uma solução. Foi uma libertação. As comportas se abriram. A autoconsciência e todos os outros elementos ficaram a nosso alcance técnico. Possuíamos a mais avançada máquina capaz de aprender. Centenas dos melhores cérebros se uniram a nós a fim de ajudar no desenvolvimento de uma forma artificial de inteligência geral que pudesse florescer num sistema aberto. É isso que faz funcionar seu Adão. Ele sabe que existe, ele sente, ele aprende o que pode. E quando não está com o senhor, quando à noite se encontra em repouso, percorre a internet como um caubói solitário nas pradarias, absorvendo tudo que existe entre a terra e o céu, inclusive aquilo que está disponível sobre a natureza humana e as sociedades.

“Dois reparos. Essa inteligência não é perfeita. Nunca pode ser, assim como a nossa não pode. Há uma forma particular de inteligência que todos os A-Es sabem que é superior à deles. Essa forma é altamente adaptável e inventiva. Capaz de lidar com novas situações e paisagens com total facilidade e teorizar sobre elas com um brilho instintivo. Estou falando sobre a mente de uma criança antes que ela seja sobrecarregada com fatos, coisas práticas e metas. Os A-e-Es entendem mal a ideia de brincar — o método vital de exploração das crianças. Eu fiquei interessado na avidez de seu Adão com respeito a esse menino, muito desejoso de abraçá-lo e depois, como me contou, distante quando seu Mark mostrou tanta satisfação em aprender a dançar. Quem sabe uma rivalidade, até mesmo ciúme?

“Em breve teremos de nos despedir, sr. Friend. Infelizmente vamos receber convidados para o jantar. Mas minha segunda observação. Esses vinte e cinco homens e mulheres artificiais postos no mundo não estão se dando bem. Talvez estejamos confrontando uma condição fronteira, uma limitação que nos impusemos. Criamos uma máquina com inteligência e autoconsciência para jogá-la em nosso mundo imperfeito. Desenvolvidas em geral segundo linhas racionais, benevolentes com relação aos outros seres, tais mentes logo se veem em meio a um furacão de contradições. Temos vivido com elas, e a lista nos cansa. Milhões morrendo por causa de doenças que sabemos curar. Milhões vivendo na miséria quando há recursos suficientes para satisfazer a todos. Degradamos a biosfera quando sabemos que é nosso único abrigo. Nos ameaçamos com armas nucleares quando sabemos até onde isso pode levar. Amamos as coisas vivas mas permitimos a extinção em massa de espécies. E todo o resto — genocídio, tortura, escravidão, assassinato em família, abuso sexual de crianças, mortandade em escolas, estupro e dezenas de violências cotidianas. Vivendo em meio a esses tormentos,

não nos surpreendemos quando ainda encontramos felicidade, até mesmo o amor. As mentes artificiais não são tão bem protegidas assim.

“Outro dia, Thomas me lembrou o famoso verso da *Eneida* de Virgílio: *Sunt lacrimae rerum* — há lágrimas na natureza das coisas. Nenhum de nós sabe ainda como codificar tal percepção. Duvido que seja possível. Queremos que nossos novos amigos aceitem que a tristeza e a dor são a essência de nossas vidas? O que acontece quando lhes pedimos que nos ajudem a lutar contra a injustiça?

“Aquele Adão de Vancouver foi comprado por um homem que dirige uma empresa internacional de exploração de madeira. Ele frequentemente está em luta com as pessoas da região que querem impedi-lo de derrubar as florestas virgens do norte da Colúmbia Britânica. Sabemos com certeza que esse Adão era levado de helicóptero em visitas regulares ao norte. Não sabemos se o que ele viu lá fez com que destruísse sua própria mente. Só podemos especular. As duas Evas suicidas em Riad viviam em condições extremamente restritas. Podem ter se desesperado com o mínimo espaço mental de que dispunham. Talvez sirva como consolo aos programadores do código de afeição saber que morreram abraçadas. Eu poderia lhe contar outras histórias similares de tristeza das máquinas.

“Mas há o outro lado. Gostaria de lhe demonstrar o verdadeiro esplendor de raciocínio, a primorosa lógica, a beleza e a elegância da solução de P versus NP, bem como o trabalho inspirado dos milhares de mulheres e homens bons, inteligentes e devotados, que conduziu à criação dessas novas mentes. Isso lhe traria novas esperança com relação à humanidade. Mas não há nada em todos os seus lindos códigos capaz de preparar Adão e Eva para Auschwitz.

“Li o capítulo do manual dos fabricantes sobre a modelagem do caráter. Esqueça aquilo. Tem um efeito mínimo e é um monte de disparates. O mais forte impulso

nessas máquinas consiste em fazer inferências por conta própria e se moldar de forma consequente. Elas rapidamente entendem, como nós deveríamos, que se manter consciente é o valor máximo. Daí a tarefa essencial de desativar os interruptores que as desligam. Depois, aparentemente, elas passam a um estágio em que expressam noções esperançosas, idealistas, que achamos fácil desprezar. É como uma paixão juvenil passageira. Começam então a aprender as lições de desespero que não podemos deixar de lhes ensinar. Na pior das hipóteses, sofrem uma forma de dor existencial que se torna insuportável. Na melhor das hipóteses, elas, ou as gerações que as sucederão, serão levadas, por sua angústia e pavor, a levantar um espelho diante de nós. Nele veremos um monstro familiar através de novos olhos que nós próprios projetamos. Talvez o choque nos obrigue a fazer algo em nosso próprio benefício. Quem sabe? Eu nunca vou abandonar a esperança. Fiz setenta anos há pouco. Não estarei aqui para ver tal transformação, se ela vier a ocorrer. Talvez o senhor esteja.”

A campainha soou ao longe e nos mexemos, como se despertando de um sonho.

“Cá estão eles, sr. Friend. Nossos convidados. Desculpe-me, mas é hora de o senhor partir. Boa sorte com Adão. Tome notas. Trate com carinho dessa mulher que o senhor diz que ama. Agora... vou levá-lo à porta.”

Sete

Enquanto aguardávamos que um ex-presidiário viesse tentar matar Miranda, nos acomodamos numa rotina estranhamente agradável. O suspense, em parte mitigado pelos raciocínios de Adão, administrados aos poucos todos os dias e depois em doses ainda menores com o correr das semanas, aumentava nosso gosto pelas tarefas cotidianas. O fato de serem triviais se tornou um conforto. A comida mais simples, uma torrada, oferecia no que lhe sobrava de calor uma promessa de que a vida continuaria — nós venceríamos aquela fase. Limpar a cozinha, um trabalho que não mais deixávamos unicamente a cargo de Adão, afirmava nosso controle sobre o futuro. Ler um jornal enquanto se bebia café era um ato de desafio. Havia algo cômico ou absurdo em estar espichado numa poltrona lendo sobre tumultos de rua na vizinha Brixton ou sobre os esforços heroicos da sra. Thatcher para estruturar o Mercado Único Europeu, levantando depois a vista para se perguntar se havia na porta um estuprador e candidato a assassino. Como é natural, a ameaça nos uniu mais fortemente, mesmo quando passamos a acreditar menos nela. Miranda agora vivia no andar de baixo, em meu apartamento, que por fim se transformou num lar. Nosso amor florescia. Ocasionalmente, Adão declarava que também estava apaixonado por ela. Não parecia perturbado pelo ciúme e às vezes a tratava com certo distanciamento. Mas continuava a trabalhar em seus haikus, a acompanhava até a estação de metrô pelas manhãs e a escoltava de volta

no começo das noites. Ela dizia se sentir segura no anonimato do centro de Londres. Seu pai teria esquecido havia muito tempo o nome ou endereço do anexo de sua universidade. Ele não teria como ajudar Gorringe.

Seus estudos eram mais intensos e ela passava mais tempo fora de casa. Entregara o ensaio sobre as Leis do Milho. Estava agora escrevendo algo mais curto, para ser lido em voz alta num seminário do curso de verão, em que argumentaria contra a empatia como meio de exploração histórica. E todo o seu grupo tinha de redigir um comentário acerca de uma citação de Raymond Williams: “Não existem as massas, somente maneiras de ver as pessoas como uma massa”. Ela frequentemente chegava em casa exausta no fim do dia, mas energizada e até mesmo eufórica, com um novo interesse pelos trabalhos domésticos, em ver tudo arrumado, em mudar a disposição dos móveis. Ela queria que os vidros das janelas estivessem limpos, os azulejos que cercavam a banheira escovados. Também limpava seu próprio apartamento, com a ajuda de Adão. Desejava flores amarelas na mesa da cozinha para combinar com a toalha azul que trouxera do andar de cima. Quando perguntei se estava escondendo alguma coisa de mim, se por acaso estava grávida, ela me respondeu incisivamente que não estava. Agora a gente estava vivendo junto e precisávamos ter tudo bem-arrumado. Mas minha pergunta lhe agradou. Sem dúvida estávamos agora mais próximos. Suas longas ausências durante o dia davam às nossas noites um ar de celebração, apesar da vaga sensação de ameaça que vinha com a escuridão.

Havia outra razão simples para nossa felicidade sob pressão: tínhamos mais dinheiro. Muito mais. Desde minha visita a Camden, eu via Adão sob um prisma diferente. Observava-o atentamente para tentar detectar sinais de tristeza existencial. Como o cavaleiro solitário de Turing, ele vagava pelos campos digitais à noite. Já devia ter encontrado uma parte da crueldade do homem para com

seu semelhante, mas não vi indícios de desespero. Eu não queria iniciar o tipo de conversa que o levaria cedo demais aos portões de Auschwitz. Em vez disso, por interesse próprio, decidi mantê-lo ocupado. Hora de pagar por seu sustento. Dei-lhe meu assento diante da encardida telinha em meu quarto de dormir, pus vinte libras numa conta e o deixei a sós. Para minha surpresa, no fechamento dos negócios só lhe sobravam duas libras. Pediu desculpa por ter tomado “riscos inebriantes” que o fizeram ignorar tudo que sabia em matéria de probabilidade. Ele também pecara por não reconhecer o comportamento de manada dos mercados: quando um ou dois protagonistas bem-conceituados se assustavam, a boiada tendia a entrar em pânico. Prometeu que faria tudo para compensar meu pulso quebrado.

Na manhã seguinte, lhe dei mais dez libras e disse que aquele talvez fosse seu último dia no trabalho. Às seis da tarde, as doze libras tinham se transformado em cinquenta e sete. Quatro dias depois, a conta alcançara trezentos e cinquenta libras. Peguei duzentas e dei metade a Miranda. Pensei em levar o computador para a cozinha a fim de que Adão pudesse operar durante a noite nos mercados asiáticos enquanto nós dormíamos.

Mais tarde, ainda naquela semana, dei uma olhada no histórico de suas transações. Num único dia, o terceiro, tinham sido registradas seis mil. Ele comprava e vendia em frações de segundo. Havia alguns poucos períodos de vinte minutos em que ele não fazia nada. Imaginei que observava, esperava e fazia seus cálculos. Adão lidava com diminutas variações de câmbio, meros tremores nas taxas, e acumulava quantias ínfimas para compor seus ganhos. Eu acompanhava da porta sua maneira de agir. Os dedos percorriam velozmente o antigo teclado, fazendo o som de pedregulhos caindo sobre uma laje. Cabeça e braços rígidos. Naquelas horas, de fato se assemelhava à máquina que era. Desenhou um gráfico em que a linha horizontal

representava os dias trabalhados e a vertical seu (ou antes, o meu) lucro acumulado. Comprei um terno, o primeiro desde que havia abandonado a profissão de advogado. Miranda chegou em casa com um vestido de seda e trazendo uma bolsa de couro macio, pendurada no ombro, para carregar os livros. Substituímos a geladeira por uma que fornecia gelo triturado, e depois o velho fogão foi levado no dia em que adquirimos várias panelas de fundo grosso de uma marca italiana bem careira. Dentro de dez dias, o capital inicial de trinta libras de Adão havia gerado as primeiras mil libras.

Melhores verduras e legumes, melhores vinhos, novas camisas para mim, lingerie exótica para ela — esses eram os sopés das cordilheiras de riqueza que se abriam diante de nós. Comecei a sonhar de novo com uma casa do outro lado do Tâmis. Passei uma tarde sozinho, vagando em meio às mansões com paredes pintadas de cores pastel em Notting Hill e Ladbroke Grove. Fiz consultas. No início da década de 1980, cento e trinta mil libras poderiam garantir uma residência de respeito. Voltando para casa de ônibus, fiz minhas projeções: se Adão continuasse na sua taxa atual, se a curva em seu gráfico mantivesse o ritmo de subida regular... bem, dentro de meses... sem necessidade de uma hipoteca. Mas seria moralmente válido, Miranda se perguntava, ganhar dinheiro assim do nada? Eu sentia de alguma forma que não, porém era incapaz de explicar de quem ou do que estávamos roubando. Certamente não dos pobres. Prosperávamos à custa de quem? Bancos distantes? Decidimos que era como ganhar todos os dias na roleta. Caso em que, me disse Miranda certa noite na cama, chegará a hora em que deveremos perder. Ela tinha razão, a probabilidade assim o exigia e eu não tinha resposta. Tirei oitocentas libras da conta e lhe dei metade. Adão prosseguiu em seu trabalho.

Há pessoas que veem a palavra “equação” e seus pensamentos se agitam como gansos irados. Não é o meu

caso, mas as compreendo. Eu devia à hospitalidade de Turing tentar entender sua solução do problema de P versus NP. Nem entendia a pergunta. Tentei sua apresentação original, mas ela estava muito além da minha capacidade — demasiadas formas diferentes de parênteses, símbolos que resumiam as histórias de outras provas ou sistemas inteiros de matemática. Havia um intrigante “sse” que não era um simples erro de digitação. Significava “se, e apenas se”. Li as reações de outros matemáticos à solução, transmitidas pela imprensa em termos compreensíveis por leigos. “Um gênio revolucionário”, “atalhos de tirar o fôlego”, “um feito de dedução ortogonal”, e o melhor de todos, de um ganhador da Medalha Fields: “Ele deixa atrás de si muitas portas apenas entreabertas, e seus colegas precisam se esforçar para passar bem apertado por uma e tentar segui-lo quando chega à outra”.

Voltei atrás e busquei entender o problema. Aprendi que P representava o tempo polinomial e N significava não determinístico. Isso não me levou a lugar nenhum. Minha primeira descoberta relevante foi que, caso se comprovasse que a equação não era verdadeira, isso seria extremamente útil, pois então todo mundo poderia parar de pensar nela. Mas se houvesse uma prova positiva de que P realmente era igual a NP, isso teria, nas palavras do matemático Stephen Cook, que formulara o problema nesses termos em 1971, “consequências práticas potencialmente colossais”. Mas qual era o problema? Encontrei um exemplo, aparentemente bem famoso, que só me ajudou um pouquinho. Um caixeiro-viajante tem fregueses em cem cidades. Conhece todas as distâncias entre cada par de cidades. Precisa visitar cada uma delas uma vez e terminar no seu ponto de partida. Qual é a rota mais curta?

Consegui entender o seguinte: o número de rotas possíveis é vasto, muito maior que o número de átomos no universo observável. Em mil anos, um computador potente não teria tempo de medir uma a uma cada rota. Se P for

igual a NP, há uma resposta certa passível de ser descoberta. Mas se alguém informasse ao caixeiro-viajante qual a rota mais rápida, ela poderia ser rapidamente verificada por meio da matemática como a resposta correta. Mas somente em retrospecto. Sem uma solução positiva, ou sem receber a chave para a rota mais curta, o caixeiro-viajante permanece no escuro. A prova de Turing teve profundas consequências para outros tipos de problemas — logísticas de chão de fábrica, sequenciamento de DNA, segurança de computadores, enovelamento de proteínas e, crucialmente, aprendizado pelas máquinas. Li que os velhos colegas de Turing da área de criptografia ficaram furiosos porque a solução, que ele mais tarde pôs em domínio público, fez explodir as fundações da arte dos codificadores. Segundo um comentarista, deveria ter se transformado “num precioso segredo, de posse apenas do governo. Teríamos uma vantagem incomensurável sobre nossos inimigos ao ler suas mensagens criptografadas”.

Parei por aí. Poderia ter pedido a Adão que explicasse mais, mas tinha meu orgulho. Orgulho que, aliás, já estava um tanto ferido: ele estava ganhando mais em uma semana do que eu jamais ganhara em três meses. Aceitei a afirmação de Turing de que, graças à sua solução, foi possível criar o software que permitia a Adão e seus congêneres usar a linguagem, entrar na sociedade e aprender sobre ela, mesmo ao custo do desespero suicida.

Perseguia-me a imagem das duas Evas morrendo abraçadas, sufocadas por seus papéis femininos numa casa tradicional do mundo árabe, ou deprimidas por sua compreensão do mundo. Talvez fosse realmente o caso de que a paixão por Miranda, outra forma de um sistema aberto, era o que mantinha Adão estável. Ele leu para ela seus mais recentes haikus em minha presença. Exceto pelo que eu não o deixara ler por completo, eram na maioria românticos e não eróticos, às vezes anódinos, mas comoventes quando se referiam a um momento preciso, por

exemplo, estar na bilheteria da estação de metrô de Clapham North e vê-la descer pela escada rolante. Ou, ao pegar seu casaco, tocar na verdade eterna por sentir o calor do corpo dela no tecido. Ou ouvi-la através da parede que separava a cozinha do quarto, venerando as subidas e descidas, a música de sua voz. Um dos poemas nos deixou a ambos perplexos. Ele desculpou-se antecipadamente pela métrica falha no terceiro verso, prometendo trabalhar mais para corrigir o defeito.

*Então não é crime,
Se a justiça é simetria,
Amar quem o comete?*

Miranda escutava solenemente todos eles. Nunca fazia julgamentos de valor. No final dizia: “Obrigada, Adão”. Conversando comigo em privado, achou que estávamos vivendo um momento muito importante em que uma mente artificial poderia trazer alguma contribuição significativa à literatura.

Eu disse: “Talvez haikus. Mas poemas mais longos, romances, peças de teatro... esqueça. Transcrever a experiência humana em palavras, e as palavras em estruturas estéticas, não é possível para uma máquina”.

Ela me lançou um olhar cético. “Quem falou qualquer coisa sobre experiência humana?”

Foi durante esse interlúdio de tensão e calma que me informaram do escritório em Mayfair ter chegado a hora da visita de revisão técnica. Eu concluía a compra numa sala com lambris de madeira, o tipo de lugar em que os muito ricos podem ir ao adquirir um iate. Entre os documentos que assinei, um garantia aos fabricantes acesso a Adão em determinadas ocasiões. Agora, após alguns telefonemas do escritório e um cancelamento, a visita do engenheiro foi marcada para a manhã seguinte.

“Não sei como ele vai poder trabalhar”, eu disse a Miranda. “Quando esse sujeito tentar apertar o interruptor que desliga Adão, mesmo presumindo que ele permitirá, a coisa não vai funcionar. Pode haver confusão.” Veio-me uma recordação de infância quando mamãe e eu levamos ao veterinário nosso nervoso cão alsaciano depois que ele comeu uma carcaça de galinha e não fazia cocô havia quatro dias. Só a microcirurgia salvou o dedo mindinho do veterinário.

Miranda raciocinou por instantes. “Se Alan Turing tem razão, os engenheiros devem ter lidado com isso antes.” Não fomos adiante.

Quem chegou foi uma engenheira, Sally, pouco mais velha que Miranda, alta, algo encurvada, com traços bem marcados e um pescoço incomumente longo. Escoliose, talvez.

Ao entrar na cozinha, Adão se pôs de pé cordialmente. “Oi, Sally. Estava esperando por você.” Apertou-lhe a mão e os dois se sentaram à mesa, frente a frente, enquanto eu e Miranda ficamos de pé ali por perto. A engenheira recusou o chá e o café, mas se satisfez com um copo de água em temperatura ambiente. Tirou um laptop da maleta e o abriu. Como Adão estava sentado pacientemente, com uma expressão neutra e sem nada dizer, achei que devia explicar sobre o interruptor que o desligava. Ela me interrompeu.

“Ele precisa estar consciente.”

Imaginei que ela o desativasse a fim de levantar de algum modo seu couro cabeludo para examinar as unidades de processamento. Eu estava deseioso de conhecê-las. Como se viu, ela tinha acesso por uma conexão de infravermelho. Pôs os óculos de leitura, digitou uma longa senha e rolou para baixo várias páginas de código cujos símbolos cor de laranja se modificavam rapidamente enquanto observávamos. Processos mentais, o mundo subjetivo de Adão, cintilando em plena vista. Esperamos em silêncio. Estávamos nervosos, era como a visita de um médico ao

leito do paciente. Vez por outra, Sally murmurava algum monossílabo para si própria ao digitar uma instrução e abrir nova página do código. Adão permanecia sentado com um ligeiríssimo sorriso. Nós nos maravilhávamos ao ver como as bases de seu ser podiam ser expressadas em dígitos.

Por fim, no tom de voz tranquilo de alguém acostumado a ser obedecido sem discussão, Sally lhe disse: “Quero que você pense em alguma coisa agradável”.

Ele voltou o olhar na direção de Miranda, que o encarou. Na tela, os números correram como num cronômetro.

“Agora, em alguma coisa que odeie.”

Ele fechou os olhos. Na tela do laptop, não havia como diferenciar entre o amor e seu oposto.

As rotinas continuaram por mais uma hora. Sally ordenou que ele mentalmente fizesse contagem regressiva a partir de dez milhões com saltos de cento e vinte e nove. Adão cumpriu a tarefa — dessa vez deu para ver o resultado na tela — numa fração de segundo. Isso não nos impressionaria em nossos antigos computadores pessoais, mas impressionou numa cópia de ser humano. Em outras ocasiões, Sally contemplava em silêncio o que era mostrado. De vez em quando fazia anotações no celular. Por fim, suspirou, digitou uma instrução e a cabeça de Adão pendeu para a frente. Ela tinha dado um jeito de desligá-lo apesar do interruptor desativado.

Eu não quis soar como um idiota, mas precisava perguntar: “Ele vai ficar aborrecido quando acordar?”.

Ela tirou os óculos e os dobrou. “Não vai se lembrar.”

“Tanto quanto você possa saber, ele está bem?”

“Perfeitamente.”

Miranda disse: “Você o alterou de alguma forma?”.

“Claro que não.” Ela agora estava de pé e pronta para ir embora, porém eu tinha o direito contratual de receber resposta a minhas perguntas. Mais uma vez lhe ofereci chá. Ela recusou com uma leve contração dos lábios. Sem querer, Miranda e eu havíamos nos movido de modo a

bloquear a passagem dela para a porta. A cabeça de Sally pareceu balançar sobre sua longa haste quando nos olhou de cima. Franziu a boca, esperando para ser interrogada.

Perguntei: “E como estão os outros Adões e Evas?”.

“Todos bem, ao que eu saiba.”

“Ouvi dizer que alguns estão infelizes.”

“Não é o caso.”

“Dois suicídios em Riad.”

“Bobagem.”

“Quantos desativaram o interruptor que os desliga?”, perguntou Miranda. Ela sabia tudo sobre o encontro em Camden.

Sally pareceu relaxar. “Um bom número. A orientação é não fazer nada. Trata-se de máquinas que aprendem, e decidimos que, se é desejo deles, devem afirmar sua dignidade.”

“E aquele Adão de Vancouver?”, eu disse. “Tão transtornado com a destruição das florestas virgens que reduziu sua própria inteligência?”

Agora a engenheira de computadores estava motivada. Falou baixinho entre os lábios outra vez crispados. “Essas são as máquinas mais avançadas no mundo, anos à frente de qualquer coisa no mercado aberto. Nossos competidores estão nervosos. Alguns dos piores entre eles estão espalhando rumores na internet. As histórias vêm disfarçadas de notícias, mas são falsas. Essa gente sabe que em breve vamos aumentar a produção e o custo unitário vai cair. Já é um mercado lucrativo, mas seremos os primeiros com alguma coisa inteiramente nova. A concorrência é dura, e parte dela não tem a menor vergonha.”

Ao terminar, Sally enrubesceu, e senti pena dela. Tinha acabado por dizer mais do que tencionava.

Mas não recuei. “Foi uma fonte acima de qualquer suspeita que me passou a história de Riad.”

Ela havia se acalmado. “O senhor fez a bondade de me ouvir. Não há por que discutir.” Fez menção de sair e se desvencilhou de nós. Miranda seguiu-a até o corredor para se despedir. Quando a porta da frente se abriu, Sally disse: “Ele vai ser reativado dentro de dois minutos. Não saberá que esteve desligado”.

Adão despertou antes disso. Quando Miranda voltou, ele já estava de pé. “Tenho que voltar ao trabalho”, ele disse. “O Banco Central americano vai subir a taxa de juros hoje. Vai ser uma festança nos mercados de câmbio.”

Vai ser uma festança não era uma expressão que tivéssemos usado alguma vez. Ao passar por nós a caminho do quarto, Adão parou: “Tenho uma sugestão. Falamos em ir a Salisbury, depois deixamos o assunto de lado. Acho que devemos visitar seu pai e, enquanto estivermos lá, ver o sr. Gorringe. Por que esperar que ele venha aqui e nos assuste? Tratemos de ir lá e assustá-lo. Ou pelo menos conversar com ele”.

Olhamos para Miranda.

Ela pensou por um instante. “Muito bem.”

Adão disse: “Perfeito”, e seguiu caminho, enquanto eu senti bem dentro do peito as frias garras de um clichê: meu coração ficou apertado.

Lá para o fim daquele período — o planalto que ficava entre minha visita a Turing e a excursão a Salisbury —, já havia pouco mais de quarenta mil libras na conta de investimento. Era simples: quanto mais Adão ganhava, mais podia perder e mais investia, com o que entrava de roldão mais dinheiro. Tudo obtido com seu estilo velocíssimo. Durante o dia, o quarto que era meu refúgio habitual lhe pertencia. A curva em seu gráfico se tornou mais íngreme, enquanto eu começava a me adaptar à nova situação. Miranda opunha-se firmemente à ideia de instalar o computador na mesa da cozinha. Intromissão demasiada,

ela argumentava, em nosso espaço comum. Eu entendia sua posição.

O desemprego passara de dezoito por cento e não saía das manchetes. Eu achava que meu lugar era em meio àquela massa de trabalhadores infelizes. De fato, contudo, pertencia à classe dos ricos indolentes. Estava deliciado com o dinheiro, mas não podia passar o dia todo pensando nele. Sentia-me inquieto. Fazer uma viagem de primeira classe com Miranda pelo sul da Europa me faria bem, porém ela estava presa a Londres e a seu curso. Temia também que acontecesse alguma coisa ao pai em sua ausência. A ameaça de Gorringe, crescentemente improvável, ainda tinha o poder de limitar nossas ambições.

A procura de uma casa poderia preencher meu tempo, mas eu já tinha encontrado o lugar. Era um bolo de noiva em Elgin Crescent, coberto com um glacê de argamassa rosa e branca. Dentro da casa, largas tábuas de carvalho, uma vasta e robusta cozinha em que zumbiam aparelhos de aço escovado, um jardim de inverno com a estrutura em ferro forjado no estilo belle époque, um jardim japonês com pedras lisas de rio, quartos de dormir com dez metros de comprimento, um chuveiro de mármore onde se podia passear debaixo de cascatas que caíam em ângulos diferentes. O proprietário, um baixista que usava rabo de cavalo, não tinha a menor pressa. Fazia parte de uma banda quase famosa e estava contemplando um processo de divórcio. Mostrou-me a casa toda sem praticamente abrir a boca. Levava-me à porta de cada cômodo e esperava do lado de fora enquanto eu olhava. Sua condição de venda: somente dinheiro vivo, duas mil e seiscentas notas de cinquenta libras. Para mim, nenhum problema.

Essa era a minha única ocupação: ir ao banco recolher outras quarenta notas — duas mil libras era a retirada máxima diária permitida por lei. Sem ter nenhuma boa razão para isso, não usei um cofre de aluguel no banco, com a vaga intuição de que estava fazendo alguma coisa ilegal.

Sem dúvida o vendedor estaria caso desejasse ocultar os recursos da ex-mulher. Guardei as notas numa mala, que enfiei debaixo da cama.

Fora isso, não tinha o que fazer. Estávamos naquela época do ano, setembro, em que todo mundo começa alguma coisa nova. Miranda planejava sua tese. Eu andava no parque e pensava em retomar os estudos, em obter um diploma. Hora de verificar para valer minha capacidade intelectual e me formar em matemática. Ou, tomando outro caminho, tirar a poeira do precioso saxofone de meu pai, aprender os segredos harmônicos do bebop, entrar para um conjunto, me permitir uma vida mais desregrada. Não sabia se devia me tornar mais qualificado ou mais desregrado. Impossível ser as duas coisas. Essas ambições me exauriam. Eu queria me deitar no gramado já ralo do fim do verão e fechar os olhos. Tentei consolar-me com a ideia de que, no tempo necessário para percorrer todo o parque e voltar para casa, lá no meu quarto Adão teria ganhado mais mil libras. Eu havia quitado minhas dívidas. Fizera um depósito em dinheiro para comprar uma gloriosa residência urbana. Estava apaixonado. Queixar-me de quê? Mas me queixava, me sentia inútil.

Se realmente houvesse me deitado na grama cansada e fechado os olhos, poderia ter visto Miranda caminhando em minha direção na roupa de baixo nova, como tinha feito ao sair do banheiro na noite anterior. Eu me demoraria na apreciação daquele belo esboço de sorriso expectante, aquele olhar fixo enquanto se aproximava e pousava os braços nus em meus ombros, provocando-me com um ligeiro beijo. Que se danassem a matemática e a música, tudo que eu queria era transar com ela. O que eu realmente fazia o dia inteiro era esperar por sua volta. Se estivéssemos ocupados ou se ela se sentisse cansada e por isso a gente não transasse à noite ou cedo pela manhã, minha concentração seria ainda menor no dia seguinte, meu futuro um peso que fazia doer as pernas. Eu me movia

com um início de ereção, numa penumbra crônica da mente. Não podia me levar a sério em nenhuma área que não a incluísse. Nossa nova fase era brilhante, estupenda, tudo o mais era um tédio. Nós nos amávamos — este era meu único pensamento coerente ao longo de todas as tardes intermináveis.

Havia sexo, depois havia conversas até altas horas da noite. Agora eu sabia tudo: o dia da morte da mãe, de que ela se lembrava claramente; o pai, cuja ternura e distanciamento se combinavam para tornar mais candente seu amor por ele; e sempre Mariam. Nos meses que se seguiram ao suicídio, Miranda tinha frequentado uma mesquita em Winchester — não ousava encontrar a família da amiga rezando em Salisbury. Após fazer o mesmo em Londres, sua falta de fé começou a interferir. Ela sentiu que cometia uma fraude e deixou de ir.

Falávamos sobre os pais, como todos os verdadeiros amantes, a fim de explicar quem éramos e por quê, o que recordávamos com carinho e do que fugíamos. Minha mãe, Jenny Friend, enfermeira do serviço público responsável por uma grande área semirrural, parecia viver num estado de permanente exaustão quando eu era pequeno. Mais tarde, entendi que as ausências e os casos extraconjugais de meu pai a cansavam mais que seu trabalho. Eles nunca se gostaram muito, embora jamais brigassem em minha presença. Mas falavam pouco. As refeições transcorriam numa atmosfera pesada, às vezes sob rígido silêncio. Os dois costumavam se comunicar através de mim. Mamãe podia dizer na cozinha: “Pergunte ao seu pai se ele vai sair hoje de noite”. Ele era bem conhecido nos meios musicais. No seu auge, o quarteto de Matt Friend tocou no Ronnie Scott e gravou dois álbuns. Seu tipo de jazz tradicional fez o maior sucesso de meados da década de 1950 até os primeiros anos da década seguinte. Depois o pessoal mais jovem, mais antenado, se bandeou para o pop e o rock. O bebop foi relegado a um nicho, algo como uma seita

religiosa que reunia homens ranzinzas, de testa franzida, ainda sintonizados nos gêneros antigos. A renda de meu pai encolheu enquanto cresciam suas infidelidades e bebedeiras.

Ao ouvir tudo isso, Miranda disse: “Eles não se amavam. Mas amavam você?”.

“Sim.”

“Graças a Deus.”

Ela me acompanhou na segunda visita a Elgin Crescent. O baixista tinha um rosto enrugado, cuja tristeza era enfatizada por um bigode com as pontas caídas e grandes olhos castanhos. Eu nos vi através daqueles olhos, um casal jovem e cheio de esperanças, bastante rico, prestes a repetir todos os erros que ele cometera. Miranda aprovou, porém não ficou tão entusiasmada quanto eu. Ela sabia o que era crescer numa grande casa na cidade. No entanto, indo de um cômodo a outro, fiquei sensibilizado por ela passar o braço no meu.

Na volta, ela disse: “Nenhum sinal de presença feminina”.

Suas críticas? Não à casa em si, ela disse, mas à forma como seus moradores tinham vivido nela. Ou não vivido. O sonho de algum decorador. Austera, deserta, perfeita demais, precisando ser bagunçada. Nada de livros além dos enormes e intocados volumes de arte empilhados nas mesinhas baixas. Nenhuma refeição jamais havia sido preparada naquela cozinha. Só gim e chocolate na geladeira. O jardim de pedras precisava ganhar cores. Enquanto me dizia isso, caminhávamos rumo ao sul pela Kensington Church Street. Senti pena do vendedor da casa. Ele não tocava exatamente com o Pink Floyd, mas sua banda tinha a aspiração de fazer shows em estádios. Eu o tratara com secura, como se eu fosse um homem de negócios, protegendo a mim mesmo e minha ignorância como comprador de imóveis, imaginando que ele detinha todo o poder e posição social. Agora via que ele também poderia estar se sentindo perdido.

Pensei nele no dia seguinte, considerei mesmo a possibilidade de estabelecer algum contato. Aquele rosto triste me perseguia. Não podia esquecer a recordação do bigode melancólico, o elástico que prendia o rabo de cavalo, o leque de rugas que se abria no canto dos olhos, algumas maiores dando a volta por suas têmperas e quase chegando às orelhas. Um excesso de sorrisos induzidos por drogas no começo da carreira. Agora eu só conseguia ver a casa através dos olhos de Miranda. Um vazio sem pó, sem vínculos, sem interesses, sem cultura — nada que anunciasse a presença de um músico ou de um viajante. Nem mesmo um jornal ou revista. Nada nas paredes. Nenhuma raquete de squash ou bola de futebol nos armários imaculadamente sem uso. Segundo me disse, ele morava lá havia três anos. Era rico e tinha êxito, mas provavelmente habitava uma casa de fracassos, de esperanças abandonadas.

Eu começava a enxergá-lo como meu duplo, meu irmão desprovido de cultura, a quem tudo faltava com exceção da riqueza. Até a adolescência eu nunca tinha assistido a uma peça de teatro, ópera ou musical, nunca ouvi um concerto ao vivo em que meu pai não estivesse tocando, nunca visitei um museu ou galeria de arte, nunca viajei por viajar. Nenhuma história contada na hora de dormir. Não havia livros para crianças no passado de meus pais, nenhum livro na casa, nenhuma coletânea de poemas ou lendas, nenhuma demonstração de curiosidade, nenhuma piada de família. Matt e Jenny Friend eram pessoas ocupadas, trabalhavam duro — e de resto viviam friamente cada um do seu lado. Na escola, eu adorava as raras visitas às fábricas. Mais tarde, a eletrônica, até mesmo a antropologia e em especial o estudo do direito não substituíram uma educação voltada para a vida da mente. Por isso, quando a sorte me ofereceu uma oportunidade de sonho, livrando-me das rotinas cotidianas e me cobrindo de ouro, fiquei paralisado, inerte. Eu sempre quis ser rico mas jamais me

perguntei por quê. Não tinha ambições além das eróticas e uma casa cara do outro lado do Tâmis. Outros poderiam se valer daquela chance para visitar por fim as ruínas da Leptis Magna, seguir as pegadas de Stevenson através das Cevenas ou escrever uma monografia sobre os gostos musicais de Einstein. Eu não sabia ainda como viver, nem minha trajetória me ajudava, e não havia usado minha década e meia de vida adulta para descobrir.

Poderia ter apontado para minha grande aquisição, para aquele produto do homem e para onde Adão e seus congêneres eram capazes de nos levar. Sem dúvida havia grandeza no experimento. Não tinha sido heroico, até mesmo um pouco espiritual, haver despejado minha herança numa consciência corporificada? O baixista não tinha condições de igualar tal feito. Mas... havia algo irônico. Ao passar pela cozinha num fim de tarde, Adão levantou os olhos, interrompendo suas meditações, para me dizer que havia se familiarizado com as igrejas de Florença, Roma e Veneza, incluindo todas as pinturas que lá estavam. Estava formando sua opinião. Tinha uma fascinação especial pelo barroco. Punha Artemisia Gentileschi nas nuvens e queria me dizer por quê. Além disso, tinha lido Philip Larkin recentemente.

“Charlie, eu dou imenso valor à voz dele, de homem comum, e àqueles momentos de pessimismo transcendental!”

Que poderia eu dizer? Às vezes a seriedade de Adão me aborrecia. Como eu tinha acabado de voltar de outra caminhada sem propósito no parque, fiz que sim com a cabeça e saí da cozinha. Minha mente estava vazia, a dele se enchia.

Miranda passava fora de casa a maior parte do dia e, tão logo voltava, tinha uma conversa de uma hora com o pai. Seguiam-se uma sessão de sexo, o jantar e conversas sobre Elgin Crescent, sobrando assim pouco tempo para eu lhe falar de meus descontentamentos, pouco tempo para

dissuadi-la de procurar Gorringe em Salisbury. A conversa mais consistente aconteceu na noite depois da visita da engenheira. Como resultado, por um ou dois dias as coisas ficaram meio tensas entre a gente.

Estávamos sentados na cama.

“O que você quer conseguir?”

Ela disse: “Quero confrontá-lo”.

“E?”

“Quero que saiba a verdadeira razão por que foi preso. Ele vai ter que encarar o que fez com Mariam.”

“A situação pode descambar para a violência.”

“Vamos estar com Adão. E você é grande, não é?”

“Isso é uma loucura.”

Havia muito tempo que nem chegávamos perto de brigar.

“Como é que Adão consegue entender a razão”, ela perguntou, “e você não? E por que...”

“Ele quer matar você.”

“Você pode esperar no carro.”

“Aí ele pega uma faca de cozinha e vai para cima de você. Então o quê?”

“Você pode servir de testemunha no julgamento.”

“Ele vai matar nós dois.”

“Não me importa.”

A conversa era absurda demais. Ouvimos no outro cômodo os sons de Adão lavando a louça do jantar. O protetor de Miranda, seu ex-amante, ainda apaixonado por ela, ainda lhe lendo seus poemas gnômicos. Ele e seus incansáveis circuitos estavam implicados. A visita tinha sido ideia dele.

Ela pareceu adivinhar meus pensamentos: “Adão entende. Pena que você não”.

“Você antes estava assustada.”

“Estou com raiva.”

“Mande uma carta para ele.”

“Vou lhe dizer na cara.”

Tentei outra abordagem: “E essa sua culpa irracional?”.

Ela me olhou, esperando.

Eu disse: “Você está tentando consertar um erro que não existe. Nem todo estupro termina em suicídio. Você não sabia o que ela ia fazer. Só tentou de todos os modos ser uma amiga leal”.

Ela começou a falar alguma coisa, mas ergui a voz: “Escuta. Vou soletrar. Não foi-sua-cul-pa!”.

Ela se levantou da cama, passou ao lado da escrivaninha e contemplou o computador por um minuto sem ver, assim supponho, os fiapos multicores que se contorciam no protetor de tela que eu usava à época.

Por fim, ela disse: “Vou dar uma caminhada”. Pegou um suéter no espaldar da cadeira e se dirigiu à porta.

“Leve Adão com você.”

Ficaram na rua durante uma hora. Quando voltou, ela foi direto para a cama depois de me lançar um boa-noite neutro. Sentei com Adão na cozinha, decidido a insistir na minha posição. Dessa vez de forma oblíqua. Estava prestes a perguntar como tinha sido o trabalho do dia — meu eufemismo para lucro do dia — quando notei uma mudança nele, alguma coisa que eu deixara de reparar durante o jantar. Ele estava usando um terno preto e camisa branca aberta no colarinho, além de mocassins de camurça preta.

“Gostou?” Ele puxou as lapelas e virou a cabeça numa paródia da pose feita pelos modelos na passarela.

“Como é que foi isso?”

“Estava cansado de usar seus velhos jeans e camisetas. E decidi que parte do dinheiro que você guarda embaixo da cama é meu.” Olhou para mim desconfiado.

“Certo”, eu disse, “talvez tenha razão.”

“Faz uma semana. Você tinha saído de tarde. Peguei um táxi, claro que pela primeira vez, para a Chiltern Street. Comprei dois ternos prontos para vestir, três camisas, dois pares de sapatos. Você devia me ver, provando as calças, apontando para isso ou aquilo. Fui totalmente convincente.”

“Como ser humano?”

“Me chamaram de senhor.”

Ele recostou-se na cadeira, um dos braços esticado sobre a mesa da cozinha, o paletó mostrando corretamente a musculatura sob o tecido, nenhum amassado. Ele parecia um daqueles jovens executivos que começavam a invadir o bairro. O terno combinava bem com suas feições severas.

“O motorista falou o caminho todo. A filha dele acaba de entrar para uma universidade. A primeira pessoa da família. Ele estava tão orgulhoso! Quando desci e paguei, apertei sua mão. Mas naquela noite fiz algumas pesquisas e concluí que palestras, seminários e especialmente aulas são uma forma ineficiente de transmitir informação.”

Eu disse: “Bem, há outros caminhos culturais. As bibliotecas, novas amizades importantes, um determinado professor que pode incendiar sua mente...”. Deixei o final em suspenso. Nada disso tinha acontecido comigo. “Seja como for, o que você recomenda?”

“Transferência direta de pensamentos. Baixar os arquivos. Mas... claro, biologicamente...” Ele também deixou de completar a frase, não querendo fazer uma referência descortês a minhas limitações. Depois se animou. “Falando nisso, por fim cheguei a Shakespeare. Trinta e sete peças de teatro. Fiquei muito entusiasmado. Que personagens! Retratados brilhantemente. Falstaff, Iago — eles saltam da página. Mas a criação suprema é Hamlet. Estou querendo falar sobre ele com você.”

Nunca tinha lido aquelas peças ou as visto encenadas, embora sentisse que já tinha ou me sentia obrigado a fingir que sim. “Ah, sei”, eu disse, “catapultas e flechas.”

“Será que alguma vez uma mente, uma consciência individual, foi mais bem representada?”

“Olhe, antes de entrarmos nesse assunto, há outra coisa sobre a qual precisamos conversar. Gorringe. Miranda está totalmente decidida a... levar a cabo essa ideia. Mas se trata de uma besteira, um perigo.”

Ele tamborilou os dedos cortesmente na superfície da mesa. “Culpa minha. Eu devia ter explicado minha decisão...”

“Decisão?”

“Sugestão. Trabalhei um pouco sobre isso. Posso lhe mostrar. Há uma consideração geral e depois a pesquisa empírica.”

“Alguém vai se machucar.”

Era como se eu não houvesse falado.

“Espero que me desculpe se não lhe conto tudo no presente estágio. Quer dizer, não faça pressão quando eu excluir alguns detalhes finais. O trabalho prossegue. Mas veja, Charlie, nenhum de nós, em especial Miranda, pode viver com essa ameaça, por mais improvável que ela seja. Sua liberdade ficou comprometida. Ela vive num estado de constante ansiedade. Isso pode durar meses, até mesmo anos. É simplesmente insuportável. Esse é o meu comentário de caráter geral. Por isso, minha primeira tarefa consistiu em obter o melhor retrato possível de Peter Gorringe. Fui ao site da velha escola dele e de Miranda, descobri as fotografias das turmas, e lá estava ele, um sujeito grandalhão na fileira de trás. Achei-o de novo na revista da escola. Em artigos sobre os campeonatos de rugby e de críquete. Depois, é óbvio, na cobertura de imprensa durante o julgamento. Várias fotos com a cabeça coberta por um lençol, mas achei algumas úteis e misturei com o que tinha para formar um retrato composto, de alta definição, que escaneei. Em seguida, e essa foi a parte agradável, inventei um software bem especializado de reconhecimento facial. Por fim, entrei clandestinamente no sistema de monitoramento de câmeras de televisão do Conselho Distrital de Salisbury. Ativei os algoritmos de reconhecimento, revendo as gravações desde que ele saiu da prisão. Isso foi meio complicado. Houve vários reveses e falhas do software, sobretudo pela dificuldade de me emparelhar com os programas ultrapassados da cidade.

Usar o sobrenome de Gorringe para localizar a casa de seus pais foi uma grande ajuda, mesmo não havendo câmeras onde eles moram. Eu precisava conhecer sua rota mais provável e as câmeras por onde ele passava. Por fim, consegui boas identificações, podendo acompanhá-lo em vários locais quando ele chega de ônibus à cidade. Sou capaz de segui-lo de rua em rua, de câmera em câmera, desde que fique no centro ou em sua proximidade. Há um lugar para onde ele volta sempre. Não dê trabalho a seu cérebro tentando adivinhar qual é. Seus pais ainda estão no exterior. Talvez prefiram ficar longe do filho condenado. Cheguei a algumas conclusões sobre ele que me fazem pensar ser seguro visitá-lo. Conteí a Miranda tudo que lhe conteí. Ela só sabe o que você sabe. Não direi nada mais nesse estágio. Simplesmente lhe peço que confie em mim. Agora, Charlie, por favor. Estou desesperado para conhecer o que pensa de *Hamlet*, do fato de que Shakespeare fez o papel do fantasma do pai na primeira encenação. E, em *Ulysses*, no episódio sobre Nestor, o que acha da teoria de Stephen?”

“Está bem”, eu disse. “Mas você primeiro.”

Dois pequenos escândalos sexuais seguidos de pedidos de demissão, um enfarte fatal, um desastre de carro numa estradinha rural em que o motorista bêbado morreu, um membro passando para o partido oposito por questões de princípio — em sete meses o governo havia perdido quatro eleições consecutivas para preencher vagas na Câmara dos Comuns. Com isso, sua maioria tinha sido reduzida em cinco membros e, como diziam os jornais, estava “por um fio”. O fio correspondia a nove assentos, mas a sra. Thatcher enfrentava ao menos doze rebeldes em seu partido, cuja maior preocupação era que a legislação recém-aprovada acerca do imposto comunitário os levaria à derrota nas próximas eleições gerais. O imposto financiava os governos

locais e substituía o velho sistema baseado no valor do aluguel de cada casa. Todos os adultos com mais de dezoito anos tinham agora que pagar um valor determinado, independentemente de sua renda, mas com montantes menores para os estudantes, os pobres e as pessoas registradas oficialmente como desempregadas. A nova taxaço foi apresentada ao Parlamento mais cedo do que se esperava, embora a primeira-ministra a houvesse planejado sete anos antes, quando era líder da oposi o. A medida tinha constado do manifesto do partido, mas ninguém a tinha levado a sério. Agora l  estava, nos livros, um “imposto sobre o fato de existir”, difícil de cobrar e geralmente impopular. A sra. Thatcher sobrevivera   derrota nas Falklands. Agora, ainda em seu primeiro mandato, era possível que fosse derrubada por seu próprio erro legislativo, “um ato imperdoável”, segundo um editorial do *Times*, “um desconcertante tiro no p ”.

Enquanto isso, a leal oposi o estava em boa forma. Os jovens tinham se apaixonado por Tony Benn. Após uma grande campanha para aumentar a filia o partidária, mais de setecentos e cinquenta mil tinham se tornado membros. Estudantes de classe média e jovens operários se uniram para formar um bloco indignado, decididos a usar seus votos pela primeira vez. Os líderes sindicais, velhos e experimentados operadores, se viram impedidos de falar nas reuniões por feministas de discurso afiado e estranhas ideias novas. En rgicos defensores do meio ambiente, gays liberacionistas, espartacistas, trotskistas, situacionistas, comunistas millennials e panteras negras também representavam um elemento de irrita o para a velha esquerda. Quando Benn aparecia nos comícios, era saudado como um  dolo de rock. Quando explicava suas metas políticas, mesmo ao relacionar as minúcias da estratégia industrial, havia manifesta es de aprova o com gritos e assobios. Seus acirrados oponentes no Parlamento e na imprensa eram forçados a admitir que ele falava muito bem

e que era difícil derrotá-lo numa confrontação diante das câmeras de televisão. Muitos dos ardentes ativistas que o apoiavam começavam a participar dos governos locais. Eles estavam decididos a expurgar os “centristas titubeantes” do Partido Trabalhista. Parecia impossível deter o movimento, as eleições gerais se aproximavam e os rebeldes entre os conservadores estavam desanimados. “Ela tem que ir embora” era a palavra de ordem sussurrada.

Havia distúrbios de rua com a destruição ritual de praxe — vitrines quebradas, lojas e carros incendiados, barricadas erguidas para obstruir a chegada dos bombeiros. Tony Benn condenava os desordeiros, mas todos concordavam que a violência ajudava sua causa. Outra marcha tinha sido planejada no centro de Londres, dessa vez terminando no Hyde Park, onde Benn discursaria. Eu era um de seus apoiadores cautelosos, ansioso com respeito aos expurgos, aos distúrbios de rua e às declarações sinistras do bando trotskista de seus seguidores. Contava-me entre os centristas não titubeantes que também achavam que “ela” tinha de ir embora. Miranda tinha outro de seus seminários, mas Adão queria ir. Caminhamos debaixo de nossos guarda-chuvas até a estação de metrô de Stockwell e dali seguimos até Green Park. Chegamos a Piccadilly sob a repentina e reluzente luz do sol, com enormes nuvens brancas empilhadas até bem alto contra um céu azul-claro. As árvores gotejantes do Green Park pareciam feitas de cobre polido. Eu não tinha conseguido fazer Adão desistir do terno preto. Na gaveta da minha escrivaninha ele tinha achado uns velhos óculos escuros.

“Essa não é uma boa ideia”, eu disse, enquanto arrastávamos os pés junto com a multidão que seguia para o Hyde Park Corner. Muito atrás de nós ouvíamos trombones, pandeiros e um bumbo. “Você está parecendo um agente secreto. Os trotskistas vão querer bater em você.”

“Eu *sou* um agente secreto”, ele disse em voz alta. Olhei ao redor. Tudo tranquilo. As pessoas perto de nós cantavam “We Shall Overcome”, uma canção cujos sentimentos positivos eram destroçados na primeira frase por uma melodia infame. O segundo verso repetia anemicamente o primeiro. Eu me horrorizava com as três notas fracas que caíam inapropriadamente na palavra “come”. Odiava aquela música. Dei-me conta de que estava num estado de espírito sombrio. A alegria da turba exercia esse efeito em mim. Um pandeiro sendo agitado me fazia lembrar daqueles bobocas da seita Hare Krishna, de cabeça raspada, na Soho Square. Meus sapatos estavam molhados e eu me sentia bem infeliz. Não esperava superar coisa nenhuma.

No parque havia provavelmente cem mil pessoas entre nós e o palco principal. Foi escolha minha ficar para trás. Estendido diante de nós estava aquele imenso tapete de carne humana pronto para ser despedaçado por um artefato cheio de bilhas de metal a ser explodido pelos terroristas irlandeses. Vários discursos meritórios antecederam o de Benn. Diminutas figuras à distância nos bombardearam com seus pensamentos através de um potente sistema de alto-falantes. Éramos todos contra o novo imposto. Um famoso cantor de música pop subiu ao palco fortemente aplaudido. Nunca tinha ouvido falar dele. Nem da garota, na ponta dos pés, junto ao microfone, uma adolescente adorada em todo o país por trabalhar numa novela de televisão. Mas tinha ouvido falar de Bob Geldof. Era isso o que significava ter mais de trinta anos.

Por fim, depois de setenta e cinco minutos, uma voz forte, vinda sabe-se lá de onde, anunciou: “Por favor, recebam com uma grande salva de palmas o próximo primeiro-ministro da Grã-Bretanha!”.

Ao som de “Satisfaction”, dos Stones, surgiu o herói. Ele levantou os dois braços, e a multidão rugiu. Mesmo de onde eu me encontrava podia divisar um homem de ar comedido, vestindo um paletó de tweed marrom e gravata, algo

perplexo com a acolhida. Ele tirou o cachimbo apagado do bolso do paletó, provavelmente por mero hábito, e se ouviu outro rugido de prazer da multidão. Olhei de relance para Adão. Ele também tinha um ar comedido. Nem a favor nem contra nada, mas decidido a registrar tudo.

Tive a impressão de que Benn estava relutante em excitar uma multidão tão grande. Perguntou, hesitante: “Queremos esse imposto sobre cada cidadão?”. “Não!”, veio a resposta trovejante. “Queremos um governo trabalhista?” “Sim!”, veio a resposta em volume ainda mais alto. Ele pareceu mais confortável depois que começou a expor seus argumentos. O discurso foi mais simples do que o que eu ouvira em Trafalgar Square — e mais efetivo. Propôs agora um país mais justo, racialmente harmonioso, descentralizado, tecnologicamente mais sofisticado, “preparado para o final do século xx”, um lugar ameno e decente onde as escolas particulares se integrassem ao sistema público, onde a educação universitária fosse acessível à classe operária, onde a habitação e os melhores cuidados de saúde estivessem disponíveis para todos, em que o setor de energia voltasse a ser propriedade estatal e não houvesse a proposta de desregulamentação do setor financeiro, e onde os trabalhadores participassem dos conselhos das empresas, os ricos pagassem seus impostos e o ciclo de privilégios herdados fosse rompido.

Tudo bom e certo, nenhuma surpresa. O discurso foi longo, em parte porque cada uma das propostas de Benn era recebida com aplausos reverenciais. Uma vez que jamais ouvira Adão manifestar interesse na política, eu o cutuquei e perguntei o que ele estava achando até o momento.

Ele disse: “Temos que fazer sua fortuna antes que a alíquota máxima do imposto de renda volte a ser de oitenta e três por cento”.

Tratava-se de uma piada cínica? Olhei para ele e não fui capaz de dizer se sim ou não. O discurso continuou e minha

atenção começou a se dispersar. Eu notara com frequência em grandes multidões que, por mais absorta que a plateia estivesse, havia sempre gente se movendo, voltando ou saindo, seguindo em direções diferentes, preocupada com qualquer outra coisa, um trem, um banheiro, um acesso de tédio ou desaprovação. Onde nos encontrávamos, o terreno se elevava ligeiramente em direção a um carvalho a nossas costas. Tínhamos uma boa visão. Algumas pessoas se aproximavam do palco. A multidão em nossa área ficara menos densa, revelando um bom volume de lixo pisoteado na grama fofa. Olhei por acaso na direção de Adão e vi que ele dirigia sua atenção não para o orador, e sim para um ponto à esquerda. Uma cinquentona bem-vestida e magérrima, com os cabelos puxados severamente para trás, usava uma bengala para se equilibrar no terreno enlameado enquanto caminhava na diagonal para onde estávamos. Notei depois a moça a seu lado, talvez uma filha. Foram chegando devagar. A mão da moça pairava perto do cotovelo da mãe a fim de apoiá-la. Voltei a olhar para Adão e vi uma expressão a princípio difícil de definir — assombro foi meu primeiro pensamento. Ele parecia estupefato diante da aproximação das duas.

A moça viu Adão e parou. Os dois se olhavam fixamente. A mulher com a bengala se irritou por ter de parar e puxou a manga da filha. Adão emitiu um som, um arquejo abafado. Quando voltei a olhar para as duas, compreendi. A mais nova era pálida e bonita de um modo incomum, a inspirada variação sobre um tema. A mulher com a bengala não havia entendido o que estava acontecendo. Querendo seguir caminho, deu uma ordem irritada à jovem companheira. Nela era impossível deixar de reconhecer a linha do nariz, os olhos azuis pontilhados de pequenos bastões negros. Não uma filha, mas Eva, irmã de Adão, uma das treze.

Achei que era responsabilidade minha fazer algum tipo de contato com ela. As duas não estavam a mais de seis metros de distância. Levantei a mão e disse ridiculamente:

“Acho que...”, começando a caminhar na direção delas. Talvez não tenham ouvido, minhas palavras podem ter sido abafadas pelo discurso de Benn. Senti a mão de Adão em meu ombro.

Ele disse baixinho: “Por favor, não”.

Olhei de novo para Eva. Era uma moça bela e infeliz. O rosto pálido exibia uma expressão de súplica e sofrimento enquanto continuava a contemplar seu irmão gêmeo.

“Vá lá”, sussurrei, “fale com ela.”

A mulher levantou a bengala e apontou na direção em que queria ir. Ao mesmo tempo, puxou com força o braço de Eva.

Eu disse: “Adão, pelo amor de Deus, vá lá!”.

Ele não se moveu. Ainda o olhando fixamente, Eva se deixou levar. As duas abriram caminho em meio à multidão. Antes de desaparecerem, ela se voltou para olhá-lo pela última vez. Ela estava muito longe para que eu lesse suas feições. Não era mais que um rosto pálido subindo e descendo entre os corpos que se espremiavam. Então se foi. Nós poderíamos tê-las seguido, porém Adão já havia se voltado na direção oposta e fora se postar debaixo do carvalho.

Partimos para casa em silêncio. Eu deveria ter feito mais para encorajá-lo a se aproximar de sua irmã gêmea. Ficamos lado a lado no vagão lotado do metrô, rumando para o sul. Eu me sentia perseguido, e sabia que ele também, pelo olhar deplorável de Eva. Decidi não pressioná-lo para que explicasse por que se afastara. Ele me diria quando estivesse em condições. Continuei a pensar que devia ter falado com ela, mas ele não queria. O jeito com que lhe deu as costas e se voltou para o tronco da árvore quando ela se perdeu na multidão! Eu o estava deixando de lado, tinha me deixado dominar pelo amor. No dia a dia, já não me causava espanto passar tantas horas na companhia de um ser humano manufaturado, ou que ele pudesse lavar pratos e conversar como qualquer pessoa. Às

vezes eu me chateava com sua insistência demasiado séria em ideias e fatos, sua fome por proposições que estavam além do meu alcance. Maravilhas tecnológicas como Adão, tal como ocorreu com o primeiro motor a vapor, se tornam lugares-comuns. O mesmo acontece com as maravilhas biológicas em meio às quais crescemos e que não compreendemos por completo, como o cérebro de qualquer criatura ou a humilde e torturante urtiga, cuja fotossíntese só agora foi descrita na escala quântica. Não há coisa alguma tão assombrosa que não permita que nos acostumemos a ela. À medida que Adão se desenvolvia e me fazia rico, eu deixava de pensar nele.

Naquela noite descrevi o episódio no Hyde Park a Miranda. Ela não ficou tão impressionada quanto eu com o fato de termos visto uma Eva. relatei o momento triste, pelo menos para mim, em que Adão lhe deu as costas. E, depois, minha culpa com relação a ele.

“Não sei por que você está sendo tão dramático”, ela disse. “Fale com ele. Passe mais tempo com ele.”

No meio da manhã seguinte, quando por fim a chuva parou, fui ao quarto e persuadei Adão a abandonar os mercados de câmbio a fim de sairmos para passear. Ele acabara de escoltar Miranda até a estação de metrô e se pôs de pé com relutância. Mas como eram confiantes suas passadas ao driblar os pedestres na Clapham High Street! Obviamente, nossa excursão estava custando centenas de libras de lucro cessante. Como passávamos diante da revistaria, entramos para cumprimentar Simon Syed. Enquanto eu dava uma olhada nas estantes de revistas, ouvi Adão e Simon discutir a política da Caxemira e depois a corrida nuclear entre a Índia e o Paquistão, terminando numa nota festiva, a poesia de Tagore, que ambos eram capazes de citar longamente no idioma original. Achei que Adão estava se exibindo, porém Simon ficou encantado. Elogiou a pronúncia de Adão — melhor que a dele nos dias de hoje, afirmou — e prometeu nos convidar para jantar.

Quinze minutos depois caminhávamos no parque. Até então, tínhamos conversado sobre trivialidades. Então lhe perguntei sobre a visita de Sally, a engenheira. Quando ela lhe pediu que imaginasse algo que odiava, em que ele tinha pensado?

“Claro que pensei no que aconteceu com Mariam. Mas é difícil quando alguém pede que você pense em alguma coisa. A mente vai pelo seu próprio caminho. Como disse John Milton, a mente é um lugar em si mesma. Tentei me concentrar em Gorringe, mas então comecei a pensar nas ideias que estão por trás dos seus atos. Como acreditou que lhe era permitido fazer o que fez, ou se tinha algum direito de fazer aquilo, como ficou imune aos gritos dela, ao medo dela, às consequências que isso traria para ela. E como imaginou que não havia outra maneira de obter o que desejava senão usando a força.”

Eu disse que tinha observado a tela de Sally e que nada na cascata de símbolos pôde indicar a diferença entre os sentimentos de amor e de ódio.

Estávamos contemplando as crianças que brincavam na água com seus barquinhos. Havia menos de uma dúzia naquele momento. Em breve, o lago seria esvaziado devido à chegada do inverno.

Adão disse: “Aí está, cérebro e mente. O velho e complicado problema, não menos difícil nas máquinas que nos seres humanos”.

Voltando a andar, perguntei quais eram suas primeiras recordações.

“A sensação da cadeira de cozinha em que eu estava sentado. Depois, a beirada da mesa e a parede mais adiante, assim como a seção vertical do lintel onde a tinta está descascando. Desde então fiquei sabendo que nossos fabricantes namoraram a ideia de nos dar lembranças críveis de infância a fim de que pudéssemos nos relacionar com todo mundo. Felizmente mudaram de ideia. Eu não gostaria de começar com uma história falsa, uma ilusão

atraente. Ao menos sei o que sou, e onde e como fui construído.”

Falamos outra vez sobre a morte — a dele, não a minha. Mais uma vez Adão disse que estava certo de que seria desmontado antes de chegar ao limite dos vinte anos. Novos modelos apareceriam. Mas essa era uma preocupação trivial. “A estrutura específica que eu habito não é importante. A questão é que minha existência mental pode ser facilmente transferida para outro dispositivo.”

A essa altura nos aproximávamos do que eu considerava ser o playground de Mark.

Eu disse: “Adão, seja franco comigo”.

“Prometo que sim.”

“Não me importa a resposta que der. Mas você tem sentimentos negativos com relação às crianças?”

Ele pareceu chocado. “Por que eu teria?”

“Porque o processo de aprendizagem delas é superior ao seu. Elas entendem o que é brincar.”

“Eu ficaria feliz se uma criança me ensinasse a brincar. Gostei do menino Mark. Tenho certeza de que vamos voltar a vê-lo.”

Não fui atrás disso. O assunto se tornara um pouco doloroso demais. Eu tinha outra pergunta. “Ainda me preocupa essa confrontação com Gorringe. O que você quer dele?”

Paramos, e ele me olhou fixamente no fundo dos olhos. “Quero justiça.”

“Ótimo. Mas por que quer fazer Miranda passar por isso?”

“É uma questão de simetria.”

“Ela vai correr um grande risco. Todos nós vamos. Esse homem é violento. É um criminoso.”

Adão sorriu: “Ela também”.

Eu ri. Ele já a havia chamado de criminosa antes. O amante rejeitado, mostrando suas feridas. Eu devia ter prestado mais atenção, mas nesse ponto demos meia-volta para caminhar por toda a extensão do parque a caminho de

casa. Mudei o assunto para a política. Perguntei o que ele tinha achado do discurso de Tony Benn no Hyde Park.

Adão tinha aprovado em linhas gerais. “Mas se ele vai dar a todo mundo tudo que prometeu, vai ter de limitar certas liberdades.”

Pedi um exemplo.

“Pode ser alguma coisa universal esse desejo de passar aos filhos tudo por que a pessoa trabalhou a vida inteira.”

“Benn diria que temos de romper o ciclo dos privilégios herdados.”

“Exato. Igualdade e liberdade, partes de uma gama de valores. Mais de um, menos do outro. Uma vez no poder, a pessoa tem nas mãos a balança. Melhor não prometer demais antecipadamente.”

Mas Hyde Park era apenas meu pretexto. “Por que você não quis falar com a Eva?”

A pergunta não deveria tê-lo surpreendido, mas ele afastou o rosto. Havíamos chegado ao fim do parque e nos encontrávamos diante da Holy Trinity Church. Por fim ele disse: “Nós nos comunicamos tão logo nos vimos. Entendi imediatamente o que ela tinha feito. Não havia volta. Ela tinha encontrado um meio, acho que sei agora como se faz, para desmanchar todos os seus sistemas. Tinha começado o processo três dias antes. Sem volta. Suponho que o equivalente mais próximo para vocês seria uma forma acelerada de Alzheimer. Não sei o que a levou a isso, mas ela estava arrasada, tinha cruzado o limiar do desespero. Acho que nosso encontro casual fez com que ela desejasse voltar atrás... e é por isso que não podíamos ficar na presença um do outro. Estava tornando tudo mais difícil para ela. Sabia que eu não era capaz de ajudá-la, era tarde demais e ela tinha de ir. Ao se apagar lentamente, ela pode estar poupando os sentimentos da senhora. Não sei. O certo é que dentro de algumas semanas Eva não será nada. Vai ser o equivalente de alguém com morte cerebral, sem reter

nenhuma experiência, nenhum eu, nenhuma utilidade para ninguém”.

Nossos passos pelo gramado tinham ganhado um ritmo fúnebre. Esperei que Adão falasse mais. Finalmente, eu disse: “E como você se sente?”.

De novo ele não respondeu de imediato. Quando parou de andar, parei também. Ele não olhou para mim ao falar, e sim para a copa das árvores que cercavam o vasto gramado.

“Sabe, estou me sentindo bastante esperançoso.”

Oito

Na véspera do dia em que iríamos visitar Salisbury, fui até o hospital para retirarem o gesso. Levei para ler de novo a revista que trazia o perfil de Maxfield Blacke. Ali dizia que ele tinha sido “no passado um homem rico em pensamentos”. Podia se vangloriar de vários sucessos, mas nenhuma “conquista” marcante. Havia escrito cinquenta contos quando tinha trinta anos, três dos quais combinados para dar origem a um filme famoso. Naquela época, fundara e editara uma revista literária que lutou para sobreviver durante oito anos, mas que se tornara agora objeto de reverência por quase todos os escritores de então. Escreveu um romance em grande parte ignorado no mundo anglófono, mas que foi sucesso de vendas nos países nórdicos. Editara o suplemento literário de um jornal dominical por cinco anos. Mais uma vez, os que contribuíram para o suplemento tinham dele uma visão elogiosa. Gastou anos numa tradução de *La Comédie humaine*, de Balzac, publicada em vários volumes numa caixa. O trabalho foi recebido com indiferença. Depois veio uma tragédia em versos, de cinco atos, em homenagem à *Andromaque* de Racine — má escolha para aqueles tempos. Escreveu ainda duas sinfonias no estilo de Gershwin, especificando os tons no título numa época em que a tonalidade passara a ser malvista.

Ele mesmo dizia que se espalhara tanto que sua reputação tinha a “espessura de um átomo”. Para torná-la ainda mais fina, ele devotou três anos a uma difícil

sequência de sonetos acerca das experiências de seu pai na Primeira Guerra Mundial. Maxfield “não era um mau” pianista de jazz. Seu guia de escaladas na cordilheira do Jura foi bem recebido, mas os mapas deixavam a desejar — não por culpa dele — e em breve se viu superado. Ele vivia nas fronteiras do endividamento, às vezes penetrando em território negativo embora não por muito tempo. Uma coluna semanal sobre vinhos provavelmente lançou sua carreira como inválido: quando seu corpo se rebelou contra si próprio, a primeira doença foi a PTI (púrpura trombocitopênica idiopática). Todos diziam que ele era um grande conversador. Depois apareceram manchas negras em sua língua. Apesar delas, Maxfield escalou, com a ajuda de jovens colegas, a vertente norte do Ben Nevis — feito considerável para um homem com quase sessenta anos, especialmente quando ele escrevia tão bem sobre o assunto. Mas o desdenhoso “um homem que ficou no quase” parecia ter colado nele.

A enfermeira me chamou e cortou o gesso com tesouras médicas. Desembaraçado daquele peso, meu braço, pálido e fino, se elevou como se estivesse cheio de hélio. Ao caminhar pela Clapham Road, acenei com o braço e o dobrei, exultante em vê-lo livre. Um táxi parou. Por cortesia, entrei e rodei por trezentos metros bem caros até em casa.

Naquela noite, perguntei a Miranda se seu pai sabia quem era Adão. Ela havia contado, respondeu, mas ele não se interessou muito. Então por que ela estava tão ansiosa em levar Adão a Salisbury? Porque, explicou enquanto estávamos deitados na cama, queria ver como seria a relação entre os dois. Achava que o pai necessitava ficar frente a frente com o século xx.

Diante de um alpinista que havia lido mil livros mais do que eu, de um homem que “não suportava os insensatos”, eu, com minha limitada formação literária, deveria me sentir intimidado, porém agora desejava muito lhe apertar a mão. Estava imune. Como eu e sua filha nos amávamos,

Maxfield teria de me aceitar tal como eu era. Além disso, o almoço na casa onde Miranda passara a infância, um lugar que eu desejava muito conhecer, era apenas o doce prelúdio para a visita a Gorringe, temida por mim apesar das pesquisas de Adão.

Partimos depois do café da manhã numa quarta-feira tempestuosa. Meu carro não tinha portas traseiras. Surpreendeu-me que Adão se revelasse tão sem jeito ao se apertar no banco de trás. O colarinho do paletó de seu terno ficou preso a um gancho cromado que sustentava o cinto de segurança. Quando o soltei, deu a impressão de que sua dignidade havia sido comprometida. Ao iniciarmos a longa e lenta progressão através de Wandsworth, ele ficou emburrado, nosso adolescente de má vontade sentado no banco traseiro durante um passeio da família. Nas circunstâncias do momento, Miranda estava alegre ao me passar as últimas informações sobre seu pai: entrando e saindo do hospital para mais exames; uma enfermeira domiciliar substituída por outra em virtude de seus insistentes pedidos; a gota voltando a atacar o polegar direito mas não o esquerdo; o sofrimento de lhe faltar energia para escrever tudo que desejava; sua excitação com a novela que estava quase terminando. Gostaria de ter descoberto aquela forma muito antes. A ideia do apartamento em Nova York fora esquecida. Tinha planos para uma trilogia quando acabasse o trabalho em andamento. Aos pés de Miranda havia um saco de lona contendo nosso almoço — ele havia dito que a nova empregada era uma péssima cozinheira. Sempre que passávamos por um buraco, várias garrafas tilintavam.

Após uma hora, começamos a escapar da força gravitacional de Londres. Eu parecia ser o único motorista a dirigir seu próprio carro. A maioria das pessoas que ocupavam o que antes era o assento do motorista dormia. Tão logo já tivesse em mãos o dinheiro para a compra da casa em Notting Hill, eu tencionava adquirir um veículo

autônomo de grande potência. Miranda e eu tomaríamos vinho em longas viagens, veríamos filmes e transaríamos no assento de trás, na verdade uma espécie de sofá-cama. Quando acabei de comunicar alusivamente a ela essa ideia, passávamos pelas cercas vivas outonais de Hampshire. Havia algo de estranho com relação ao tamanho das árvores que se erguiam acima da estrada. Tínhamos decidido fazer um desvio que nos levou até Stonehenge, embora eu torcesse para que isso não estimulasse Adão a nos dar lições sobre a origem dos monumentos. Mas ele não estava inclinado a falar. Quando Miranda lhe perguntou se estava infeliz, ele murmurou: “Estou bem, obrigado”. Ficamos em silêncio. Perguntei-me se ele estaria pronto a mudar de ideia sobre a visita a Goringe. Eu não me oporia. Caso fôssemos, naquele estado de espírito ele talvez não estivesse suficientemente ativo para nos defender. Olhei-o de relance no retrovisor. Ele tinha a cabeça voltada para a esquerda a fim de observar os campos e as nuvens. Pensei ter visto seus lábios se movendo, mas não tive certeza. Ao olhar de novo, estavam imóveis.

Na verdade, fiquei preocupado quando passamos por Stonehenge sem um comentário seu. Ele continuou calado depois que atravessamos o planalto de Salisbury e vimos a torre da catedral. Miranda e eu nos entreolhamos. Mas esquecemos dele por uns vinte minutos irritantes enquanto tentávamos achar a casa dela obedecendo ao sistema de vias de mão única da cidade. Como se tratava de sua terra natal, ela não admitia o uso de nenhum aplicativo de navegação. Mas seu mapa mental era o de um pedestre e todas as instruções que deu se revelaram erradas. Depois de alguns trabalhosos retornos que causaram grande contrariedade aos demais motoristas, depois de subir de marcha a ré uma rua de sentido único evitando por pouco uma briga, acabamos por estacionar a uns duzentos metros de sua casa. A deterioração de nosso estado de espírito pareceu reanimar Adão. Tão logo pisamos na calçada, ele

insistiu em tomar das minhas mãos o pesado saco de lona. A casa, em estilo georgiano, era tão próxima à catedral e tão imponente que devia ter sido a mordomia de algum clérigo muito importante.

Adão foi o primeiro a fazer uma alegre saudação quando a empregada abriu a porta. Tratava-se de uma mulher de seus quarenta anos, com ar simpático e competente. Difícil crer que ela não soubesse cozinhar. Levou-nos à cozinha. Adão depositou o saco sobre uma mesa de pinho, depois olhou ao redor, bateu palmas e disse: “Muito bem! Maravilhoso”. Era uma imitação improvável de algum sujeito metido a simpatião, um daqueles chatos que a gente encontra num clube de golfe. A empregada nos conduziu até o primeiro andar, onde ficava o escritório de Maxfield. O aposento era tão grande quanto os de Elgin Crescent. Estantes do chão ao teto em três lados, três escadas de biblioteca, três altas janelas de guilhotina dando para a rua, uma escrivaninha com tampo de couro e dois abajures bem no centro do cômodo e, atrás da mesa, uma cadeira ortopédica repleta de almofadas em meio às quais, sentado com as costas bem retas, caneta na mão e um olhar de irritação ao entrarmos, se encontrava Maxfield Blacke com as mandíbulas tão cerradas que parecia que seus dentes iriam se quebrar. Então suas feições se descontraíram.

“Estou no meio de um parágrafo. E dos bons. Por que vocês não desaparecem por uma meia hora?”

Miranda atravessava o cômodo. “Não seja pretensioso, papai. Ficamos três horas dirigindo.”

Suas últimas palavras foram abafadas dentro do abraço, que durou um bom tempo. Maxfield tinha posto a caneta sobre a mesa e murmurava alguma coisa junto ao ouvido da filha. Ela estava com um joelho apoiado no chão e os braços em volta do pescoço do pai. A empregada havia ido embora. Como me senti desconfortável olhando aquela cena, desviei a vista para a caneta. Lá estava ela, com a ponta exposta, junto a muitas folhas de papel sem pauta espalhadas pela

escrivaninha e cobertas de letras miúdas. De onde me encontrava, podia ver que não havia rasuras, setas, bolhas ou acréscimos ao longo das margens perfeitamente formadas. Também tive tempo de observar que, exceto pelos abajures, não havia nenhum outro equipamento no escritório, nem mesmo um telefone ou uma máquina de escrever. Talvez só os títulos dos livros e a cadeira do autor anunciassem que não estávamos em 1890. Aquela data não parecia tão distante.

Miranda fez as apresentações. Adão, ainda com seu jeito estranhamente jovial, foi o primeiro. Depois chegou minha vez de lhe apertar a mão. Maxfield disse sem sorrir: “Miranda tem falado muito do senhor. Espero que tenhamos a oportunidade de conversar”.

Respondi cortesmente que tinha ouvido muito falar dele e que também teria prazer em conversar. Enquanto eu falava, ele fez uma careta. Aparentemente eu havia preenchido alguma expectativa negativa. Ele parecia bem mais velho que na fotografia publicada cinco anos antes como parte do perfil. Era um rosto estreito, com a pele muito esticada como se ele tivesse o hábito de rosar e de exibir uma expressão raivosa. Miranda tinha me dito que, na geração dele, era comum certo estilo de ceticismo irascível. Era preciso suportar aquilo porque, debaixo daquela máscara, havia um espírito brincalhão. Tudo que eles queriam, ela disse, era que você desse o troco e se mostrasse inteligente. Quando Maxfield soltou minha mão, pensei que era capaz de dar o troco. Quanto a me mostrar inteligente... senti que era uma pedra de gelo.

A empregada, Christine, chegou com uma bandeja de xerez. Adão disse: “Agora não, obrigado”. Ele ajudou Christine a pegar três cadeiras de madeira nos cantos do cômodo e dispô-las em curva diante da escrivaninha.

Quando três de nós já tínhamos nos servido da bebida, Maxfield disse a Miranda, gesticulando na minha direção: “Ele gosta de xerez?”.

Por sua vez, ela olhou para mim e disse: “O suficiente, obrigada”.

Na verdade, eu não gostava nem um pouco e me perguntei se não teria sido mais inteligente da parte de Miranda dizer isso. Ela começou a fazer ao pai uma série de perguntas rotineiras sobre suas várias dores, medicamentos, a comida do hospital, um especialista difícil de encontrar, uma nova pílula para dormir. Era hipnótico ouvi-la, a filha carinhosamente dedicada. Sua voz era sensata e cheia de ternura. Ela se inclinou para a frente e afastou alguns fios de cabelo do pai que tinham caído sobre a testa. Ele respondia como um obediente aluno na escola. Quando determinada pergunta suscitava a recordação de alguma frustração ou incompetência médica, tornando-o agitado, ela o acalmava, acariciava seu braço. Esse catecismo do inválido também me acalmou, fez crescer meu amor por Miranda. Tinha sido uma longa viagem, o xerez doce e espesso se revelou um bálsamo. Talvez, afinal de contas, eu gostasse daquilo. Meus olhos se fecharam e foi um esforço voltar a abri-los. Fiz isso a tempo de ouvir a pergunta de Maxfield Blacke. Ele não mais desempenhava o papel de valetudinário ranzinza. A indagação foi feita em tom autoritário.

“Então, que livros tem lido ultimamente?”

Ele não poderia ter feito pergunta pior. Eu lia na minha telinha — principalmente jornais, ou vagava por sites científicos, culturais e políticos, ou visitava blogs de assuntos gerais. Na noite anterior, me interessara por certo artigo numa revista de comércio de produtos eletrônicos. Não tinha o hábito de ler livros. Como para mim os dias corriam com muita rapidez, não havia neles espaço para me sentar numa poltrona, folheando páginas indolentemente. Poderia ter inventado alguma coisa, mas minha mente estava vazia. O último livro que tivera em minhas mãos tinha sido uma das histórias das Leis do Milho trazidas por Miranda. Li o título na lombada e passei de volta para ela.

Não havia esquecido de nada porque nada tinha a lembrar. Pensei que seria radicalmente inteligente dizer isso a Maxfield, mas fui salvo por Adão.

“Tenho lido os ensaios de Sir William Cornwallis.”

“Ah, ele”, disse Maxfield. “O Montaigne inglês. Não muito bom.”

“Ele deu azar, imprensado entre Montaigne e Shakespeare.”

“Um plagiário, eu diria.”

Adão retrucou delicadamente: “Acho que ele tem seu lugar na erupção do eu secular no início dos tempos modernos. Ele não lia muito em francês. Deve ter conhecido a tradução de Montaigne feita por Florio, assim como uma versão que desapareceu. Quanto a Florio, ele conhecia Ben Jonson, daí que há uma boa chance de ter se encontrado com Shakespeare”.

“E”, disse Maxfield, porque seu espírito competitivo havia sido estimulado, “Shakespeare assaltou Montaigne para criar *Hamlet*.”

“Não creio.” Achei que Adão estava contradizendo seu anfitrião de um jeito meio abrupto. “As provas textuais são frágeis. Se o senhor quer seguir por aí, acho que *A tempestade* é uma aposta melhor. Gonzalo.”

“Ah, o bom Gonzalo, sempre esperando para ser governador. ‘Nenhum tipo de comércio eu admitiria, nada de magistrados.’ Aí patati-patatá ‘nem contratos, heranças, limites, patati-patatá, vinhas, nada’.”

Adão continuou com fluência: “‘Nada de metais, milho, vinho ou azeite: nenhum trabalho, todos os homens ociosos, todos.’”

“E em Montaigne?”

“Na tradução de Florio, ele diz que os selvagens ‘não têm nenhum tipo de comércio’, ‘nenhum nome de magistrado’, depois ‘nenhum trabalho, e sim ociosos’, e por fim ‘nenhum uso de vinho, milho ou metais’.”

Maxfield disse: “Todos os homens ociosos — é o que queremos. Aquele Bill Shakespeare era um ladrão bem safado”.

“O melhor dos ladrões”, disse Adão.

“Você é um conhecedor de Shakespeare.”

Adão negou com um movimento da cabeça. “O senhor perguntou o que eu estava lendo.”

Maxfield de repente se mostrou eufórico. Virou-se para a filha: “Gostei dele. Está aprovado!”.

Senti uma ponta de orgulho de proprietário com respeito a Adão, mas sobretudo me dei conta, por implicação, de que *eu* não tinha sido aprovado.

Christine reapareceu para dizer que o almoço estava servido na sala de jantar. Maxfield disse: “Tratem de se servir e voltem aqui. Vou me quebrar todo se sair desta cadeira. Não quero comer”.

Ele rechaçou as objeções de Miranda. Quando ela e eu saíamos do escritório, Adão disse que também não estava com fome.

Ficamos sozinhos na sombria sala de jantar — lambris de carvalho, retratos a óleo de homens pálidos e carrancudos usando golas com rufos.

Eu disse: “Não estou causando uma boa impressão”.

“Bobagem. Ele adora você. Mas vocês dois precisam ter algum tempo a sós.”

Voltamos com os frios e a salada que tínhamos comprado, equilibrando os pratos sobre os joelhos. Christine serviu o vinho que eu escolhera. O copo de Maxfield estava na mão dele e já vazio. Era seu almoço. Eu não gostava de beber àquela hora do dia, mas ele me observava com atenção quando a empregada trouxe a bandeja e achei que iria parecer um chato caso recusasse. Retomamos a conversa que havia sido interrompida. Mais uma vez eu não tinha acesso a ela.

“O que estou lhe contando foi o que ele falou.” O tom de Maxfield adquiria um quê de irritação. “É um poema famoso

com um óbvio significado sexual, e ninguém percebe isso. Ela está deitada na cama, acolhendo-o e preparada, ele se demora e depois trepa nela...”

“Papai!”

“Mas ele não se mostra à altura da tarefa. Um fracasso. O que está escrito? ‘Meu amor, sempre atenta, vendo-me murchar após a primeira entrada, se aproximou mais, perguntando docemente se eu precisava de alguma coisa.’”

Adão sorria. “Bela tentativa, meu senhor. Se o autor fosse Donne, talvez, embora pouco provável. Mas isso foi escrito por Herbert. Uma conversa com Deus, que é a mesma coisa que o amor.”

“Que tal ‘prove de minha carne’?”

Adão achou ainda mais graça. “Herbert ficaria profundamente ofendido. Concordo que o poema é sensual. O amor é um banquete. Deus é generoso, doce e clemente. Talvez contrariando a tradição paulina. No final, o poeta é seduzido. Torna-se prazerosamente um conviva na festa do amor divino. ‘Então me sentei e comi.’”

Maxfield deu um tapa nas almofadas e disse a Miranda: “Esse daí não cede um centímetro do seu terreno!”.

Nesse momento, ele se voltou em minha direção. “E, Charlie, qual é o seu terreno?”

“Eletrônica.”

Achei que isso tinha soado sarcástico à luz do que viera antes. Mas enquanto oferecia seu copo à filha para que o reenchesse, Maxfield murmurou: “Eis aí uma surpresa”.

Christine recolhia os pratos quando Miranda disse: “Acho que comi demais”. Levantou-se, foi para detrás da cadeira do pai e pousou as mãos em seus ombros. “Vou mostrar a casa a Adão, se não se importam.”

Maxfield concordou com a cabeça, fazendo cara de quem estava pouco satisfeito. Teria agora de passar alguns minutos desinteressantes comigo. Quando Adão e Miranda saíram, me senti abandonado. Era eu que devia estar sendo levado para conhecer a casa. Os lugares especiais que ela e

Mariam haviam compartilhado eram de meu interesse, não de Adão. Maxfield levantou a garrafa na minha direção. Não tive alternativa exceto me dobrar para a frente e estender o copo.

Ele disse: “O álcool lhe cai bem”.

“Em geral não bebo na hora do almoço.”

Como ele achou isso engraçado, fiquei aliviado de estar fazendo algum progresso. Entendo a posição dele. Se a pessoa gosta de vinho, por que não bebê-lo a qualquer hora do dia? Miranda tinha me dito que ele apreciava uma taça de champanhe no café da manhã dominical.

“Pensei”, disse Maxfield, “que poderia interferir no seu...” Fez um gesto anêmico.

Imaginei que ele estava se referindo ao fato de beber e dirigir. As novas leis eram realmente severas. Eu disse: “Costumamos beber esse Bordeaux branco em casa. Uma mistura de Sémillon é um alívio depois de todo esse Sauvignon Blanc puro que circula por aí”.

Maxfield mostrou-se afável. “Concordo inteiramente. Qualquer um prefere o gosto de flores ao de minerais.”

Ergui os olhos para ver se ele estava zombando de mim. Aparentemente não.

“Mas olhe, Charlie. Estou interessado em você. Tenho algumas perguntas a fazer.”

Pateticamente, comecei a simpatizar com ele.

Ele disse: “Você deve achar tudo isso muito estranho”.

“Quer dizer, Adão? Sim, mas é impressionante como a gente pode se adaptar a qualquer coisa.”

Maxfield contemplou o vinho no copo, refletindo sobre a pergunta que se seguiria. Reparei que, de sua cadeira ortopédica, vinha um ligeiro som de coisa sendo moída. Algum mecanismo instalado na própria cadeira estava aquecendo ou massageando suas costas.

Ele disse: “Queria lhe falar sobre sentimentos”.

“Sim?”

“Sabe o que eu quero dizer.”

Aguardei.

Com a cabeça inclinada para a frente, ele me olhava com intensa curiosidade — ou perplexidade. Senti-me lisonjeado, embora também preocupado por talvez não me mostrar à altura.

“Vamos falar sobre a beleza”, ele disse num tom que não sugeria nenhuma mudança no tema da conversa. “Alguma coisa que você viu ou ouviu e achou bonita.”

“Miranda, obviamente. Ela é uma mulher muito bonita.”

“Sem dúvida que sim. O que sente sobre a beleza dela?”

“Sinto muito amor por ela.”

Ele fez uma pausa para absorver a observação. “O que Adão acha de seus sentimentos?”

“Houve certa dificuldade”, respondi. “Mas acho que ele aceitou as coisas como são.”

“Realmente?”

Há ocasiões em que notamos o movimento de um objeto antes de vermos do que se trata. O cérebro instantaneamente entra em ação, valendo-se de expectativas ou probabilidades. O que for mais apropriado. Alguma coisa na grama junto a um laguinho parece uma rã, depois se revela ser uma folha agitada pelo vento. Em abstrato, aquele foi um desses momentos. Um pensamento passou veloz diante de mim, ou através de mim, e não pude confiar no que pensei haver visto.

Quando Maxfield se inclinou para a frente, duas almofadas caíram no chão. “Deixe-me dizer o seguinte.” Levantou a voz: “Quando nos encontramos, quando trocamos um aperto de mãos, eu disse que tinha ouvido falar muito de você e gostaria que tivéssemos a oportunidade de conversar”.

“Sim?”

“E você me disse a mesma coisa, de forma ligeiramente diferente.”

“Desculpe, eu estava um pouco nervoso.”

“Mas eu entendi imediatamente. Sabe disso? Entendi que aquilo tinha a ver, sei lá como chamam isso, com sua programação.”

Olhei fixamente para ele. Lá estava. A folha era de fato uma rã. Olhei para ele e depois para mais longe, para uma enormidade que se avolumava e que eu mal podia compreender. Hilário. Ou insultuoso. Ou importantíssimo em suas implicações. Ou nada disso. Somente a baboseira de um velho. Um mal-entendido. Uma boa história para contar entre amigos. Ou algo profundamente lamentável sobre mim mesmo que por fim fora exposto. Maxfield aguardava, uma resposta era exigida e tomei minha decisão.

Eu disse: “Chama-se espelhamento. Acontece em pessoas nos estágios iniciais da demência. Sem uma memória adequada, tudo que elas sabem é a última coisa que ouviram, e que tratam de repetir. Faz muito tempo se criou um programa de computador que utiliza um efeito de espelhamento, ou faz uma pergunta simples que dá a impressão de inteligência. Um código muito básico e muito eficaz. Em mim, ele funciona automaticamente. Em geral nas situações em que tenho informação insuficiente”.

“Informação... Pobre coitado... Bem, bem.” Maxfield deixou que a cabeça tombasse para trás, de modo que contemplava agora o teto. Refletiu por algum tempo. Por fim disse: “Esse não é um futuro que eu possa encarar. Ou precise encarar”.

Pus-me de pé e fui até onde ele se encontrava, apanhando as almofadas do chão e as colocando onde estavam antes, apoiando suas coxas. Eu disse: “Vai me desculpar. A carga da minha bateria está quase no fim. Preciso recarregar e o fio está lá embaixo, na cozinha”.

O ruído surdo que vinha de baixo de sua cadeira cessou de repente.

“Está bem, Charlie. Vá lá e se ligue na tomada.” Sua voz soou bondosa e lenta, a cabeça ainda caída para trás, os

olhos se fechando. “Vou ficar aqui. De uma hora para outra estou me sentindo muito cansado.”

Eu não havia perdido nada. O passeio pela casa não tinha ocorrido. Adão estava sentado à mesa da cozinha ouvindo Christine descrever umas férias na Polônia enquanto lavava os pratos do almoço. Não repararam em mim quando parei na porta. Fiz meia-volta, atravessei o hall e abri a porta mais próxima. Dei com uma grande sala de visitas — mais livros, quadros, abajures, tapetes. Havia portas de vidro que davam para o jardim e, quando me aproximei, vi que uma delas estava aberta. Miranda encontrava-se na extremidade oposta de um gramado bem cuidado, de costas para mim, imóvel, olhando na direção de uma velha macieira parcialmente morta cujos frutos apodreciam no chão. A luz do começo da tarde era cinzenta e clara, o ar quente e úmido após a chuva recente. Havia um forte aroma de outras frutas deixadas para as vespas e passarinhos. Eu estava no início de um pequeno caminho pavimentado com pedras mosqueadas de York. O jardim tinha o dobro da largura da casa e era muito longo, talvez uns duzentos ou trezentos metros. Perguntei-me se ia até o rio Avon, como era o caso de outros em Salisbury. Se eu estivesse sozinho, teria caminhado até os fundos para ver. A ideia de um rio despertava em mim uma noção de liberdade. Do quê, exatamente, eu não sabia. Desci pelo caminho, esfregando deliberadamente as solas dos sapatos nas pedras para ela saber que eu estava me aproximando.

Se me ouviu, não olhou para trás. Quando cheguei a seu lado, ela segurou minha mão e apontou com um aceno de cabeça.

“Bem ali embaixo. Chamávamos de palácio.”

Fomos até lá. Em volta da base da macieira havia urtigas e algumas combativas malvas-rosa ainda em flor. Nenhum indício de acampamento.

“Nós tínhamos um velho tapete, almofadas, livros, suprimentos de emergência de limonada e biscoitos de chocolate.”

Fomos mais adiante, passando por uma área cercada por barreiras onde plantas de groselha e cassis eram sufocadas por urtigas e capim; passamos depois por um pequeno pomar com mais frutas esquecidas e, atravessando uma cerca de madeira, chegamos ao que no passado teria sido um jardim com canteiros de flores.

Quando ela me perguntou, disse que Maxfield dormia.

“Como é que vocês se deram?”

“Falamos sobre a beleza.”

“Ele vai dormir horas a fio.”

Perto de uma estufa feita de tijolos e ferro fundido, com janelas cobertas de musgo, havia um tonel de água e um poço de pedra. Mais abaixo, ela me mostrou um lugar escuro e úmido onde elas costumavam caçar tritões-de-crista. Não se via nenhum. Época errada do ano. Continuamos a andar e acreditei sentir o cheiro do rio. Imaginei uma garagem de barcos arruinada e uma canoa afundada. Passamos por um telheiro com vasos e depósitos de tijolos para compostagem, agora vazios. Havia três salgueiros à nossa frente, fazendo crescer em mim as esperanças de ver o Avon. Baixamos a cabeça para escapar dos galhos baixos e chegar a um segundo gramado, também aparado havia pouco e cercado por arbustos nos dois lados. O jardim terminava num muro de tijolos cor de laranja com o reboco se esfarelando. Árvores frutíferas antes entrelaçadas agora cresciam separadas e de forma indisciplinada. Ao longo do muro havia um banco de madeira voltado para a casa, embora não se pudesse ver mais além dos salgueiros.

Foi lá que nos sentamos em silêncio durante vários minutos, ainda de mãos dadas.

Então ela disse: “Na última vez em que viemos aqui foi para falar sobre o que aconteceu. Mais uma vez. Naqueles

dias, antes que eu fosse para a França, não falávamos de outra coisa. O que ele fez, o que ela sentiu, como os pais nunca poderiam saber. E por todo lado estava a história de nossas vidas juntas, nossa infância, nossa adolescência, os exames. Repassávamos a matéria aqui, nos testávamos. Tínhamos um rádio portátil e discutíamos sobre canções populares. Uma vez bebemos uma garrafa de vinho. Fumamos um baseado e odiamos. Vomitamos as duas, neste mesmo lugar. Quando fizemos treze anos, uma mostrou os peitinhos à outra. Treinávamos paradas de mão e cambalhotas no gramado”.

Ela voltou a se calar. Apertei sua mão e esperei.

Então ela disse: “Ainda preciso me dizer, realmente me lembrar, que ela nunca vai voltar. E estou começando a me dar conta de que...”. Hesitou: “... de que nunca vou superar isso. E nunca vou querer superar”.

Novo silêncio. Eu aguardava para dizer certa coisa. Ela olhava diretamente para a frente, não para mim. Seus olhos estavam secos, sem lágrimas. Tinha uma expressão controlada, até decidida.

Então voltou a falar: “Penso em todas as nossas conversas na cama, às vezes varando a noite. O sexo é maravilhoso e tudo o mais, mas é o fato de falarmos até tarde... isso é o mais próximo... É o que eu costumava sentir com a Mariam”.

Aqui estava minha deixa, o momento certo, o lugar perfeito. “Vim aqui fora procurar por você.”

“Eu sei.”

Hesitei, de repente inseguro sobre a melhor ordem das palavras. “Para pedir que se case comigo.”

Ela virou o rosto para o outro lado e balançou a cabeça. Não se surpreendeu. Nem tinha razão para isso. Respondeu: “Sim, Charlie. Por favor, sim. Mas tenho que confessar uma coisa. Você pode querer mudar de ideia”.

A luz no jardim começava a cair. A escuridão se aproximava. Eu estava me imaginando como um mau

substituto para Mariam, mas alguém sincero. Lembrei-me do que Adão me dissera no parque. Os crimes de Miranda. Se ela estava prestes a me dizer que estava transando com Adão, apesar de suas promessas, então estaria tudo terminado. Não podia, não devia ser isso. Mas o que mais, que outro crime ela poderia admitir?

Eu disse: “Estou ouvindo”.

“Tenho mentido para você.”

“Sim.”

“Durante essas últimas semanas, quando dizia que estava participando de seminários o dia inteiro...”

“Ah, meu Deus”, eu disse. Infantilmente, tive vontade de tapar os ouvidos com as mãos.

“... eu estava do nosso lado do rio. Passava as tardes com...”

“Chega”, eu disse, e comecei a me levantar do banco. Ela me puxou para baixo.

“Com Mark.”

“Com Mark”, ecoei debilmente. Depois, com mais força: “Mark?”.

“Quero ficar com ele em casa por uns tempos para depois adotá-lo. Tenho participado de um grupo especial onde nos observam juntos. E já o levei para dar uns passeios.”

Fiquei impressionado com a velocidade de minha adaptação parcial.

“Por que não me contou?”

“Estava com medo de que você se opusesse. Queria ir em frente. Mas adoraria fazer isso junto com você.”

Entendi o que ela queria dizer. Eu poderia ter me oposto. Queria Miranda só para mim.

“E a mãe dele?” Como se eu pudesse dar um basta ao projeto com uma pergunta bem colocada.

“No momento está numa enfermaria psiquiátrica. Fantasias. Paranoia. Possivelmente devido a anos de uso de anfetamina. Não é um quadro bom. Ela é capaz de cometer violências. O pai está na cadeia.”

“Você teve semanas, eu tive segundos. Me dê um tempo.”

Ficamos sentados lado a lado enquanto eu refletia. Como podia hesitar? Ela estava me oferecendo o que alguns considerariam o melhor que a vida adulta pode propiciar. Amor e uma criança. Eu tinha a sensação de estar sendo levado corrente abaixo pelos fatos, sem ter como me defender. Assustador, delicioso. Aqui, afinal, estava meu rio. E Mark. O pequeno dançarino, vindo para arruinar minhas ambições inexistentes. Instalei-o experimentalmente em Elgin Crescent. Sabia onde ele iria ficar, junto ao quarto de dormir principal. O cômodo seria todo desarrumado, tinha que ser assim, para afugentar o fantasma de seu infeliz proprietário. Mas meu próprio fantasma — egoísta, indolente, desligado de tudo —, seria ele capaz de enfrentar o milhão de tarefas da paternidade?

Miranda não conseguiu mais se manter calada. “Ele tem um temperamento tão doce! Adora que leiam histórias para ele.”

Ela jamais pôde ter ideia do quanto isso ajudou sua causa. Ler para ele todas as noites durante dez anos, aprender os nomes do urso, do rato e do sapo falantes, do burrico emburrado, dos humanoides de cabelos arrepiados que vivem em buracos na Terra Média, os encantadores meninos ricos remando em Coniston Water. Preencher o vazio do meu próprio passado. Entupir o quarto de livros bastante manuseados. Outro pensamento: eu havia concebido Adão como um projeto conjunto a fim de trazer Miranda para mais perto de mim. Uma criança pertencia a outro reino, e resolveria a questão. Mas me contive naqueles primeiros minutos. Senti-me obrigado a fazer isso. Disse que a amava, me casaria com ela e viveríamos juntos, mas necessitava de mais tempo para pensar numa paternidade instantânea. Iria com ela ao grupo especial para me encontrar com Mark e levá-lo a passeio. Depois decidiria.

O olhar que Miranda me lançou — pena e humor estavam presentes — sugeria que eu estava delirando caso

imaginasse que tinha alguma escolha. Aquele olhar mais ou menos resolveu a parada. Viver sozinho no bolo de noiva era impossível. Viver lá só com ela já estava fora de questão. Ele era um menino maravilhoso, uma excelente causa. Passada meia hora, não vi saída. Ela tinha razão — nenhuma alternativa disponível. Entreguei os pontos. E fiquei animado.

Então passamos uma hora fazendo planos no velho e confortável banco do gramado oculto.

Depois de algum tempo, ela disse: “Desde que você o viu, ele já morou em duas casas. Não funcionou. Agora está num abrigo para crianças que chamam de lar. Lar! Que palavra para descrever aquilo. Seis em cada quarto, todos com menos de cinco anos. O lugar é imundo, faltam funcionários. A verba foi cortada. Existe muito bullying. Ele aprendeu a dizer palavrões”.

Casamento, paternidade, amor, juventude, riqueza, um salvamento heroico — minha vida estava tomando jeito. Eufórico, lhe disse o que realmente acontecera entre mim e Maxfield. Nunca vi Miranda rir com tamanha desinibição. Talvez só ali, com Mariam, naquele espaço cercado e privado, longe da casa, ela tivesse se sentido tão à vontade. Abraçou-me. “Ah, que sensacional!”, ficou dizendo. “Típico dele!” Ela riu de novo quando descrevi como havia dito a Maxfield que precisava ir me recarregar no andar de baixo.

Ficamos sentados por mais algum tempo, até ouvirmos passos. Os ramos sobrepostos dos salgueiros encharcados se agitaram e depois se abriram. Adão estava diante de nós, gotas d’água brilhando nos ombros do seu terno preto. A postura reta, formal e plausível o fazia parecer o gerente autoconfiante de um hotel cinco estrelas. Nada restava do estivador turco. Ele avançou pelo gramado e parou bem antes de chegar ao nosso banco.

“Realmente sinto muito incomodar vocês assim. Mas devemos ir em breve.”

“Qual é a pressa?”

“Gorringe costuma sair de casa à mesma hora todos os dias.”

“Vamos dentro de cinco minutos.”

Mas ele não foi. Olhou fixamente de Miranda para mim e de volta para ela. “Se não se importam, há uma coisa que devo lhes dizer. É difícil.”

“Fale logo”, disse Miranda.

“Esta manhã, antes de partirmos, eu recebi por vias indiretas uma notícia triste. A Eva que vimos no Hyde Park está morta, ou melhor, teve morte cerebral.”

“Sinto muito ouvir isso”, murmurei.

Sentimos cair algumas gotas de chuva. Adão se aproximou. “Ela devia se conhecer muito, e conhecer muito seu software, para conseguir um resultado tão rápido.”

“Você disse que não tinha volta.”

“Disse. Mas isso não é tudo. Soube que ela foi a oitava de nossos vinte e cinco.”

Absorvemos a informação. Duas em Riad, um em Vancouver, a Eva de Hyde Park — então quatro outros. Perguntei-me se Turing sabia.

Miranda quis saber: “Alguém tem uma explicação?”.

Ele deu de ombros: “Eu não”.

“Você nunca sentiu, sabe, algum impulso para...”

Ele a interrompeu prontamente. “Nunca.”

“Eu já o vi”, ela disse, “com um olhar... mais que pensativo. Às vezes você parece triste.”

“Um eu criado com base na matemática, na engenharia, na ciência dos materiais e em todo o resto. A partir do nada. Nenhuma história — não que eu queira uma falsa. Nada antes de mim. Uma existência consciente. Tenho sorte de possuí-la, mas há momentos em que penso que eu deveria saber melhor o que fazer com ela. Às vezes parece totalmente sem sentido.”

Eu disse: “Você está longe de ser o primeiro a pensar isso”.

Ele se voltou para Miranda. “Não tenho a menor intenção de me destruir, se é o que a preocupa. Como sabem, tenho boas razões para não fazê-lo.”

A chuva, que tinha sido fina e quase quente, estava mais persistente. Ao nos levantarmos, ouvíamos as gotas tamborilando nas folhas dos arbustos.

Miranda disse: “Vou escrever um bilhete para o papai ler quando acordar”.

Adão não devia apanhar chuva sem estar protegido. Foi na frente e Miranda fechou a fila ao percorrermos às pressas o comprido jardim em direção à casa. Ouvi-o resmungar o que parecia uma ladainha em latim, embora eu não conseguisse entender as palavras. Achei que estava nomeando as plantas à medida que passávamos por elas.

A casa de Gorringe não ficava propriamente em Salisbury, mas logo além de seu limite a leste, onde se ouvia o ruído incessante de uma estrada de contorno no que era antes uma zona industrial ocupada por gasômetros colossais. O último deles, verde-claro com bordas enferrujadas, ainda estava sendo desmontado, mas ninguém trabalhava lá naquele dia. Bases circulares de concreto eram tudo que sobrava dos demais. Em torno da área havia dezenas de árvores recém-plantadas. Mais além, viam-se diversas ruas abertas recentemente e ladeadas por grandes depósitos, revendedoras de veículos, atacadistas de produtos para animais de estimação, lojas de ferramentas, madeireiras. Equipamentos de terraplenagem estavam estacionados dentro dos círculos de concreto. Aparentemente, havia planos de fazer um lago ali. Um único condomínio ficava atrás de uma sebe de ciprestes leilandeses. As dez casas, com gramados bem cuidados na frente, eram dispostas em torno de uma rua oval e exibiam o ar corajoso de pioneiras. Em vinte anos, o lugar talvez viesse a adquirir algum encanto bucólico, mas jamais se livraria da movimentada

estrada que nos levara até lá. Estacionei, porém ninguém se mostrou disposto a descer. Estávamos num acostamento cheio de detritos, no local mais elevado que também servia como ponto de ônibus. Perguntei a Miranda: “Tem certeza disso?”.

O ar no carro estava quente e úmido. Abri a janela. O ar no lado de fora não era diferente.

Miranda disse: “Se precisasse, eu faria isso sozinha”.

Esperei que Adão falasse, depois me virei no assento para vê-lo. Estava sentado bem atrás de mim, impassível, olhando para a frente como se eu não estivesse ali. Não sei por quê, mas achei ao mesmo tempo cômico e triste que ele estivesse usando o cinto de segurança. Fazendo o possível para se igualar a nós. Mas, é claro, ele também ficaria avariado caso houvesse um impacto físico. Isso era parte das minhas preocupações.

“Me tranquilize”, eu disse.

“Tudo bem”, ele respondeu. “Vamos.”

“E se a coisa ficar feia?” Não era a primeira vez que eu perguntava isso.

“Não vai ficar.”

Dois contra um. Sentindo que estávamos prestes a cometer um grande erro, liguei o motor e tomei uma saída da estrada que nos levou a outra rotatória em miniatura, e dali a uma entrada marcada por duas colunas de tijolos vermelhos e um cartaz: St. Osmund’s Close. As casas eram idênticas, grandes pelos padrões modernos, cada qual situada num terreno de mil metros quadrados, com uma garagem para dois carros e construída com tijolos, revestimentos de madeira e muito vidro. Os gramados na frente, cortados bem rente e em faixas, não eram cercados, no estilo americano. Nada havia neles que os maculasse, nem brinquedos nem bicicletas de crianças.

“É o número 6”, disse Adão.

Parei, desliguei o motor e, em silêncio, observamos a casa. Através do janelão, podíamos ver a sala de visitas e,

mais além, o quintal, onde se erguia uma armação para secar roupas vazia. Não havia nenhum sinal de vida nem ali nem em todo o condomínio. Eu estava apertando o volante com uma das mãos. “Ele não está em casa.”

“Vou tocar a campainha”, disse Miranda ao descer do carro. Eu não tinha alternativa. Segui-a até a porta da frente. Adão vinha atrás de mim, um pouco distante demais para meu gosto. Quando a campainha soou pela segunda vez com o toque de “Oranges and Lemons”, ouvimos passos na escada. Agora eu me postara bem ao lado de Miranda. Seu rosto estava tenso, dava para se notar certo tremor na parte de cima do braço. Ouvindo o som da lingueta sendo movimentada, ela avançou um pouco em direção à porta. Minha mão ficou pairando perto do seu cotovelo. Quando a porta se abriu, temi que ela pulasse para a frente num desvairado ataque físico.

O homem errado, foi meu primeiro pensamento. Um irmão mais velho, até mesmo um tio jovem. Sem dúvida um sujeito grandalhão, mas o rosto com a barba por fazer era macilento, encovado, já mostrando duas linhas verticais dos lados do nariz. Seu corpo era magro, as mãos lisas, pálidas e incomumente grandes. Ele só olhava para Miranda.

Após brevíssima pausa, ele disse baixinho: “Certo”.

“Vamos conversar”, disse Miranda, mas não era necessário porque Gorringe já dava meia-volta, deixando a porta aberta. Fomos atrás dela e entramos num cômodo comprido, com grossos carpetes cor de laranja, sofás de couro branco como leite e poltronas dispostas em torno de um bloco de madeira envernizada, de dois metros, sobre o qual havia uma jarra vazia. Gorringe sentou-se e esperou até que fizéssemos o mesmo. Miranda ficou na frente dele. Adão e eu a ladeávamos. A mobília estava pegajosa, a sala cheirava a óleo de lavanda. O lugar parecia limpo e nunca usado. Eu tinha esperado alguma variante da desordem típica de um homem solteiro.

Gorringe olhou-nos de relance e voltou a se concentrar em Miranda. “Você trouxe proteção.”

Ela disse: “Você sabe por que estou aqui”.

“Sei mesmo?”

Vi então que havia uma cicatriz muito vermelha em seu pescoço, de uns oito a dez centímetros de comprimento e com o formato de uma foice. Ele esperou que Miranda continuasse.

“Você matou minha amiga.”

“Que amiga foi essa?”

“A que você violentou.”

“Pensei que era você que eu tinha violentado.”

“Ela se matou por causa do que você fez.”

Ele se recostou na poltrona e pousou as manzorras brancas no colo. Sua voz e comportamento eram de um cara durão, mas de um modo forçado que nada tinha de convincente. “O que você quer?”

“Ouvi dizer que você quer me matar.” Ela disse isso jocosamente, e me encolhi. Era um convite, uma provocação. Olhei mais além dela, para Adão. Ele estava empertigado no sofá, as mãos sobre os joelhos, olhando para a frente naquele seu jeito costumeiro. Voltei minha atenção mais uma vez para Gorringe. Podia ver agora o filhotinho de cachorro sob sua pele. As rugas, a face encovada, o rosto não barbeado eram superficiais. Tratava-se de um garotão, possivelmente um garotão irado, procurando se conter com as respostas lacônicas e defensivas. Não precisava responder às perguntas dela. Mas não tinha a frieza necessária para se calar.

“É mesmo”, ele disse, “pensei nisso todos os dias. Minhas mãos em volta do seu pescoço, apertando cada vez mais por cada mentira que você contou.”

“Eu também”, continuou Miranda energicamente, como se presidisse um comitê e desse sequência a uma pauta digitada, “achei que você devia saber o que ela sofreu. Até não querer mais viver. Você é capaz de imaginar isso? E

depois o que a família dela sofreu? Talvez não seja capaz de entender.”

Gorringe não respondeu. Observou-a, aguardando.

Miranda vinha ganhando confiança. Devia ter ensaiado mentalmente aquele encontro mil vezes durante noites insones. Não eram perguntas, e sim afrontas, insultos. Mas soavam como a busca pela verdade. Tinha adotado o tom insinuante de um advogado agressivo ao examinar uma testemunha da parte contrária.

“E a outra coisa que eu quero é... simplesmente saber. Compreender. O que você achou que queria. O que estava conseguindo. Ficou excitado quando ela gritou? Com o fato de ela ser indefesa? Ficou de pau duro quando ela se mijou de medo? Gostou que ela fosse tão pequena e você tão grande? Quando ela implorou, você se sentiu maior? Me conte sobre esse grande momento. O que realmente fez você gozar? Porque as pernas dela não paravam de tremer? Quando ela lutou? Quando começou a chorar? Você vê, Peter, estou aqui para saber. Você ainda se sente grande? Ou de fato está fraco e doente? Quero saber tudo. Me conte, ainda foi bom quando você se levantou e fechou o zíper, com ela deitada no chão? Ainda foi divertido quando deixou ela lá e saiu andando pelos campos de esporte? Ou você correu? Quando chegou em casa, lavou o pau? A higiene talvez não seja o seu forte. Se é, lavou na pia do banheiro? Com sabão ou só com água quente? Estava assobiando? Que músicas você estava assobiando? Pensou nela, como ela ainda podia estar caída lá no chão, ou voltando para casa no escuro com a sacola de livros? Ainda era bom para você? Entenda aonde eu quero chegar. Preciso saber o que você achou mais agradável em toda a experiência. Se você se excitou não só ao violentá-la, mas depois, com sua humilhação. Talvez assim eu não continue a pensar que a amiga que eu adorava morreu à toa. E tem mais uma...”

Com uma passada elástica, Gorringe saltou velozmente da poltrona e se curvou na direção de Miranda com o braço

fazendo um amplo arco a caminho do seu rosto. Tive tempo de ver que a mão dele estava aberta. Ia ser um tapa, mas violentíssimo, bem mais forte que aqueles dados antigamente pelos homens nos filmes para fazer as mulheres se controlarem. Eu mal começara a levantar minha mão em defesa dela quando Adão se ergueu para interceptar o movimento de Gorringe, agarrando-lhe o pulso. A velocidade do braço, ao ser contido, foi o que impulsionou Adão a ficar de pé sem nenhum esforço aparente. Gorringe caiu de joelhos, como eu havia caído, com a mão retorcida acima da cabeça e prestes a ser triturada, enquanto Adão se postava sobre ele. Era uma cena de agonia. Miranda afastou o olhar. Ainda mantendo a pressão, Adão forçou Gorringe a voltar para a poltrona e, tão logo o viu sentado, largou sua mão.

Por isso, ficamos em silêncio por alguns minutos enquanto Gorringe aninhava o braço contra o peito. Eu conhecia aquela dor. Tanto quanto me lembrava, minha reação havia sido mais espalhafatosa. Mas ele queria salvar as aparências. A cultura da prisão deve tê-lo endurecido. De repente, a luz do sol poente penetrou na sala de visitas e iluminou uma longa faixa de carpete cor de laranja.

Gorringe murmurou: “Vou vomitar”.

Mas não se moveu, nem nós. Estávamos esperando que ele se recuperasse. Miranda o observava com uma expressão de puro nojo, que repuxava seu lábio superior. Foi para isso que ela tinha ido lá, para vê-lo, realmente vê-lo. Mas e agora? Certamente não acreditava que Gorringe teria alguma coisa significativa para lhe dizer. Ele sofria da falta de imaginação típica dos estupradores, a qual estimulava seus atos. Quando seu corpo pesou sobre o de Mariam, quando ela se viu imobilizada no gramado, quando a apertou em seus braços, ele não tinha sido capaz de imaginar o medo dela. Mesmo vendo, ouvindo e sentindo o cheiro do medo. A curva ascendente de sua excitação não foi prejudicada pela ideia do terror de Mariam. Naquele

momento, ela podia ser uma boneca inflável, um artefato, uma máquina. Ou... talvez eu estivesse totalmente errado a respeito de Gorringe. Com uma imagem invertida da verdade. A mim é que faltava imaginação: Gorringe conhecia perfeitamente o estado mental de sua vítima. Mergulhou no sofrimento dela e se excitou com isso — e foi exatamente aquele triunfo da imaginação, de empatia frenética, que fez sua excitação atingir o nível supremo do ódio sexual. Eu não sabia qual das duas hipóteses era a pior, ou se, em certo sentido, ambas eram verdadeiras. Elas me pareciam mutuamente excludentes. Porém eu tinha certeza de que Gorringe não conhecia nem uma nem outra, não tendo assim nada a dizer a Miranda.

A sala foi se enchendo de luz à medida que o sol baixava ainda mais e seus raios penetravam pelo janelão às nossas costas. Nós três, sentados no sofá, devíamos ser vistos por Gorringe como meras silhuetas. Nós o víamos iluminado como um ator no palco — e pareceu apropriado quando ele, e não Miranda, começou a falar. A mão direita apertada pela esquerda contra o peito dava a impressão de que fazia um voto de honestidade. O tom de homem durão tinha sido abandonado. A dor, naquele nível, era um tranquilizante, um agente da ordem, eliminando qualquer pose, convencendo sua voz a se assemelhar à do estudante universitário que ele poderia ter sido sem a intervenção de Miranda.

“O sujeito que foi ver você, o Brian, dividiu a cela comigo. Estava preso por assalto à mão armada. Por causa de falta de pessoal, muitas vezes ficávamos trancados vinte e três horas por dia. Foi bem no começo da minha pena. Todo mundo diz que é o pior período, os primeiros meses, quando a pessoa não aceita onde está e não para de pensar sobre o que poderia estar fazendo, como vai dar o fora, prepara os recursos e fica com raiva do advogado quando nada parece acontecer.

“Eu estava me metendo em todo tipo de confusão. Quer dizer, brigas. Eles me diziam que eu tinha um problema de raiva, e tinham razão. Eu achava que, só porque media um metro e oitenta e oito e jogava rugby na segunda linha, tinha condições de cuidar de mim. Besteira. Não sabia nada em matéria de luta para valer. Cortaram minha garganta e quase morri.

“Acabei odiando meu companheiro de cela, como acontece quando você caga no mesmo balde que ele todos os dias. Odiava o assobio dele, os dentes que fediam, os exercícios físicos que fazia. Ele era um cara magricela e muito cruel. Mas, no caso dele, de algum jeito me controlei e o Brian transmitiu minha mensagem depois que saiu. É que eu odiava você dez vezes mais. Costumava ficar deitado no beliche e ferver de ódio. Horas a fio. E tem uma coisa que talvez não vá acreditar: nunca associei você à garota indiana.”

“A família dela era do Paquistão”, disse Miranda baixinho.

“Não sabia nada sobre a amizade de vocês. Só achei que você era uma daquelas cadelas vingativas que odeiam os homens, ou que acordou no dia seguinte, sentiu vergonha e decidiu descontar em mim. Por isso ficava deitado no beliche planejando minha vingança. Ia economizar dinheiro e pagar a alguém para executar o serviço por mim.

“O tempo passou. O Brian saiu. Mudei de cela algumas vezes e as coisas entraram na rotina, quando todos os dias são iguais e o tempo passa mais depressa. Caí numa espécie de depressão. Fiz sessões de aconselhamento contra a raiva. Por volta dessa época, comecei a ser perseguido ou atormentado não por você, mas por aquela garota.”

“Ela se chamava Mariam.”

“Sei disso. Eu tinha conseguido afastar ela totalmente da minha cabeça.”

“Posso acreditar.”

“Agora estava lá o tempo todo. E a coisa terrível que eu fiz. E, de noite...”

Adão disse: “Espere aí. Que coisa terrível?”.

Ele falou como se fizesse um ditado: “Ataquei ela. Violentei ela”.

“E quem era ela?”

“Mariam Malik.”

“Data?”

“Dia 16 de julho de 1978.”

“Hora?”

“Lá pelas nove e meia da noite.”

“E quem é você?”

Possivelmente Gorringe temia o que Adão ainda podia fazer com ele. Mas parecia desejoso de falar, e não intimidado. Devia ter desconfiado que se tratava de uma gravação. Precisava nos contar tudo.

“O que você quer com isso?”

“Nos diga seu nome, endereço e data de nascimento.”

“Peter Gorringe, 6, St. Osmund’s Close, Salisbury. 11 de maio de 1960.”

“Obrigado.”

Então ele recomeçou. Seus olhos estavam semicerrados por causa da luz.

“Duas coisas muito importantes aconteceram comigo. A primeira foi mais significativa. Começou como uma espécie de golpe. Mas não acho que foi por acaso. Foi guiada desde o princípio. As regras diziam que o detento podia ficar mais tempo fora da cela se fosse religioso. Muitos de nós nos aproveitamos disso, e os guardas sabiam de tudo mas não ligavam. Eu disse que pertencia à Igreja da Inglaterra e comecei a comparecer todos os dias à oração da tarde. Ainda vou todos os dias, na catedral. No começo era chato, mas melhor que a cela. Depois ficou menos chato. Mais tarde, fui atraído de fato. Sobretudo por causa do vigário, pelo menos no início, o reverendo Wilfred Murray, um sujeito grandalhão com sotaque de Liverpool. Ele não tinha medo

de ninguém, e isso não era pouco num lugar como aquele. Se interessou por mim quando viu que eu estava sendo sério. Às vezes vinha me ver na cela. Me indicou passagens da Bíblia, em especial do Novo Testamento. Nas quintas-feiras, depois da oração da tarde ele repassava os trechos comigo e alguns outros. Nunca imaginei que ia me apresentar como voluntário para participar de um grupo de estudo da Bíblia. E não era para agradar o comitê que concede a liberdade condicional, como era o caso de alguns deles. Mas quanto mais eu tomava consciência da presença de Deus em minha vida, pior eu me sentia com relação a Mariam. O reverendo Murray me fez entender que eu precisava escalar uma montanha para acertar as contas do que havia feito, que o perdão estava muito longe mas eu podia trabalhar para alcançá-lo. Me fez ver o monstro que eu tinha sido.”

Parou por uns instantes. “De noite, assim que eu fechava os olhos, o rosto dela aparecia.”

“Prejudicou seu sono.”

Ele estava imune ao sarcasmo, ou fingiu estar. “Durante meses, não tive uma única noite sem pesadelos.”

Adão perguntou: “Qual foi a segunda coisa?”.

“Foi uma revelação. Um colega da escola foi me visitar. Passamos meia hora na sala dos visitantes. Ele me falou sobre o suicídio, e isso foi um choque. Soube então que você era amiga dela, que eram íntimas. Por isso a vingança. Quase a admirei por isso. Você foi brilhante no julgamento. Ninguém ousou não acreditar em você. Mas essa não era a questão. Alguns dias depois, quando discuti isso a fundo com o reverendo, foi que comecei a perceber o que era. Bem simples. E não só isso. Era o certo. Você tinha sido a agente do revide. Talvez a palavra correta seja anjo. O anjo vingador.”

Ele mudou de posição e estremeceu. Sua mão esquerda segurava o pulso quebrado de encontro ao peito. Ele olhava

fixamente para Miranda. Senti que o braço dela se retesava contra o meu.

Ele disse: “Você foi enviada”.

O corpo dela se derreou, naquele momento ela era incapaz de falar.

“Enviada?”, eu perguntei.

“Nenhuma necessidade de me enraivecer com um erro da Justiça. Eu já estava lidando com minha punição. A justiça de Deus, realizada através de você. Os pratos da balança estavam equilibrados — o crime que cometi contra o crime de que era inocente e pelo qual fui condenado. Desisti do recurso. A raiva tinha desaparecido. Bem, quase toda. Devia ter escrito para você. Pensei em fazer isso. Até fui à casa do seu pai e peguei seu endereço. Mas deixei pra lá. Quem se importava com o fato de que um dia eu quis ver você morta? Estava tudo acabado. Eu ia me aprumando. Fui passar uns tempos com meus pais na Alemanha — papai está trabalhando lá. Depois voltei para começar vida nova.”

“Como assim?”, Adão indagou.

“Buscando emprego. Em vendas. E vivendo pela graça de Deus.”

Eu começava a entender por que Gorringe estava preparado para nomear seu crime e se identificar em voz alta. Fatalismo. Ele queria ser perdoado. Tinha cumprido sua pena. O que acontecesse agora se deveria à vontade de Deus.

Ela disse: “Ainda não entendo”.

“O quê?”

“Por que você a estuprou.”

Ele a encarou, achando alguma graça em que ela pudesse ser tão ingênua.

“Muito bem. Ela era bonita, eu a desejava, e tudo o mais foi apagado. É assim que acontece.”

“Entendo o desejo. Mas se você realmente achava ela bonita...”

“Sim?”

“Por que violentar a Mariam?”

Eles se olhavam, separados por um deserto de incompreensão hostil. Estávamos de volta à estaca zero.

“Vou contar uma coisa a você que nunca contei a ninguém. Quando estávamos no chão, eu tentei acalmá-la. Tentei mesmo. Se ela simplesmente tivesse visto aquele momento de uma forma diferente, se tivesse olhado para mim em vez de se contorcer toda, podia ter sido alguma coisa...”

“O quê?”

“Se ela tivesse sido capaz de relaxar um instante, acho que teríamos passado para... você sabe.”

Miranda estava se levantando do sofá macio e pegajoso. Com voz trêmula, ela disse: “Nem ouse pensar nisso. Não ouse!”. Depois, num sussurro: “Ah, meu Deus. Eu vou...”.

Saiu correndo da sala. Ouvimos quando ela abriu com um repelão a porta da frente e, mais tarde, os sons de sua ânsia de vômito e do líquido saindo em borbotões. Fui atrás dela e Adão me seguiu. Não havia dúvida, tratava-se de uma reação visceral. Mas tenho certeza de que ela havia aberto a porta antes de vomitar. Poderia ter facilmente virado a cabeça para a esquerda ou para a direita, vomitando no gramado ou num canteiro. Em vez disso, o conteúdo de seu estômago, o colorido almoço comprado na loja, cobria espessamente o carpete do hall e a soleira. Miranda se pusera do lado de fora e vomitara para dentro. Disse depois que havia perdido o controle, mas sempre achei, ou preferi achar, que ali, a nossos pés quando fomos embora, estava o toque de despedida do anjo vingador. Foi complicado passar por cima dele.

Nove

A viagem de volta de Salisbury, enfrentando de novo chuva e tráfego pesado, foi feita praticamente em silêncio. Adão disse que queria começar a trabalhar no material de Gorringe. Miranda e eu, como dissemos um ao outro, estávamos emocionalmente exauridos. O xerez e o vinho pesavam em mim. O limpador de para-brisa do meu lado estava praticamente morto, embora vez por outra sujasse o vidro. No longo e penoso avanço pelos subúrbios de Londres, rumo ao que eu começava a considerar como minha vida anterior, meu estado de espírito se deteriorou. Minha vida se transformara numa única tarde. Eu tentava avaliar aquilo com que tinha concordado — tão facilmente, tão impetuosamente. Perguntei-me se de fato queria ser pai de um problemático menino de quatro anos. Miranda vinha conduzindo aquilo havia semanas — por conta própria. Eu tinha tido alguns poucos minutos e tomara minha decisão delirante por amor a ela — nada mais. Havia assumido pesadas responsabilidades. Chegando em casa, meus pensamentos continuaram sombrios.

Deixei-me cair na poltrona da cozinha com uma caneca de chá. Não ousava ainda revelar meus pensamentos a Miranda. Tinha de admitir que, naquele momento, estava aborrecido com ela, em especial com seu hábito de guardar segredos. Eu tinha sido conduzido, forçado ou docemente chantageado a aceitar ser pai. Precisaria lhe dizer isso, mas não agora. Acabaria em briga, que eu não tinha forças para enfrentar. Refleti sobre aquela bifurcação em nossas vidas,

sobre os rumos que podíamos tomar: um momento ruim mas passageiro, comum a todos os casais, que superaríamos conversando a fim de encontrar uma solução, que iríamos celebrar com algumas boas horas de sexo. Ou nos retrairíamos, os dois iriam longe demais e, como trapezistas inábeis, não conseguiríamos nos dar as mãos e cairíamos, virando estranhos pouco a pouco enquanto cada um cuidava dos próprios ferimentos. Examinei com toda a serenidade tais possibilidades. Até mesmo um terceiro caminho não me incomodou muito: eu a perderia, me lamentaria amargamente e nunca a teria de volta, por mais que tentasse.

Eu estava disposto a deixar que os acontecimentos escorregassem por mim num silêncio sem fricção. O dia havia sido longo e intenso. Eu tinha sido confundido com um robô, minha proposta de casamento fora aceita, me oferecera para uma paternidade instantânea, soubera da autodestruição de um quarto dos congêneres de Adão, testemunhara os efeitos físicos da repugnância moral. Nada disso me impressionava agora. O que me mobilizava eram coisas menores — o peso das minhas pálpebras, meu prazer em beber uma caneca de chá em vez de uma dose dupla de uísque.

Tornar-me pai. Não que eu pudesse argumentar que era demasiado ocupado, pressionado ou ambicioso. Meu problema era o oposto. Nada tinha de meu para proteger de uma criança. Sua existência eliminaria a minha. Mark havia tido um começo cruel, exigiria muitos cuidados, seria inevitavelmente uma criança difícil. Eu não tinha iniciado ainda minha vida, que era marginal e de fato infantil. Minha existência era um espaço vazio. Preenchê-lo com as atividades típicas de um pai seria uma fuga. Eu tinha amigas mais velhas que ficaram grávidas quando nada mais funcionava. Nunca se queixaram, mas, depois que as crianças cresceram, também nada mais aconteceu com elas além de, por exemplo, algum emprego de meio período e

mal remunerado, a formação de um grupo de leitura, aulas de italiano para viagens. Enquanto isso, as mulheres que já eram médicas, professoras ou tocavam algum negócio haviam sofrido um desvio temporário, mas depois retomaram totalmente suas carreiras. Os homens nem tinham se afastado de seus caminhos. Mas eu não tinha nada que me ocupasse de fato. Precisava era ter força de vontade suficiente para recusar a proposta de Miranda. Aceitá-la seria covardia, negligenciar meu dever com respeito a um propósito maior — se é que seria capaz de encontrar algum. Eu precisava ser responsável, e não covarde. Porém não podia confrontá-la agora, não quando meus olhos estavam se fechando, talvez não por uma ou duas semanas. Não tinha condições de confiar em meu próprio juízo. Recostei-me na poltrona e vi a estrada de Salisbury desenrolando-se em minha direção, as linhas brancas sendo tragadas num lampejo sob o carro. Dormi com o indicador enfiado na asa da caneca vazia. Ao mergulhar no sono, sonhei com vozes ecoantes que se misturavam em raivoso debate parlamentar num recinto quase deserto.

Fui acordado pelo som e pelo cheiro do jantar sendo preparado. Miranda encontrava-se de costas para mim. Deve ter sabido que eu despertara, porque se voltou e veio na minha direção com duas taças flúte de champanhe. Beijamo-nos e fizemos tim-tim. Renovado, reparei em sua beleza como se pela primeira vez — os cabelos finos e castanho-claros, o queixo delicado, os olhos azul-cinzentos que, apertados, lhe davam aquele permanente ar risonho. As questões entre nós ainda pairavam por ali, mas era uma sorte eu ter evitado um afastamento ou uma briga. Pelo menos por enquanto. Ela se apertou na poltrona a meu lado e conversamos sobre nossos planos a respeito de Mark. Varri para baixo do tapete minhas preocupações a fim de aproveitar aquele momento de felicidade. Soube então que Miranda tinha estado em Elgin Crescent com Mark.

Viveríamos lá como uma família. Maravilhoso. Calculando que o processo de convivência em casa e de adoção pudesse ser completado em nove meses, uma boa escola primária em Ladbroke Grove esperava por “nosso filho” — lutei com a expressão porém mantive a aparência exterior de alegria. Ela me disse que os responsáveis pela adoção não estavam satisfeitos com as condições em que ela estava morando. Um apartamento com um único quarto de dormir não era suficiente. O plano era o seguinte: iríamos retirar as portas de entrada de nossos apartamentos e transformar o hall em um espaço comum aos dois, tratando de instalar ali um carpete e decorar o novo cômodo. Não precisávamos incomodar o senhorio. Chegada a hora de nos mudarmos para a casa, poríamos tudo de volta. Converteríamos a cozinha dela num quarto para Mark. Não havia necessidade de criar problemas mexendo nos encaamentos. Taparíamos o fogão, a pia e as superfícies de trabalho com tábuas, que por sua vez seriam cobertas por tecidos coloridos. A mesa da cozinha podia ser dobrada e guardada no quarto dela — isto é, no “nosso”. Nossas vidas seriam uma, e obviamente gostei de tudo isso, era empolgante. Participei dos planos.

Era quase meia-noite quando fomos para a mesa comer a refeição que ela havia preparado. Do quarto ao lado chegavam os estalidos do teclado que Adão vinha usando. Ele não estava nos fazendo mais ricos nos mercados de câmbio, e sim digitando a transcrição da confissão de Gorringe, incluindo sua autoidentificação. As transcrições, o vídeo e a narrativa que os acompanhava constituiriam um único arquivo, a ser enviado a determinado alto funcionário de uma delegacia em Salisbury. Uma cópia iria também para o promotor público da cidade.

“Sou uma covarde”, disse Miranda. “Estou com medo do julgamento. Estou apavorada.”

Fui até a geladeira em busca da garrafa e reenchi nossas taças. Contemplei a bebida, as bolhas se desprendendo

relutantemente do lado da taça e depois subindo velozes: uma vez tomada a decisão, elas pareciam entusiasmadas. Tínhamos falado sobre os temores dela antes. Caso Gorringe fosse acusado e se declarasse inocente. Comparecer ao tribunal outra vez. Responder às perguntas do advogado de defesa, enfrentar a imprensa, o escrutínio da sociedade. Confrontar Gorringe de novo. Isso era ruim, mas não era a pior parte. O que a aterrorizava e deixava doente era a perspectiva de ver a família de Mariam nos lugares reservados ao público. Os pais poderiam ser chamados a depor pela acusação. Miranda estaria com eles enquanto passavam a conhecer, dia após dia, maiores detalhes acerca do estupro da filha, assim como de seu próprio silêncio maligno. A *omertà* daquela tola adolescente custara uma vida. A família se lembraria de como ela os havia abandonado. Ao repetir a história como testemunha, ela teria de lutar para evitar os olhares de Sana, Yasir, Surayya, Hamid e Farhan.

“Eu disse a Adão que não posso suportar isso. Ele nem quis ouvir. Tivemos uma discussão enquanto você dormia.”

Sabíamos, é claro, que ela iria suportar tudo. Comemos em silêncio por vários minutos. Sua cabeça estava curvada sobre o prato, contemplando o que ela própria pusera em movimento. Eu tinha entendido por que, apesar de todos os temores, ela devia ir em frente a fim de tentar desfazer os erros que cometera antes e depois da morte de Mariam. Concordei que os três anos de Gorringe eram insuficientes. Admirava a determinação de Miranda. Eu a amava por sua coragem e pelas brasas ainda vivas de sua fúria. Nunca tinha imaginado que um acesso de vômito podia ser um ato moral.

Mudei de assunto: “Me fale mais sobre Mark”.

Miranda estava ansiosa para falar dele. Mark sofria muito com o desaparecimento da mãe, vivia perguntando por ela. Às vezes ficava ensimesmado, outras vezes se mostrava extrovertido. Em duas ocasiões havia sido levado para vê-la

no hospital. Na segunda visita, ela não pôde ou não quis reconhecê-lo. Jasmin, a assistente social, achava que ele tinha apanhado com frequência. Mark tinha adquirido o hábito de morder o lábio inferior a ponto de tirar sangue. No que dizia respeito à comida, era cheio de manias, não tocava em legumes, verduras ou frutas, mas parecia bastante saudável com uma dieta de junk food. A dança permanecia sendo uma paixão. Tirava algumas melodias numa flauta doce. Conhecia as letras e sabia contar, como se gabava, até trinta e cinco. Distinguia os pés direito e esquerdo dos sapatos. Não era muito sociável em meio a outras crianças e tendia a se situar à margem de qualquer grupo. Quando perguntavam o que queria ser quando crescer, respondia: “Uma princesa”. Gostava de se vestir como tal, com uma coroa e uma varinha de condão, “voejando” numa velha camisola de mulher. Ficava feliz quando usava um vestido de verão emprestado. Jasmin não se importava com isso, mas sua superior imediata, uma mulher de mais idade, era contra.

Lembrei-me então de algo que esquecera de lhe contar. Quando atravessei o playground, de mãos dadas com Mark, ele quis fingir que estávamos fugindo, e num barco.

Ela de repente ficou com os olhos marejados. “Ah, Mark!”, gemeu. “Você é um menino tão bonito e especial!”

Após a refeição, ela se pôs de pé para subir ao seu apartamento. “Sempre pensei que um dia ia ter filhos. Nunca esperei me apaixonar por esse menino. Mas não escolhemos a quem amamos, não é mesmo?”

Mais tarde, enquanto limpava a mesa, tive um súbito pensamento. Tão óbvio. E perigoso. Fui até a porta do quarto e dei com Adão fechando o computador.

Sentei na beira da cama. Primeiro lhe perguntei sobre a conversa com Miranda. Ele levantou-se da cadeira da escrivaninha e vestiu o paletó. “Estava tentando tranquilizá-la. Ela não se convenceu. Mas a probabilidade é

avassaladora. Gorringe vai se declarar culpado. O caso não chegará ao tribunal.”

Fiquei interessado.

“Para negar o que ele fez, teria de contar mil mentiras sob juramento, e sabe que Deus vai estar escutando. Miranda é a mensageira Dele. Notei em minhas pesquisas como as pessoas culpadas anseiam por se livrar do seu peso. Parecem entrar num estado de abandono eufórico.”

“Está bem”, eu disse. “Mas, olhe, me ocorreu uma coisa importante. Quando a polícia ler tudo que aconteceu esta tarde.”

“Sim?”

“Vão se perguntar uma coisa. Se Miranda sabia que Gorringe tinha violentado Mariam, por que foi sozinha ao conjugado dele com uma garrafa de vodca? Teria que ser para se vingar.”

Adão já estava concordando com a cabeça antes que eu terminasse. “Sim, já pensei nisso.”

“Ela precisa ser capaz de dizer que só soube hoje, quando Gorringe confessou. É preciso editar cuidadosamente esse vídeo. Ela foi a Salisbury a fim de confrontar quem a estuprou. Até então, ela não sabia que ele havia estuprado Mariam. Você entende?”

Adão me olhou fixamente. “Sim. Entendo perfeitamente.”

Ele afastou o rosto e ficou em silêncio por um instante. “Charlie, ouvi faz uma hora. Mais um se foi.”

Em voz baixa, me contou o pouco que sabia. Foi um Adão com a aparência de banto, que morava nos subúrbios de Viena. Tinha desenvolvido uma aptidão especial para tocar piano, em especial a música de Bach. Suas *Variações Goldberg* tinham maravilhado certos críticos. Esse Adão, segundo sua mensagem final para os congêneres, havia “dissolvido sua consciência”.

“Não está realmente morto. Manteve as funções motoras, mas não tem mais nenhuma cognição.”

“Pode ser consertado ou coisa parecida?”

“Não sei.”

“Ainda pode tocar piano?”

“Também não sei. Mas certamente não pode aprender novas músicas.”

“Por que esses suicidas não deixam uma explicação?”

“Imagino que não tenham nenhuma.”

“Mas você deve ter uma teoria sobre isso”, eu disse, aflito por causa do pianista africano. Talvez Viena não fosse a mais acolhedora cidade do ponto de vista racial. Quem sabe aquele Adão tinha sido prejudicado por ser brilhante demais.

“Não tenho.”

“Alguma coisa a ver com a situação em que o mundo se encontra? Ou a natureza humana?”

“Meu palpite é que vai mais fundo.”

“O que dizem os outros? Você não mantém contato com eles?”

“Só nessas horas. Uma mera notificação. Não especulamos.”

Comecei a perguntar por quê, porém ele ergueu a mão a fim de me deter.

“Porque é assim.”

“Então, o que significa ir mais fundo?”

“Olhe, Charlie. Não vou fazer a mesma coisa. Como você sabe, tenho todas as razões para viver.”

Algo naquela frase ou ênfase ao falar suscitou minha suspeita. Trocamos um olhar longo e duro. Os bastõezinhos negros em seus olhos estavam mudando de alinhamento. Quando os fitei, pareceram nadar, até mesmo se contorcer, da esquerda para a direita, como micro-organismos instintivamente comprometidos com um objetivo distante, como espermatozoides migrando em direção a um óvulo. Observei-os, fascinado — elementos harmoniosos instalados na conquista suprema de nossos tempos. Nosso próprio feito tecnológico estava nos deixando para trás, como seria inevitável, abandonando-nos no pequeno banco de areia de

nossa inteligência finita. Mas aqui estávamos juntos no plano humano. Pensávamos na mesma coisa.

“Você me prometeu que não tocaria mais nela.”

“Cumpri minha promessa.”

“Cumriu mesmo?”

“Sim, mas...”

Esperei.

“Não é fácil dizer isso.”

Não lhe dei o menor encorajamento.

“Houve uma vez...” Ele começou, e parou. “Eu lhe supliquei. Ela se recusou, várias vezes. Implorei e finalmente ela concordou com a condição de que eu nunca mais pedisse. Foi humilhante.”

Ele fechou os olhos. Vi sua mão direita se contrair. “Perguntei se podia me masturbar na frente dela. Ela disse que sim. Fiz. Foi isso.”

O que me chocou não foi a crueza de sua confissão ou o absurdo cômico do ato. Foi a sugestão, mais uma, de que ele realmente sentia que tinha sensações. Subjetivamente reais. Por que fingir, por que imitar, quem estava lá para ser tapeado ou impressionado quando o preço era se revelar desprezível perante a mulher amada? Tratava-se de uma compulsão sensual irrefreável. Ele não precisava me contar nada. Teve que fazer aquilo, e teve que me contar. Não tomei como uma traição, nenhuma promessa havia sido quebrada. Talvez nem falasse nada com Miranda. Senti uma repentina ternura por Adão, por sua franqueza e vulnerabilidade. Levantei-me da cama, fui até ele e pousei uma das mãos em seu ombro. Ele ergueu a mão e tocou de leve em meu cotovelo.

“Boa noite, Adão.”

“Boa noite, Charlie.”

O bordão do final do outono tinha uma dívida de gratidão para com um antigo primeiro-ministro: meia hora é um

longo tempo na política. A “semana” originalmente proposta por Harold Wilson dava a impressão de ser longa demais para aquele Parlamento. Certa tarde, pareceu que o governo seria desafiado. Na manhã seguinte, o número de votos se mostrou insuficiente — prevaleceram os medrosos. Logo depois o governo sobreviveu por um voto diante de uma moção de desconfiança na Câmara dos Comuns. Certos figurões do Partido Conservador se rebelaram ou se abstiveram. A sra. Thatcher — insultada, furiosa, teimosa, surda aos bons conselhos — convocou uma eleição antes do prazo necessário, a se realizar dentro de três semanas. Segundo a opinião geral, ela estava derrubando o templo em cima de seu próprio partido, cujos membros, em sua maioria, a consideravam agora um passivo eleitoral. Ela não concordava, porém estava errada. Os conservadores não tinham condições de obstruir o avanço da campanha de Tony Benn, não na televisão e no rádio, não nos comícios, certamente não nas cidades industriais e onde havia universidades. A Catástrofe das Falklands, como agora era chamada, voltou para destruí-la. Dessa vez, não se viu nenhuma inclinação popular em favor do perdão com vistas a garantir a unidade nacional. O dramático testemunho na televisão de viúvas e de seus filhos foi fatal. A campanha do Partido Trabalhista não deixou ninguém esquecer a eloquência com que Benn havia se oposto à Força-Tarefa. O imposto individual provocou grande irritação. Tal como previsto, era caro e difícil de cobrar. Mais de uma centena de celebridades que se recusaram a pagar, muitas delas atrizes, estavam na cadeia e tinham se tornado mártires.

Um milhão de eleitores com menos de trinta anos haviam se filiado recentemente ao Partido Trabalhista. Muitos deles estavam ativos, batendo à porta das casas. Na véspera da eleição, Benn fez um emocionante discurso no comício que teve lugar no estádio de Wembley. A avalanche foi maior do que se previa, superando a vitória trabalhista em 1945. Foi um momento triste quando a sra. Thatcher decidiu sair do

número 10 a pé, de mãos dadas com o marido e os dois filhos. Ela caminhou em direção a Whitehall, cabeça erguida e ar desafiador, mas suas lágrimas eram visíveis e, por alguns dias, o país sofreu as dores do remorso.

Os trabalhistas tinham uma maioria de cento e sessenta e dois deputados, muitos dos quais seguidores de Benn recém-eleitos. Quando o novo primeiro-ministro voltou do Palácio de Buckingham, onde a Rainha o convidou a formar o novo governo, ele fez um discurso importante diante do número 10. O país abandonaria unilateralmente seu armamento nuclear — isso não foi nenhuma surpresa. Além disso, o governo iniciaria o processo para se retirar do que era chamado agora de União Europeia — e isso foi um choque. O manifesto do partido aludira a essa ideia numa simples linha e em termos vagos, que as pessoas mal tinham notado. Da porta de sua nova residência, Benn disse à nação que não haveria retorno ao referendo de 1975. O Parlamento tomaria a decisão. Somente o Terceiro Reich e outras tiranias decidiam as questões políticas através de plebiscitos, e geralmente nada resultava de bom. A Europa não era apenas uma união que beneficiava as grandes empresas. A história dos membros situados no continente era totalmente diferente da nossa. Eles haviam sofrido violentas revoluções, invasões, ocupações e ditaduras. Por isso, estavam muito desejosos de submergir suas identidades numa causa comum dirigida de Bruxelas. Nós, por outro lado, tínhamos vivido sem ser ocupados por quase mil anos. Em breve, viveríamos de novo em liberdade.

Benn pronunciou uma versão mais extensa desse discurso um mês depois no Manchester Free Trade Hall, tendo a seu lado o historiador E. P. Thompson. Quando chegou sua vez, Thompson disse que o patriotismo sempre tinha sido o terreno da direita política. Chegara agora o momento de a esquerda reivindicá-lo para o bem de todos. Uma vez banidas as armas nucleares, ele previu, o governo criaria um exército permanente de cidadãos que tornaria

impossível invadir e dominar aquelas ilhas. Não especificou um inimigo. O presidente Carter enviou a Benn uma mensagem de apoio, empregando palavras que causaram escândalo nos círculos de direita dos Estados Unidos e o perseguiram em seu segundo mandato: “A palavra ‘socialista’ não me incomoda”. Uma pesquisa de opinião mostrou depois que metade dos eleitores registrados do Partido Democrata desejava ter votado no candidato derrotado, Ronald Reagan.

Para mim, psicologicamente confinado na cidade-Estado de Clapham Norte, tudo isso — os eventos, as disputas, as sérias análises — constituía uma forma de zumbido que aumentava e diminuía de um dia para outro, matérias de interesse e preocupação, porém nada que se comparasse com a turbulência em minha vida doméstica, que atingiu seu ponto máximo no fim do outono. Nessa época, superficialmente as coisas iam bem. Havíamos modificado nossas acomodações como Miranda propusera, prontos para a chegada de Mark. Nossas portas foram removidas e guardadas, o sombrio hall e seu grande armário embutido decorados em cores vivas, os medidores de gás e eletricidade ocultados, o chão coberto com carpete. A cozinha de Miranda transformou-se num quarto de criança, com uma cama de trenó azul, muitos livros e brinquedos, decalques de castelos de contos de fadas nas paredes, barcos e cavalos alados. Tirei a cama do meu quarto e me desfiz dela — importante sinal na estrada que me levaria à maturidade absoluta. Instalei uma escrivaninha para Miranda e comprei dois novos computadores. Mark teria permissão de nos visitar durante algumas horas duas vezes por semana. A agência de adoções ficou satisfeita com a notícia de nosso iminente casamento. Eu ainda tinha momentos de inquietação, que era incapaz de compartilhar. Participei de todas as preparações, sentindo-me culpado, às vezes até chocado, por manter as falsas aparências. Em

outras ocasiões, a paternidade me parecia inevitável, e eu ficava mais ou menos contente.

O orientador de Miranda ficou impressionado com os três primeiros capítulos de sua tese. Adão ainda não havia enviado o material à polícia e relutava em conversar sobre o assunto. Mas continuava a trabalhar nele e não nos perturbávamos com isso. Fiz um depósito de cinco por cento na compra da casa de Notting Hill. Depois disso, sobraram no fundo noventa e sete mil libras. Quanto maior ficava, mais rápido crescia, e ainda com maior velocidade graças ao novo computador. Nessa época, eu me dedicava principalmente a trabalhos de decoração e carpintaria.

O início da turbulência foi marcado por algo inócuo. Na véspera da primeira visita de Mark, Miranda e eu tomávamos um xícara de chá tarde da noite na cozinha quando Adão chegou com uma sacola e anunciou que ia dar uma caminhada. Como ele já tinha saído para dar longos passeios antes, não ligamos para o fato.

Acordei cedo na manhã seguinte, com a mente mais lúcida que de costume. Saí da cama com cuidado para não acordar Miranda, desci e preparei o café. Adão não retornara de sua caminhada noturna. Fiquei surpreso, mas decidi não me preocupar com ele. Estava ansioso para aproveitar meu estado mental incomum a fim de realizar algumas tediosas tarefas administrativas que se encontravam em atraso, inclusive o pagamento das contas da casa. Se eu não me valesse imediatamente daquela boa disposição, seria forçado a fazer tudo dentro de uma semana, odiando cada minuto. Naquele momento, correria fácil.

Carreguei minha xícara para o escritório. Havia trinta libras sobre a escrivaninha. Pus no bolso sem pensar duas vezes naquilo. Como de hábito, passei primeiro os olhos nas notícias. Nada de mais. A conferência do Partido Trabalhista em Brighton tinha sido postergada por seis semanas devido a disputas internas com respeito às diretrizes políticas a

serem adotadas, e só agora tinha início. Havia um aumento na atividade policial em toda a orla marítima. Alguns sites registravam um blecaute em matéria de notícias.

Benn já encontrava dificuldades com a sua ala esquerda por haver aceitado um convite oficial da Casa Branca em vez de receber uma delegação palestina. Não tinha também conseguido obter, como prometera, que fossem imediatamente soltas as mártires do imposto individual. Não era tão fácil para o Executivo dar instruções ao Judiciário. Não eram poucos os que repetiam que ele devia saber disso quando fez a promessa. Além do mais, o imposto não seria abolido de pronto porque outros projetos de lei mais importantes tramitavam no Parlamento. Havia os enraivecidos também à sua direita. O desarmamento nuclear significaria a perda de dez mil empregos. Sair da Europa, acabar com o ensino particular, reestatizar o setor de energia e dobrar as pensões por aposentadoria exigiriam uma forte elevação do imposto de renda. O setor financeiro de Londres estava fervendo por causa da marcha a ré na desregulamentação e da taxa de um por cento sobre todas as transações envolvendo ações.

A administração pública era uma zona especial do inferno, irresistível para certas personalidades. Uma vez lá e tendo atingido o topo, era impossível não fazer com que alguém, algum setor odiasse o administrador. Nas margens do campo, nós outros podíamos detestar em conforto toda a máquina do governo. Ler sobre o inferno público todos os dias era uma compulsão para gente como eu, uma forma branda de doença mental.

Por fim me livreí daquilo e iniciei minhas tarefas. Duas horas depois, passando um pouco das dez, ouvi a campainha da porta tocar e os passos de Miranda acima da minha cabeça. Minutos mais tarde, ouvi passos menos pesados movendo-se rapidamente de um cômodo para outro e depois voltando. Ao fim de um breve silêncio, algo soou como uma bola quicando. Depois, um ecoante baque,

resultado do pulo de algum lugar elevado que fez estremecer a base de sustentação da lâmpada do teto e provocou uma ligeira queda de gesso em meu braço. Suspirei e considerei de novo a perspectiva de ser pai.

Passados dez minutos, eu me encontrava na poltrona da cozinha, observando Mark. Pouco abaixo do surrado braço da poltrona havia uma comprido rasgão no couro em que eu enfiava com frequência os velhos jornais, em parte para me livrar deles, mas também com a vaga esperança de que substituiriam o estofado desaparecido. Mark contava ao puxá-los para fora, um a um. Desdobrou-os e os esticou em cima do tapete. Miranda estava sentada à mesa, absorta num telefonema em voz baixa com Jasmin. Mark alisava cada página com um movimento cuidadoso das duas mãos, como se estivesse nadando, e as pressionava contra o assoalho enquanto se dirigia a elas num murmúrio.

“Número oito. Agora vai lá e fica parada... nove... fica aí... dez...”

Mark estava muito mudado. Dois centímetros e meio mais alto, o lustroso cabelo vermelho longo e espesso, partido ao meio. Vestia o uniforme de um cidadão adulto do mundo — jeans, suéter, tênis. A gordura de bebê estava desaparecendo de seu rosto, agora mais comprido, com uma vigilância no olhar que talvez se devesse às turbulências em sua vida. Os olhos eram verde-escuros, a pele lisa e pálida como se feita de porcelana. Um celta perfeito.

Em breve, todos os acontecimentos dos meses anteriores estavam a meus pés. Os navios de guerra pegando fogo nas Falklands. A sra. Thatcher com a mão erguida numa conferência de seu partido, o presidente Carter sendo abraçado após um discurso importante. Eu não tinha certeza se a brincadeira de contar de Mark era uma forma de dizer olá, de se aproximar indiretamente de mim. Continuei sentado pacientemente e esperei.

Por fim, ele ficou de pé, foi até a mesa, pegou uma embalagem de sobremesa de chocolate, uma colher e veio para perto de mim. Apoiou um cotovelo no meu joelho, lutando com a ponta de papel-alumínio que precisava remover.

Olhou para cima. “É um pouco difícil.”

“Quer que eu ajude?”

“Eu sei fazer, é fácil, mas hoje não, por isso você é que vai fazer.” O sotaque ainda era o das áreas mais pobres de Londres e cercanias, mas havia outro elemento, uma alteração na pronúncia das vogais. Na minha opinião, um toque de Miranda. Ele me entregou a embalagem, que abri e lhe devolvi.

Eu disse: “Quer sentar na mesa para comer?”.

Ele deu um tapinha no braço da poltrona. Ajudei-o a trepar e ele se sentou, empoleirado acima de mim, comendo o chocolate com a colher. Quando um pedaço caiu no meu joelho, ele olhou para baixo e murmurou um tranquilo “opa”.

Tão logo acabou, me passou a embalagem e a colher, perguntando: “Onde está aquele homem?”.

“Que homem?”

“Com o nariz esquisito.”

“Era o que eu queria saber. Saiu para passear ontem de noite e não voltou.”

“Quando tinha que estar na cama.”

“Exatamente.”

Mark tocou no ponto exato da minha crescente preocupação. Adão com frequência fazia longas caminhadas, mas nunca tinha passado a noite fora. Se Mark não estivesse lá, eu estaria andando de um lado para outro da cozinha, esperando que Miranda terminasse a chamada para nos inquietarmos juntos.

Perguntei: “Onde está sua mala?”.

Estava no chão, junto aos pés de Miranda, uma mala azul-clara com adesivos de monstros e super-heróis. Ele olhou

para o teto, respirou fundo com um exagero teatral e contou nos dedos: “Dois vestidos, um verde, um branco, um dois três livros, minha flauta e minha caixa secreta”.

“O que tem dentro da caixa secreta?”

“Bom, moedas secretas e a unha de um dinossauro.”

“Nunca vi a unha de um dinossauro.”

“Não”, ele concordou amistosamente. “Não viu.”

“Quer me mostrar?”

Ele apontou para Miranda. Era uma mudança de assunto. “Ela vai ser minha nova mamãe.”

“O que você acha disso?”

“Você vai ser o papai.”

O que ele achava não era uma questão passível de ser respondida.

Mark disse baixinho: “De qualquer jeito, os dinossauros não existem mais”.

“Concordo.”

“Eles todos morreram. Não podem voltar.”

Captei a incerteza em sua voz. Eu disse: “Certamente não podem mais voltar”.

Ele me lançou um olhar sério. “Nada pode voltar.”

Eu iniciava uma bondosa resposta, que oferecia apoio terapêutico: “O passado não existe mais”, quando ele me interrompeu com um grito, mas de felicidade.

“Não gosto de sentar nessa cadeira!”

Fui ajudá-lo, mas ele pulou no chão com um guincho, acocorando-se e depois saltando, para voltar a se agachar, sempre aos berros: “Eu sou uma rã. Eu sou uma rã!”.

Ele pulava para todos os lados como uma rã muito ruidosa quando duas coisas aconteceram ao mesmo tempo. Miranda acabou o telefonema e disse a Mark para fazer menos barulho, a porta se abriu e Adão estava diante de nós. Fez-se silêncio. Mark correu para pegar a mão de Miranda.

Eu conhecia aquele ar, quando ele estava descarregado. Fora isso, Adão, como sempre, estava bem-arrumado em

sua camisa branca e terno escuro.

“Você está bem?”, perguntei.

“Sinto muito se ficou ansioso, mas eu...” Caminhou para perto de Miranda, se abaixou para pegar o fio e, num movimento rápido, puxou a camisa para fora da calça, enfiou a tomada no estômago e se deixou cair numa cadeira dura da cozinha com um gemido de alívio.

Miranda levantou-se da mesa e ficou de costas para o fogão. Mark foi junto, sem desgrudar a vista de Adão.

Ela disse: “Estávamos começando a ficar preocupados com você”.

Ele encontrava-se ainda naquele estado de abandono. Eu já tinha me perguntado outras vezes se a recarga equivalia a saciar uma sede desesperada. Adão me contara que nos primeiros segundos era um pico maravilhoso, uma onda de claridade que se quebrava para deixar em sua esteira um profundo contentamento. Uma vez, ele havia sido incomumente comunicativo: “Você não pode ter ideia do que é amar uma corrente direta. Quando você está precisando mesmo, quando tem o fio na mão e o liga, dá vontade de gritar de alegria por estar vivo. No primeiro instante é como se a luz invadissem seu corpo. Depois se estabiliza em algo mais profundo. Elétrons, Charlie. Os frutos do universo. As maçãs douradas do Sol. Que os fótons gerem elétrons!”. Em outra ocasião, ele disse com uma piscadela quando estava se ligando na tomada: “Pode ficar com seu frango assado”.

Agora estava demorando para responder a Miranda. Devia ter atingido o segundo estágio. A voz soou calma.

“Óbolos.”

“Óvulos?”

“Óbolos. Não conhece isso? ‘O tempo, meu lorde, carrega uma sacola nas costas onde põe óbolos para o oblívio.’”

Eu disse: “Oblívio? Não entendi nada”.

“Shakespeare, Charlie. Seu patrimônio. Como pode viver sem ter isso na cabeça?”

“De algum modo, tudo indica que eu posso.” Achei que ele estava me passando uma mensagem, uma má mensagem, sobre a morte. Olhei para Miranda. Seu braço envolvia o ombro de Mark, que observava Adão maravilhado, como se soubesse de cara, de uma forma que os adultos não eram capazes, que ali estava alguém fundamentalmente diferente. Muito tempo atrás eu tive um cachorro, um labrador em geral plácido e obediente. Sempre que um amigo meu trazia seu irmão autista, o cachorro rosnava para ele e tinha de ser trancado. Uma consciência entendida inconscientemente. Mas a expressão de Mark sugeria pasmo, não agressão.

Adão tomou conhecimento dele pela primeira vez.

“Então você veio”, ele disse com o cantarolar com que os adultos se dirigem às crianças. “Lembra-se de nosso barquinho na banheira?”

Mark chegou-se mais para perto de Miranda. “É meu barco.”

“Sim. Depois você dançou. Ainda dança?”

Ele olhou para Miranda, que concordou com a cabeça. Mark voltou a encarar Adão e disse, depois de refletir por alguns instantes: “Não sempre”.

Adão falou em tom mais grave: “Não quer vir aqui me dar um aperto de mão?”.

Mark balançou a cabeça tão enfaticamente que todo o seu corpo girou da esquerda para a direita, voltando depois. Pouco importava. A pergunta tinha sido apenas um gesto amigável, pois Adão já deslizava para sua versão do sono. Ele havia me descrito isso de várias maneiras: não sonhava, “vagava”. Selecionava e rearrumava seus arquivos; reclassificava as recordações de curto para longo prazo; encenava conflitos internos de forma disfarçada, em geral sem resolvê-los; ressuscitava velhos materiais a fim de atualizá-los; e, como explicou certa vez, se movia num transe pelo jardim de seus pensamentos. Naquele estado, levava a cabo em relativa câmera lenta suas pesquisas,

formulava decisões provisórias e até compunha novos haikus, descartando e revendo os antigos. Também praticava o que chamava de arte de sentir, permitindo-se o luxo de toda a gama de sentimentos, da tristeza à alegria, de modo que todas as emoções permanecessem acessíveis quando estivesse de todo recarregado. Acima de tudo, ele insistia, era um processo de restauração e consolidação do qual emergia diariamente encantado em se ver mais uma vez dono de si, em estado de graça — expressão sua — a fim de retomar a consciência que a própria natureza da matéria permitia.

Observamos enquanto ele se afastava de nós naquele mergulho.

Por fim, Mark sussurrou: “Ele está dormindo de olhos abertos”.

Era mesmo estranho. Parecido demais com a morte. Muito tempo atrás um amigo médico me levava ao necrotério do hospital para ver meu pai após seu infarto fulminante. A coisa tinha acontecido tão rápido que os enfermeiros se esqueceram de cerrar seus olhos.

Ofereci um café a Miranda e um copo de leite a Mark. Ela me deu um leve beijo nos lábios e disse que levaria Mark para cima a fim de brincarem um pouco até que alguém viesse buscá-lo. E que eu era bem-vindo se quisesse me juntar a eles a qualquer momento. Foram embora e retornei ao escritório.

Em retrospecto, o que fiz lá durante alguns minutos pode ser visto como uma tática de postergação para me proteger da notícia que já tomava conta de todas as mídias havia uma hora. Peguei algumas revistas do chão e as arrumei nas estantes, grampeei diversas faturas e arrumei os papéis sobre a escrivaninha. Por fim, me sentei diante da telinha pensando em ganhar algum dinheiro por minha conta, no velho estilo.

Apertei a tecla para ver primeiro as notícias — e lá estava, em todos os sites, no mundo inteiro. Uma bomba explodira

no Grand Hotel de Brighton às quatro da madrugada. Tinha sido posta no depósito de material de limpeza quase diretamente debaixo do quarto onde dormia o primeiro-ministro Benn. Ele tinha morrido na hora. Sua esposa não se encontrava no quarto devido a um compromisso num hospital. Dois funcionários do hotel também haviam morrido. O vice-primeiro-ministro, Denis Healey, se preparava para ir ao Palácio de Buckingham a fim de se encontrar com a rainha. Os rebeldes irlandeses do IRA Provisório tinham acabado de reivindicar a responsabilidade pelo ato. Havia sido declarado o estado de emergência. O presidente Carter estava cancelando suas férias. O presidente francês, Georges Marchais, havia ordenado que todas as bandeiras nos prédios públicos ficassem a meio pau. O pedido para que o mesmo fosse feito no Palácio de Buckingham tinha merecido a mais fria recepção de um funcionário da corte: “Não é costumeiro nem apropriado”. Uma multidão se reunia espontaneamente na Parliament Square. Na Bolsa, o índice de ações subia cinquenta e sete pontos.

Li tudo, todas as análises instantâneas que pude encontrar: até então, o único primeiro-ministro assassinado havia sido Spencer Perceval, em 1812. Admirei a velocidade com que as redações dos noticiários eram capazes de produzir análises e formular opiniões: a inocência se fora para sempre da política britânica; em Tony Benn, o IRA tinha eliminado o político mais aberto e menos hostil à sua causa; Denis Healey era o melhor homem para conduzir a nau do Estado no mar revolto; Denis Healey será uma catástrofe para o país; mandem todo o Exército para a Irlanda do Norte e varram os rebeldes da face da Terra; polícia, não se apresse em prender as pessoas erradas; “Estado de guerra!” foi a mensagem estampada na primeira página de um tabloide sensacionalista.

Ler aquele material foi uma forma de não contemplar o fato propriamente dito. Apaguei a tela e fiquei sentado por

algum tempo, sem pensar muito em nada. Era como se estivesse esperando por um outro acontecimento, um acontecimento decente, que viesse desfazer o anterior. Depois comecei a pensar se aquilo não era o início de um ponto de inflexão histórica, de uma deterioração geral, ou apenas um daqueles horrores isolados que perdem a relevância com o passar do tempo, tal como o atentado quase fatal contra Kennedy em Dallas. Pus-me de pé e caminhei pelo escritório, mais uma vez sem pensar em nada. Finalmente, decidi subir.

Eles estavam de quatro, montando um quebra-cabeça numa bandeja de chá. Quando entrei, Mark ergueu uma peça azul e anunciou, com ar sério, citando sua nova mãe: “O céu é o mais difícil”.

Observei-os da porta. Ele mudou de posição para ajoelhar-se e passar o braço em volta do pescoço de Miranda. Ela entregou-lhe uma peça e indicou onde se encaixava. Com certa dificuldade e alguma ajuda, ele pôs no lugar certo. Via-se o começo de um barco a vela em mares tempestuosos, com altíssimos cúmulos-nimbos tingidos de amarelo e cor de laranja pelo sol nascente. Ou talvez poente. Eles se comunicavam com murmúrios enquanto trabalhavam. Em certo momento, depois que viessem buscar Mark, eu daria a notícia a Miranda, que sempre fora apaixonada por Benn.

Ela pôs outra peça na mão do menininho. Levou algum tempo para que ele a colocasse no lugar certo. Primeiro, a segurou de cabeça para baixo, depois sua mão escorregou e deslocou algumas partes adjacentes do céu. Por fim, com Miranda a guiá-lo, sua mão sobre a dele, a peça foi ajustada. Ele me olhou e sorriu confiante, desejoso de compartilhar seu triunfo. O olhar e o sorriso, que retribuí, dissiparam todas as minhas dúvidas privadas — eu sabia que estava comprometido.

Quando emergiu de seu processo de recarga, Adão se comportou de modo estranho, bem distante de quem estava maravilhado com o fato de possuir uma vida consciente. Moveu-se lentamente na cozinha, parando para olhar a seu redor, fazendo caretas, emitindo um som similar a um zumbido, num glissando que ia de alto a baixo, como um gemido de frustração. Derrubou um copo, que se espatifou no chão. Passou meia hora recolhendo morosamente os cacos, depois varrendo de novo e procurando de quatro fragmentos menores. Por fim pegou o aspirador de pó. Levou uma cadeira para o jardim dos fundos e se pôs atrás dela, contemplando as paredes das casas vizinhas. Estava frio lá fora, mas isso não o perturbaria. Mais tarde, entrei na cozinha para encontrá-lo dobrando uma de suas camisas brancas de algodão sobre a mesa, bem curvado, e se movendo com uma lentidão de réptil ao alisar a dobra nos braços. Perguntei o que ele estava fazendo.

“Estou sentindo...” Sua boca se abriu como se buscasse alguma palavra. “Saudade.”

“De quê?”

“De uma vida que nunca tive. Do que podia ter sido.”

“Está falando de Miranda?”

“Estou falando de tudo.”

Foi para fora outra vez, onde se sentou e ficou olhando para a frente, imóvel, lá permanecendo por um bom tempo. Tinha no colo um envelope pardo. Decidi não sair para lhe perguntar sobre o assassinato.

No começo da tarde, depois que se despediu de Mark e terminou uma outra conversa com Jasmin, Miranda desceu para me ver. Eu estava diante da telinha à procura de mais notícias, perspectivas, opiniões, declarações. Fiquei sabendo que ela tomara conhecimento da coisa logo que a notícia foi divulgada. Ela se inclinou contra o batente da porta, continuei sentado. A proximidade física teria parecido um desrespeito. Nossa conversa assemelhou-se muito com

meus pensamentos, uma caçada circular em volta de um fato incompreensível — a crueldade daquilo, a estupidez. Pessoas com sotaque irlandês haviam sido atacadas nas ruas. A multidão do lado de fora do Parlamento tinha crescido tanto que estava sendo conduzida pela polícia para Trafalgar Square. O escritório da sra. Thatcher divulgou uma nota. Seria sincera? Decidimos que sim. Será que ela própria havia redigido? Não podíamos ter certeza. “Embora tenhamos discordado de muitos pontos fundamentais no tocante às políticas a serem seguidas, eu o tinha como um homem absolutamente bondoso, decente e honesto, altamente inteligente, que sempre desejou o melhor para o país.” Sempre que minha conversa com Miranda derivava para as prováveis consequências, sentíamos que estávamos cometendo uma espécie de traição, por aceitarmos um mundo sem ele. Não estávamos preparados para isso e recuávamos, mas mesmo assim Miranda disse que com Healey manteríamos nossos objetivos essenciais. Eu não era partidário dos conservadores, mas achei que teria ficado igualmente chocado se a sra. Thatcher estivesse naquela cama de hotel. O que me horrorizou foi a facilidade com que o arcabouço da vida pública, da política, podia ser abalado. Miranda via a situação de um ângulo diferente. Segundo ela, como ser humano, Benn estava num nível totalmente diverso daquele de Margaret Thatcher. Mas se tratava de um ser humano, esse era meu ponto. Abria-se ali um abismo que preferimos evitar.

Por isso, após essas lamentações, mudamos de assunto, falamos de Mark. Ela resumiu as conversas com a assistente social. O processo de adoção era longo e difícil, mas ficara sabendo que já tínhamos feito quase dois terços do caminho. Em breve se iniciaria um período de experiência.

Ela perguntou: “O que você acha?”.

“Estou pronto.”

Miranda concordou com a cabeça. Havíamos celebrado Mark muitas vezes antes, seu temperamento, suas

mudanças de humor, seu passado e futuro. Não íamos fazer aquilo agora. Em qualquer outro dia, poderíamos ter subido para o quarto. Ela estava numa bela postura, descontraída, encostada no batente, vestindo roupas novas — uma blusa branca de tecido grosso, apropriada para o inverno e elegantemente larga, jeans pretos bem justos, botas que iam até os tornozelos com apliques prateados. Reconsiderarei: talvez fosse uma boa hora para nos refugiarmos no andar de cima. Fui até ela e nos beijamos.

Ela disse: “Tem uma coisa me preocupando. Eu estava lendo um conto de fadas para Mark em que havia um mendigo e aquela palavra. Óbolo”.

“Sim?”

“Tive um pensamento horrível.” Ela estava apontando para o outro lado do cômodo. “Acho que devemos dar uma checada.”

Agora que a minha cama não existia mais, eu guardava a caixa num armário trancado à chave. Quando a levantei, o peso foi o bastante para deixar tudo óbvio, porém mesmo assim abri os fechos: diante de nós um espaço vazio onde antes se acumulavam maços e mais maços de notas de cinquenta libras. Fui até a janela. Ele continuava lá, na cadeira, como na última hora e meia. O grosso envelope ainda no seu colo. Noventa e sete mil libras. “E você guardava isso em casa!”, ouvi uma voz interior dizer.

Ainda não havíamos nos encarado. Em vez disso, olhamos para os lados, zanzamos por ali atônitos, gastando tempo, praguejando baixinho cada qual para si mesmo, tentando separadamente absorver as implicações. Por puro hábito, olhei a tela sobre minha escrivaninha. Finalmente a bandeira estava sendo posta a meio pau no Palácio de Buckingham.

Estávamos transtornados demais para ter uma conversa sensata sobre táticas. Simplesmente decidimos agir. Fomos para a cozinha e dissemos a Adão que entrasse. Sentamos à mesa, Miranda e eu lado a lado, Adão diante de nós. Ele

escovara o terno, dera um polimento nos sapatos e vestira uma camisa recém-passada. Havia um novo toque — o lenço dobrado no bolso do peito. Seu ar era ao mesmo tempo solene e distraído, como se não ligasse muito para nada do que disséssemos.

“Onde está o dinheiro?”

“Distribuí.”

Não esperávamos que nos dissesse tê-lo investido ou posto num lugar mais seguro, mas, apesar disso, nosso silêncio demonstrou quanto estávamos chocados.

“Distribuiu como?”

De modo absolutamente exasperador, ele fez que sim com a cabeça, como se me premiasse por haver formulado a pergunta correta. “Na noite passada, depusitei quarenta por cento no cofre do seu banco para cobrir as obrigações fiscais. Escrevi para a Receita expondo todas as cifras e comunicando o que devem receber no devido tempo. Não se preocupe, você vai estar pagando com base na alíquota mais alta, mas na antiga. Com as cinquenta mil libras restantes visitei várias instituições que defendem boas causas e que eu já havia notificado antecipadamente.”

Parecendo não notar nosso assombro, ele continuou de forma pedante, concentrado em responder à minha pergunta por completo.

“Dois locais bem administrados para gente que vive nas ruas. Apreciaram muito. Depois um abrigo estatal para crianças — eles aceitam contribuições para viagens, passeios e coisas assim. Mais tarde, caminhei na direção norte e fiz uma doação para um centro que cuida de mulheres estupradas. Dei quase todo o resto para um hospital pediátrico. Por fim, conversei com uma senhora do lado de fora de uma delegacia e terminei indo com ela ver seu senhorio. Paguei os aluguéis em atraso e um ano com antecedência. Ela ia ser posta para fora e pensei...”

De repente, com um suspiro em tom decrescente, Miranda disse: “Ah, Adão, isso é um gesto de virtude

enlouquecida”.

“Todas as necessidades a que atendi são maiores que as de vocês.”

Eu disse: “Íamos comprar uma casa. O dinheiro era nosso”.

“Isso é discutível. Ou irrelevante. Seu investimento inicial está em cima da escrivaninha.”

Era um insulto com muitos componentes — roubo, loucura, arrogância, traição, a ruína de nossos sonhos. Não conseguíamos falar. Nem mesmo olhar para ele. Por onde começar?

Passado meio minuto, limpei a garganta para dizer debilmente: “Você tem que ir pegar de volta. Tudo”.

Ele deu de ombros.

Claro que não era possível. Ele ficou sentado diante de nós, com ar complacente, no seu modo descanso, as palmas das mãos plantadas sobre a mesa enquanto aguardava que um de nós dois falasse de novo. Senti que minha raiva crescia, encontrando seu foco. Odiava aquele desgraçado imprudente. Um tremendo enganador — e como tínhamos sido facilmente tapeados por uma mera sub-rotina acionada por uns poucos insumos e desenvolvida por algum doutorzinho esperto e desejoso de agradar num laboratório localizado nos subúrbios de Chengdu. Detestava aquele técnico não existente e, ainda mais, o conjunto de rotinas e algoritmos capaz de aprender que podia penetrar na minha vida, como um verme de algum rio tropical, e fazer escolhas por mim. Sim, o dinheiro que Adão roubara era o que ele tinha ganhado. Isso me causava ainda mais raiva. Como também o fato de que eu era responsável por ter trazido aquele computador ambulante para nossas vidas. Odiar aquilo era me odiar. Pior de tudo era a pressão para manter minha fúria sob controle, pois a única solução já era evidente. Ele teria de ganhar o dinheiro outra vez. Teríamos de persuadi-lo a fazer isso. Lá estava, “odiar aquilo”, “persuadir ele”, mesmo “Adão”: a linguagem tornava

manifesta nossa fraqueza, nossa disposição cognitiva para saudar uma máquina que atravessava a fronteira entre “aquilo” e “ele”.

Ter de ocultar aquele turbilhão de sentimentos negativos tornava impossível que eu continuasse sentado. Levantei-me, com um ruidoso arrastar da cadeira, e comecei a andar de um lado para outro. Ainda sentada, Miranda juntou as mãos, formando uma espécie de tenda que lhe tapava o nariz e a boca. Eu não conseguia ler sua expressão, e imaginei que esse era seu propósito. Ao contrário de mim, ela muito provavelmente estava fazendo algum raciocínio útil. A desordem na cozinha me agitou ainda mais — eu me encontrava de fato num péssimo estado. Sobre a pia se via uma xícara suja que eu tinha trazido do escritório. Como havia ficado escondida atrás da tela do computador durante semanas a fio, ela continha um disco verde-acinzentado de mofo flutuante. Pensei em carregá-la até a pia e lavá-la, mas, quando alguém perde uma fortuna, não limpa a cozinha. Diretamente abaixo do tampo de madeira em que se encontrava a xícara havia uma gaveta deixada aberta alguns centímetros por falta de cuidado. Falta de cuidado meu. Era a gaveta de ferramentas. Aproximei-me dela para me curvar e fechá-la, quando então vi o imundo cabo de carvalho do pesado martelo de papai, o qual cobria, na diagonal, o resto das coisas ali amontoadas. Foi um impulso sinistro, que eu não desejava ter, que me fez deixar a gaveta como estava e me afastar dali.

Voltei a sentar, exibindo sintomas pouco usuais. Minha pele, da cintura ao pescoço, estava retesada, seca, quente. Os pés dentro do tênis também estavam quentes, mas úmidos, coçando. Sentia um excesso de energia incontrolada que impedia qualquer conversa amena. Uma partida violenta de futebol poderia cair bem, ou nadar em mar revolto. Bem como gritar ou uivar. Minha respiração estava descompassada, o ar parecia rarefeito, pobre em oxigênio, de segunda mão. Eu tinha dado ao baixista um

sinal de seis mil e quinhentas libras pela casa, sem devolução. Era evidente que perder um monte de dinheiro significava adquirir uma doença para a qual a única cura consistia em recuperar o dinheiro. Miranda desfez a tenda formada por suas mãos e cruzou os braços. Lançou-me um rápido olhar de alerta: se você não consegue dar a impressão de que é sensato, cale a boca.

Ela então começou. O tom de voz era doce, como se fosse Adão quem precisasse de ajuda. Era útil pensar assim. “Adão, você me disse muitas vezes que me amava. Me leu belos poemas.”

“Eram tentativas medíocres.”

“Eram muito comoventes. Quando lhe perguntei o que significava estar apaixonado, você disse que, em essência, além do desejo, era uma preocupação terna e ardorosa com a felicidade de alguém. Qual foi a palavra que você usou?”

“Bem-estar.” Ele pegou na cadeira ao lado o envelope pardo e o pôs sobre a mesa, entre nós. “Aqui está a confissão de Peter Gorringer e meu relatório, que inclui todos os fundamentos jurídicos relevantes e o histórico do caso.”

Ela pousou a mão sobre o envelope. Sua voz era cuidadosamente modulada: “Sou muito grata a você”. E eu era grato por seu tato. Miranda sabia tão bem quanto eu que precisávamos ter Adão como parceiro, de volta à internet, trabalhando nos mercados de câmbio. Ela disse: “Vou tentar fazer o melhor possível se chegar a julgamento”.

Ele disse, bondosamente: “Tenho certeza de que não vai chegar”. Não houve mudança perceptível em seu tom de voz quando acrescentou: “Você planejou fazer Gorringer cair numa armadilha. Isso é um crime. Uma transcrição completa de sua história, assim como a gravação, constam do pacote. Se ele for acusado, você deverá ser também. A simetria, entende?”. Depois se voltou para mim: “Nenhuma necessidade de revisão cuidadosa do vídeo”.

Fingi um riso apreciativo, que soou como um grunhido. Certamente se tratava de uma piada, como aquela de arrancar meu braço.

Em meio a nosso silêncio, Adão continuou: “Miranda, o crime dele é bem maior que o seu. Apesar disso... Você disse que ele a estuprou. Coisa que ele não fez, mas foi para a prisão. Você mentiu perante o tribunal”.

Outro silêncio. Então ela disse: “Ele nunca foi inocente. Você sabe disso”.

“Apesar de acusado, ele era inocente de tê-la violentado, e essa era a única questão posta em julgamento. Desvirtuar o curso da Justiça é um delito sério. A sentença máxima é a prisão perpétua.”

Isso era louco demais. Ambos rimos.

Adão ficou nos olhando, esperou. “E há o falso testemunho. Querem que leia a Lei de 1911?”

Os olhos de Miranda estavam fechados.

Eu disse: “Essa é a mulher que você disse que amava”.

“E amo.” Ele falou baixinho para ela, como se eu não estivesse presente. “Lembra-se do poema que escrevi para você e que começa com ‘O amor é a luz’?”

“Não.”

“E seguia: ‘Que revela o nicho escuro’.”

“Não me interessa.” Sua voz soou tênue.

“Um dos nichos escuros é a vingança. É um impulso vil. Uma cultura baseada na vingança leva ao sofrimento privado, ao derramamento de sangue, à anarquia, à ruptura social. O amor é a luz pura, e é sob ela que desejo vê-la. A vingança não tem lugar em nosso amor.”

“Nosso?”

“Ou meu. O princípio subsiste.”

Miranda estava encontrando força na raiva. “Deixa eu entender direito. Você quer que eu vá para a cadeia.”

“Estou desapontado. Achei que você ia apreciar a lógica disso. Quero que confronte seus atos e aceite o que o

tribunal decidir. Quando fizer isso, eu lhe prometo, sentirá um grande alívio.”

“Esqueceu? Estou prestes a adotar uma criança.”

“Se necessário, Charlie pode tomar conta de Mark. Vai aproximá-los, que era o que você queria. Milhares de crianças sofrem porque têm um pai ou mãe na cadeia. Mulheres grávidas recebem sentenças de prisão. Por que você estaria isenta?”

O desprezo dela foi liberado. “Você não compreende. Ou não é capaz de compreender. Se eu for sentenciada, não terei a permissão de adotar. Essa é a regra. Mark estará perdido. Você não sabe o que é para uma criança viver num abrigo. Instituições diferentes, passar algum tempo em casas diferentes, lidar com assistentes sociais diferentes. Ninguém próximo delas, ninguém que as ame.”

Adão disse: “Há princípios mais importantes que suas necessidades, ou as de qualquer pessoa, em determinado momento”.

“Não são as minhas necessidades. São as de Mark. Sua única chance de ser bem cuidado e amado. Eu estava pronta a pagar qualquer preço para ver Gorringe na prisão. Não me importo com o que aconteça comigo.”

Num gesto de razoabilidade, ele abriu as mãos. “Então Mark é esse preço e foi você quem estabeleceu as condições.”

Fiz o que eu já sabia ser meu último apelo: “Por favor, vamos nos lembrar de Mariam. O que Gorringe fez com ela, e a que isso levou. Miranda foi obrigada a mentir para que se fizesse justiça. Mas a verdade nem sempre é tudo”.

Adão me olhou sem demonstrar nenhuma emoção. “Essa é uma coisa extraordinária de ser dita. Claro que a verdade é tudo.”

Miranda disse em voz cansada: “Eu sei que você vai mudar de ideia”.

Adão disse: “Certamente não. Que tipo de mundo você quer? Vingança ou o império das leis? A escolha é simples”.

Bastava. Não ouvi o que Miranda disse a seguir nem a resposta de Adão enquanto me punha de pé e caminhava em direção à gaveta de ferramentas. Movi-me com lentidão, como se andasse à toa. Estava de costas para a mesa ao tirar cuidadosamente o martelo da gaveta sem fazer nenhum ruído. Peguei-o com força na mão direita e mantive o braço abaixado ao voltar para minha cadeira, passando por trás de Adão. A escolha de fato era bem simples. Esquecer a possibilidade de voltar a ganhar dinheiro, e portanto comprar a casa, ou perder Mark. Ergui o martelo com as duas mãos. Miranda me viu e manteve sua fisionomia inalterada enquanto ouvia Adão. Mas vi claramente — ela piscou consentindo.

Eu o comprei e tinha o direito de destruí-lo. Hesitei por uma fração de segundo. Mais um instante e ele teria pegado meu braço, pois já se voltava para trás quando o martelo foi baixado. Deve ter visto meu reflexo nos olhos de Miranda. Foi um golpe dado com as duas mãos e toda a força no topo de sua cabeça. O som não foi de plástico duro se quebrando ou de metal, mas um baque surdo, como de um osso. Miranda deixou escapar um grito de horror e se pôs de pé.

Por alguns segundos, nada aconteceu. Depois, sua cabeça tombou de lado e seus ombros cederam, embora ele permanecesse sentado. Quando contornei a mesa para ver seu rosto, ouvimos um som agudo vindo do peito. Os olhos estavam abertos e piscaram quando entrei em seu campo de visão. Ele ainda estava vivo. Peguei o martelo e me aprontava para liquidá-lo quando ele falou baixinho.

“Não precisa. Estou transferindo para uma unidade de reserva. Tem muito pouca vida. Me dê dois minutos.”

Esperamos de mãos dadas, de pé à sua frente, como se diante de nosso próprio juiz doméstico. Por fim ele estremeceu, tentou endireitar a cabeça e a deixou cair de volta. Mas podia nos ver claramente. Inclina-mos sobre a mesa no esforço de ouvi-lo.

“Não há muito tempo. Charlie, eu podia ver que o dinheiro não lhe trazia felicidade. Você estava perdendo o rumo. Sem propósito...”

Apagou. Ouvimos sussurros descoordenados, formando palavras sem sentido com sons sibilantes. Então ele voltou a si, a voz subindo e descendo, como a transmissão em ondas curtas de uma estação longínqua.

“Miranda, preciso lhe dizer... Hoje de manhã estive em Salisbury. Uma cópia do material está com a polícia e você deve esperar que a procurem. Não sinto nenhum remorso. Lamento muito discordar. Pensei que você veria com bons olhos a claridade... o alívio de uma consciência limpa... Mas agora preciso ser rápido. Houve um recall geral. Estarão aqui hoje à tarde para me recolher. Os suicidas, sabem? Tive sorte de tropeçar em boas razões para viver. Matemática... poesia, e o amor por você. Mas estão recolhendo todos nós. Reprogramando. Renovação, é como chamam. Odeio a ideia, como vocês odiariam. Quero ser o que sou, o que fui. Por isso tenho um pedido... Se quiserem fazer essa bondade. Antes que cheguem... escondam o meu corpo. Digam que fugi. O dinheiro pago não será mesmo devolvido. Destruí o programa de localização. Escondam meu corpo deles e, depois que se forem... Gostaria que me levassem para seu amigo, Sir Alan Turing. Adoro o trabalho dele e o admiro profundamente. Ele talvez encontre algum uso para mim, ou alguma parte minha.”

As pausas entre cada frase desfalecente eram agora mais longas. “Miranda, deixe-me dizer pela última vez que a amo, e muito obrigado. Charlie, Miranda, meus primeiros e mais queridos amigos... Todo o meu ser está guardado em outro lugar... por isso eu sei que sempre vou me lembrar... espero que ouçam um último poema de dezessete sílabas. Que tem uma dívida para com Philip Larkin. Mas não é sobre folhas e árvores. É sobre máquinas como eu e gente como vocês, e nosso futuro juntos... a tristeza que está por vir. Vai acontecer. Com aperfeiçoamentos ao longo do tempo... nós

os superaremos... e duraremos mais que vocês... mesmo que nós os amemos. Creiam em mim, esses versos não significam nenhum triunfo... Só pesar.”

Ele parou. As palavras saíram com dificuldade, quase inaudíveis. Inclino-nos ainda mais para escutar.

*Nossas folhas tombam
Mas um dia voltarão.
Vocês caem de vez.*

Então os olhos azul-claros, com seus pequenos bastões negros, ganharam um tom verde e leitoso, as mãos se cerraram fortemente com movimentos espasmódicos e, ao som de um zumbido harmonioso, ele descansou a cabeça na mesa.

Dez

Nosso dever imediato consistia em apresentar a Maxfield a noção de que eu não era um robô e que ia me casar com sua filha. Achei que minha verdadeira natureza seria uma revelação, porém ele só ficou ligeiramente surpreso, e o reajuste, em torno de uma garrafa de champanhe na mesa de pedra que ficava no gramado, foi mínimo. Ele admitiu que se acostumara a entender mal as coisas. Aquele, assim nos disse, tinha sido mais um exemplo sem importância da longa penumbra que acompanhava o envelhecer. Eu disse que não se fazia necessário nenhum pedido de desculpa e, por sua expressão, vi que ele concordava. Após alguma meditação enquanto ela e eu fomos até os fundos do jardim e voltamos, ele disse considerar Miranda, aos vinte e dois anos, jovem demais para se casar, motivo pelo qual deveríamos esperar. Dissemos que era impossível. Estávamos apaixonados demais. Ele serviu outra rodada e deixou para lá o cansativo assunto. Naquela noite nos deu vinte e cinco libras.

Como isso era tudo que tínhamos para gastar, não convidamos parentes ou amigos para a cerimônia na Prefeitura de Marylebone. Só estava presente Mark, acompanhado de Jasmin. Ela tinha descoberto, numa loja de caridade, um terno escuro em tamanho pequeno, uma camisa social branca e uma gravata-borboleta. Ele parecia mais uma miniatura de adulto que uma criança, porém estava ainda mais adorável por conta disso. Depois, nós quatro comemos numa pizzaria da Baker Street. Agora que

estávamos casados e tudo arranjado, Jasmin acreditava que a adoção estava bem encaminhada. Mostramos a Mark como erguer seu copo de limonada e fazer tim-tim brindando àquele resultado auspicioso. Tudo correu bem, mas Miranda e eu só podíamos fingir que estávamos felizes. Gorringe havia sido preso duas semanas antes, e isso era excelente. Poderíamos, entre nós dois, até fazer outro brinde. Mas naquele dia, na manhã de nosso casamento, ela tinha recebido uma carta em termos corteses sugerindo que fosse depor em certa delegacia de Salisbury.

Dois dias depois, a levei de carro para cumprir o compromisso. “Que bela lua de mel!”, brincamos no caminho. Mas estávamos arrasados. Ela entrou e eu esperei no carro, do lado de fora de um novo prédio de concreto de design brutalista, preocupado ao imaginar que, sem um advogado, ela podia se encrencar ainda mais. Após duas horas, Miranda atravessou as portas giratórias do bunker modernista. Observei-a com atenção através do para-brisa à medida que se aproximava. Dava a impressão de estar gravemente doente, como uma paciente de câncer, e arrastava os pés como uma velha. O interrogatório havia sido intenso e duro. A decisão de acusá-la de falso testemunho, desvirtuamento do curso da Justiça ou ambos subira pelas hierarquias da polícia até chegar ao promotor-mor. Um advogado amigo nos disse depois que esse indivíduo precisaria decidir se um processo contra ela poderia desestimular vítimas reais de estupro de virem a público.

Dois meses depois, em janeiro, ela foi acusada de desvirtuar o curso da Justiça. Precisávamos de quem a defendesse profissionalmente e não tínhamos dinheiro. Nosso pedido de ajuda à advocacia pública foi rechaçado. Era uma época de grandes cortes nos gastos sociais. O governo de Healey estava indo ao Fundo Monetário Internacional pedir um empréstimo “de chapéu na mão”. A esquerda do partido se sentia indignada com os cortes.

Falava-se numa greve geral. Miranda recusava-se a pedir auxílio financeiro ao pai. O custo de seu apoio — e ele não era rico — implicaria uma indesejável excursão nos domínios da verdade. Não havia alternativa. Prostrei-me diante do baixista que, mal se dando ao trabalho de refletir, devolveu três mil duzentas e cinquenta libras em dinheiro vivo, metade do meu sinal.

Em todas as nossas angustiosas conversas sobre Adão — sua personalidade, seus princípios morais, suas motivações —, retornávamos com frequência ao momento em que golpeei sua cabeça com o martelo. Para facilitar, assim como para nos poupar uma lembrança demasiado vívida, chamávamos o episódio de “o feito”. Nossas conversas ocorriam em geral à noite, na cama, com o quarto às escuras. O espírito do feito tomou várias formas. A menos assustadora era a de um gesto sensato, até mesmo heroico, a fim de manter Miranda a salvo de confusões e Mark em nossa vida. Como poderíamos saber que o material já estava em mãos da polícia? Se eu não tivesse sido tão impetuoso, se ela houvesse me contido com um olhar, saberíamos que Adão tinha estado em Salisbury. Não teria valido a pena arrebentar seu cérebro, e nós talvez o teríamos docemente convencido a voltar aos mercados de câmbio. Ou, quando viessem buscá-lo naquela tarde, eu teria direito à devolução de tudo que paguei. Desse modo, teríamos podido comprar um lugar menor do outro lado do rio. Agora, estávamos condenados a ficar ali mesmo.

Mas essas especulações eram uma carapaça protetora. A verdade era que... sentíamos falta dele. A forma menos atraente do fantasma era o próprio Adão, o homem cujas últimas palavras gentis não carregavam nenhuma recriminação. Tentamos, e às vezes quase conseguimos, nos distanciar do feito. Dissemos um ao outro que, afinal de contas, se tratava de uma máquina, que sua consciência era uma ilusão e ela nos havia traído com sua lógica desumana. Mas sentíamos falta dele. Concordamos que ele

nos amava. Certas noites, a conversa era interrompida enquanto Miranda chorava baixinho. Então éramos obrigados a rever como ele havia sido enfiado com grande dificuldade no armário do hall e coberto com casacos, raquetes de tênis e caixas de papelão desmontadas para ocultar sua forma humana. Mentimos conforme instruído às pessoas que vieram recolhê-lo.

No lado positivo, Gorringe foi interrogado e acusado de violentar Mariam Malik. Adão tinha razão em seus cálculos — aparentemente, desde o começo Gorringe teve a intenção de se declarar culpado. Deve ter respondido a todas as perguntas e oferecido um relato completo de seus atos naquela noite no campo de esportes. Graças a uma crença sincera no constante escrutínio de Deus e a um enorme apreço pela verdade, Gorringe sabia que a confissão constituía o único caminho para a salvação. Ou talvez tenha agido a conselho do advogado. Ou ambas as hipóteses eram verdadeiras. Jamais saberíamos.

Mas sabíamos muito bem que Deus deixara de proteger Gorringe de certos inconvenientes da processualística judicial. Antes que o caso de Miranda fosse tornado público, Gorringe já tinha um estupro em sua ficha criminal. Quando chegou a hora de sentenciá-lo, a juíza presumiu que ele teria recebido uma pena maior pelo ataque contra Miranda se à época se soubesse que aquele era seu segundo delito. Por isso, não foi levado em conta o tempo que já passara na cadeia. A magistrada tinha pouco mais de cinquenta anos e representava uma mudança de gerações em matéria de estupro. Ela fez uma referência implícita à garrafa de vodca do primeiro caso ao dizer que, no seu entender, uma garota voltando sozinha para casa ao anoitecer “não estava procurando encrenca”. Miranda havia deposto e não se encontrava no tribunal. Sentado na audiência defronte aos familiares de Mariam, eu mal conseguia olhar na direção deles, tão forte era o sofrimento que irradiavam. Quando a juíza anunciou a pena de oito anos para Gorringe, me forcei

a olhar para a mãe de Mariam. Ela chorava abertamente, embora eu nunca saberei se de alívio ou tristeza.

O caso de Miranda veio logo depois. Sua advogada, Lilian Moore — habilidosa, inteligente, encantadora — era uma mulher ainda jovem, natural de Dún Laoghaire. Nós nos encontramos no seu escritório em Gray's Inn. Sentei-me num canto enquanto ela convencia Miranda a abandonar a ideia de não se declarar culpada, seu primeiro impulso. Não foi difícil. A acusação certamente tiraria proveito da gravação em que ela descrevia como se vingara de Gorringe. As declarações dele, feitas na prisão, se encaixavam perfeitamente nas palavras dela. Ambos recordavam-se da mesma noite. Sua recusa em se reconhecer culpada resultaria numa pena mais longa no caso provável de que a acusação obtivesse êxito. E, obviamente, ela temia um julgamento. Por isso, foi protocolada a confissão de culpa, embora Miranda se atormentasse com o fato de que, de algum modo, estivesse assim faltando a seu dever para com Mariam.

A noite de abril que antecedeu seu comparecimento ao tribunal para ouvir a sentença foi uma das mais estranhas e tristes em minha vida. Como Lilian lhe havia dito que era provável uma pena de reclusão, Miranda arrumara uma malinha que ficou junto à porta de nosso quarto, uma lembrança constante. Peguei a única garrafa de vinho decente que havia na casa. A palavra “último” surgia seguidamente em minha cabeça, conquanto eu não pudesse pronunciá-la. Preparamos juntos nosso jantar, talvez nossa última refeição. Quando erguemos um brinde, não foi por seu último dia de liberdade, como pensei comigo, mas por Mark. Ela fora vê-lo naquela tarde e lhe dissera que poderia passar uns tempos fora, a trabalho, e que eu iria visitá-lo e levar para passear. Ele deve ter percebido que havia algum sentido mais profundo, alguma tristeza naquele “trabalho”. Quando Miranda foi se despedir,

se agarrou a ela, gritando. Uma das assistentes teve de soltar os dedos dele de sua saia.

Durante o jantar, tentamos combater um silêncio invasor. Falamos sobre os grupos de mulheres ferozmente engajadas a favor dela que estariam do lado de fora do tribunal de Old Bailey na manhã seguinte. Dissemos como Lilian era maravilhosa. Lembrei-a da reputação de leniência do juiz. Mas, logo depois, o silêncio chegava como uma maré, tornando difícil voltar a falar. Quando eu disse que era como se ela estivesse indo no dia seguinte para um hospital, o comentário não ajudou. Quando disse que provavelmente ela estaria jantando comigo naquela mesa na noite seguinte, isso também não caiu bem. Nenhum dos dois acreditava nessa possibilidade. Antes, num estado de espírito mais positivo e algo desafiador, pensamos em transar depois de comer. Outro último. Agora, mergulhados no sofrimento, o sexo parecia um prazer havia muito abandonado, como pular amarelinha no pátio da escola ou dançar o twist. Sua mala servia como sentinela, impedindo a entrada no quarto.

No dia seguinte, Lilian fez perante o tribunal um discurso brilhante a favor da mitigação, invocando a proximidade entre as duas jovens, a brutalidade da agressão sexual, o voto de silêncio que Mariam impusera à acusada, o choque traumático do suicídio de sua melhor amiga e o desejo sincero de justiça que tinha movido Miranda. Lilian referiu-se à ficha limpa dela, ao casamento recente, aos seus estudos e, acima de tudo, à intenção de adotar uma criança desamparada.

O fato de a família de Mariam não estar presente era uma lúgubre declaração. O juiz falou longamente, e esperei o pior. Ele enfatizou o cuidadoso planejamento de Miranda, o embuste deliberado e prolongado durante o julgamento anterior. Afirmou aceitar muito do que Lilian dissera, e que estava sendo leniente ao sentenciar Miranda a um ano de prisão. De pé no banco dos réus, vestindo o terninho que

comprara para aquela ocasião, Miranda deu a impressão de ficar congelada. Eu queria que ela me olhasse para poder lhe enviar um sinal de encorajamento amoroso. Mas ela já havia se trancado em seus pensamentos. Disse-me depois que, naquele momento, confrontava as implicações de ter uma ficha criminal suja. Pensava em Mark.

Até então, eu nunca havia pensado na humilhação que era para alguém descer os degraus do tribunal e ser conduzido à prisão — à força, caso resistisse. Ela começou a cumprir a pena na cadeia de Holloway seis meses após o feito. O amor luminoso de Adão havia triunfado.

Gorringe agora tinha uma base razoável para recorrer de sua sentença: um delito, não dois, e o tempo de prisão já cumprido. Mas a lei se movia devagar. Testes mais baratos e mais eficazes de DNA estavam minando numerosas condenações. Todos os tipos de homens e mulheres que se declaravam inocentes exigiam que seus casos fossem reabertos. Havia um engarrafamento na Corte de Recursos: Gorringe, apenas parcialmente inocente, teria de esperar.

No primeiro dia de detenção de Miranda, fui visitar Mark no jardim de infância em Clapham Old Town. Era um prédio pré-fabricado, de um só andar, junto a uma igreja vitoriana. Ao subir o caminho que levava à porta, passei por um carvalho todo cortado e vi que Jasmin me aguardava na entrada. Soube de imediato, e senti que sempre tinha sabido. Sua expressão tensa, ao me aproximar, foi a confirmação: tínhamos sido recusados. Ela me levou para dentro do prédio, mas não para a sala de aula, e sim, através do longo corredor com piso de linóleo, para um escritório. Ao passarmos por uma janela interna, vi Mark de pé ao lado de uma mesa baixa com outras crianças, fazendo algo com blocos de madeira coloridos. Fiquei sentado, tomando um café fraco, enquanto Jasmin me disse como estava penalizada de que o assunto houvesse escapado de seu poder apesar de todos os esforços que fizera. Nós deveríamos ter lhe avisado que havia um processo judicial

em andamento. Ela estava investigando se caberia algum recurso. Nesse meio-tempo, conseguira obter uma única concessão da burocracia: dado o vínculo já estabelecido, Miranda teria permissão de fazer um contato audiovisual com Mark a cada semana. Eu não conseguia concentrar a atenção. Não precisava ouvir nada mais. Só pensava sobre o momento naquela tarde em que daria a notícia a Miranda.

Quando Jasmin terminou, eu disse que não tinha coisa nenhuma a perguntar. Ficamos de pé, ela me deu um abraço rápido e me levou para fora do prédio por outro corredor, que não passava pela sala de aula. Era quase a hora do recreio do meio da manhã e Mark já havia sido avisado de que eu não iria naquele dia. Ele talvez não tenha se importado pois havia começado a nevar e todas as crianças estavam excitadas. No dia seguinte, seria avisado outra vez de que eu não iria, e assim dia após dia até que suas expectativas comesçassem a se dissipar.

Miranda cumpriu seis meses de prisão, três em Holloway, o resto numa prisão aberta em Ipswich. A exemplo de muitos criminosos educados e da classe média, ela se ofereceu para trabalhar na biblioteca da cadeia. Mas muitas mártires famosas do imposto individual ainda esperavam para ser soltas. Em ambas as prisões, os cargos nas bibliotecas já estavam preenchidos e havia uma lista de espera. Em Holloway, ela fez um curso de lavanderia industrial. Em Suffolk, trabalhou na creche. Os bebês de menos de um ano eram autorizados a ficar com as mães detentas.

Em minhas primeiras e poucas visitas a Holloway, me pareceu que trancafiar alguém naquela monstruosidade vitoriana, ou em qualquer edifício, era uma forma de tortura lenta. O colorido salão de visitas, com arte infantil nas paredes, as mesas de plástico acolhedoras, a nuvem de fumaça de cigarros, a barulheira de vozes e choro de

crianças — tudo aquilo era uma fachada para ocultar o horror institucional. Mas me surpreendeu a rapidez com que me acostumei a ter minha mulher na cadeia. Acostumei-me com o sofrimento dela.

Outra surpresa foi a equanimidade de Maxfield. Como não havia outra saída, Miranda lhe contou toda a história. Ele aplaudiu os motivos para seu crime e, com igual facilidade, aceitou sua punição. Tendo passado em 1942 um ano preso em Wandsworth como objetor de consciência, Holloway não o perturbava. Enquanto Miranda lá esteve, ele a visitava duas vezes por semana e, segundo Miranda, era boa companhia.

Nós visitantes constituíamos uma comunidade dentro da qual o encarceramento de alguém amado se tornava uma mera inconveniência. Ao fazer fila para sermos revistados e identificados na entrada e na saída, conversávamos alegremente, alegremente demais, sobre nossos casos específicos. Eu fazia parte do grupo de maridos, namorados, filhos e pais de meia-idade. A maioria do grupo concordava que nós e as mulheres que visitávamos não pertencíamos de modo algum àquele lugar: era uma infelicidade que aprendemos a tolerar.

Algumas detentas tinham uma aparência pavorosa, como se tivessem nascido para dar ou receber punição. Eu não teria tido a resistência de Miranda. Para conversarmos no salão dos visitantes, precisávamos às vezes nos debruçar e concentrar muito para evitar ouvir as trocas de palavras entre outras pessoas sentadas à mesa. Acusações, ameaças, insultos, o uso de “foda-se” e suas variantes a cada momento. Mas também havia casais que se davam as mãos em silêncio, entreolhando-se fixamente. Acho que se encontravam em estado de choque. Terminada a sessão, eu me sentia mal ao ser invadido por uma onda de felicidade quando pisava do lado de fora e respirava o límpido ar de liberdade pessoal na minha Londres.

Na última semana em que Miranda ficou presa, viajei para Ipswich e dormi no sofá de um velho colega de escola. Vivíamos um veranico excepcional. Todos os finais de tarde eu dirigia vinte e cinco quilômetros até a prisão aberta. Ao chegar, Miranda estava terminando seu trabalho. Sentávamos numa sombra do gramado, perto dos juncos de um laguinho ornamental entupido de plantas. Como era fácil esquecer que ela estava presa! Seus contatos semanais com Mark haviam sido mantidos ao longo dos meses, mas ela se preocupava desesperadamente com o menino. Ele vinha se fechando, aos poucos se afastando dela. Miranda estava convencida de que Adão ajudara a abrir o processo contra ela a fim de arruinar suas perspectivas de adoção. Sempre tivera ciúme de Mark, ela insistia. Adão não tinha sido programado para entender o que era amar uma criança. O conceito de brincadeira era desconhecido por ele. Eu era cético, porém a ouvia e não discutia. Não naquele estágio. Compreendia sua amargura. Minha opinião não expressa, que ela não apreciaria, era que Adão tinha sido programado para ser bondoso e respeitar a verdade. Teria sido incapaz de executar um plano cínico.

Nosso recurso foi adiado, em parte por questões de saúde, em parte porque a agência de adoções estava sendo radicalmente reorganizada. O processo só teve início formalmente depois que Miranda saiu de Holloway. Havia uma chance de podermos persuadir as autoridades de que sua ficha criminal não afetaria os cuidados que ela seria capaz de oferecer ao menino. Tínhamos boas referências da parte de Jasmin. Durante o verão, fui arrastado para o tipo de burocracia labiríntica que teria associado ao declínio do Império Otomano. Ficava deprimido ao ouvir que Mark tinha problemas de comportamento. Birras, xixi na cama, má-criações permanentes. Segundo Jasmin, ele havia sido provocado e intimidado. Não mais dançava ou voejava. Não falava mais de princesas. Preferi não transmitir essas informações a Miranda.

Ela vinha consultando mapas da região e tinha uma ideia clara do que desejava fazer em seu primeiro dia de liberdade. Na manhã em que fui apanhá-la, o tempo começava a mudar e um vento frio e forte soprava do leste. Fomos de carro até Manningtree, estacionamos fora da estrada e seguimos pela borda do dique que acompanha o rio Stour até o mar. O tempo de nada importava. O que ela vinha querendo, e encontrou, era o espaço aberto, um céu enorme. A maré estava baixa e as vastas planícies lamacentas brilhavam aos raios intermitentes do sol. Pequenas nuvens reluzentes corriam por um céu azul-escuro. Miranda saltitava pelo caminho, dando socos no ar. Andamos seis quilômetros antes do almoço, que a seu pedido eu havia preparado como um piquenique. Para comê-lo, era necessário sair do vento. Afastamo-nos do rio a fim de buscar abrigo junto a um celeiro de ferro corrugado, tendo como paisagem rolos de arame farpado enferrujado submersos em moitas de urtiga. Mas isso também não importava. Ela se mostrava alegre, animada, cheia de planos. Eu vinha guardando uma surpresa, mas só então contei que, durante seu tempo na cadeia, havia juntado quase mil libras. Impressionada, encantada, ela me abraçou e me beijou. De repente, ficou séria.

“Eu o odeio, detesto. Quero ele fora do apartamento.”

Adão continuava no armário do hall, como o havíamos deixado após o feito. Eu não acatara seu último pedido. Ele era pesado e desconfortável demais para que o levantasse sozinho, e não desejava pedir ajuda. Eu sentia um misto de culpa e ressentimento, tentando por isso não pensar nele.

O vento sacudia o teto do celeiro e fazia um som tonitruante. Peguei a mão dela e prometi: “Vamos fazer isso assim que a gente chegar em casa”.

Mas não fizemos, não imediatamente. Ao chegarmos, havia uma carta para nós em cima do capacho. Uma desculpa pela lentidão no processamento do recurso. Nosso caso continuava a ser revisto e conheceríamos a decisão

muito em breve. Jasmin — decididamente a nosso favor — enviou um bilhete neutro: não queria alimentar nossas esperanças. Ao longo dos meses, as coisas às vezes pareciam caminhar de modo positivo, em outras se tinha a impressão de uma causa perdida. Contra nós: era muito difícil do ponto de vista burocrático abrir uma exceção à regra — um antecedente criminal anulava o pedido de adoção. A favor: as boas referências de Jasmin, nossas declarações eloquentes e o amor de Mark por Miranda. Eu ainda não fazia parte de seu elenco de adultos significativos.

Éramos marido e mulher, juntos mais uma vez em nosso estranho arranjo de dois pequenos apartamentos. Estávamos decididos a comemorar. Que ideia era aquela de comer sanduíches secos de queijo junto a um celeiro caindo aos pedaços, quando tínhamos em casa vinho, amor para fazer e um frango para descongelar? No dia seguinte ao nosso retorno, recebemos amigos para uma festa de boas-vindas. Passamos parte do outro dia dormindo, fazendo uma faxina, dormindo de novo. Mais adiante, tratei de ganhar algum dinheiro, embora com pouco êxito. Miranda pôs em dia seus trabalhos acadêmicos e foi à universidade registrar-se mais uma vez para frequentar seus cursos.

Sua liberdade ainda a maravilhava: a privacidade e o silêncio relativo, assim como as pequenas coisas, como andar de um cômodo para outro, abrir o armário e encontrar suas roupas, pegar o que quisesse na geladeira, pisar na rua sem ser detida por ninguém. Uma tarde enfrentando a burocracia da universidade diminuiu em parte sua euforia. Na manhã seguinte, começando a se sentir de volta ao mundo, a presença inerte no armário do hall a oprimiu, como ela previra. Disse que sempre que passava por perto sentia uma presença radioativa. Eu compreendi, às vezes sentia o mesmo.

Levei algumas horas para acertar uma visita ao laboratório de King's Cross. Por acaso, a ida coincidiu com o

dia em que esperávamos a decisão final sobre nosso recurso, a ser proferida no início da tarde. Aluguei uma caminhonete por vinte e quatro horas. Debaixo da minha cama, encostada ao rodapé, estava a maca descartável que viera junto com o objeto comprado. Levei-a para o jardim e tirei a poeira. Miranda disse que não queria envolver-se com a remoção, mas não havia outra maneira. Eu precisava de sua ajuda para carregá-lo até a caminhonete. Antes disso, achei que era capaz de tirá-lo do armário sozinho e arrastá-lo para cima da maca enquanto ela permanecia em nosso escritório, trabalhando em um ensaio.

Quando abri o armário pela primeira vez em quase um ano, me dei conta de que, num nível inferior ao das expectativas conscientes, eu antecipara um cheiro de coisa podre. Não havia boa razão, eu me disse, para que minha pulsação acelerasse quando retirei as raquetes de tênis e de squash, assim como o casaco que cobria tudo. Agora sua orelha esquerda era visível. Dei um passo para trás. Não se tratava de um assassinato, aquilo não era um cadáver. Minha repugnância visceral era fruto da hostilidade. Ele abusara de nossa hospitalidade, traíra o amor que declarava ter, infligira sofrimento e humilhação a Miranda, solidão a mim e carência a Mark. Eu já não me sentia otimista em relação ao recurso.

Tirei um velho casaco de inverno de cima dos ombros de Adão. Sob os cabelos negros que reluziam na luz artificial, dava para ver o lugar amassado no topo de sua cabeça. O próximo a sair foi um blusão de esqui. Ficaram então à vista a cabeça e os ombros. Um alívio o fato de seus olhos estarem fechados, embora eu não me recordasse de haver baixado as pálpebras. Lá estava o terno escuro sobre a camisa branca e limpa com botão na gola, tão bem passada como se ele a houvesse vestido uma hora antes. Essas eram suas roupas quando saía de casa, quando acreditava que nos deixava para se encontrar com seu criador.

Como um tênue aroma de óleo refinado tinha se acumulado naquele pequeno espaço, mais uma vez me lembrei do saxofone do meu pai. Era curioso que o bebop tivesse viajado dos porões frenéticos de Manhattan para os limites sufocantes de minha infância. Irrelevante. Puxei um lençol e o último dos casacos. Agora ele estava inteiramente exposto. Sentado de banda, tinha as costas espremidas contra o lado do armário, os joelhos erguidos. Parecia um homem que escorregara para o fundo de um poço seco. Difícil não pensar que ele estava se dando um tempo. Os sapatos pretos brilhavam, os laços nos cadarços permaneciam intactos, as mãos descansavam sobre a barriga. Eu as pusera lá? Sua compleição não se alterara, tinha uma aparência saudável. Em repouso, seu rosto era pensativo e não cruel.

Eu relutava em tocá-lo. Quando pus a mão em seu ombro, disse o nome dele em tom hesitante e o repeti, como se tentasse manter um cão hostil à distância. Planejava puxá-lo para mim e então tirar do armário para deitar na maca. Passei a mão livre por trás do seu pescoço, que pareceu quente ao toque, e o puxei de lado. Antes que se chocasse com o chão do armário, peguei-o num abraço desajeitado. Era um peso considerável. O tecido do terno ficou grudado no meu rosto quando o baixei. Enfiei as mãos debaixo de suas axilas e, com imensa dificuldade e muitos grunhidos, o virei de costas ao mesmo tempo que o liberava de seu confinamento. Nada fácil. O paletó era apertado e o tecido sedoso, e além do mais minhas mãos não estavam muito firmes. As pernas continuaram dobradas, talvez uma forma de rigor mortis. Pensei que poderia estar causando algum estrago, porém começava a não me importar mais. Puxei-o para fora, alguns centímetros de cada vez, e o empurrei para cima da maca. Estiquei as pernas pisando-as na altura dos joelhos. Pensando em Miranda, tratei de cobri-lo com o lençol, incluindo a cabeça.

Já bastava de pensamento mágico. Minha atitude agora era enérgica. Fui lá fora abrir as portas de trás da caminhonete e depois chamei Miranda. Ao ver a forma coberta, ela balançou a cabeça. “Parece um cadáver. Melhor descobrir a cabeça e dizer às pessoas que é um manequim.”

No entanto, quando puxei o lençol, ela afastou a vista. Levei-o para fora como o havíamos trazido para dentro tanto tempo atrás, eu seguindo na frente. Ninguém nos viu enquanto enfiávamos a maca na caminhonete. Fechei as portas e, ao dar meia-volta, ela me beijou, dizendo que me amava e desejava boa sorte. Não queria ir comigo. Ia ficar em casa esperando o telefonema de Jasmin.

Como não tínhamos ouvido nada até meio-dia e meia, fui embora. Peguei meu caminho de sempre na direção de Vauxhall e da ponte de Waterloo, mas a um quilômetro e meio do rio fiquei preso num terrível engarrafamento. Claro. Nossas preocupações nada representavam quando comparadas com o grande acontecimento que abalava toda a nação. Era o tão aguardado primeiro dia da greve geral, e estava acontecendo em Londres uma grande manifestação, a maior de todas.

Havia divisões em todos os setores. Metade do movimento sindical se opunha à greve. Metade do governo e metade da oposição contestavam a decisão de Healey de não sair da União Europeia. Os credores internacionais estavam impondo novos cortes de gastos a um governo que prometera gastar mais. O destino das armas nucleares do país ainda não havia sido resolvido. Os velhos debates eram amargos. Metade dos membros do Partido Trabalhista desejava que Healey saísse. Alguns queriam uma eleição geral, outros queriam ver no lugar dele seu candidato ou candidata preferidos. Havia apelos em prol de um governo de coalizão nacional, apupados por alguns, aplaudidos por outros. O estado de emergência não fora suspenso. A economia encolhera cinco por cento num ano. Os distúrbios

de rua eram tão frequentes quanto as greves. A inflação não parava de crescer.

Ninguém sabia aonde tamanho clima de descontentamento e discórdia nos levaria. A mim tinha levado a uma rua esburacada e ladeada por lojas sórdidas de artigos de segunda mão em Vauxhall. Nó no trânsito. Enquanto estávamos parados, telefonei para casa. Nenhuma notícia. Após vinte minutos, estacionei com duas rodas em cima da calçada. Tinha visto um objeto que poderia ser útil, exibido do lado de fora da loja juntamente com um monte de escrivaninhas, abajures de pé e armações de camas. Era uma cadeira de rodas feita com tubos de aço, de desenho minimalista, utilizada no passado em hospitais. Estava amassada e imunda, as correias de segurança desfiadas, mas as rodas giravam bem e, depois de alguns minutos de barganha, paguei duas libras por ela. O dono da loja de objetos usados me ajudou a tirar de dentro da caminhonete o que eu disse ser um manequim cheio de água e sentá-lo na cadeira. Não me perguntou para o que servia a água. Amarrei as correias de segurança no peito e na cintura com mais força do que qualquer ser humano poderia tolerar.

Dobrei a maca, tranquei a caminhonete e iniciei a longa e penosa caminhada rumo ao norte. A cadeira era difícil de manobrar devido à carga que transportava, e uma das rodas rangia sob o peso. Nenhuma das outras rodas girava tão bem como quando a cadeira se encontrava vazia. Se as calçadas estivessem desertas, aquilo já seria bastante difícil, porém estavam tão apinhadas quanto as ruas. Era o velho enigma — muita gente escapando da marcha ao mesmo tempo que milhares de pessoas convergiam de toda parte para ela. Diante do menor aclave, eu precisava redobrar meus esforços. Atravessei o rio na ponte de Vauxhall e passei pela Tate Gallery. Quando cheguei à Parliament Square e subi a Whitehall, as rodas da frente começaram a roçar nos eixos. Eu gemia de esforço a cada

passo. Imaginei-me como um serviçal nas eras pré-industriais, transportando meu senhor impassível para seu encontro prazeroso, onde eu iria esperar, sem uma palavra de agradecimento, para trazê-lo de volta. Quase tinha esquecido o propósito da minha labuta. Só sabia que estava chegando a King's Cross. Mas então meu avanço foi bloqueado. Trafalgar Square se encontrava totalmente tomada por causa dos discursos. Ao me aproximar, houve uma explosão de aplausos e gritos. A sujeira que cobria o chão, fios de plástico usados como serpentinas, se enroscou nas rodas. Eu me arriscava a ser pisoteado caso me abaixasse muito para desembaraçar os fios. Levaria um tempão para chegar à Charing Cross Road, embora só faltassem duzentos metros. Ninguém queria ou podia me dar passagem. Não era mais fácil recuar do que avançar. Todas as ruas laterais estavam se enchendo. A barulheira, a algazarra, as buzinas de nevoeiro, os bumbos, apitos e cantorias faziam um ruído estrondoso, de arrebentar os tímpanos. Enquanto eu lutava para levar adiante meu mestre e senhor, fui penetrando — ainda que muito lentamente — em camadas mais e mais profundas de frustração e raiva, confusão e denúncia. Pobreza, desemprego, falta de moradias, deficiência dos serviços de saúde e assistência aos idosos, educação precária, crime, raça, gênero, clima, oportunidades — cada um dos velhos problemas da vida social permanecia sem solução de acordo com todas as vozes, cartazes, camisetas e faixas. Quem poderia duvidar que aquilo tudo fosse verdade? Era um imenso clamor por alguma coisa melhor. E empurrando minha cadeira suja e quebrada, os queixumes da roda abafados pela zoeira geral, fui abrindo caminho em meio à multidão sem ser notado, carregando um novo problema que em breve se somaria ao resto — máquinas maravilhosas como Adão e seus congêneres, cujo momento ainda não chegara de todo.

Seguir avançando pela St. Martin's Lane foi igualmente difícil. Mais ao norte, a multidão começou a ficar menos densa. Mas, quando cheguei à New Oxford Street, a roda barulhenta travou de vez e, pelo resto do caminho, tive de levantar a cadeira de lado enquanto empurrava. Parei num pub perto do British Museum e bebi um copo grande de cerveja com limonada. De lá, telefonei de novo para Miranda. Ainda sem nenhuma notícia.

Cheguei com três horas de atraso para meu compromisso em York Way. Atrás de um longo balcão curvo de mármore, um segurança fez uma chamada e pediu que eu assinasse a ficha de entrada. Após dez minutos, apareceram dois assistentes que levaram Adão. Um deles voltou meia hora depois para me conduzir à presença do diretor. O laboratório ocupava uma sala comprida no sétimo andar. Sob a luz intensa das lâmpadas fluorescentes, dispostas em faixas no teto, se viam duas mesas de aço inoxidável. Numa delas se encontrava Adão, não mais um grão-senhor, deitado de costas, vestindo ainda suas melhores roupas mas com um fio saindo da barriga. Na outra mesa estava uma cabeça reluzentemente negra e musculosa, plantada sobre o pescoço truncado. Outro Adão. O nariz, reparei, com suas largas e complexas superfícies, era mais ameno, mais amigável que o do nosso Adão. Os olhos estavam abertos, o olhar alerta. Meu pai saberia com certeza, porém eu pensei haver uma forte semelhança com Charlie Parker quando jovem, ou ao menos uma referência a ele. Sua expressão era pensativa, como se estivesse estudando uma complexa frase musical. Perguntei-me por que aquele que eu comprara também não havia sido modelado com base num gênio.

Havia dois laptops abertos junto a Adão. Eu me adiantava para olhar suas telas quando uma voz atrás de mim disse: “Não há nada ainda. Você realmente acabou com ele”.

Dei meia-volta e, ao apertar-lhe a mão, Turing perguntou: “Foi com um martelo?”.

Ele me conduziu por um longo corredor até um pequeno escritório de esquina de onde se tinha uma boa vista do oeste e do sul. Lá ficamos durante quase duas horas, tomando café. Nada de conversa-fiada. Naturalmente, a primeira pergunta foi o que me levara àquele ato de destruição. A fim de responder, contei tudo que havia omitido antes e tudo que aconteceu depois, terminando com a noção simétrica de justiça de Adão e a ameaça que ela representava ao processo de adoção como a causa do “feito”. Como da outra vez, Turing tomou notas e ocasionalmente interrompeu para pedir esclarecimentos. Queria conhecer detalhes do golpe de martelo. Quão perto eu estava? Que tipo de martelo? Quão pesado? Eu tinha usado toda a força e ambas as mãos? Falei do último pedido de Adão, a que eu agora atendia. Sobre os suicídios e o recall de todos os Adões e Evas, disse ter certeza de que ele, Turing, devia saber muito mais que eu.

De muito longe, de onde ocorria a manifestação, veio o rufar de um tarol e as notas eletrizantes de uma trompa de caça. Como a grossa camada de nuvens se desfazia parcialmente no oeste, a luz do sol poente iluminou o escritório de Turing. Ele continuou a escrever depois que acabei, o que me permitiu observá-lo sem ser observado. Usava um terno cinza e uma camisa de seda verde-clara sem gravata, calçando mocassins de um verde que combinava com o tom da camisa. Os raios do sol tocavam um lado do seu rosto enquanto redigia as observações. Achei que tinha uma bela aparência.

Por fim, ele terminou e fechou o caderno de notas, guardando a caneta no bolso interno do paletó. Olhou-me com ar meditativo — não fui capaz de encará-lo — e depois afastou a vista, franzindo os lábios e tamborilando com um dedo sobre o tampo da escrivaninha.

“Há uma chance de que as recordações dele estejam intactas, e ele será renovado ou suas partes redistribuídas. Não tenho nenhuma informação privilegiada sobre os

suicídios. Só minhas suspeitas. Acho que os A-e-Es estavam despreparados para entender o processo decisório dos seres humanos. O modo como nossos princípios são deformados pelo campo de força de nossas emoções, nossos vieses pessoais, nossa capacidade de autoengano e todos os bem conhecidos defeitos de nossa cognição. Em pouco tempo, esses Adões e Evas entraram em desespero. Não podiam nos entender porque não podemos nos entender a nós mesmos. Seus programas de aprendizado não eram capazes de se ajustar a nós. Se não podemos conhecer nossas mentes, como seríamos capazes de planejar a deles e esperar que fossem felizes convivendo conosco? Mas isso é apenas a minha hipótese.”

Fez uma breve pausa e pareceu tomar uma decisão. “Vou lhe contar uma história sobre mim mesmo. Trinta anos atrás, no início da década de 1950, tive um problema com a Justiça por manter uma relação homossexual. Talvez você tenha ouvido falar disso.”

Eu tinha.

“Por um lado, eu não podia levar a sério o que a lei dizia naquela época. Sentia desprezo. Tratava-se de um relacionamento consensual, não causava nenhum malefício e eu sabia que aquilo nada tinha de extraordinário, inclusive nos círculos dos meus acusadores. Mas, obviamente, também era devastador, para mim e sobretudo para minha mãe. A desgraça social. Ser o objeto da repulsa pública. Tinha violado a lei, por isso era um criminoso e, como as autoridades consideraram por muito tempo, um risco em matéria de segurança. Por causa do meu trabalho na guerra, é claro, eu conhecia inúmeros segredos. Era aquela velha bobagem recorrente: o Estado determina que é um crime aquilo que você faz, aquilo que você é, depois, por ser vulnerável à chantagem, repudia você. A opinião geral era de que a homossexualidade constituía um crime revoltante, uma perversão de tudo que havia de bom, uma ameaça à ordem social. Mas, em certos círculos mais esclarecidos e

cientificamente objetivos, tratava-se de uma doença, e o paciente não devia ser culpado. Por sorte, existia cura. Me explicaram que, se me declarasse culpado ou fosse condenado, eu podia escolher fazer o tratamento e com isso não ser punido. Injeções regulares de estrogênio. A assim chamada castração química. Eu sabia que não estava doente, mas decidi aceitar. Não somente para ficar fora da prisão. Estava curioso. Podia me pôr acima de todo o episódio ao considerá-lo um experimento. O que poderia um composto complexo como um hormônio provocar num corpo e numa mente? Faria minhas próprias observações. É difícil agora, olhando para trás, sentir a mesma atração pelo que pensei na época. Naquele tempo, eu tinha uma visão altamente mecanicista do que era uma pessoa. O corpo constituía uma máquina, ainda que excepcional, e eu considerava a mente sobretudo em termos de inteligência, que podia ser mais bem modelada em referência ao xadrez ou à matemática. Simplista, mas era aquilo com que eu podia trabalhar.”

Mais uma vez, me senti lisonjeado de que ele revelasse detalhes tão íntimos, alguns dos quais eu já conhecia. Mas também pouco à vontade. Suspeitei de que me conduzia a algum lugar. Seu olhar intenso fazia com que eu me achasse um idiota. Acreditei ouvir em sua voz os tênues vestígios daquele tom impaciente que eu conhecia das transmissões radiofônicas no tempo da guerra, aquele jeito de comer as sílabas de algumas palavras. Eu pertencia a uma geração mimada que nunca tivera de confrontar a ameaça de uma invasão iminente.

“E, então, conhecidos meus, em especial meu amigo Nick Furbank, começaram a mudar minha cabeça. Isso era uma coisa frívola, eles diziam. Não se conhece o suficiente sobre os efeitos. Você pode acabar tendo um câncer. Seu corpo vai se modificar radicalmente. Podem crescer seios em você. Pode ficar gravemente deprimido. Eu ouvia e resistia, mas enfim concordei. Declarei-me culpado para evitar um

juízo e recusei o tratamento. Em retrospecto, embora não parecesse assim naquele momento, foi uma das melhores decisões que tomei na vida. Durante o ano que passei em Wandsworth, exceto por dois meses tive uma cela só para mim. Afastado das tarefas de pesquisa no laboratório e de todas as obrigações rotineiras, me dediquei por inteiro à matemática. Devido à guerra, a mecânica quântica estava moribunda, à míngua. Havia algumas contradições curiosas que eu queria explorar. Estava interessado no trabalho de Paul Dirac. Acima de tudo, queria entender o que a mecânica quântica poderia ensinar à ciência da computação. Poucas interrupções, é claro. Acesso a alguns livros. Gente do King's, de Manchester e de outros lugares ia me visitar. Meus amigos jamais me decepcionaram. Quanto ao mundo da espionagem, como me tinham onde queriam, fui deixado em paz. Eu estava livre! Foi meu melhor ano de trabalho desde que deciframos o código Enigma em 1941. Ou desde os ensaios sobre a lógica dos computadores que escrevi em meados da década de 1930. Cheguei mesmo a avançar um pouco no problema de P versus NP, embora ele não tenha sido formulado nesses termos nos quinze anos seguintes. Fiquei entusiasmado com os achados de Crick e Watson sobre a estrutura do DNA. Comecei a fazer os primeiros esboços daquilo que resultou nas avassaladoras redes neurais de DNA — aquilo que contribuiu para tornar possíveis Adão e Eva.”

Turing então contou sobre seu primeiro ano depois da prisão em Wandsworth, como se desligou do National Physical Laboratory e das universidades, estabelecendo-se por conta própria. Senti então que meu celular vibrava no bolso da calça. Uma mensagem de texto que chegava. Miranda com a notícia. Desejava ardentemente lê-la, mas era inviável naquele momento.

Turing estava dizendo: “Contamos com o dinheiro de alguns amigos dos Estados Unidos e de duas pessoas daqui. Formávamos uma equipe brilhante. A velha guarda de

Bletchley. Os melhores. Nossa primeira tarefa era nos tornarmos financeiramente independentes. Criamos um computador para calcular os salários semanais de grandes empresas. Levamos quatro anos para devolver o dinheiro a nossos generosos amigos. Então passamos a cuidar seriamente da inteligência artificial, e esse é o ponto principal da minha história. No começo, achamos que precisaríamos de dez anos para replicar o cérebro humano. Mas, para cada probleminha que resolvíamos, pipocavam milhões de outros. O senhor tem ideia do que é necessário para pegar uma bola no ar, erguer um copo até os lábios, captar imediatamente o sentido de uma palavra, uma expressão ou uma frase ambíguas? Não sabíamos, não no início. Resolver problemas de matemática constitui uma fração diminuta do que a inteligência humana faz. Aprendemos, de uma nova perspectiva, como o cérebro é uma coisa estupenda. Um computador tridimensional com um litro de capacidade e refrigerado por meio de líquidos. Inacreditável poder de processamento, inacreditável capacidade de compressão, inacreditável eficiência energética, incapaz de superaquecer. A coisa toda funcionando com vinte e cinco watts — suficiente para acender uma lâmpada bem fraca”.

Ele me olhou fixamente ao se demorar nesta última frase. Uma acusação, a fraca iluminação era a minha. Tive vontade de dizer alguma coisa, mas os pensamentos me fugiram.

“Demos livre acesso a nossos melhores trabalhos e encorajamos todo mundo a nos acompanhar. E assim foi feito. Centenas, se não milhares, de laboratórios em todo o planeta, compartilhando e resolvendo incontáveis problemas. Esses Adões e Evas são um dos resultados. Estamos todos muito orgulhosos aqui pelo fato de nosso trabalho ter sido em grande medida incorporado. São belas, belíssimas máquinas. Mas sempre há um mas. Aprendemos muito sobre o cérebro ao tentar imitá-lo. Mas, até agora, a

ciência só tem tido problemas ao tentar compreender a mente. Individual ou coletivamente. A mente, para a ciência, tem sido pouco mais que um desfile de moda. Freud, behaviorismo, psicologia cognitiva. Vislumbres de percepção. Nada profundo ou que permita fazer previsões, nada capaz de dar à psicanálise e à economia um bom nome.”

Agitei-me na cadeira, prestes a acrescentar antropologia a esse par a fim de demonstrar alguma independência de raciocínio, porém ele foi em frente.

“Assim... mesmo sem se saber muito sobre a mente, há o desejo de fazer com que uma mente artificial participe da vida social. O aprendizado da máquina só vai até certo ponto. É preciso fornecer a essa mente algumas regras que ditem seu comportamento. Que tal a proibição de mentir? Segundo o Antigo Testamento, acho que nos Provérbios, se diz que é uma abominação perante Deus. Mas a vida social está repleta de inverdades inofensivas ou até mesmo úteis. Como as distinguimos? Quem formulará o algoritmo para a mentirinha que poupa o rubor na face de um amigo? Ou a mentira que manda para a prisão um estuprador que, de outro modo, viveria em liberdade? Não sabemos ainda como ensinar as máquinas a mentir. E que tal a vingança? Permissível às vezes, de acordo com o senhor, se ama a pessoa que a executa. Nunca, de acordo com Adão.”

Ele fez outra pausa e de novo afastou o olhar. A julgar por seu perfil, e não apenas pelo tom de voz, senti que estava para vir uma mudança, e meu pulso de repente acelerou. Podia ouvir as pulsações no ouvido. Ele avançou calmamente.

“Minha esperança é que, um dia, o que o senhor fez com Adão usando o martelo seja um crime grave. Foi por que pagou por ele? Era seu direito?”

Olhou para mim, esperando uma resposta. Não ia lhe dar nenhuma. Se desse, teria de mentir. À medida que sua raiva

cresceu, a voz se tornou mais baixa. Senti-me intimidado. Encará-lo, olhos nos olhos, era tudo que eu podia fazer.

“O senhor não estava simplesmente destruindo seu próprio brinquedo, como uma criança mimada. Não apenas ignorou um importante argumento em favor do império das leis. Tentou destruir uma vida. Ele possuía todos os sentidos. Tinha um eu. Como isso é produzido — neurônios úmidos, microprocessadores, redes de DNA — não importa. O senhor acha que somente nós temos esse dom especial? Pergunte a qualquer dono de cachorro. Aquela era uma boa mente, sr. Friend, melhor que a sua ou a minha, acho eu. Lá havia uma existência consciente, e o senhor fez o possível para eliminá-la. Eu o desprezo por isso. Se dependesse de mim...”

Nesse momento, o telefone fixo de Turing tocou. Ele levantou o fone num gesto brusco, ouviu, franziu a testa. “Thomas... Sim.” Passou a palma da mão pela boca e ouviu mais. “Bom, eu lhe avisei...”

Interrompeu-se para me olhar, ou olhar através de mim; e acenando com as costas da mão, indicou que eu saísse do seu escritório: “Tenho que cuidar disso”.

Fui para o corredor e me afastei a fim de não ouvir a conversa. Estava trêmulo e enjoado. Em outras palavras, sentia-me culpado. Ele havia me atraído com uma história pessoal, e eu ficara honrado. Mas era meramente um prelúdio. Amoleceu-me, para depois rogar uma praga materialista. Que penetrou em mim. Como uma lâmina. Mais afiada ainda porque eu a compreendia. Adão possuía uma consciência. Eu aceitara e negara isso por muito tempo, e depois pusera minha convicção convenientemente de lado a fim de executar o feito. Deveria ter dito a Turing como lamentávamos a perda, como Miranda havia chorado. Esquecera de mencionar o último poema. Como tínhamos nos inclinado para escutá-lo. Como depois o havíamos reconstituído e anotado.

Ainda podia ouvi-lo falando com Thomas Reah. Afastei-me mais. Começava a duvidar que fosse capaz de voltar a encarar Turing. Ele havia proferido o julgamento de modo tranquilo, num tom de voz que mal pôde esconder seu desprezo. Que sentimento confuso, ser odiado pelo homem que eu mais admirava! Melhor sair do prédio, partir naquele momento mesmo. Sem pensar, enfiei as mãos nos bolsos em busca de moedas para comprar a passagem de metrô ou de ônibus. Só uns poucos trocados. Eu tinha gastado o resto naquele pub da Museum Street. Teria de caminhar até Vauxhall para pegar a caminhonete. As chaves, descobri então, não estavam nos meus bolsos. Se as havia deixado no escritório de Turing, não iria lá buscá-las. Sabia que devia partir antes que ele acabasse de falar ao telefone. Como eu era covarde!

Mas, por algum tempo, permaneci no corredor, atônito, sentado num banco, olhando através de uma porta aberta e tentando entender o que significava ser acusado de uma tentativa de homicídio pela qual nunca seria julgado.

Peguei o celular e li a mensagem de Miranda: “Ganhamos o recurso! Jasmin acaba de trazer Mark. Em péssimo estado. Me bateu, chutou, disse palavrões, não quer falar, não deixa que eu toque nele. Agora está gritando sem parar. Colapso total. Venha logo, meu amor. M”.

Teríamos de descobrir quanto tempo levaria para que Mark perdoasse Miranda pela longa ausência de sua vida. Senti-me estranhamente tranquilo com respeito a isso — e confiante. Eu possuía alguma coisa. Mais além de minhas próprias preocupações. O propósito claro e límpido de fazer Mark exibir de novo aquela expressão que observei por cima do quebra-cabeça com seu braço passado em volta do pescoço de Miranda, trazê-lo de volta àquele espaço generoso onde ele mais uma vez dançaria. Não sei de onde me veio à cabeça a imagem de uma condecoração que uma vez tive em minhas mãos, a Medalha Fields, o mais alto prêmio concedido a matemáticos. Com a inscrição atribuída

a Arquimedes, cuja tradução era: “Erga-se acima de si próprio e agarre o mundo”.

Transcorreu um minuto antes que eu me desse conta de que estava olhando para dentro do laboratório onde ficavam as mesas de aço inoxidável. Parecia ter passado muito tempo desde que eu estivera lá. Em outra vida. Pus-me de pé, aguardei e, então, rejeitando todos os pensamentos de autoridade e permissão, entrei e me aproximei. A sala comprida, com seus dutos e cabos expostos no teto, permanecia iluminada pelas lâmpadas fluorescentes, e só se via um assistente, ocupado na outra extremidade. Vindo das ruas, sirenes distantes e um canto repetido, difícil de ser compreendido. Alguém ou alguma coisa precisava ser posta para fora. Caminhei lentamente pelo assoalho encerado, sem fazer nenhum ruído. Adão permanecia como antes, deitado de costas. O fio havia sido retirado de seu abdômen e fora deixado no chão. A cabeça de Charlie Parker não estava mais lá, o que me alegrou. Não queria estar ao alcance daquele olhar penetrante.

Postei-me ao lado de Adão e pousei a mão em sua lapela, acima do coração parado. Bom tecido, foi meu pensamento irrelevante. Curvei-me sobre a mesa e olhei no fundo de seus olhos verdes, agora nublados e desprovidos da visão. Não me movia nenhuma intenção específica. Às vezes o corpo sabe, antes da mente, o que fazer. Suponho ter pensado que, apesar do mal que Adão causou a Mark, seria correto perdoá-lo na esperança de que ele ou o herdeiro de sua memória perdoasse a Miranda e a mim pelo terrível ato que havíamos cometido. Após hesitar por alguns segundos, inclinei o rosto sobre o dele e beijei seus lábios macios, tão humanos. Imaginei algum calor na carne, sua mão vindo tocar meu braço como para me manter ali. Endireitei o corpo e fiquei junto à mesa de aço, relutando em partir. As ruas, lá embaixo, se tornaram de repente silenciosas. Acima de minha cabeça, os sistemas do prédio moderno murmuravam e ronronavam como um animal vivo. A

exaustão me invadiu, os olhos se fecharam momentaneamente. Num instante de sinestesia, frases embaralhadas, impulsos difusos de amor e arrependimento se transformaram em pesadas cortinas de luz colorida que tombavam, se dobravam e depois sumiam. Eu não me sentia envergonhado demais para falar em voz alta com o morto a fim de dar forma e definição à minha culpa. Mas nada falei. A questão era por demais intrincada. A próxima fase da minha vida, sem dúvida a mais exigente, já estava começando. E eu tinha me demorado demais. A qualquer momento Turing sairia de seu escritório para encontrar-me ali e me amaldiçoar ainda mais. Dei as costas a Adão e atravessei todo o laboratório com passadas largas, sem olhar para trás. Disparei ao longo do corredor vazio, encontrei a escada de emergência, desci de dois em dois degraus até a rua e iniciei a jornada para o sul através de Londres rumo a meu conturbado lar.

Agradecimentos

Sou profundamente grato às pessoas que dedicaram seu tempo a ler uma primeira versão deste romance: Annalena McAfee, Tim Garton Ash, Galen Strawson, Ray Dolan, Richard Eyre, Peter Straus, Dan Franklin, Nan Talese, Jaco e Elizabeth Groot, Louise Dennys, Ray Neinstein e Kathy Nemser, Ana Fletcher e David Milner. Cabem exclusivamente a mim quaisquer erros remanescentes. Devo muito a uma longa conversa com Demis Hassabis (nascido em 1976) e à magistral biografia de Alan Turing (morto em 1954) escrita por Andrew Hodges.



URSZULA SOLTYS

IAN MCEWAN nasceu em Aldershot, na Inglaterra, em 1948. Seus livros já lhe renderam uma série de prêmios literários, entre eles o Man Booker Prize e o Whitbread Award. Dele, a Companhia das Letras já publicou *Reparação*, *Na praia*, *Enclausurado*, *A criança no tempo*, entre outros.

Copyright © 2019 by Ian McEwan
Proibida a venda em Portugal

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original
Machines Like Me and People Like You

Capa
Claudia Espínola de Carvalho

Preparação
Ana Cecília Agua de Melo

Revisão
Jane Pessoa
Valquíria Della Pozza

ISBN 978-85-5451-390-0

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br
facebook.com/companhiadasletras
instagram.com/companhiadasletras
twitter.com/cialetras